

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

Moisés de Freitas Cunha

**“Degradação Urbana e Social: Uma Pesquisa Longitudinal sobre Vizinhança
Desequipada, Habitação Precária e Alteridade no bairro da Liberdade em São Paulo”**

Doutorado em Ciências Sociais

**São Paulo
2021**

Moisés de Freitas Cunha

“Degradação Urbana e Social: Uma Pesquisa Longitudinal sobre Vizinhança Desequipada,
Habitação Precária e Alteridade no bairro da Liberdade em São Paulo”

Tese de doutorado apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de DOUTOR em Ciências Sociais, sob orientação da Profª Drª Rosemary Segurado.

São Paulo
2021

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Rosemary Segurado (orientadora)
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof^a Dr^a Maura Pardini Bicudo Veras
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof^a Dr^a Dulce Maria Tourinho Baptista
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof^o Dr^o James Naylor Green
Brown University

Prof^o Dr^o Jerome Krase
Brooklyn College

Suplentes

Prof^o Dr^o Rafael de Paula Aguiar Araújo
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof^o Dr^o Hamilton Richard Alexandrino Ferreira dos
Santos - CFAF/UFSB: Centro de Formação em Artes e
Comunicação Universidade Federal do Sul da Bahia

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Tese por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

E-mail: moises.freitass@gmail.com / moises.de-freitas-cunha@fulbrightmail.org

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -Ficha
Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Cunha, Moisés de Freitas
/ Moisés de Freitas Cunha. -- São Paulo:
[s.n.], 2021.
303p. il. ; cm.

Orientador: Rosemary Segurado.
Tese (Doutorado)-- Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo - Programa de Estudos Pós-Graduados em
Ciências Sociais.

1. Biopolítica; Vizinhanças;. 2. Segregação;
Degradação; . 3. Revitalização; . 4.Gentrificação..
I. Segurado, Rosemary . II. Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Ciências Sociais. III. Título.

CDD

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, pela concessão da Bolsa
CAPES – PROSUP/PUC integral

*This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001, for the concession of the full scholarship
CAPES – PROSUP/PUC.*

Agradeço também à Comissão Fulbright Brasil¹ (FFSB – Fulbright Foreign Scholarship Board²; IIE – Institute of International Education³; US Department of State), pela bolsa de doutorado sanduíche DDRA (*Doctoral Dissertation Research Award*) que contribuiu imensamente para a consecução desta tese.

¹ FULBRIGHT. Disponível em:<<https://fulbright.org.br/>>. Acesso em 25 de jul. 2021.

²ECA.STATE. Disponível em:<<https://eca.state.gov/fulbright/about-fulbright/j-william-fulbright-foreign-scholarship-board-ffsb>>. Acesso em 25 de jul. 2021.

³ IIE. Disponível em:<<https://www.iie.org/>>. Acesso em 25 de jul. 2021.

AGRADECIMENTOS

Várias são as pessoas e instituições as quais eu quero agradecer, e mais uma vez início fazendo reconhecimento ao esforço de vida do meu pai, Antônio Paula da Cunha, já falecido, à minha mãe, Irene de Freitas Cunha, também como reconhecimento ao seu histórico de vida, pela qual cumprimento toda a Família de Freitas e a Família da Cunha, em São Paulo, Minas Gerais e Goiás. À minha esposa, Maria Maria Ferreira, por meio da qual cumprimento a Família Ferreira Militão.

À minha orientadora, profa. Rosemary Segurado, e a outrora orientadora, profa. Maura Pardini Bicudo Vêras, as quais fizeram toda a diferença ainda durante o processo de *application/solicitação* da bolsa da Fulbright Commission, entre os anos de 2016 e 2018. A todos e cada scholar do e/ou nos Estados Unidos que nos ajudou imensamente, e entre eles quero destacar a sequência: James Green, pelo acolhimento na Nova Inglaterra. Seu apoio, incluindo o material, e comprometimento com um Brasil, Estados Unidos e um mundo melhor fez toda a diferença; Patrick Heller, Matthew Gutman, Tianna Paschel, Leslie M. Harris, Seth Rockman, Anani Dzidzienyo, John Logan, Victor Dzidzienyo, Camille Trabanco, Miriam Oppenheimer, Anne Traemel, Brodwyn Fischer, Geri Augusto, Sven Beckert, Martine Jean, os brasileiros Sidney Chalhoub e Tâmis Parron, os quais tive a honra de conhecer nas dependências da Brown University e Harvard University, respectivamente, e por último, mas não menos o Professor Jerome (Jerry) Krase, do *Brooklyn College*, cuja atenção, carinho e hospitalidade foram essenciais para a escolha da cidade (NYC) e bairro (borough) do Brooklyn, como localidades para os estudos iniciais comparativos Brasil-Estados Unidos, sob as abordagens urbanística e histórica, seguidos dos também amigos e apoiadores Sérgio Silva e Lívio Rocha, ativistas dos direitos humanos do NSB – Negritude Socialista Brasileira, o Cel. Antônio Silva e Torin Spangler, todos pelas ricas discussões nos últimos anos.

Quero ainda agradecer a cada e todo pesquisador, acadêmico, ativista que aceitou ser entrevistado ou ainda respondeu nossos *surveys*, do ou no Brasil e Estados Unidos, como a antropóloga Silvia Maria Carbone, o sociólogo e professor Luís Henrique, o geógrafo Antônio Carlos Billy Malachias, o advogado e professor Jackson Passos, a comunicadora Rosangela Malachias, o historiador Wilson Mattos, o autor Laurentino Gomes, o cientista social e ativista Helio Santos, o sociólogo Richard Santos, o antropólogo Maurício Fernandes de Alcântara, o historiador Thiago Campos Pessoa, e a urbanista He Nem Kim Seo (que me ajudou a acessar alguns integrantes da comunidade coreana em São Paulo. Quero também reconhecer a importância de alguns amigos, colegas da PUCSP, que agregaram ao longo de vários anos com

profícuas conversas, conselhos, como Alexandre Tobias Martins, Antônio Silva, Lucio Hanai V. Viana, Edney Mota Almeida, Katia Cristina da Silva, Rafael Diego Garcia, as/os professoras/es Josidelth Gomes Consorte, Lúcia Bógus, Marisa Borin, Edison Nunes e Rafael Araújo, de quem eu tomei emprestado os conceitos de biopolítica e engenharia reversa, tão ricos nesta tese. Ainda agradecimentos destacados por mais apoio material, sem o qual eu não teria nadado até a praia e em segurança: Deise Aparecida Sebastião, Katia Regina Silva, Marilice Sousa, Luiz Antônio Muniz de Sousa e Castro, bisneto do abolicionista e caifaz Antônio Bento, Augusto Paranhos Jr., médico oftalmologista (e sua fiel e gentil assistente Eni Assunção Amado), Antônio Álvaro Pires, amigo e diretor da IBRAM Motores, o chef de cozinha Mário Luiz Cortes e por último, mas não menos, aos diplomatas/adidos norte americanos na Missão Brasil, São Paulo Public Affairs Section: Kimberly Wright-King, Alton King, Will Marsh, Jon Boll, Madelina Young-Smith, Gerry Kaufman, Stephen Stark, Philip Drewry e Marcos Hirata, dos quais recebi apoio intelectual, moral e material.

Agradecimento e reconhecimento a amigos/as, colegas que de alguma forma me influenciaram a iniciar estudos e pesquisas em Sociologia Urbana, como Silvia Seixas Maura, Adriana de Almeida Prado, Jairo dos Santos, entre vários outros colaboradores do já extinto CEPAM, João Cury Neto, outrora prefeito de Botucatu-SP e Isabel Conte, da Ouvidoria Municipal de Botucatu-SP, e também à Dra Linamara Rizzo Battistella, médica fisiatra de quem eu tomei emprestado o conceito de quebra de barreiras arquitetônicas e atitudinais, no que tange a busca por direitos das pessoas com baixa mobilidade física e/ou social. Ainda agradecimentos aos promotores de justiça, com quem mantive interações profissionais e amistosas pelo interior paulista, todos ligados às promotorias de urbanismo ou ao CAO Cível, como Eduardo Dias, Guilherme Athayde Ribeiro e Christiano Jorge dos Santos, e também ao Carlos Cruz Filho, da APM – Associação Paulista de Municípios. E para concluir meus agradecimentos, replico um breve relato enviado à Comissão Fulbright Brasil, a pedido deles, sobre meu estágio nos EUA.

“A bolsa de doutorado sanduíche determinou não só o formato ‘final’ da minha tese como também [meus futuros planos] tendo como eixo principal estudos comparativos entre Brasil e Estados Unidos, buscando sempre uma boa relação entre seus povos.”⁴

“A bolsa de doutorado sanduíche determinou não só o formato ‘final’ da minha tese como também [meus futuros planos] tendo como eixo principal estudos comparativos entre Brasil e Estados Unidos, buscando sempre uma boa relação entre seus povos.”⁵

⁴FULBRIGHTBRASIL. Disponível

em: <https://www.instagram.com/p/CB_kvjVnNzH/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em 20 de jul. 2021

⁵Idem

“Como bem cantou Cazuza, ‘o tempo não para’, e desde o supercontinente Pangeia até nossas cidades (pós)modernas, altamente competitivas e todas suas contradições, a humanidade tem produzido socialmente os vários tipos de espaço, para o bem e para o mal. Nessa história, e parafraseando Foucault, você tem feito viver ou deixado morrer?”(DE FREITAS CUNHA, 2021).

CUNHA, Moisés de Freitas. “*Degradação Urbana e Social: Uma Pesquisa Longitudinal sobre Vizinhança Desequipada, Habitação Precária e Alteridade no bairro da Liberdade em São Paulo*”^{303f}. (Tese de doutorado em Ciências Sociais) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021.

RESUMO

Esta pesquisa propõe-se a analisar processos de degradação vis-à-vis processos de “revitalização”⁶ em cidades modernas. Para tal, foram escolhidas a cidade de São Paulo e o bairro da Liberdade, a partir do século XIX, a fim de testar-se a teoria de transição étnico-racial de vizinhanças (GOTHAM), tendo como espinha dorsal o conceito de produção social do espaço (SANTOS) em conjunto à abordagem histórica de São Paulo. Faz-se ainda uma abordagem política por meio do conceito de Biopolítica de Foucault, somado a alguns filósofos da Política, conhecidos como contratualistas. Quer-se entender como governantes das cidades modernas, Os Soberanos, celebram contratos com seus cidadãos/súditos, de forma que apenas alguns desses cidadãos/súditos e suas vizinhanças sejam agraciados com políticas públicas e/ou privadas, e desta forma haja a produção ora de degradação física e/ou simbólica, ora de revitalização ou ainda gentrificação. Em resumo, quem tem o poder de **fazer viver e deixar morrer**, ou ainda **fazer revitalizar/gentrificar e deixar degradar**? Para estudos de caso, escolheu-se algumas vizinhanças no bairro da Liberdade e no seu entorno, em São Paulo, no Brasil, e o bairro do Brooklyn em Nova York, nos EUA, onde se identificaram zonas que foram objeto de degradação, seguidas de revitalização, e posteriormente degradadas novamente, para analisar a alternância de situação de degradação e revitalização ao longo de mais de um século, coincidindo com o fenômeno invasão-sucessão, rebatizado de “teoria de transição étnico-racial de vizinhanças”, conforme abordagem da sociologia norte-americana conhecida como Interacionismo Simbólico. O objetivo primordial deste item de estudo comparativo é evidenciar a amplitude e a profundidade das relações Brasil-Estados Unidos, visando a produção de um conjunto de ideias, receituário que possa prevenir e/ou corrigir processos de degradação física e/ou simbólica, resultado do passivo histórico produzido a partir da escravização de africanos e seus descendentes no Brasil e nos Estados Unidos da América, considerando a riqueza gerada (genealogia da riqueza) que financia e/ou promove a imigração europeia, urbanização e industrialização das áreas estudadas.

Palavras-Chave: Biopolítica; Vizinhanças; Segregação; Degradação; Revitalização; Gentrificação.

⁶ De forma a manter vivo o debate do uso do vocábulo “revitalização”, decidimos por sua manutenção no texto, sempre com alguma explicação, nota de rodapé.

CUNHA, Moisés de Freitas. *“Urban and Social Degradation: A Longitudinal Survey on Poor Neighborhood, Precarious Housing and Otherness in the Liberdade neighborhood in São Paulo”*303f. (Doctoral thesis in Social Sciences) Pontifical Catholic University of São Paulo, 2021.

ABSTRACT

This research aims to analyze processes of degradation vis-à-vis processes of “revitalization”⁷ in modern cities. For such proposes, São Paulo city, Liberdade district were selected, starting from the 19th century, in order to test the theory of racial transition of neighborhoods (GOTHAM), having as backbone the concept of social production of space (SANTOS) together the historic approach of São Paulo. Besides, there’s also a political approach by means of the Biopolitics concept, as per Foucault, plus some philosophers of the Politics known as contratualists. It aims to understand how rulers of modern cities, the Sovereigns, elaborate contracts with their subjects/city dwellers so that only a few of such groups and their neighborhoods are reached by public and/or private policies, this way either producing physical and/or symbolic degradation or revitalization or even gentrification. In short, who has got the power to **make live and let die**, or even **make revitalize/gentrify and let degrade**? For study cases, a few neighborhoods in the Liberdade district, Sao Paulo city have been selected, and the Brooklyn borough in New York, in the USA, where there has been the identification of zones subjected to degradation followed by revitalization, and later degradation again, in order to analyze the alternation of the situation of degradation and revitalization along more than one century, coinciding with the phenomenon “invasion-succession”, later re-baptized “theory of racial transition of neighborhoods” as per the US sociological approach known as Symbolic Interactionism. The main objective of this comparative study item is to emphasize the amplitude and depth of the relationship between Brazil and the United States of America, focusing the production of a set of ideas, guide-book that can prevent and/or correct processes of physical and/or symbolic degradation, analyzed in detail by means of the approach “social production of space” (SANTOS), resulted of biopolitics, and the historic liabilities produced by means of the enslavement of Africans and their descendants in Brazil and the United States, considering the wealth produced (wealth genealogy) that finances and/or promotes the European immigration, urbanization and industrialization of the studied areas.

Key-words: Biopolitics; Neighborhoods; Segregation; Degradation; Revitalization; Gentrification.

⁷ Aiming to keep alive the debate about the usage of the term “revitalization”, this researcher decided to maintain it along the dissertation, always with some explanation, footnote.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Perímetro da principal área sob estudo-----	141
Mapa 2	Perímetro de uma das vizinhanças/áreas sob estudo -----	142
Mapa 3	Sub-Perímetro 2 definido para a pesquisa de campo-----	143
Mapa 4	Planta Geral SP de 1810 -----	144
Mapa 5	- Planta Geral SP de 1881-----	144
Mapa 6	Planta Geral SP de 1895-----	145
Mapa 7	Planta Geral SP de 1897_Gomes Cardim-----	145
Mapa 8	Planta Geral SP de 1924 -----	145
Mapa 9	Planta Geral SP de 1943-----	146
Mapa 10	Planta Geral SP de 1951 -----	146
Mapa 11	Planta Geral SP de 1952 -----	146
Mapa 12	SP 1964-----	147
Mapa 13	Sub-perímetro de uma das vizinhanças/áreas sob estudo: Várzea do Carmo e entorno. -----	149
Mapa 14	Sub-perímetro de uma das vizinhanças/áreas sob estudo: Parque Dom Pedro II e entorno. -----	150
Mapa 15	Mapa do Brasil no final do século XVIII - Fonte: Asbrap – Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia -----	155
Mapa 16	- Área ampla sob estudo n.1-----	214
Mapa 17	- Área ampla sob estudo n.2-----	215
Mapa 18	- Área ampla sob estudo n.3-----	215
Mapa 19	- Amplo perímetro da área ampla sob estudo n.2 -----	218
Mapa 20	- Perímetro da área ampla sob estudo n.1 -----	219
Mapa 21	- Perímetro da área ampla sob estudo n.2 -----	220
Mapa 22	- Perímetro da área ampla sob estudo n.3 -----	221
Mapa 23	- Sub-perímetro da área ampla sob estudo n.1-----	225
Mapa 24	- Sub-perímetro da área ampla sob estudo n.2-----	233

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	22
Imagem 2	65
Imagem 3	75
Imagem 4 - Era uma vez... o prédio mais alto do mundo	75
Imagem 5	76
Imagem 6	Erro! Indicador não definido.
Imagem 7	Erro! Indicador não definido.
Imagem 8	Erro! Indicador não definido.
Imagem 9	79
Imagem 10	84
Imagem 11	255
Imagem 12	92
Imagem 13 Mulheres negras lavando roupas no Rio Tamanduateí, nas proximidades das Várzeas do Carmo e do Glicério, século XIX	98
Imagem 14 Transeuntes negros no centro de São Paulo, entre o final do século XIX e começo do XX	99
Imagem 15	118
Imagem 16	118
Imagem 17 Foto do acervo do autor desta tese, tirada da capa do referido livro	123
Imagem 18 Foto do antigo edifício San Vito na região do Parque Dom Pedro	124
Imagem 19 Foto 28, rua dos Estudantes no bairro da Liberdade-SP, circa de 1916	148
Imagem 20 Antigo edifício San Vito na região do Parque Dom Pedro.	151
Imagem 21	160
Imagem 22	161
Imagem 23	
Imagem 24	Erro! Indicador não definido.
Imagem 25	
Imagem 26	Erro! Indicador não definido.
Imagem 27	
Imagem 28	Erro! Indicador não definido.
Imagem 29	
Imagem 30	Erro! Indicador não definido.
Imagem 31	
Imagem 32	Erro! Indicador não definido.
Imagem 33	
Imagem 34	Erro! Indicador não definido.
Imagem 35	
Imagem 36	Erro! Indicador não definido.
Imagem 37	
Imagem 38	Erro! Indicador não definido.
Imagem 39	
Imagem 40	Erro! Indicador não definido.
Imagem 41	
Imagem 42	Erro! Indicador não definido.

Imagem 43	
Imagem 44	Erro! Indicador não definido.
Imagem 45	171
Imagem 46	172
Imagem 47	173
Imagem 48/Imagem 49	178
Imagem 50	
Imagem 51	179
Imagem 52	
Imagem 53	179
Imagem 54	180
Imagem 55/Imagem 56/Imagem 57	191
Imagem 58/ Imagem 59	192
Imagem 60/Imagem 61	192
Imagem 62/ Imagem 63/Imagem 64	193
Imagem 65/ Imagem 66/ Imagem 67	193
Imagem 68/ Imagem 69/Imagem 70	194
Imagem 71/Imagem 72/ Imagem 73	194
Imagem 74	
Imagem 75	195
Imagem 76	
Imagem 77	195
Imagem 78 Avenida São João anos 1950/ Imagem 79	198
Imagem 80 Postagem de Percy Putz em Memórias Paulistanas: “Meus pais, 1938. Rua São Bento”.	200
Imagem 81	247
Imagem 82/Imagem 83	231
Imagem 84	232
Imagem 85/Imagem 86	234
Imagem 87/Imagem 88	234
Imagem 89/Imagem 90	235
Imagem 91/Imagem 92	235
Imagem 93	
Imagem 94	236
Imagem 95/Imagem 96/Imagem 97	237
Imagem 98	239
Imagem 99/Imagem 100	239
Imagem 101/Imagem 102	240
Imagem 103/Imagem 104	240
Imagem 105	241
Imagem 106	242
Imagem 107	244
Imagem 108	246
Imagem 109/Imagem 110	247
Imagem 111/Imagem 112	247

Imagem 113 _____	248
Imagem 114/ Imagem 115 _____	249
Imagem 116 - Foto do acervo pessoal do autor desta tese, tirada dentro do Ellis Island National Museum of Immigration em Nova York _____	250

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Macrolocalização do nosso tempo e espaço: <i>Timeline</i> do Brasil (oitocentista) ____	55
Tabela 2 - Continuação _____	56
Tabela 3 - Continuação _____	57
tabela 4 - imigração japonesa para o Brasil & imigração japonesa, 1899 – 1941 _____	112
Tabela 5 - Tabela 3 (quadro 4). Valor do escravo masculino de 15 a 50 anos de idade, em relação ao ouro, à prata e à terra – Itapetininga, último século de escravidão. _____	185
Tabela 6 _____	205
Tabela 7 _____	207
Tabela 8 _____	255
Tabela 9 _____	256

SUMÁRIO

PRÉ-INTRODUÇÃO _____	22
APRESENTAÇÃO/INTRODUÇÃO _____	24
CONCEITUAÇÃO TEÓRICA _____	28
CAPÍTULO 1 - TEORIA SOBRE A CIDADE MODERNA (VERAS E HARVEY) _____	30
1.1 COMO ENTENDER A CIDADE _____	31
1.2 A PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO (URBANO) (GOTTDIENER E SANTOS) ____	32
1.3 A TEORIA DE TRANSIÇÃO ÉTNICO-RACIAL DE VIZINHANÇAS (GOTHAM) _	37
1.4 A BIOPOLÍTICA DE MICHEL FOUCAULT _____	43
1.5 OS CONTRATUALISTAS: CONTRATO SOCIAL, LEVIATÃ / ESTADO, GOVERNO _____	46
1.5.1 CONTRATO SOCIAL OU LEVIATÃ? _____	46
1.5.2 ESTADO, GOVERNO _____	48
1.6 POLÍTICAS PÚBLICAS _____	50
1.7 COMO ENTENDER A DEGRADAÇÃO (VILLAÇA) _____	52
CAPÍTULO 2 - LIBERDADE-SP - HISTÓRICO CONCRETO – INTRODUÇÃO: BRASIL, A CIDADE DE SÃO PAULO E O BAIRRO + (SÉ, VÁRZEA DO GLICÉRIO, VÁRZEA DO CARMO, PARQUE DOM PEDRO II) _____	55
2.1 GÊNESE HUMANA E URBANA DE SÃO PAULO _____	57
2.1.1 BREVE ANÁLISE COMPARATIVA _____	65
2.2 O BAIRRO DA LIBERDADE + (SÉ, VÁRZEA DO GLICÉRIO, VÁRZEA DO CARMO, PARQUE DOM PEDRO II) _____	69
2.2.1 DISTRITO SUL DA SÉ/DISTRITO DA GLÓRIA _____	69

2.2.2 LOCALIZANDO O BAIRRO (DEMOGRAFIA) _____	72
2.3 UM CASE DE “REVITALIZAÇÃO” OU REQUALIFICAÇÃO, RENOVAÇÃO, RESSIGNIFICAÇÃO, REABILITAÇÃO!!! _____	76
2.3.1 COMO ERA O PARQUE DAS NAÇÕES: _____	76
2.3.2 UM CASE DE “REVITALIZAÇÃO” OU REQUALIFICAÇÃO, RENOVAÇÃO, RESSIGNIFICAÇÃO, REABILITAÇÃO!!! _____	78
2.3.3 UM CASE DE “REVITALIZAÇÃO” OU REQUALIFICAÇÃO, RENOVAÇÃO, RESSIGNIFICAÇÃO, REABILITAÇÃO!!! _____	79
2.3.4 DESVENDANDO O BAIRRO, A CIDADE, O ESTADO, O PAÍS: PESQUISA DE CAMPO _____	91
2.4 GÊNESE HUMANA DO BAIRRO _____	95
2.4.1 NEGROS _____	95
2.4.2 MESTIÇOS _____	99
2.4.3 IBÉRICOS _____	102
2.4.5 ITALIANOS _____	104
2.4.6 JAPONESES _____	110
2.4.7 COREANOS _____	119
2.4.8 O EMPÍRICO (1940-1980) _____	123
2.4.8.1 OS ENTREVISTADOS _____	124
2.4.8.1.1 EXPLICAÇÃO METODOLÓGICA: _____	124
2.4.8.2 PESQUISADORES DO BAIRRO E/OU ENTORNO – HIPÓTESE 1 URBANÍSTICA: TRANSIÇÃO ÉTNICO-RACIAL DE VIZINHANÇAS. _____	125

2.4.8.3 CIENTISTAS SOCIAIS + HISTORIADORES DE SÃO PAULO E/OU OITOCENTISTAS + (NYC/NOVA INGLATERRA) – HIPÓTESE 2 HISTÓRICA: GENEALOGIA DA RIQUEZA DAS CIDADES. _____	129
2.5 BRASIL & EUA: DOIS “CASES” DE TRANSFORMAÇÃO DE “RECURSOS NATURAIS” EM RIQUEZAS!!! _____	160
2.6 COMPARATIVO PRELIMINAR: GENEALOGIA DA RIQUEZA NORTE-AMERICANA (NOVA YORK E NOVA INGLATERRA) _____	163
2.7 BRASIL & EUA: DOIS “CASES” DE CRIAÇÃO DE MAQUINÁRIO, INDÚSTRIAS!!! _____	166
2.8 BRASIL & EUA: DOIS “CASES” DE CRIAÇÃO DE MANUFATURADOS!!! _____	167
2.9 MÉTRICAS/MENSURAÇÃO DOS MÉTODOS ESCRAVISTAS EM SÃO PAULO (BRASIL) VIS-À-VIS NEW YORK/NEW ENGLAND (EUA): _____	168
2.9.1 TRÁFICO TRANSATLÂNTICO – O DELTA ENTRE EUROPA, ÁFRICA E AMÉRICAS: _____	168
2.9.2 PLANTAÇÕES DE CAFÉ VIS-À-VIS PLANTAÇÕES DE ALGODÃO (COMODITIES GLOBAIS): _____	173
2.9.3 SISTEMA FINANCEIRO E SEUS PRODUTOS BRASIL VIS-À-VIS EUA: _____	175
2.9.3.1 COMPARATIVO PRELIMINAR: 1500 A 1888 VIS-À-VIS 1619 A 1865 _____	175
2.10 BRASIL & EUA: DOIS “CASES” DE SOFISTICAÇÃO CONTÁBIL, FINANCEIRA, BANCÁRIA!!! _____	178
2.11 “PRODUÇÃO” DE SERES HUMANOS SÃO PAULO (BRASIL) VIS-À-VIS NEW YORK/NEW ENGLAND (EUA) _____	180
2.11.1 COMPARATIVO PRELIMINAR: 1500 A 1888 VIS-À-VIS 1619 A 1865 _____	180
2.11.2 COLONIZAÇÃO/ESCRAVIZAÇÃO EM SÃO PAULO (BRASIL) VIS-À-VIS NEW YORK/NEW ENGLAND (EUA) _____	182
2.11.2.1 COMPARATIVO PRELIMINAR: 1500 A 1888 VIS-À-VIS 1619 A 1865 _____	182

2.12 PARTE 1. O TEMPO DA ESCRAVIDÃO - 1. IMPORTÂNCIA E VALOR DO ESCRAVO: _____	182
2.13 (I)MIGRAÇÃO EM SÃO PAULO (BRASIL) VIS-À-VIS NEW YORK/NEW ENGLAND (EUA) _____	188
2.13.1 COMPARATIVO PRELIMINAR: 1500 A 1888 VIS-À-VIS 1619 A 1865 _____	188
2.14 URBANIZAÇÃO DE SÃO PAULO (BRASIL) VIS-À-VIS NEW YORK/NEW ENGLAND (EUA) _____	196
2.14.1 COMPARATIVO PRELIMINAR: 1500 A 1888 VIS-À-VIS 1619 A 1865 _____	196
2.15 INDUSTRIALIZAÇÃO DE SÃO PAULO (BRASIL) VIS-À-VIS NEW YORK/NEW ENGLAND (EUA) _____	200
2.15.1 COMPARATIVO PRELIMINAR: 1500 A 1888 VIS-À-VIS 1619 A 1865 _____	200
CAPÍTULO 3 BROOKLYN-NYC - HISTÓRICO CONCRETO – INTRODUÇÃO: ESTADOS UNIDOS, A CIDADE DE NOVA YORK E O BAIRRO + (PROSPECT-LEFFERTS-GARDENS, FLATBUSH). _____	204
3.1 O BAIRRO DO BROOKLYN + (PROSPECT LEFFERTS GARDENS, FLATBUSH AND ENVIRONS) _____	216
3.1.1 PROSPECT LEFFERTS GARDENS (KRASE, 1982) _____	221
3.1.2 FLATBUSH (KRASE, 1982) _____	231
3.1.3 DESVENDANDO O BAIRRO, A CIDADE, O ESTADO, O PAÍS _____	242
3.2 GÊNESE HUMANA DO BAIRRO _____	242
3.3 HERANÇAS COMPARTILHADAS NAS RELAÇÕES BRASIL-ESTADOS UNIDOS _____	251
3.3.1 CONFEDERADOS SULISTAS E CAFEEIROS PAULISTAS (PASSADO) _____	251
3.3.2 ACADÊMICOS E ATIVISTAS (PRESENTE E FUTURO) _____	252
3.4 BIOPOLÍTICA E PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO NOS EUA _____	253

3.4.1 ENGENHARIA REVERSA	254
3.4.1.1 CARACTERÍSTICAS, ESTÁGIOS, POSSÍVEIS RESULTADOS	254
CONSIDERAÇÕES FINAIS	258
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	264
BIOGRAFIA	277
APÊNDICES	278

PRÉ-INTRODUÇÃO

“Speak to the past and it shall teach thee.” Wilberforce Eames

Imagem 1



Fonte: Crédito das fotos: Moisés de Freitas Cunha

O nosso estudo lança mão de várias áreas do conhecimento/saber, e a área que faz parte de todas as etapas de nossa pesquisa é a História Social, tendo como guarda-chuva as Ciências Sociais.

Em uma das nossas viagens ao exterior, deparamo-nos com a frase “converse com o passado e ele ensinará a ti”⁸, inscrita no prédio Caspersen, na rua George, *Providence, Rhode Island*, E.U.A., parte do complexo da biblioteca *John Carter Brown*⁹, da Universidade Brown. A referida frase nos chamou bastante atenção, e inspirado por algumas afirmações de Eduardo Bueno, um jornalista e escritor brasileiro, faremos esforços para não fugirmos ao nosso papel de pesquisador socialmente responsável, ou seja, aquele que além de pesquisar de forma não enviesada, não perde foco na justiça social, pois o que não falta são injustiças ao longo dos 5 séculos de história do Brasil.

É atribuído à Marguerite Yourcenar¹⁰ a frase “cada época escolhe seu passado”, e Eduardo Bueno completa, afirmando que “...o passado é editado; o passado é recortado; o passado é escolhido, e é sempre metafórico [...] o único jeito de construir um país é sabendo história...” (mimeo, passim). Nos termos de SEGURADO (mimeo), “o passado é sempre uma

⁸ Tradução livre do autor. Do original: “Speak to the past and it shall teach thee”.

⁹ A referida frase é uma adaptação do versículo 8, capítulo 12, do livro bíblico de Jó, que diz: “*Speak to the Earth and it shall teach thee*”. Em tradução livre, “converse com a Terra (planeta) e ela ensinará a ti”. Nós conseguimos esses detalhes por meio de material, solicitado e enviado, da própria JCB – John Carter Brown Library. Material Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bv4d4iMAhKQ/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=4f312xsnkle3> . Acesso em 08 de abr. 2019.

¹⁰ Pseudônimo de Marguerite Cleenewerck de Crayencour. Foi uma escritora belga de língua francesa (08/06/1903 a 17/12/1987). Disponível em: <<https://citacoes.in/autores/marguerite-yourcenar>> . Acesso em jan. 2019.

reconstrução do presente”. Portanto, é nossa missão apresentar uma versão da história até então velada, e desta forma tentar fazer alguma justiça.

APRESENTAÇÃO/INTRODUÇÃO

*(...) uma sociedade nacional é um pacto que se perpetua no tempo. Se uma geração não fez o que tinha que fazer, a outra vai ter que fazer. Essa história de geração perdida não existe. Se uma geração não resolver os seus desafios, a geração seguinte vai pagar(...)*¹¹

De forma velada ou não, um dos intuitos desta tese é encorajar afrodescendentes, entre outros grupos classificados como insolventes ou sub-representados, a conhecerem a dinâmica de uma cidade (pós)moderna, com seus códigos, valores e signos, altamente competitiva, capitalista e contraditória “por natureza”, ou ainda como bem cantou o grupo de rap Racionais MC’s na música negro drama “...essa é pra você, essa é pra você, descendente de escravo que não teve direito à indenização...”¹², e também como descrito em um versículo bíblico, “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”.

Leitores(as), de vários matizes, estão convidados a voltar na história, relembrar e/ou reconstruir memórias, mesmo que amargas, porém com o intuito de construir uma tecnologia social, uma “engenharia reversa”, que auxilie nos próximos passos desta e das gerações seguintes. Afinal de contas, como bem dito pelo escritor e pesquisador em história social Laurentino Gomes, “...se uma geração não resolver os seus desafios, a geração seguinte vai pagar...”, e ainda se levarmos em consideração os quase 4 séculos de colonização e escravização no Brasil, muitos ainda são os desafios e/ou passivos nacionais produzidos pela maléfica instituição escravidão, nos termos do cientista social Jesse de Souza, que disse: “...uma sociedade é constituída pela força das suas instituições [...] e a ‘grande’ instituição que vigora no Brasil, a partir de 1532, foi a escravidão africana...”.

O objeto de estudo por nós escolhido (talvez eu tenha sido escolhido por esse objeto pois esta pesquisa é resultado do histórico de vida do próprio autor, nascido e criado no bairro da Liberdade) foi a análise de processos de degradação física e/ou simbólica vis-à-vis processos de “revitalização” (veja abaixo breve detalhamento sobre a controvérsia do uso deste termo)¹³

¹¹ GOMES, Laurentino (2014) Mimeo

¹² Trecho no minuto 03h40 de vídeo. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=mrAT_xG-opk>. Acesso em 22 de jul. 2021.

¹³ Sobre “revitalização”, urbanistas consideradas/os progressistas sugerem o uso de “renovação”, “reabilitação” (MARICATO, Ermínia et al. (2010), *O Brasil em Transformação: Urbanização, Segregação e Sustentabilidade Ambiental*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, pp. 125-151), ou ainda “ressignificação”. Contudo, escolheu-se manter o termo “revitalização”, com as devidas aspas e explicações, muito em função das controvérsias levantadas. Quis-se manter a chama do debate acesa, até porque a referida urbanista faz uso do vocábulo vitalidade ao citar a pesquisadora Jane Jacobs. “A diversidade de usos, de tipologia de edifícios, de faixa de renda, de raças é o que garante a **vitalidade (grifo nosso)** para uma rua ou quadra, ou cidade.” (JACOBS, 2000, Apud MARICATO, Ermínia et al. (2010), *O Brasil em Transformação: Urbanização, Segregação e Sustentabilidade Ambiental*, São

ou até gentrificação, em um estudo comparativo entre o bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo, Brasil frente ao bairro (*borough*) do Brooklyn, na cidade de Nova York, E.U.A. Partiu-se da análise da “pobreza, exclusão, desqualificação, degradação” presentes em certas áreas de cidades modernas, nesta tese referidas como vizinhanças desequipadas, para entendermos a gênese da “riqueza, inclusão, qualificação, ‘revitalização’” presentes em vizinhanças equipadas em São Paulo, Nova York, etc., associação/comparação esta influenciada por Veras¹⁴ em HEXAPOLIS: desigualdades e rupturas sociais em metrópoles contemporâneas: São Paulo, Paris, Nova Iorque, Varsóvia, Abidjan, Antananarivo. A partir da degradação, pobreza resolveu-se estudar a genealogia da(s) riqueza(s) em cidades modernas com base na colonização e/ou escravização, exatamente por meio da cultura cafeeira em São Paulo, Brasil, e da cultura algodoeira do Sul dos Estados Unidos em consonância com a indústria têxtil na Nova Inglaterra e o sistema bancário e/ou financeiro em Nova York.

Nossos objetivos específicos foram (A) testar a teoria de transição étnico-racial de vizinhanças (supremacia racial e/ou cultura de pobreza), outrora conhecida por “invasão/sucessão” e/ou “*White-flight*”, conforme Escola Sociológica de Chicago/Interacionismo Simbólico, numa abordagem urbanística, e (B) testar a hipótese da genealogia da riqueza paulista ou ainda a genealogia da riqueza das cidades (SP, NYC), que teria propiciado/financiado o processo de (i) imigração europeia e asiática (com concessão de terras devolutas, públicas, no caso brasileiro), (ii) urbanização e (iii) industrialização (tardia, no caso brasileiro) de São Paulo, por meio da cultura cafeeira/escravização, entre os séculos XVIII e XIX, numa abordagem histórica.

Por meio de toda a bibliografia utilizada, associado também às entrevistas (pesquisa de campo), comprovou-se que os vários grupos étnicos que entraram, saíram e/ou permaneceram no bairro da Liberdade em São Paulo, ou ainda no Brooklyn em Nova York, o fizeram com base em mobilidade socioeconômica concedida ou não em função do pertencimento étnico-racial de cada grupo analisado. Em resumo, ficaram para trás pessoas e/ou grupos que não possuíam capitais para adquirir moradia, residência em melhores vizinhanças ou ainda “revitalizar”, reformar suas vizinhanças e/ou unidades habitacionais. Comprovou-se, também,

Paulo, Fundação Perseu Abramo, p. 115). A urbanista Maura Pardini Bicudo Veras, sobre revitalizar, renovar, requalificar ou reabilitar, diz o seguinte: “...No contexto de urbanismo e planejamento urbano, revitalização, reabilitação ou, mais recentemente, requalificação, são termos aproximadamente equivalentes que se referem a processos de reconversão de espaços urbanos abandonados, subutilizados ou degradados mediante a recuperação de antigos (ou a criação de novos) usos e atributos urbanísticos ou naturais.” (MIMEO, 10-08-20).

¹⁴ VÉRAS, Maura Pardini. (2004). *Hexapolis: desigualdades e rupturas sociais em metrópoles contemporâneas*: São Paulo. Paris, Nova Iorque, Varsóvia, Abidjan, Antananarivo, São Paulo, EDUC.

pelos mesmos canais acima mencionados, que os capitais (econômico, cultural, etc.) produzidos e/ou acumulados por meio das culturas do café (São Paulo/Brasil) e do algodão (Sul, Nordeste dos EUA), todas sinônimos de escravização africana e/ou negra, foram os principais vetores de crescimento, desenvolvimento das referidas urbes.

Esta tese traz no seu capítulo 1, Teoria Sobre a Cidade Moderna, todo o referencial teórico usado tanto no caso paulista/paulistano/brasileiro, como no caso nova yorquino/norte-americano, e se houvesse um nome genérico para toda a tese, este seria “a produção social do espaço (Milton Santos) e a biopolítica de Michel Foucault”, onde dinâmicas sociais ocorridas nas configurações territoriais definem, formam, produzem os vários espaços, e somado ainda a poderes que fazem viver e deixam morrer física e/ou simbolicamente pessoas e suas vizinhanças, tem-se desenhado croquis das e nas cidades mencionadas, ou ainda as várias aquarelas que pintadas por meio das políticas ideológicas mencionadas, definem e mantem o quadrante sudoeste paulistano vis-à-vis os bairros e vizinhanças desequipados em São Paulo em comparação à *Prospect-Lefferts-Gardens*, equipado, vis-à-vis *Flatbush* ou *Bedford-Stuyvesant* no Brooklyn, NYC, E.U.A. Além destes dois itens acima mencionados, o capítulo 1 ainda trata dos contratualistas Jean Jacques Rousseau e Thomas Hobbes destacando a importância e necessidade do estabelecimento de um contrato social entre os vários grupos étnicos e/ou sociais de uma urbe, na tentativa de garantir que haja políticas públicas para todos, assim afugentando a figura mítica do Leviatã, associado a um Estado opressor, onde cada pessoa e/ou grupo, em estado natural e/ou de guerra desconhecendo ou ignorando leis e justiça, luta pelos seus próprios interesses e necessidades resultando em mais distorções. E por último, mas não menos, fala-se da degradação, que pode surgir quando os soberanos (Estado e/ou Governo) de uma cidade não são demandados de forma equânime pelos seus súditos, ou ainda, quando os referidos súditos não possuem poder para se fazerem escutar pelos poderes estabelecidos, ou ainda exercidos de forma tirânica. Cita-se, por exemplo, PPA/LDO/LOA/PLANO DIRETOR¹⁵ como exemplos de contratos sociais constituídos, preferencialmente, quando há governabilidade e/ou governamentalidade tanto do lado do poder público quanto do lado da sociedade civil, o que na nossa visão garante, em tese, a proposição e entrega de políticas públicas (item também tratado nesta tese) as quais podem, também em tese, prevenir, evitar ou corrigir degradações físicas e/ou simbólicas nas cidades mencionadas.

O capítulo 2, Liberdade-SP, nos permitiu testar e demonstrar todo o referencial teórico, tanto do ponto de vista histórico quanto do ponto de vista urbanístico. Por meio das lentes de

¹⁵ PPA – Plano Plurianual, LDO – Lei de Diretrizes Orçamentárias, e LOA – Lei Orçamentária Anual.

um observador-participante que nos proporcionou uma releitura das mudanças urbanísticas, guardado "...lapso temporal, acompanhadas e analisadas..."; por nós, descreveu-se como e porque os vários grupos étnicos entraram, saíram e/ou permaneceram nas vizinhanças do referido bairro desde o final do século XIX até a década de 1990. O referido bairro é reflexo, espelho fiel das dinâmicas sociais e políticas da cidade de São Paulo, desde as últimas décadas do século XIX, onde é possível analisar riquíssima composição étnico-racial, no referido capítulo chamado de gênese humana do bairro. É também neste capítulo que tivemos a oportunidade de resgatar memórias sobre o movimento abolicionista com destaque para os Caifazes, Antônio Bento¹⁶, Luiz Gama, e também a figura de Joaquim Pinto de Oliveira (1721–1811), também conhecido como o construtor Tebas. Destaque também para a gênese humana do referido bairro que demonstra a característica global da cidade de São Paulo, o que nos ajudou na comparação com a cidade de Nova York. A leitura atenta a este capítulo permitirá ao leitor entender que mesmo quando não se identifica racismo, discriminação de forma explícita, pode ainda ocorrer segregações, injustiças, disparidades socioeconômicas, pois alguns dos grupos étnicos analisados possuíam laços internacionais, globais e foram tais conexões que ajudaram alemães, italianos, japoneses, coreanos, por exemplo, a adquirem, comprarem espaço numa sociedade composta de valores ainda escravagistas, segregacionistas, onde buscava-se o enobrecimento, embranquecimento, gentrificação dos espaços, e os descendentes dos escravizados não puderam contar com a boa vontade de grupo externo algum, tendo ficado até os dias de hoje por sua própria conta e risco.

O capítulo 3, Brooklyn-NYC, um espelho do modelo brasileiro, guardada as devidas proporções, retrata as vizinhanças de Prospect-Lefferts-Gardens e de Flatbush, no referido *borough*, descrevendo como as contradições humanas produziram ora degradação simbólica e/ou física, e ora gentrificação, enobrecimento do espaço. Em termos simples, poderes exercidos que geram vizinhanças equipadas para os descendentes dos colonizadores e seus convidados, ao mesmo tempo que produz desequipamento, degradação para quem teve seu suor, dor, sangue, vida e morte utilizados na transformação dos recursos naturais em riqueza, nos termos de Holloway¹⁷.

Os capítulos 2 e 3 trazem numa abordagem comparativa, também, elementos urbanísticos e históricos, os quais são tratados com mais profundidade em item posterior onde

¹⁶ CASTRO (2020)

¹⁷ HOLLOWAY, Thomas H. (1975), *The Brazilian coffee valorization of 1906: Regional politics and economic dependence*. Madison, Wisconsin, The Department of History, University of Wisconsin.

commodities globais (café e algodão), sistema financeiro e seus produtos, somado a produção de seres humanos servem de base para a construção de métricas que nos ajudam a entender a opulência arquitetônica de São Paulo e Nova York e também o atual sistema econômico global. As referidas métricas de mensuração do capitalismo estão em nível bastante adiantado pelas mãos de scholars do ou nos Estados Unidos da América, e ter estado com vários desses pesquisadores em muito nos ajudou. Destaca-se ainda um *timeline* de fatos históricos nacionais e locais nos dois capítulos mencionados, e a seguir há um item que aponta para a amplitude e profundidade nas relações Brasil-Estados Unidos, muito em função das referidas métricas, ora sob uma ótica urbanística, ora histórica.

Em suma, queremos despertar a curiosidade nos leitores para que nos acompanhem nessa jornada internacional mais que importante para os dias atuais, pois após leituras, estudos, discussões, entrevistas, ficamos convencidos de que não há alternativa para se alcançar justiça, paz e desenvolvimento pleno no Brasil que não seja entender como se deu o acúmulo de riqueza ao longo dos vários séculos de colonização e escravização no Brasil, Estados Unidos, entre vários outros locais no mundo moderno.

Conceituação teórica

Descrevemos aqui, de forma textual, o objetivo geral e os objetivos específicos, pois eles nos ajudam a entender a escolha do nosso referencial teórico.

Nosso **objetivo geral** visou analisar os processos de transformação urbana em uma área central da cidade de São Paulo, o bairro da Liberdade, mais algumas vizinhanças na redondeza (Sé, Várzea do Glicério, Várzea do Carmo, Parque Dom Pedro II), buscando verificar o peso da “teoria de transição étnico-racial de vizinhanças¹⁸ somado aos conceitos de “produção social do espaço ‘urbano¹⁹”, e da “biopolítica²⁰” como eixos analíticos para a compreensão de processos de degradação simbólica e/ou física de vizinhanças e consequentes políticas adotadas, e o mesmo foi feito para o caso de Nova York, Brooklyn, nos Estados Unidos da América.

¹⁸ GOTHAM, Kevin Fox. (2002), *Beyond Invasion and Succession: School Segregation, Real Blockbusting, and the Political Economy of Neighborhood Racial Transition*, In *City Community*, v.1, nº1, mar., pp.83-111, American Sociological Association, Washington, DC. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1540-6040.00009/pdf>>. Acesso em 22 de jul 2021.

¹⁹ GOTTDIENER, Mark. (2010). *A produção social do espaço urbano*, São Paulo, Edusp; SANTOS, Milton. (2014), *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*, São Paulo, 6ª edição, 2ª reimpressão, Edusp.

²⁰ FOUCAULT, Michel. (2018). *Em defesa da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes.

Nossos **objetivos específicos** visaram **1)** conhecer e analisar as configurações históricas do bairro da Liberdade em São Paulo e, em particular, das áreas de estudo, delimitadas segundo seus usos do solo, e principalmente suas ocupações (residencial, comercial, industrial), situando o conjunto de prédios circunscritos às ruas Glicério, Conde de Sarzedas, Helena Zerrenner, e Oscar Cintra Gordinho, mais as Vilas Operárias ao longo da rua dos Estudantes, entre outras vizinhanças destinadas a moradia; **2)** caracterizar a ocupação atual e passada das áreas de estudo delimitadas pelo conjunto de prédios circunscritos às ruas Glicério, Conde de Sarzedas, Helena Zerrenner, e Oscar Cintra Gordinho, mais as Vilas Operárias ao longo da rua dos Estudantes, entre outras vizinhanças destinadas a moradia, buscando identificar os grupos étnicos residentes ao longo da história; **3)** Identificar processos de discriminação, preconceito vigentes nas relações de sociabilidade nas áreas de estudo, tendo em vista a percepção de alteridade para ocupantes de diferentes origens étnicas, conforme a “teoria de transição étnico-racial de vizinhanças” de Gotham²¹ ; **4)** compreender, ao longo do processo histórico das áreas selecionadas, como a presença de grupos étnicos vieram a impactar na identificação de degradação das áreas ou em sua gentrificação; e **5)** conhecer políticas públicas e urbanas voltadas à área em questão – e também ao bairro da Liberdade – que objetivaram cíclica e alternadamente, revitalização/gentrificação/requalificação, incluindo projetos sociais em pauta, e o mesmo foi feito para o caso de Nova York, Brooklyn, nos Estados Unidos da América.

²¹GOTHAM, Kevin Fox. (2002). Beyond Invasion and Succession: School Segregation, Real Blockbusting, and the Political Economy of Neighborhood Racial Transition, In *City Community*, v.1, nº1, mar., pp.83-111, American Sociological Association, Washington, DC. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1540-6040.00009/pdf>>. Acesso em 22 de jul 2021.

CAPÍTULO 1 - TEORIA SOBRE A CIDADE MODERNA (VERAS²² E HARVEY²³)

*Weber acaba por propor uma tipologia das cidades com base em cada um dos aspectos sublinhados: ‘fusão de fortaleza com o mercado’, ‘corpo de cidadãos militarmente capacitados’, relação da cidade com a agricultura’, o conceito político-administrativo, a localidade. Saliente-se, pois, que o conceito de cidade é **complexo**, não bastando apenas um critério para conceituá-la.*²⁴

De acordo com alguns teóricos, estudiosos da Cidade, fatores como especialização, divisão de trabalho, excedentes, circulação de produtos e monetarização, todos de forma articulada, definem e/ou estabelecem um espaço urbano, em outras palavras, uma cidade moderna²⁵, ou seja, no nosso entender, trata-se de uma realidade ocidental a partir da 2ª metade do século XIX, se considerarmos as Américas, que grosso modo testemunha o final da colonização e da escravização ocorrida ao longo de alguns séculos. Nos termos de David Harvey, é a “modernidade como ruptura”. “...A modernidade sempre diz respeito à ‘destruição criativa’, quer do tipo pacífico e democrático, quer do tipo revolucionário, traumático e autoritário²⁶.”

Citando Saint-Simon e Marx, Harvey²⁷ ainda afirma que mudança alguma acontece sem que ela esteja latente no local a ser transformado, mudado, alterado, portanto tomamos a liberdade de inferir que as cidades brasileiras, ou ainda as cidades de vários outros países latino americanos não romperam totalmente com sua gênese colonialista e/ou escravista porque não havia, não houve ou não há, ainda, espírito social transformador, forte o suficiente, para levar a cabo as rupturas²⁸ necessárias para o surgimento de um espaço urbano, uma cidade moderna *comme il faut*, ou seja, um espaço acolhedor, democrático que garanta bem-estar para todos seus cidadãos; que garanta o cumprimento dos termos e condições estabelecidos no contrato social entre Soberanos e cidadãos²⁹. De acordo com os teóricos estudados, esse espaço urbano acolhedor, democrático que garanta bem-estar para todos os seus cidadãos, em outros termos, que cria “novas configurações sociais”, só surgiria mediante a suplantação ou destruição das

²² Trocando Olhares

²³ Paris, capital da modernidade

²⁴ VERAS, (2000, p. 40)

²⁵ *Idem*, *ibidem*., p. 44)

²⁶ HARVEY, David. (2015). *Paris: capital da modernidade*. São Paulo, Boitempo Editorial, p. 11.

²⁷ *Idem*.

²⁸ Embora o mito de *Haussman* de uma ruptura total mereça ser questionado, devemos reconhecer a mudança radical de escala que ele ajudou a criar, inspirada pelas novas tecnologias e facilitada pelas novas formas organizacionais. Essa mudança lhe permitiu pensar a cidade (e até seus subúrbios) como uma totalidade, em vez de um caos de projetos particulares. Op. cit., p. 27.

²⁹ SEGURADO e ROLNIK, respectivamente, afirmam que nem os “negros” hoje, nem os “negros recém-libertos, mulatos, caipiras, pardos, mamelucos, índios e brancos (pobres), ralé que cresceu e vagou ao longo de quatro séculos” em 1888 possuíam, possuem cidadania.

antigas configurações sociais. Harvey diz que Haussman³⁰ coagiu a cidade a assumir a modernidade.

Nesse sentido, o que seria necessário e suficiente para que cidades latino-americanas, com foco especial para São Paulo, rompessem com seu legado colonial e/ou escravista? Como veremos mais adiante, os fortes grupos de interesse, chamados por nós de “Soberanos”, se articulam de forma a obter e/ou manter domínio, poder sobre grupos, cidadãos desprivilegiados ao longo da história, ou seja, as vítimas dos 4 séculos de colonização e/ou escravização, desta forma produzindo “(re)vitalizações” para os amigos do Rei, e degradações para os outros. Trata-se da produção social do espaço³¹ regada à muita biopolítica ou até biopoder³².

1.1 Como Entender a Cidade

Embora estejamos cientes que uma cidade ou espaço urbano reflita determinado modo de produção, e que o “lugar” de cada cidadão seja impactado ou ainda determinado pela participação no modo de produção de cada cidadão, defendemos a incorporação, no nosso modelo de análise e possíveis proposições, da abordagem da teoria do Interacionismo Simbólico por acreditar ou ainda esperar (de esperança) que os cidadãos colocados no lado negativo da “equação urbana”, na condição de outsider³³, estigmatizado, de “insolvente”, consiga reagir enquanto o respeito à alteridade não vem; enquanto o fenômeno classe ou ainda a acumulação primitiva do capital não são “solucionados”. Em resumo, o quadro à nossa frente é complexo, e sabemos não existir respostas simples para situações complexas.

Harvey³⁴ afirma que “é sempre perigoso interpretar relações complexas como simples cadeias causais ou, pior ainda, como sendo determinadas por algum processo mecanicista”, e ele conclui esta afirmação ou constatação dizendo que “recorrer a um modo dialético e relacional de investigação histórico-geográfica deve ajudar a evitar tais armadilhas”, ou seja, a

³⁰ Georges-Eugène Haussman, barão, o grande responsável pela modernização, renovação de Paris, foi o escolhido de Luís Napoleão, o imperador, para ser o “prefeito” da ville e da cité. “Além disso, Haussmann fez mais e fez menos do que o imperador queria. O imperador o havia instruído a ficar atento às estruturas de qualidade existentes e evitar linhas retas. Haussmann ignorou suas ordens nos dois casos. O imperador tinha pouco interesse na distribuição de água corrente ou na incorporação dos subúrbios, mas Haussmann era apaixonado por ambas – e conseguiu o que quis. As Mémoires de Haussmann, nas quais até agora foi baseada a maioria dos relatos, estão repletas de dissimulação.” (HARVEY, David. (2015). *Paris: capital da modernidade*, São Paulo, Boitempo Editorial, p. 22).

³¹ SANTOS, Milton. (2014). *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*, São Paulo, 6ª edição, 2ª reimpressão, Edusp.

³² Estes conceitos estão detalhados mais adiante. (FOUCAULT, Michel. (2018). *Em defesa da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes).

³³ ELIAS, Norbert et al. (2000). *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, Rio de Janeiro, Ed.Zahar.

³⁴ HARVEY, David. (2015). *Paris: capital da modernidade*. São Paulo, Boitempo Editorial.

relação dialética (tese-antítese-síntese), uma metodologia do materialismo histórico, é a abordagem ideal para o entendimento das dinâmicas sociais nos mais variados espaços urbanos, cidades modernas.

Contudo, entender como os indivíduos relacionam-se entre si, numa dada sociedade, cidade, bairro, vizinhança pode auxiliar no entendimento do porquê um grupo considerado “outsider”³⁵ “cerca fileira”³⁶ contra outro grupo “outsider”. A forma como os seres humanos se comunicam, no intercâmbio de significados por meio de linguagens e símbolos, independente da classe, é, a nosso ver, muito importante, também, afinal de contas, contradições³⁷, vicissitudes fazem parte do cotidiano de cidades (pós)modernas, com seus códigos, signos e valores.

1.2 A Produção Social do Espaço (Urbano) (GOTTDIENER e SANTOS)

*(...) Pergunte ao Criador, Pergunte ao criador. Quem pintou essa aquarela, Livre do açoite da senzala, Preso na miséria da favela (...)*³⁸

Mark Gottdiener, renomado sociólogo urbano dos Estados Unidos, ao dissertar sobre “espaço urbano” e sua produção social afirma que:

*(...) a teoria convencional não pode explicar problemas sociais, o crescimento diferencial das áreas citadinas, ou a relação entre os dois. Não há meio de entender as forças que produzem o desenvolvimento social desigual, como o conflito de classes, o conflito entre capitais separados, ou mesmo frações dentro da mesma classe – sem mencionar as patologias associadas à vida na cidade, como criminalidade, rupturas de família e o vício da droga*³⁹.

Definir com exatidão a teoria, o conhecimento elaborado, produção social do espaço (urbano) nos pareceu bastante complexo, pois tanto Gottdiener⁴⁰, quanto Santos⁴¹ são deveras eruditos e detalhistas nas suas explicações ou dissertações, porém para efeitos didáticos, acreditamos ser possível afirmar que se trata de um modelo de localização (urbana), que visa analisar como se dá o desenvolvimento (urbano).⁴²

³⁵ ELIAS, Norbert et al. (2000). *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, Rio de Janeiro, Ed.Zahar.

³⁶ *Idem*

³⁷ “Não é a falta de ordem e sim a contradição que dificulta a vida na cidade.” (LEFEVBRE, Henry)

³⁸ Trecho do samba enredo da Escola de Samba da Mangueira do Rio de Janeiro, do ano 1988. Título “100 anos de Liberdade: Realidade ou Ilusão?”.

³⁹ GOTTDIENER, Mark. (2010). *A produção social do espaço urbano*. São Paulo, Edusp, p. 35.

⁴⁰ *Idem*.

⁴¹ SANTOS, Milton. (2014). *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*, São Paulo, 6ª edição, 2ª reimpressão, Edusp.

⁴² Op. cit.

É afirmado que processos de crescimento (urbano) são desordenados e que quase sempre se detectam injustiças, como por exemplo: pobreza, racismo, moradia abaixo do padrão⁴³, desnutrição, crimes violentos, desintegração da família, assistência médica educacional inadequada⁴⁴. Gottdiener⁴⁵ defende seu modelo de análise, pois por ser dialético (tese-antítese-síntese), permite-nos fazer um exame acurado, circular e contínuo, das questões que suscitam, dos problemas que levantam e das respostas que fornecem.⁴⁶ Isto implica fugir do funcionalismo determinista, portanto ineficaz, dos modelos e teorias convencionais.

Nesse sentido, acreditamos que a referida teoria e modelo podem nos ajudar a responder as hipóteses formuladas sobre as causas das degradações simbólicas e/ou físicas na cidade, bairro, vizinhanças e seus habitantes desde o final do século XIX até os dias atuais. Grosso modo, quer-se saber por que e como o referido bairro e vizinhanças, escolhidos como objetos de estudo, passaram por cíclicos processos de “revitalização”⁴⁷ e degradação desde o final do século XIX; e quer-se saber, também, quais as probabilidades de reação por parte dos grupos mais fracos, ou seja, as pessoas classificadas, rotuladas, estigmatizadas de “insolventes” poderiam ou podem reagir a fatores que causam a degradação simbólica e/ou física dos espaços? Cientes das desigualdades e injustiças produzidas pela “acumulação primitiva do capital, das riquezas”, o que pode ser feito para se contrapor ao “teorema” fazer viver e deixar morrer, sempre exercido pelos grupos dominantes? Sabe-se que o acúmulo de vantagens, nos termos de Robert Merton, sejam tais vantagens simbólicas ou materiais, dificilmente é superado por pessoas ou segmentos étnicos, sociais que foram colocados e mantidos às margens da

⁴³ Nosso entendimento sobre o termo “padrão” é de que Gottdiener faz referência a um patamar, nível digno de moradia que promova bem-estar aos seus residentes, moradores.

⁴⁴ *Idem, ibidem*, p. 78.

⁴⁵ *Idem*.

⁴⁶ *Idem, ibidem*, p. 79.

⁴⁷ Sobre “revitalização”, urbanistas consideradas/os progressistas sugerem o uso de “renovação”, “reabilitação” (MARICATO, Ermínia et al. (2010). *O Brasil em Transformação: Urbanização, Segregação e Sustentabilidade Ambiental*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, pp. 125-151), ou ainda “ressignificação”. Contudo, escolheu-se manter o termo “revitalização”, com as devidas aspas e explicações, muito em função das controvérsias levantadas. Quis-se manter a chama do debate acesa, até porque a referida urbanista faz uso do vocábulo vitalidade ao citar a pesquisadora Jane Jacobs. “A diversidade de usos, de tipologia de edifícios, de faixa de renda, de raças é o que garante a **vitalidade (grifo nosso)** para uma rua ou quadra, ou cidade.” (JACOBS (2000) Apud MARICATO, Ermínia et al. (2010). *O Brasil em Transformação: Urbanização, Segregação e Sustentabilidade Ambiental*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, p. 115). A urbanista Maura Pardini Bicudo Vêras, sobre revitalizar, renovar, requalificar ou reabilitar, diz o seguinte: “...No contexto de urbanismo e planejamento urbano, revitalização, reabilitação ou, mais recentemente, requalificação, são termos aproximadamente equivalentes que se referem a processos de reconversão de espaços urbanos abandonados, subutilizados ou degradados mediante a recuperação de antigos (ou a criação de novos) usos e atributos urbanísticos ou naturais.” (MIMEO, 10-08-20).

sociedade. Conforme salientou David Harvey, “é o dinheiro quem controla o processo democrático, não as pessoas”.⁴⁸

Gottdiener⁴⁹ cita a introdução, inserção da questão luta de classes na teoria da localização (trabalho X capital; competição por emprego)⁵⁰, porém acrescenta ainda a questão ideológica que mascara a realidade, além de mecanismos de alienação que canalizam para formas destrutivas da vida cotidiana⁵¹. Em outros termos, o quadro é muitíssimo complexo, dificultando por demais a definição de um modelo que atenda a demanda aqui apresentada, ou seja, a total complexidade dos fenômenos sociais, que se estende do nível de estruturas abstratas [...] como economia e política.⁵²

Contudo, se por um lado a definição do espaço e/ou de um modelo de localização urbana, e que analisa o desenvolvimento urbano “é tarefa das mais difíceis e que tem desafiado os especialistas das respectivas disciplinas explicativas e normativas,⁵³” aceita-se que os componentes “configuração territorial” e “dinâmica social”, que interagem entre si, formam o espaço. O renomado geógrafo brasileiro, Milton Santos, define assim esses 2 (dois) componentes:

- (I) Configuração territorial⁵⁴: conjunto de dados naturais, mais ou menos modificados pela ação consciente do homem, por meio dos sucessivos “sistemas de engenharia”;
- (II) Dinâmica social⁵⁵: conjunto de relações que definem uma sociedade em um dado momento⁵⁶.

A explicação de Milton Santos, apesar de bastante erudita, pareceu-nos deveras objetiva e de compreensão exequível para interessados no assunto. Nesse sentido, temos que o espaço total, resultado da integração da configuração territorial e da dinâmica social, é constituído

⁴⁸Revista EPOCA online. Disponível em:<<https://epoca.globo.com/david-harvey-o-dinheiro-quem-controla-processo-democratico-nao-as-pessoas-23076538>>. Acesso em 08 de mai. 2019.

⁴⁹ GOTTDIENER, Mark. (2010). *A produção social do espaço urbano*. São Paulo, Edusp.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 88

⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 116

⁵² *Idem*.

⁵³ SANTOS, Milton. (2014). *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*, São Paulo, 6ª edição, 2ª reimpressão, Edusp, p. 119.

⁵⁴ A configuração territorial ou configuração espacial é dada, conforme já buscamos descrever, pelo arranjo, sobre o território, dos elementos naturais e artificiais de uso social: plantações, canais, caminhos, portos e aeroportos, redes de comunicação, prédios residenciais, comerciais e industriais etc. A cada momento histórico, varia o arranjo desses objetos sobre o território. O conjunto dos objetos criados forma o meio técnico, sobre o qual se baseia a produção, que evolui em função desta. (p.120).

⁵⁵ A dinâmica social é dada pelo conjunto de variáveis econômicas, culturais, políticas etc. que a cada momento histórico dão uma significação e um valor específicos ao meio técnico criado pelo homem, isto é, à configuração territorial.

⁵⁶ *Idem, ibidem*, pp. 119-120.

pelos seguintes subespaços, entre outros: agrícolas, urbanos, mineiros, estratégicos; e apenas o subespaço urbano possui características para relacionar-se com os demais espaços.

Importante salientar que após iniciarmos o estudo da obra “*Metamorfoses do Espaço Habitado*”⁵⁷ de Milton Santos, nós tomamos a liberdade de retirar ou mencionar entre parênteses () o vocábulo “urbano” deste item/capítulo, por termos adquirido o conhecimento que ao estudar “espaço”, a variável urbano é “apenas” um dos itens, subespaços, embora seja o mais importante deles.

Portanto, acreditamos que as hipóteses levantadas por nós podem ser respondidas e/ou explicadas por meio da análise das interações entre configuração territorial e a dinâmica social.

Por hora, vamos afirmar e/ou repetir a importância do subespaço urbano, pois é este que “assegura a integração entre fixos e fluxos”, os quais, no nosso entendimento, são sinônimos de configuração territorial e dinâmica social, respectivamente.

Antes de prosseguirmos, façamos uma pausa para recapitular a definição de espaço sob a ótica das ciências naturais. Nos termos do matemático grego Euclides de Alexandria⁵⁸, tido como a primeira pessoa a descrever as propriedades do espaço, temos: uma área retangular composta por linhas retas, linhas paralelas e por ângulos retos formam o espaço⁵⁹. Esta abordagem ficou conhecida como Geometria Euclidiana, e foi desenvolvida por volta de 2000 anos atrás, tendo permanecida única até ser questionada pelo matemático alemão Carl Friedrich Gauss. Este matemático observou e comprovou que em espaços curvos existem outros tipos de geometria, ou em termos simples, havia outras formas de medir espaços, mas isto é assunto para teses, estudos em outras áreas do conhecimento, e nós prosseguiremos pensando espaço sob a ótica das Ciências Humanas ou Sociais, com ênfase na Geografia, chamada Ciências do Espaço do Homem.⁶⁰

Este espaço do “homem” é também um território ou campo de lutas, nos termos do urbanista Henri Lefebvre, entre outros marxistas, ou ainda onde grupos humanos entram em

⁵⁷ SANTOS, Milton. (2014). *Metamorfoses do Espaço Habitado*: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. São Paulo, 6ª edição, 2ª reimpressão, Edusp.

⁵⁸ Revista *SUPERINTERESSANTE* – Online. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/livro-da-semana-os-elmentos-de-euclides-de-david-berlinski/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁵⁹ Extraído do documentário “Tudo e nada: a ciência surpreendente do espaço vazio” (Everything and Nothing – BBC 2011). Dirigido por Nic Stacey. Apresentado pelo cientista iraquiano Jim Al-Khalili da Universidade de Surrey. Disponível na plataforma de streaming Amazon Prime Disponível em: <https://www.primevideo.com/detail/0GUQSBIBW5ACQOHXFFYWX408P/ref=atv_dp_share_cu_r> ou ainda em: <https://www.blogs.unicamp.br/massacritica/2011/04/21/tudo_e_nada/>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁶⁰ SANTOS, Milton. (2014). *Metamorfoses do Espaço Habitado*: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. São Paulo, 6ª edição, 2ª reimpressão, Edusp, p. 39.

contato, competição, conflito, acomodação e eventual assimilação⁶¹, conforme teóricos da Escola Sociológica de Chicago.

Um componente muito importante do espaço é a distância, comumente medida entre dois pontos, conforme as noções ou propriedades da geometria euclidiana. Porém, no nosso caso, distância pode implicar segregação, falta de “acesso” a bens públicos ou ainda “exposição” a riscos de morte, etc. Segundo Logan,⁶² distância é definido como “a localização de algo em relação a um outro algo”⁶³, e é esta distância que define as fronteiras (*boundaries*).⁶⁴ Ao conceito de distância⁶⁵, soma-se ainda o conceito de escala e pode-se analisar como “processos de globalização organizados numa escala supranacional podem reduzir a importância relativa das fronteiras nacionais e acentuar aglomerações regionais e redes de cidades.”⁶⁶

Antes de retomarmos os “fixos e fluxos,”⁶⁷ tragamos mais um item para à mesa, a fim de melhor analisarmos, testarmos a hipótese da “produção social do espaço” como fator preponderante para os ciclos de degradação e “revitalização” no bairro da Liberdade – SP. O conceito de “lugar” (*place*), dentro do espaço, e suas realidades são explorados por Logan et al⁶⁸ onde é afirmado que “um lugar é definido tanto quanto por seu posicionamento numa rede organizacional particular – política, econômica, e cultural – como por sua composição física e configuração topográfica. Os lugares não são ‘descobertos’, [...]; as pessoas os constroem enquanto uma atividade prática.”⁶⁹

Os referidos autor e obras ainda afirmam sobre “lugar”, quero crer que de maneira crítica e/ou sarcástica, que a ação política, envolvendo tanto indivíduo e esforços coletivos, cria

⁶¹ ELLIS et al. (2004). *Work Together, Live Apart?* Geographies of Racial and Ethnic Segregation at Home and at Work.

⁶² LOGAN, John R. (2012). *Making a Place for Space: Spatial Thinking in Social Science*. The Annual Review of Sociology. DOI: 10.1146/annurev-soc-071811-145531., pp. 507-524.

⁶³ “distance – the location of something in relation to something else...” (*Idem, ibidem.*, p. 511).

⁶⁴ *Idem, ibidem.*, p. 517.

⁶⁵ Sobre pensamento espacial Logan diz ainda “que distancia, proximidade, exposição e acesso são críticos” na teorização de pensamento espacial, e que todos os itens mencionados têm suas raízes em localizações relativas. Do original: “Concepts that are critical to spatial thinking – distance, proximity, exposure, and access – are all rooted in relative locations.” (*Idem, ibidem.*, pp. 508-509).

⁶⁶ (BRENNER, 2004 Apud. LOGAN, John R. (2012). *Making a Place for Space: Spatial Thinking in Social Science*. The Annual Review of Sociology. DOI: 10.1146/annurev-soc-071811-145531., p. 521)

⁶⁷ SANTOS, Milton. (2014). *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*. São Paulo, 6ª edição, 2ª reimpressão, Edusp,

⁶⁸ LOGAN, John R (1987). *Urban Fortunes: The Political Economy of Place*, Berkeley, University of California Press.

⁶⁹ Do original: “A place is defined as much by its position in a particular organizational web – political, economic, and cultural – as by its physical makeup and topographical configuration. Places are not ‘discovered’, [...]; people construct them as a practical activity.” (*Idem, ibidem.* 1987, pp. 43-44).

hierarquias e que quando analisadas sob a ótica do pensamento funcionalista, pode-se conectar duas teorias de estratificação:

Os indivíduos mais talentosos chegam ao topo usando suas habilidades para desenvolver os melhores lugares e maximizar o potencial geográfico. As pessoas migram para aquelas áreas que melhor podem usufruir das suas habilidades específicas, o que inclui a migração das pessoas mais talentosas para os pontos mais cruciais. O sistema, como um todo, garante os triunfos das pessoas mais aptas e dos lugares mais aptos, resultando numa sociedade mais eficiente. Tudo funciona porque [...] as melhores pessoas ajudam a sociedade obter o melhor das melhores localizações. Nós temos uma forma diferente de explicar estes dois sistemas de hierarquia e como eles estão conectados. Mercados entre indivíduos são estruturados socialmente (dado oligopólio, racismo, herança, e daí por diante). As pessoas ricas usam suas riquezas para enviar suas crianças para boas escolas, para prover a si mesmo com a melhor assistência médica, e para evitar que outras pessoas usurpem os seus privilégios(...)⁷⁰

Nesse sentido, pode-se afirmar de maneira categórica, seja pela ótica funcionalista, seja pela ótica dialética, que grupos humanos instalados em estamentos socioeconômicos privilegiados exercem seus poderes para criar o melhor para si, neste caso “revitalização”, ao mesmo tempo que criam ou mantêm degradação espacial simbólica e/ou física para outros grupos humanos. Nos termos do geógrafo Milton Santos, trata-se das dinâmicas sociais (fluxos) atuando sobre as configurações territoriais (fixos) fazendo com que alguns grupos vivam e bem, enquanto outros grupos são deixados para morrer. Como mencionado no início desta tese, é o poder de “fazer viver e deixar morrer”, ou ainda “fazer ‘revitalizar’/gentrificar e deixar degradar”, parafraseando Michel Foucault na sua biopolítica, ou ainda o pensador camaronês Achille Mbembe na sua necropolítica.

1.3 A Teoria de Transição Étnico-Racial de Vizinhanças⁷¹ (GOTHAM)

(...) corremos o risco de afirmar que foi esse o primeiro passo para uma ‘transição étnico-racial’ em São Paulo. Vizinhanças que anteriormente eram habitadas por

⁷⁰ Do original: “The most talented individuals rise to the top as they use their skills to develop the best place to maximize geographical potential. People migrate to those areas that can best use their particular skills, which includes the migration of the most talented people to the most crucial spots. The overall system secures the triumphs of the fittest people and the fittest places, resulting in a maximally efficient society. It all works because, [...] the best people help society get the most out of the best locations. We have a different way of explaining the two systems of hierarchy and how they are connected. Markets among individuals are socially structured (given oligopoly, racism, inheritance, and so forth). Rich people use wealth to send their children to good schools, to provide themselves with excellent health care, and to keep others from usurping their privileges...” (LOGAN, John R (1987). *Urban Fortunes: The Political Economy of Place*, Berkeley, University of California Press., p. 48).

⁷¹ 4 (quatro) momentos da “teoria de transição étnico-racial em vizinhanças” (GOTHAM, Kevin Fox. (2002), *Beyond Invasion and Succession: School Segregation, Real Blockbusting, and the Political Economy of Neighborhood Racial Transition*, In *City Community*, v.1, nº1, mar., pp.83-111, American Sociological Association, Washington, DC. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1540-6040.00009/pdf>>. Acesso em 22 de jul 2021.) no bairro da Liberdade: (1) 2ª metade do século XIX: Africanos e seus descendentes escravizados e Fazendeiros Cafeeiros (Barões do Café); (2) 1ª metade do século XX: Fazendeiros Cafeeiros, Imigrantes Europeus e Asiáticos (Japoneses e Coreanos); (3) 2ª metade do século XX : Migrantes nacionais: Mineiros e Nordestinos; e (4) Dias atuais: Descendentes de migrantes nacionais, Imigrantes Africanos, Haitianos e Bolivianos (Andinos).

*‘negros recém-libertos, mulatos, caipiras, pardos, mamelucos, índios e brancos (pobres), ralé que cresceu e vagou ao longo de quatro séculos (ROLNIK, 1981), então receberam grandes contingentes europeus, os quais fugiam das duras condições do trabalho nas lavouras de café no interior paulista. O plano de embranquecer São Paulo ‘começava a dar certo’.*⁷²

Flávio Villaça⁷³ afirma que “quando a elite sai, a pobreza toma conta”⁷⁴ (MIMEO), e essa é talvez a frase mais curta e direta que, de forma bastante simplória, sintetiza o cerne da referida teoria. Contudo, a questão é bem mais complexa.

Inicialmente vista de forma binária, era também chamada de “*white flight*”, e descrevia “a fuga dos brancos para os subúrbios” que “virtualmente esvaziou as cidades de famílias de classe média com filhos,”⁷⁵ reelabora este quadro de análise, e o que antes era conhecido como “invasão/sucessão”, passa a ser chamado de “teoria de transição étnico-racial de vizinhanças”⁷⁶.

Na atual configuração, o autor afirma que “quando um grupo de baixo status ‘invade’ a vizinhança de um grupo de alto status, este último enxerga tal ato como uma ameaça ao seu status social e se muda, permitindo ao grupo de baixo status que o ‘suceda’”⁷⁷.

A decisão de escolher onde morar e qual a configuração étnica da vizinhança é, em larga medida, visto como uma prática de pessoas/grupos supremacistas e/ou racistas, porém na nossa dissertação de mestrado (2013-2016)⁷⁸, nossa pesquisa lança mão de 2 (duas) hipóteses para analisar o referido “comportamento”, que são (1) estigmas: “*culture of poverty*”⁷⁹, e (2) ideologias de dominação “...*racial segregation as essential to the maintenance of racial supremacy...*”⁸⁰. Grosso modo, perguntávamos se pessoas ou grupos de determinados segmentos étnicos ou ainda de classe econômica recusavam dividir seu espaço de moradia com

⁷² CUNHA, (2018, p. 214) In VÉRAS (2018).

⁷³ “Estabelecimentos como o Mappin, em São Paulo, que ainda atendiam à alta burguesia paulistana nos anos 50 tornaram-se lojas populares. As elites não se encontravam mais na rua do Ouvidor, [...]. O Mappin não saiu do lugar e foi obrigado a se popularizar.” (VILLAÇA, Flávio. (2012). *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo, NOBEL/FAPESP., p. 283)

⁷⁴ “Aquilo a que se chama ideologicamente de ‘decadência’ do centro é tão-somente sua tomada pelas camadas populares...” (*Idem, ibidem.*, p. 283)

⁷⁵ “Em consequência, já pelos anos 60, as áreas urbanas dos Estados Unidos estavam marcadas por divisões e problemas raciais, com uma entrada iníqua de recursos em detrimento dos bairros das minorias étnicas e raciais.” (*Idem, ibidem.*, p. 39).

⁷⁶ Do original: “*neighborhood racial transition*”.

⁷⁷ Tradução livre do autor desta tese. (GOTHAM, Kevin Fox. (2002). *Beyond Invasion and Succession: School Segregation, Real Blockbusting, and the Political Economy of Neighborhood Racial Transition*, In *City Community*, v.1, n°1, mar., pp.83-111, American Sociological Association, Washington, DC. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1540-6040.00009/pdf>>. Acesso em 22 de jul 2021, p. 84

⁷⁸ BIBLIOTECA DIGITAL – PUC-SP. Disponível em: <<https://tede.pucsp.br/handle/handle/19141>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁷⁹ LEWIS, Oscar. (2011). *The Children of Sanchez: Autobiography of a Mexican Family*. New York, Vintage Books – Random House LLC.

⁸⁰ HARRIS, Leslie M. (2003). *In the Shadow of Slavery – African Americans in New York City 1626-1863*, Chicago, The University of Chicago Press.

grupos “diferentes”, outsiders em função dos maus hábitos dos recém chegados, ou se o primeiro grupo (estabelecidos) escolheu a “segregação racial como essencial para a manutenção de supremacia racial”.

Também de forma praticamente binária, Malcolm Gladwell, um escritor inglês radicado nos EUA, escreveu:⁸¹

*(...) a expressão ficou popular nos anos 1970 e descrevia a mudança para os subúrbios de brancos que habitavam as cidades mais antigas do nordeste dos Estados Unidos. Quando o número de Afro Americanos numa determinada vizinhança atingia um certo ponto – 20% por exemplo – sociólogos observaram que a comunidade chegava ao seu limite: a maioria dos brancos se retiravam de imediato (...)*⁸²

Nosso autor,⁸³ embora adepto da Escola Sociológica de Chicago e/ou do Interacionismo Simbólico, afirma que o modelo “invasão/sucessão” negligenciou, não considerou “a identificação de atores chaves, interesses organizados, e forças institucionais⁸⁴” e, portanto, questiona a validade, metodologia e suposições do modelo em questão, sugerindo a elaboração de um quadro que vá além da crítica à teoria ecológica.

A esta altura, digo, após o início mais aprofundado do estudo do conceito ou teoria da produção social do espaço, impossível não concordar com a abordagem de Kevin Fox Gotham, pois agora sabemos dos possíveis resultados das interações entre “configuração territorial” e “dinâmica social”, entre “fixos” e “fluxos”.

Contudo, para efeitos didáticos, consideramos válido o uso da abordagem invasão/sucessão, ou melhor, da teoria de transição étnico-racial de vizinhanças, pois esta nos permite enxergar, fotografar, mesmo que de forma superficial, o comportamento individual ou grupal numa determinada sociedade; nos permite “analisar” como se dá a comunicação, o intercâmbio de significados por meio de linguagens e símbolos, que é entendida de que forma as pessoas fazem sentido dos seus mundos sociais.

⁸¹ Malcolm Gladwell, um escritor inglês radicado nos EUA, escreveu (GLADWELL, *Malcolm*. (2009), *The Tipping Point: How Little Things Can Make a Big Difference*, New York, Back Bay Books/Little, Brown & Company., p. 12)

⁸² Tradução livre do autor desta tese. “The expression first came into popular use in the 1970s to describe the flight to the suburbs of whites living in the older cities of the American Northeast. When the number of incoming African Americans in a particular neighborhood reached a certain point – 20 percent, say – sociologists observed that the community would ‘tip’: most of the remaining whites would leave almost immediately.”

⁸³ GOTHAM, Kevin Fox. (2002). *Beyond Invasion and Succession: School Segregation, Real Blockbusting, and the Political Economy of Neighborhood Racial Transition*, In *City Community*, v.1, n°1, mar., p.83. American Sociological Association, Washington, DC. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1540-6040.00009/pdf>>. Acesso em 22 de jul 2021.

⁸⁴ (*Idem*, *ibidem*., p. 83)

Em resumo e por hora, a referida teoria⁸⁵, abordagem nos permitiu identificar a entrada e/ou saída de grupos étnico-raciais⁸⁶, sociais nas áreas de estudo, desde o final do século XIX até os dias atuais.

Logan (MIMEO), fazendo alusão a Ernest Burgess (Escola Sociológica de Chicago), diz que “padrões espaciais persistem”⁸⁷ e que “grupos étnicos ainda se retiram de áreas centrais, ‘inner circles’ em direção concêntrica, porém os negros ainda ficam para trás.”⁸⁸

Ficar para trás, “*to be left behind*”, é com certeza o efeito mais maléfico da referida tese, teoria, hipótese, pois fica evidente que apenas grupos sociais ou étnico-raciais que não possuem mobilidade socioeconômica permanecem ou se mudam para áreas “desequipadas” ou em processo de “desequipação”, fazendo aqui alusão a um conceito/termo explorado em outro item desta tese, ou ainda degradação, deterioração, chamado por alguns Americanos de *run-down areas*.

Sobre o termo “inner circles”, que nos remete a “inner city”, e uma tentativa de traduzir ou explicar este último, diz-se comumente que é correspondente à periferia, como chamado no Brasil. Este autor/pesquisador afirma que área desequipada é a melhor definição. Um cidadão, acadêmico norte-americano, ao responder nosso survey deu a seguinte explicação:

(...) The literal definition is the area near the center of a city, but it also has sociological connotations. When we speak of the ‘inner city’ it’s often used as a euphemism for lower income residential districts within the center of the city [...] Comparatively, the ‘inner city’ and the periferia are different, primarily for geographical reasons. The ‘inner cities’ were created by urban flight. ‘White people’ left the cities for the suburbs because of the crime and the blight that was happening in the city. The periferia of Brazil is the suburb, some distance from the ‘inner city’. So basically the sociology of the ‘inner city’ and the periferia are similar, but one is the city and the other the suburb.⁸⁹

⁸⁵ Um pleno entendimento da “teoria de transição étnico-racial em vizinhanças” ajudaria na elucidação de como se dá a concentração geográfica de “minorias étnico-raciais”, como também na compreensão da “*rapidity of white flight and racial turnover in city neighborhoods*”⁸⁵ (

GOTHAM, Kevin Fox. (2002). *Beyond Invasion and Succession: School Segregation, Real Blockbusting, and the Political Economy of Neighborhood Racial Transition*, In *City Community*, v.1, nº1, mar., p.83, American Sociological Association, Washington, DC. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1540-6040.00009/pdf>>. Acesso em 22 de jul 2021).

⁸⁶ Conforme o item “gênese humana do bairro”: negros (pretos e/ou pardos), mestiços (de quaisquer grupos), ibéricos, italianos, japoneses, coreanos.

⁸⁷ Aula de 28/outubro/2019 do curso *Spatial Thinking in the Social Sciences* (SOC2610, Fall 19, S01), Departamento de Sociologia da Brown University. Disponível em: <<https://www.brown.edu/academics/sociology/people/john-logan> <https://www.brown.edu/academics/spatial-structures-in-social-sciences/s4-courses-and-workshops>>. Acesso em 22 de jul 2021.

⁸⁸ “*Spatial patterns persist. Ethnic groups still move out of central areas, inner circles to further, outer circle, but Blacks still remain behind.*”

⁸⁹ Albert Lawrence Borden Junior (MIMEO, May-2019). “...A definição literal é a área próxima ao centro de uma cidade, mas há também conotações sociológicas. Quando se fala de ‘inner city’ é geralmente um eufemismo para distritos/setores residenciais para pessoas de baixa renda dentro do centro de cidades. [...] Comparativamente, a

É difícil escolher qual a pior “causa” do “efeito” invasão-sucessão; se grupos com mobilidade deixando uma vizinhança, edificação porque conseguiram acumular capital para fazê-lo ou se porque alguns grupos sociais ou étnicos nunca possuem capital porque têm sido perseguidos de forma sistemática, mesmo não existindo legislação segregacionista. Conseguir transmitir esta leitura da cidade para segmentos afrodescendentes tem sido quase uma missão para este pesquisador, pois vejo tal teoria como uma métrica para mensurar o racismo contra os negros no Brasil, Estados Unidos etc.

De alguma forma, a teoria de transição étnico-racial de vizinhança está associada a outro controverso processo urbano, a gentrificação. Logan⁹⁰ diz que “invasão-sucessão” guarda alguma semelhança com gentrificação, porém difere no que diz respeito aos ganhos e perdas de alugueis, onde um grupo tende a ganhar e o outro a perder.⁹¹

Aprofundando neste tema, re-invasão foi o termo usado por London⁹² para explicar ou descrever gentrificação. Jovens “pioneiros urbanos” com recursos material e cultural voltando dos subúrbios anglo-americanos tendem/tenderiam a deslocar grupos com menos recursos dos seus lugares⁹³.

Se considerarmos o dito anteriormente sobre grupos que conseguem acumular capitais, e também lembrarmos o passado colonial e escravocrata do Brasil e EUA, somado ainda à uma “engenharia social”⁹⁴ que sabota o desenvolvimento de grupos não-europeus (à exceção de

‘inner city’ e a periferia são diferentes, primeiramente por razões geográficas. As ‘inner cities’ foram criadas pelas fugas (voos) urbanas. ‘Os brancos’ abandonaram as cidades e foram para os subúrbios por causa do crime e decadência/deterioração urbana em curso na cidade. A periferia do Brasil é o subúrbio, distante do ‘inner city’. Então, basicamente a sociologia da ‘inner city’ e da periferia são similares, porém uma é a cidade (centro) e a outra é o subúrbio.”

⁹⁰ LOGAN, John R (1987). *Urban Fortunes: The Political Economy of Place*, Berkeley, University of California Press., p. 116)

⁹¹ Do original: “*Racial Change: Neighborhood racial change resembles gentrification in its gradual nature, although it differs from gentrification as well as from other types of neighborhood transformation in its implications for rent returns and in the social groups it damages and helps. Blacks, including poor ones, make gain as whites, after evaluating their options, cede the neighborhood to black residency.*” (p.116).

⁹² London (1980)

⁹³ Do original: “Gentrification. Poor neighborhoods are directly threatened by ‘gentrification’, the ‘re-invasion’ (LONDON, 1980) of the central city by affluent young ‘urban pioneers’, who displace the less affluent from urban locations. Real estate firms or individual buyers acquire buildings, which they upgrade, either for their own use or for sale to another. The neighborhood is often taken gradually, building by building, block by block, but the outcome – in which a certain kind of neighborhood is destroyed – can be just as complete as in wholesale urban renewal...” (Op. cit., p. 115).

⁹⁴ Associamos a este termo o legado da escravidão + fatores pós-escravidão de privação e discriminação (RYAN, William. (1976). *Blaming the Victim* (Revised), New York, Vintage Books Edition., pp. 75-76). O referido autor cita Elizabeth Herzog que afirma que a discriminação no período pós-escravidão é a verdadeira responsável por todos os males que assolam as populações afro-americanas, sendo ainda mais danoso do que séculos de escravização e afetando todas as facetas da vida, como ocupação/profissão, educação, renda, habitação, alimentação, saúde e moralidade, status social, autorrespeito, etc. Do original: “Yet it does not follow that They

alguns asiáticos – japoneses, coreanos, e mis recentemente chineses), podemos inferir que os referidos “pioneiros urbanos” são europeus/brancos e ricos.

Contudo, por mais que haja muito de injustiça social somada ao longo da história no pós-escravidão, é importante lembrar das variáveis “cultura de pobreza”⁹⁵ e “supremacia racial”⁹⁶ quando da produção do espaço para moradia, entre outras finalidades.

O antropólogo Maurício Fernandes de Alcântara descreve gentrificação como “jovens profissionais com alto poder aquisitivo que têm maior poder de escolha de onde morar, reivindicar e fomentar serviços desejáveis em seu entorno, incluindo lazer e bens culturais (...).⁹⁷” Ele ainda associa gentrificação à *hipsterização*, e explica o porquê da sua escolha sobre uma categoria analítica e outra política para tratar do tema. Haveria ainda duas abordagens, a 1ª: liberal-humanista, culturalista, ou sociocultural, afirma que gentrificação é um reflexo de transformações ocorridas em grandes centros urbanos num período posterior a “falência” do modelo econômico industrial, onde a área de serviços passa a ocupar um papel mais relevante nas cidades modernas, globais; a 2ª: marxista-estruturalista ou economicista, explica a gentrificação por meio do papel de agentes do capital financeiro e o Estado. Alcântara ao citar Neil Smith⁹⁸ escreveu “que a chegada de pessoas de alta renda não é a causa da gentrificação, mas a consequência do afluxo do capital nestas regiões⁹⁹.” Contudo, este autor destaca, também, uma precarização e degradação induzida com o intuito de obter maiores ganhos de capital por meio da requalificação de algumas áreas que atrairão novos moradores/inquilinos/proprietários com maior poder aquisitivo.¹⁰⁰

might be ascribed primarily to the legacy of slavery rather than the hundred years since slavery. It seems more likely that differences between low-income white and Negro families, beyond that explained by income alone, may be attributed primarily to postslavery factors of deprivation and discrimination affecting every facet of life: occupation, education, income, housing, nutrition, health and morality, social status, self-respect – the document list is long and the documenting references myriad.” (RYAN, William. (1976). *Blaming the Victim* (Revised), New York, Vintage Books Edition., pp. 75-76).

⁹⁵ LEWIS, Oscar. (2011). *The Children of Sanchez: Autobiography of a Mexican Family*. New York, Vintage Books – Random House LLC.

⁹⁶ HARRIS, Leslie M. (2003). *In the Shadow of Slavery – African Americans in New York City 1626-1863*, Chicago, The University of Chicago Press.

⁹⁷ ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. (2018). *Gentrificação e “hipsterização”: um estudo sobre a Vila Buarque* (São Paulo, Brasil). *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, v2, n6, pp.31-48, novembro de 2018. ISSN 2526-4702. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/sociabilidadesurbanas/>>. Acesso em 22 de jul. 2021. 2018: 33 passim).

⁹⁸ Alcântara ao citar Neil Smith (1979)

⁹⁹ Op. cit., p. 34.

¹⁰⁰ *Idem*.

1.4 A Biopolítica de Michel Foucault¹⁰¹

*E eu creio que, justamente, uma das mais maciças transformações do direito político no século XIX, consistiu, não digo exatamente em substituir, mas em completar esse velho direito de soberania – **fazer morrer ou deixar viver** – com outro direito novo, que não vai apagar o primeiro, mas vai penetrá-lo, perpassá-lo e modificá-lo, e que vai ser um direito, ou melhor, um poder exatamente inverso: poder de ‘fazer’ viver e de ‘deixar’ morrer¹⁰²*

Sintetizado por meio do teorema¹⁰³ “fazer viver e deixar morrer”, o conceito de Biopolítica é entendido por alguns estudiosos do tema como “uma tecnologia de poder constituída na modernidade”, e controlada e gerida pelos “detentores”¹⁰⁴ do poder, aqui chamados por nós de “soberanos” ou os planejadores das cidades modernas, os grupos de interesse no comando da urbe.

Anteriormente, até os tempos medievais, os soberanos exerciam o poder sobre a morte, determinando quem deveria ser executado, e deixando viver os outros, portanto poder de “fazer morrer e deixar viver”¹⁰⁵. Com o “surgimento” da modernidade como ruptura, nos termos de David Harvey¹⁰⁶, surge também o Estado moderno e as necessidades de ferramentais de gestão pública, controle, “um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc¹⁰⁷.”

Essa tecnologia de poder é chamada também de “racismo de Estado” pelo próprio Foucault, pois auxilia os soberanos da cidade, caso da nossa tese, a discriminar, estabelecer

¹⁰¹FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade: Curso no Collège de France* (1975-1076). Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999, pp.285-287. In BAZZANELLA, Sandro Luiz et al. (2011), “O conceito de política em Hannah Arendt e sua acepção biopolítica em Foucault: Manifestações no poder legislativo do município de Canoinhas/SC.”, Revista Húmmus, Nº 1, Jan/Fev/Mar/Abr. ISSN: 2236-4358.

¹⁰²FOUCAULT, 1999 In BAZZANELLA, Sandro Luiz et al. (2011). *O conceito de política em Hannah Arendt e sua acepção Biopolítica em Foucault: Manifestações no poder legislativo do Município de Canoinhas/SC*. São Luís: Revista Húmus, v.1, nº1, Jan./Fev./Mar./Abr. ISSN 2236-4358 pp. 66-80. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1642>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

¹⁰³Na Matemática, um teorema é definido como uma proposição teórica, uma afirmação, ou fórmula que pretende provar algo, cf.: DICIONÁRIO.COM. Disponível em:<<https://www.dictionary.com/browse/theorem>>. Acesso em 22 de jul. 2021. Nosso propósito aqui é chamar a atenção dos/as leitores/as para um importante fragmento do pensamento de Michem Foucault. É de conhecimento público que uma teoria difere de um teorema por meio da profundidade e abrangência das suas explicações. Saiba mais: em REVISTA GALILEU. Disponível em:<<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2020/08/matematica-entenda-diferenca-entre-axioma-teorema-e-teoria.html>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

¹⁰⁴Para Foucault, o poder não se detém, e sim se exerce.

¹⁰⁵“... ‘biopoder’ – poder que se aplica globalmente à população, à vida e aos vivos. Foi na tentativa de estabelecer uma ‘genealogia’ desse poder que Foucault se interrogou depois sobre a ‘governabilidade’, poder que se exerceu, desde o fim do século XVI, através dos dispositivos e das tecnologias da razão de Estado e do ‘policimento’...”(Op. cit., p. 233)

¹⁰⁶HARVEY, David. (2015). *Paris, capital da modernidade*. São Paulo, Boitempo Editorial.

¹⁰⁷FOUCAULT, Michel. (2018). *Em defesa da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes., p. 204.

critérios e parâmetros para definir quem receberá os vários tipos de atenção do Estado, as políticas públicas, etc.

Considerando que esta tese não é sobre Ciência Política, nós não nos arriscaremos muito, e iremos lançar mãos de alguns poucos argumentos, conceitos, autores para nos auxiliar a entender, de forma crítica, os porquês das degradações vis-à-vis as “revitalizações” nos diferentes e vários bairros, distritos, vizinhanças de cidades como São Paulo e Nova York.

O que de tão “eficaz” é feito por parte dos “soberanos” da cidade que implica em “desequipamento” ou o não-equipamento de setores urbanos, ao passo que outros setores são plenamente equipados? Há alguma forma de reação por parte dos “não-escolhidos”, dos outsiders¹⁰⁸ que possa reverter o poder de “fazer revitalizar/gentrificar e deixar degradar”?

Foucault¹⁰⁹ fala da anatomopolítica e das tomadas de poder, onde a 1ª etapa é individualizante e a 2ª etapa, de tomada de poder, é massificante (p.204). Em termos simples, após um corpo, um indivíduo ter sido dominado, segue-se para o controle da(s) massa(s), quando todo um conjunto de corpos, indivíduos, muito provavelmente pertencente a algum grupo étnico-racial ou estamento social em particular, estará dominado, sob o poder e tiranos das urbes. Foucault diz que a referida tecnologia, a biopolítica, é constituída “de um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc...” donde pode-se inferir a(s) forma(s) que indivíduos e/ou massas submergem ao controle tirânico de fortes e opressores grupos de interesse, neste estudo chamados de “soberanos”. Se trouxermos para esta equação os “fatores pós-escravidão de privação e discriminação,¹¹⁰” poderemos entender facilmente uma considerável parte das degradações, sejam elas simbólicas ou físicas, pois um indivíduo, um núcleo familiar, uma edificação vertical, um quarteirão ocupado por pessoas sob tais condições, ou seja, sem acesso a “ocupação/profissão, educação, renda, habitação, alimentação, saúde e moralidade, status social, autorrespeito, etc., dificilmente escapará das armadilhas dos tiranos, ou ainda dos efeitos negativos das dinâmicas sociais perpetradas nas configurações territoriais, parafraseando o renomado geógrafo brasileiro Milton Santos, ou ainda “as dificuldades de todo o dia” nos termos de Helio Santos¹¹¹, explicitados da seguinte forma:

¹⁰⁸ ELIAS, Norbert et al. (2000). *Os Estabelecidos e os Outsiders*: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, Rio de Janeiro, Ed.Zahar.

¹⁰⁹ FOUCAULT, Michel. (2018). *Em defesa da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes.

¹¹⁰ RYAN, William. (1976). *Blaming the Victim* (Revised), New York, Vintage Books Edition., pp. 75-76.

¹¹¹ SANTOS, Helio. (2001). *A Busca de um Caminho para o Brasil: A Trilha do Círculo Vicioso*, São Paulo, Editora SENAC.

(...) Ora, se o salário aviltante de ex-escravo não lhe permitia sobreviver e se ainda tinha dificuldades em conseguir emprego junto com os demais trabalhadores brancos, outro não poderia ter sido o seu destino: a imobilidade social e econômica¹¹².

Ainda sobre a faceta “ocupação/profissão, renda, emprego,¹¹³¹¹⁴” citamos Bernardo,¹¹⁵ onde o seguinte é descrito:

(...) As oportunidades de trabalho para eles (negros – grifo nosso) na cidade foram rareando, desde fins do século XIX. ‘No período em que as famílias dos fazendeiros paulistas começam a fixar residência em São Paulo e em que se acentua a diferenciação do sistema econômico da cidade, o liberto defrontou-se com a competição do imigrante europeu, que não temia a degradação pelo confronto com o negro e absorveu, assim, as melhores oportunidades de trabalho livre e independente (mesmo as mais modestas como a de engraxar sapatos, vender jornais ou verduras, transportar peixe ou outras utilidades, explorar o comércio de quinquilharias, etc.). Quando se acelera o crescimento econômico da cidade, ainda nos fins do século XIX, todas as posições estratégicas da economia artesanal e do pequeno comércio urbano eram monopolizadas pelos brancos e serviram como trampolim para as mudanças bruscas de fortuna que abrilhantam a crônica de muitas famílias estrangeiras. Eliminado para os setores residuais daquele sistema, o negro ficou à margem do processo, retirando dele proveitos personalizados, secundários e ocasionais¹¹⁶.

Diante de um quadro de exclusão histórica, crônica, persistente, qual a governabilidade do dominado? O que ele/ela pode fazer com o que fizeram com ele/ela, fazendo alusão a uma frase atribuída a Jean Paul Sartre? Como enfrentar, reverter esta “tecnologia de poder”¹¹⁷ essas relações de poder?

Fazendo referência ao que este autor-pesquisador se refere como “engenharia-reversa” em outro item/capítulo desta tese, detalhamos que Foucault afirma que sempre há resistência onde há poder.¹¹⁸ Em termos literais: (...) desde que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Nunca somos pegos na armadilha pelo poder: sempre podemos modificar-lhe o domínio, em determinadas condições e segundo uma estratégia precisa(...).¹¹⁹ Esse autor diz que há um enfrentamento mútuo entre poder e resistências, fazendo-se uso de “táticas mutáveis, móveis, múltiplas, num campo de relações de força cuja lógica é menos aquela, regulamentada e codificada, do direito e da soberania, do que aquela, estratégica e belicosa, das lutas¹²⁰.”

¹¹² SANTOS, Helio. (2001). *A Busca de um Caminho para o Brasil: A Trilha do Círculo Vicioso*, São Paulo, Editora SENAC., p. 84.

¹¹³ RYAN, William. (1976). *Blaming the Victim* (Revised), New York, Vintage Books Edition.

¹¹⁴ Op. cit.

¹¹⁵ BERNARDO, Teresinha. ([1998]; 2007). *Memória em branco e negro: Olhares sobre São Paulo*, São Paulo, EDUC.

¹¹⁶ *Idem, ibidem.*, p.121.

¹¹⁷ FOUCAULT, Michel. (2018). *Em defesa da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes., p. 206.

¹¹⁸ *Idem, ibidem.*, p.238.

¹¹⁹ *Idem, ibidem.*, p.239.

¹²⁰ *Idem, ibidem.*, pp: 239-240.

Portanto, com base no anteriormente descrito, acredito haver formas e possibilidades de reação por parte dos outsiders¹²¹ de maneira a fazer frente ao chamado “racismo de Estado”, seja esse “Estado” público ou privado, que discrimina e estabelece critérios e parâmetros para definir quem recebe os equipamentos, políticas públicas ou privadas dos “Estados” que exercem os “podres poderes”, parafraseando Caetano Veloso, conceituado cantor e compositor brasileiro.

1.5 Os Contratualistas: Contrato Social, Leviatã / Estado, Governo

1.5.1 Contrato Social ou Leviatã?

*(...) encontrar uma forma de associação que defenda e proteja com toda a força comum a pessoa e os bens de cada associado, e por meio da qual cada um, ao se unir a todos, somente obedeça a si mesmo e permaneça tão livre quanto antes (...).*¹²²

Nosso objetivo é iniciar um “processo de reflexão”¹²³ sobre as degradações físicas e/ou simbólicas vis-à-vis processos de “revitalização”, gentrificação por meio de um olhar da Ciência Política, exatamente da biopolítica¹²⁴, nos termos do filósofo Michel Foucault, e também por alguns outros filósofos da política moderna, conhecidos como contratualistas¹²⁵.

Por que algumas regiões citadinas entram em processo de degradação? Quem deveria ser responsabilizado? Quem deveria corrigir tais falhas? Por que algumas regiões citadinas são escolhidas para programas de “revitalização” ou ainda gentrificação? Quem toma tais decisões? De onde vem os recursos econômicos, financeiros e/ou humanos para tal? Quem estabelece “contrato” com quem? Quem possui poder para “fazer degradar e deixar revitalizar/gentrificar”, ou ainda “fazer revitalizar/gentrificar e deixar degradar”? Por que as políticas públicas¹²⁶ não

¹²¹ELIAS, Norbert et al. (2000). *Os Estabelecidos e os Outsiders*: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, Rio de Janeiro, Ed.Zahar.

¹²² ROUSSEAU, Jean-Jacques. (2013). *Do contrato social*. São Paulo, Editora Martins Claret Ltda. , p. 27.

¹²³ “Os Soberanos da Cidade Moderna, a Biopolítica e a Produção Social Do Espaço”

¹²⁴ “... o conceito de Biopolítica evidenciado pelo Michel Foucault, diz respeito a uma tecnologia de poder constituída na modernidade. Esta tecnologia de poder apresenta-se como poder racionalizador que tem como objetivo primordial a otimização e a superação dos problemas que envolvem a vida da população. Utilizando-se de conhecimentos científicos provenientes das mais diversas ciências, da estatística, da demografia, ..., além de mecanismos como: sistema de vigilância, relatórios de inspeções, escriturações, tecnologias disciplinares no mundo do trabalho, constitui-se um poder de administrar, controlar a vida e a morte das populações...”. FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade*: Curso no Collège de France (1975-1076). Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999, pp.285-287. In BAZZANELLA, Sandro Luiz et al. (2011), “O conceito de política em Hannah Arendt e sua acepção biopolítica em Foucault: Manifestações no poder legislativo do município de Canoinhas/SC.”, Revista Húmmus, Nº 1, Jan/Fev/Mar/Abr. ISSN: 2236-4358

¹²⁵ Jean Jacques Rousseau e Thomas Hobbes

¹²⁶ Subárea da Ciência Política, a Política Pública é uma disciplina acadêmica surgida nos Estados Unidos e foca os estudos sobre ações de governos. São considerados seus Pais Fundadores os estudiosos H. Laswell, H. Simon, C. Lindblom e D. Easton. Embora não elencado como um dos fundadores da mencionada área do conhecimento e/ou disciplina acadêmica, Theodor Lowi criou uma tipologia sobre Política Pública, descrita da seguinte forma: (I) políticas distributivas (...decisões tomadas pelo governo, que desconsideram a questão dos recursos limitados,

alcançam todas as áreas de uma cidade? Por que seus soberanos não conseguem dividir suas benesses com todos seus súditos?

Usamos uma fala de Rousseau na epígrafe que abre este item, e tal fala é concluída com a frase “tal é o problema fundamental a que o contrato social oferece a solução¹²⁷.” Considerando que habitamos um Estado republicano (Brasil e Estados Unidos), onde seus cidadãos têm o direito de se engajar politicamente, o que ainda falta para a plena obtenção de direitos políticos por parte dos descendentes dos escravizados e dos povos originários no Brasil ou mesmo nos Estados Unidos? O que e como fazer para que as ferramentas políticas, que funcionam tão bem no quadrante sudoeste paulistano, possam ser também utilizadas em vários outros setores da cidade, de forma a evitar ou ainda corrigir processos de degradações simbólicas e/ou físicas? Haveria espaço para a construção de um novo contrato social capaz de garantir a melhor gestão possível da produção social do espaço (dinâmicas sociais + configurações territoriais)? Caso contrário, o que fazer? Deveria se aceitar as tiranias dos soberanos da cidade, desta forma vendo como normal a existência de uma *Elysium*¹²⁸, construída e mantida com as riquezas produzidas com o suor e sangue dos escravizados, explorados, enquanto enormes segmentos sociais seguem vivendo em áreas degradadas, superpopulosas, desequipadas, e ainda patrulhadas por agente públicos de segurança tiranos, exercendo o biopoder (poder sobre a morte), nos termos de Foucault?

Considerando o desenrolar da trama do referido filme hollywoodiano, como criar ou se apropriar de um programa, software, algoritmo que redefina as atuais situações¹²⁹, desta forma garantindo bem-estar a todos os cidadãos?

gerando impactos mais individuais do que universais, ao privilegiar certos grupos sociais ou regiões, em detrimento do todo.) ; (II) políticas regulatórias (...são mais visíveis ao público, envolvendo burocracia, políticos e grupos de interesse.); (III) políticas redistributivas (...atinge o maior número de pessoas e impõe perdas concretas e no curto prazo para certos grupos sociais, e ganhos incertos e futuros para outros; são, em geral, as políticas universais, o sistema tributário, o sistema previdenciário e são as de mais difícil encaminhamento.); e (IV) políticas constitutivas (...lidam com procedimento.).

¹²⁷ (p.27).

¹²⁸ Cf.: MUÑOZ, Pablo Gómez. (2018). Dystopias Go Global: “The Transnational Reorganization of Territories and Societies in Elysium” In *ELOPE – English Language Overseas Perspectives and Enquiries*, Vol.15, nº1 (2018), pp.: 111-125. DOI: 10.4312/elope.15.1.111, Ljubljana (Slovenia), University of Ljubljana. Disponível em <<https://revije.ff.uni-lj.si/elope/article/view/7908>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

¹²⁹ Neste item, fazemos alusão ao conceito “definição de situação”, primeiramente desenvolvido ou cunhado por William I. Thomas em “*Child in America: Behavior Problems and Programs*” (1928). Grosso modo, diz-se que “se [os] homens definem situações como reais, elas são reais nas suas consequências, porém não se deveria perder foco nos elementos reais, fatuais da situação. Do original: “...definition of the situation [...] the wide discrepancy between the situation as it seems to others and the situation as it seems to the individual that brings about the overt behavior difficult. [...] If men define situations as real, they are real in their consequences. [...] In the field of psychiatry the context becomes particularly significant, and it is desirable to have here a multiplication of records showing how situations are appreciated and motivate behavior, but the records should be made not without regard

O atual quadro urbano, sob nosso ponto de vista, com tantas contradições só nos permite afirmar que enormes contingentes urbanos seguem submetidos aos soberanos das urbes, enquanto deveriam estar sendo governados enquanto uma sociedade. “*Sempre haverá uma grande diferença entre submeter uma multidão e governar uma sociedade*”¹³⁰.

Por hora e enquanto não ocorrer uma espécie de “(re)definição de situação”, vários cidadãos tenderão a continuar viver em estado de guerra ou ainda sob a égide de Leviatã, nos termos de Hobbes,¹³¹ onde as pessoas, grupos sociais e/ou étnicos ainda estão em “estado natural”, desconhecendo ou ignorando leis e justiça, lançando mão das suas forças, astúcias para atrair e manter recursos que garantam vida, bem-estar apenas nas suas vizinhanças.

1.5.2 Estado, Governo

(...) o Estado Republicano é um sistema de governo que conta com cidadãos engajados, participando do governo juntamente com os políticos e os servidores públicos¹³².

Bresser-Pereira¹³³ afirma que o Estado Republicano, sinônimo de Estado Moderno “...é viável no contexto de uma sociedade civil ativa na qual são observados os princípios da democracia liberal, social e participativa ou deliberativa”¹³⁴.

to the factual elements in the situation.” (THOMAS, William I. & Thomas, Dorothy Swaine. (1928). *The Child in America: Behavior Problems and Programs*, New York, Alfred A. Knopf, MCMXXVIII., p. 572). Mais tarde Robert K. Merton cunharia o termo “teorema de Thomas”, fazendo alusão ao conceito “definição de situação”, associando-o a uma espécie de “profecia auto-realizável”. Merton, contudo, chama atenção para os riscos do reducionismo ou explicações de fatores únicos de fenômenos sociais concretos, ou seja, é crucial manter contato com a realidade ou ainda não esquecer do conceito de governabilidade, entendendo-o como “o que eu posso fazer (reagir) com os recursos disponíveis hoje”. Do original: “The episode also exhibits the risks involved in reductionist, single-factor explanations of a concrete social phenomenon...” (MERTON, Robert, K. (1995), *The Thomas Theorem and The Matthew Effect In Social Forces Journal* (Oxford University Press), V.74, nº 2, p. 380). Ainda sobre a profecia auto-realizável, como usado por Merton, saliento que alguns escritores, autores têm usado tal conceito para “antever” processos de degradação simbólica e/ou física, quase sempre associado a etnia de grupos já estigmatizados. Diz-se que determinada vizinhança ou edificação perderá valor de mercado pois os novos moradores não saberiam se comportar de maneira adequada. Outros autores chamaram tal fala de “culpabilização da vítima” (victim blaming), cf.: William Ryan. Do original: “A self-fulfilling prophecy is a prediction that directly or indirectly causes itself to become true, by the very terms of the prophecy itself, due to positive feedback between belief and behavior...”. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Self-fulfilling_prophecy#cite_note-SFP-48-1>. Acesso em 22 de jul. 2021. Nosso propósito aqui é pensar a possibilidade de um “real” levante por parte dos cidadãos ainda não atendidos pelos soberanos das urbes modernas, e desta forma obter um novo e efetivo contrato social, nos termos de Rousseau. (THOMAS, William I. & Thomas, Dorothy Swaine. (1928). *The Child in America: Behavior Problems and Programs*, New York, Alfred A. Knopf, MCMXXVIII.; MERTON, Robert, K. (1995). *The Thomas Theorem and The Matthew Effect In Social Forces Journal* (Oxford University Press), V.74, nº 2

¹³⁰ ROUSSEAU, Jean-Jacques. (2013) *Do contrato social*. São Paulo, Editora Martins Claret Ltda. , p. 25.

¹³¹ HOBBS, Thomas. (2003) *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de uma República Eclesiástica e Civil*. São Paulo, Martins Fontes.

¹³² BRESSER-Pereira, Luiz Carlos. *O Surgimento do Estado Republicano*. Porto Alegre: Lua Nova, 2004.

¹³³ *Idem*.

¹³⁴ *Idem, ibidem.*, p.132.

Esse mesmo autor afirma ainda que é esse o sistema de governo que torna um Estado forte para garantir os direitos sociais, combatendo o desemprego e a desigualdade econômica; os direitos civis, que protegem a vida, a propriedade e a liberdade, e assegura que cada cidadão seja tratado com respeito. Nos termos do referido autor, é somente por meio do Estado Republicano que se consegue proteger o patrimônio público contra a captura privada que vem em busca de rendas, os *rent-seekers*, rentistas, os quais tendem a ser ambiciosos e poderosos grupos de interesse, pressão. Uma das condições para a existência e manutenção do referido modelo de Estado é a constituição de uma sociedade civil ativa, pautada por princípios da democracia liberal, social e participativa ou deliberativa.

Tudo isto nos faz pensar ainda mais, pois como é possível “termos chegado” (?) ou estarmos nas atuais condições, quais sejam, total precariedade em termos de políticas públicas para determinados grupos sociais e/ou étnicos em cidades brasileiras, norte americanas¹³⁵, considerando que estamos sob o manto de um Estado Republicano? O que impede que direitos civis, que protegem a vida, a propriedade e a liberdade, e assegura que cada cidadão seja tratado com respeito, não alcancem mulheres, indígenas, negros, lgbtqi+, entre outros grupos perseguidos de forma sistemática?

Considerando muito mais questionamentos do que o fornecimento de respostas, associamos ao nosso referencial teórico¹³⁶ inicial o receituário da Ciência Política, especificamente a biopolítica de Michel Foucault e os Contratualistas (Jean Jacques Rousseau e Thomas Hobbes), visando o despertar para o que consideramos óbvio, ou seja, o cumprimento de contratos sociais entre poder público¹³⁷ e sociedade civil¹³⁸ (PPA/LDO/LOA/PLANO DIRETOR), desta forma fechando o ciclo de proposição e entrega de políticas públicas que atuem diretamente na prevenção e/ou correção de processos de degradação física e/ou simbólica em cidades modernas.

¹³⁵ E/ou em quase todos os países nas Américas que passaram pelos processos históricos de colonização e/ou escravidão.

¹³⁶ “Teoria de Transição Étnico-Racial de Vizinhos” (GOTHAM, Kevin Fox. (2002) *Beyond Invasion and Succession: School Segregation, Real Blockbusting, and the Political Economy of Neighborhood Racial Transition*, In *City Community*, v.1, nº1, mar., pp.83-111, American Sociological Association, Washington, DC. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1540-6040.00009/pdf>>. Acesso em 22 de jul 2021) e “Produção Social do Espaço” (GOTTDIENER, Mark. (2010) *A produção social do espaço urbano*. São Paulo, Edusp.;

SANTOS, Milton. (2014) *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*, São Paulo, 6ª edição, 2ª reimpressão, Edusp.

¹³⁷ Nos casos do Brasil e dos Estados Unidos, um Estado republicano.

¹³⁸ Em todo seu espectro político.

Ainda sob Foucault e falando sobre Estado e formas de governo, é importante ressaltarmos o conceito de governamentalidade. Oliveira,¹³⁹ uma pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGF/IFCS) interpretou o referido conceito da seguinte forma:

Conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança (...) (IDEM: p.49)

Com base na definição acima, acreditamos ser possível inferir que se existe uma ferramenta ou um poder capaz de neutralizar o lado necropolítico¹⁴⁰ da Biopolítica, essa ferramenta é a governamentalidade, por meio da qual os princípios da democracia liberal, social, participativa e deliberativa¹⁴¹ serão observados e também haverá a garantia da proteção do patrimônio público contra a ruptura privada, ou ainda quando as políticas públicas, a serem tratadas no próximo item, serão entregues para todos os quadrantes de São Paulo, Nova York, etc.

1.6 Políticas Públicas

Dentro do campo específico da política pública, alguns modelos explicativos foram desenvolvidos para se entender melhor como e porque o governo faz ou deixa de fazer alguma ação que repercutirá na vida dos cidadãos¹⁴².

“Um conjunto de ações do governo que irão produzir efeitos específicos;¹⁴³” “a soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou através de delegação, e que influenciam a vida dos cidadãos;¹⁴⁴” “a que o governo escolhe fazer ou não fazer,¹⁴⁵” etc., são algumas definições de políticas públicas,¹⁴⁶ que nos ajudam nos questionamentos feitos anteriormente, e nos permite inferir, por ora, que degradações físicas e/ou simbólicas são resultados de decisões de poderosos grupos de interesse nas cidades modernas mundo afora. A produção social do espaço somada à biopolítica compõe os “Contratos Sociais” editados por atores citadinos de grande poder político, econômico e cultural, determinando quem fica em qual parte da cidade,

¹³⁹ OLIVEIRA, Lorena Silva. (2019) O conceito de governamentalidade em Michel Foucault. *Revista Ítaca*, nº 34 (2019). pp.: 48-72, Rio de Janeiro, PPGF/IFCS – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/26395>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

¹⁴⁰ Fazendo referência ao filósofo Camaronês Achille Mbembe.

¹⁴¹ BRESSER-Pereira, Luiz Carlos. *O Surgimento do Estado Republicano*. Porto Alegre: Lua Nova, 2004., p. 132.

¹⁴² SOUZA, Celina. Políticas Públicas: Uma revisão de literatura. In: *Sociologias*. Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez, 2006., p. 28.

¹⁴³ Lynn (1980);

¹⁴⁴ Peters (1986);

¹⁴⁵ Dye (1984),

¹⁴⁶ Souza, Celina. Políticas Públicas: Uma revisão de literatura. In: *Sociologias*. Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez, 2006., p.24

e quais devem ser as condições físicas e/ou simbólicas para cada setor geográfico, quadrante, vizinhança e seus habitantes, “ocupantes”.

Ainda de forma bastante incipiente, cogitamos levantar a hipótese de que os “contratos sociais”¹⁴⁷ estabelecidos entre os soberanos municipais e seus súditos, mesmo quando produzidos de forma justa, não são levados à cabo, desta forma produzindo e/ou mantendo desigualdades, desequilíbrios entre os súditos, os contribuintes. Há ainda a hipótese de que os referidos “contratos sociais” (PPA/LDO/LOA/PLANO DIRETOR) sejam sempre produzidos já com base em assimetrias, visando “fazer viver e deixar morrer” este ou aquele grupo de habitantes, e assim como disse Carlos,¹⁴⁸ Santos,¹⁴⁹ Veras¹⁵⁰ ou ainda Villaça,¹⁵¹ deu-se o quadrante sudoeste de São Paulo, produzindo os espaços socialmente falando, mas também, politicamente falando, conforme mencionamos no início deste item.

Quais poderiam ser as formas de respostas por parte dos cidadãos alijados de seus direitos constitucionais? Haveria alguma forma de “engenharia reversa” que pudesse garantir o pleno exercício de direitos por parte dos cidadãos outsiders¹⁵²? Como conseguir “...participar no poder ou lutar para influir na distribuição de poder, seja entre Estados ou entre grupos dentro de um Estado?...” WEBER (1993) In VERAS (2000).

¹⁴⁷ Eleições municipais, estaduais ou federais, ou ainda documentos/instrumentos como Plano Diretor, PPA – Plano Plurianual, LDO – Lei de Diretrizes Orçamentárias, e LOA – Lei Orçamentária Anual.

¹⁴⁸ CARLOS, Ana Fani A. et al. (2011) *A Produção do Espaço Urbano*. São Paulo, Ed.Contexto.

¹⁴⁹ Santos (1978, 1982, 1999)

¹⁵⁰ VÉRAS, Maura Pardini Bícudo. (1994), Cortiços no Brás: velhas e novas formas da habitação popular da São Paulo industrial In *Análise Social*, vol.xxix (3º), pp.599-629._____.(1991), O Bairro do Brás em São Paulo: um século de transformações no espaço urbano ou diferentes versões da segregação social. 765 páginas. Tese de doutorado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica._____. (1999), Enigmas da Gestão da Cidade Mundial de São Paulo: Políticas Urbanas entre o Local e o Global In *Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo*, São Paulo, CEDESP, pp.197-217._____. (2000), *Trocando Olhares: Uma introdução à construção sociológica da cidade*, São Paulo, EDUC/NOBEL._____.(2003), *DiverCidade: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo*, São Paulo, EDUC._____.2004), *Hexapolis: desigualdades e rupturas sociais em metrópoles contemporâneas: São Paulo, Paris, Nova Iorque, Varsóvia, Abidjan, Antananarivo*, São Paulo, EDUC._____. (2012), *A produção da alteridade na metrópole: Desigualdade, segregação e diferença em São Paulo*, pp.: 59-84 In DANTAS, Sylvia D. (org): *Diálogos Interculturais reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais*, Instituto de Estudos Avançados-USP, São Paulo._____. (2014), *Introdução à Sociologia: Marx, Durkheim e Weber, referências fundamentais*, São Paulo, Paulus._____.org.) (2018) *Desigualdades Urbanas: Segregação, alteridade e tensões em cidades brasileiras*, Paco Editorial, Jundiaí, 340 p. ISBN: 978-85-462-1238-5.

¹⁵¹ VILLAÇA, Flávio. (2012), *Espaço intra-urbano no Brasil*, São Paulo, NOBEL/FAPESP._____. (2011), *São Paulo: segregação urbana e desigualdade*. In *Revista Estudos Avançados*: v.25, n.71, p.37-58, fev. 2011._____. (1999), *Efeitos do espaço sobre o social na metrópole brasileira* In *Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo*, São Paulo, CEDESP, pp.221-236.

¹⁵² ELIAS, Norbert et al. (2000) *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, Rio de Janeiro, Ed.Zahar.

Como mencionado anteriormente, o alcance, a construção e/ou manutenção de governamentalidade, conforme Oliveira¹⁵³ interpretou de Foucault¹⁵⁴, é um caminho factível aos nossos apontamentos, pois:

Governamentalidade [...] é a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de ‘Governo’ sobre todos os outros – soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes (...).¹⁵⁵

Acreditamos ou temos esperança de que o referido tipo de poder, a governamentalidade, seja capaz de influenciar e/ou determinar a plena construção de “contratos sociais” (PPA/LDO/LOA/PLANO DIRETOR) que resultem na efetiva entrega e/ou manutenção de políticas públicas para todos os habitantes e quadrantes de cidades como São Paulo, Nova York, etc.

1.7 Como entender a degradação (VILLAÇA)

(...) os processos de degradação física são resultados fortemente motivados pelo deslocamento dos interesses do capital, pela saída de grupos de alta renda, que levam consigo seus ‘salários, rendas, bens materiais e imateriais etc. (...).¹⁵⁶

Acreditamos ser possível afirmar que a degradação, seja simbólica ou física, é resultado das “interações” entre os vários grupos de interesse que habitam nosso objeto de estudo, qual seja, a cidade moderna. Ora mediante ações diretas, ora mediante ações indiretas, os referidos grupos contribuem tanto para a degradação, quanto para a “revitalização” de vizinhanças. A socióloga e urbanista Maura Veras¹⁵⁷ afirma que “quem manda na cidade é o capital”, portanto pode-se inferir que grupos empresariais e/ou investidores do setor imobiliário compõem os grupos verdadeiramente fortes, com poder para “fazer revitalizar e/ou deixar degradar”, fazendo alusão ao “teorema” de Foucault sobre a biopolítica, “fazer viver e deixar morrer”. Importante lembrar que mesmo tendo poder econômico e/ou político, nem sempre é possível por freio à degradação ou iniciar processos de “revitalização”, resignificação, requalificação, renovação, reabilitação, pois como afirmou o urbanista Flávio Villaça:

¹⁵³ OLIVEIRA, Lorena Silva. (2019) O conceito de governamentalidade em Michel Foucault. *Revista Ítaca*, nº 34 (2019). pp.: 48-72, Rio de Janeiro, PPGF/IFCS – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/26395>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

¹⁵⁴FOUCAULT, Michel. (2018) *Em defesa da sociedade*. São Paulo. Martins Fontes.

¹⁵⁵ Op. cit., p. 49.

¹⁵⁶ CUNHA, Moisés de Freitas. (2016) *Relações de Alteridade, Segregação e Degradação Urbanas em São Paulo: Uma análise dos efeitos simbólicos da presença de segmentos populacionais étnicos estigmatizados na “vizinhança”*. 130f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Sociologia) – Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/19141>>. Acesso em 22 de jul. 2021., p. 43.

¹⁵⁷ CNPq – LATTES. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/2378577743839256>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

A segregação é um processo dialético, em que a segregação de uns provoca, ao mesmo tempo e pelo mesmo processo, a segregação de outros. Segue a mesma dialética do escravo e do senhor¹⁵⁸.

Em outras palavras, uma situação-problema que antes afetava apenas o outro, pode chegar ao quintal, bairro vizinho, e com isso causar grande incomodo.

O conceito de degradação é o último item tratado neste nosso 1º capítulo (referencial teórico) porque queremos demonstrar que desde a explanação geral sobre cidade moderna, seguida de “produção social do espaço”, “teoria de transição étnico-racial de vizinhanças”, e “biopolítica”, há uma “lógica” e/ou ideário de poder ou dominação que produz e mantém a vida, a “vitalização” para alguns grupos de cidadãos vis-à-vis a não-vida, a degradação para os demais grupos, com total ausência de respeito à alteridade.

Alteridade é entendido ou explicado como a produção do outro, e quase sempre é realizado a partir a partir do grupo ou lado “mais forte”, equipado, estabelecido.¹⁵⁹ O referido termo é ainda explicado como o que é diferente em seu caráter ou estado. Do Latim, é o *alter*, o outro. Vêras¹⁶⁰ uma urbanista brasileira tratou deste conceito da seguinte forma:

(...) em muitas hipóteses, o que é considerado como outro é apenas a projeção do eu. A passagem do eu ao próximo, como uma alteridade de dentro e de fora, pode ser simplificada como a constituição da gradação do mesmo ao diferente, do próximo para o distante e do distante para o alter. Nessa transferência pretende-se [...] atribuir ao outro algo que dê sentido ao que é ressentido sem ser percebido'.¹⁶¹ Assim, também há o estágio da alteridade longínqua (o exótico) e a radical, como o racismo (...)¹⁶²

Concluindo este item, mas não o conceito, pode-se dizer que por meio de forças coercitivas implementa-se a segregação, a estruturação e o controle de espaço intra-urbano, como gosta de afirmar o urbanista Flávio Villaça, e a seguir tem-se a aquarela urbana pintada nesses termos, onde avista-se a suntuosidade do quadrante sudoeste paulistano vis-à-vis o abandono das periferias e/ou vizinhanças e quadrantes dos “outros”, os quais seguem desequipados ou em vias de, na nossa querida Sampa da garoa, ou ainda da querida *Apple Town*.

Em resumo e recapitulando, consegue-se apreender os “porquês” e “comos” da degradação e seu oposto por meio do entendimento do funcionamento das “dinâmicas sociais” dentro das “configurações territoriais”, a “produção social do espaço” que permite ou proíbe a

¹⁵⁸ VILLAÇA, Flávio. (2012) *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo, NOBEL/FAPESP., p. 148.

¹⁵⁹ Jodelet (1998, p.52).

¹⁶⁰ VÉRAS, Maura P. (2012) *A produção da alteridade na metrópole*: Desigualdade, segregação e diferença em São Paulo, pp.: 59-84 In DANTAS, Sylvia D. (org): *Diálogos Interculturais reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais*, Instituto de Estudos Avançados-USP, São Paulo.

¹⁶¹ ELIAS, Norbert et al. (2000) *Os Estabelecidos e os Outsiders*: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, Rio de Janeiro, Ed.Zahar.

¹⁶² Op. cit., p. 64.

entrada ou saída de grupos sociais ou étnicos de determinadas edificações, vizinhanças, a “teoria de transição étnico-racial de vizinhanças”, considerando ainda as “preferências individuais” (racismo?) manifestadas no “poder de fazer revitalizar/gentrificar e deixar degradar” (biopolítica), tendo como cenário amplo a Soberania, os Soberanos que não governam, mas sim submetem grandes contingentes populacionais aos seus interesses, onde o Leviatã estimula estados de guerras entre os cidadãos, o que implica na não-produção e/ou não-entrega de políticas públicas para todos os quadrantes cidadãos.

Resumo da ópera: degradação simbólica e/ou física para muitos vis-à-vis equipamento, requalificação, ressignificação, renovação, reabilitação (ao invés de revitalização) para os amigos do Rei, os leitores e produtores de conteúdo da Vejinha, enfim, a aquarela brasileira que ainda reflete os quase 400 anos de colonização e/ou escravização, seguidos de mais de um século de perseguição sistemática aos “outros”.

CAPÍTULO 2 - LIBERDADE-SP - HISTÓRICO CONCRETO – INTRODUÇÃO: BRASIL, A CIDADE DE SÃO PAULO E O BAIRRO + (SÉ, VÁRZEA DO GLICÉRIO, VÁRZEA DO CARMO, PARQUE DOM PEDRO II)

Há muito que a história está, no Brasil, confinada à prisão das escolas e universidades. Encontra-se, pois, afastada de sua principal finalidade: levar o ser humano a refletir sobre as formas de vida e de organização social em todos os tempos e espaços, procurando compreender e explicar suas causas e implicações. E uma vez que presente e passado estão indissociavelmente ligados na história, o ensino e o estudo dessa disciplina se tornam imprescindíveis para o perfeito entendimento dos tempos modernos¹⁶³

Antes de adentrarmos a história da cidade de São Paulo e do bairro da Liberdade, especificamente, convidamos os leitores a recapitular alguns episódios oitocentistas, e logo após retomamos nosso objeto de estudo primário.

Tabela 1 - Macrolocalização do nosso tempo e espaço: *Timeline do Brasil (oitocentista)*¹⁶⁴

DATA	FATOS HISTÓRICOS
1500	“Descobrimento”.
1530	Capitanias hereditárias: Capitania de São Vicente (São Paulo).
1801	Morre D.Antônio, primogênito de D.João VI; com isso, Pedro passa à condição de herdeiro do trono português.
1808	A corte portuguesa de D. João chega ao Brasil fugindo das tropas de Napoleão Bonaparte, que invadira Portugal.
1815	D.João promove o Brasil à condição de Reino Unido com Portugal e Algarves.
1820	A Revolução Liberal do Porto exige a volta do rei D.João VI a Portugal. As cortes portuguesas são convocadas para redigir uma nova constituição e limitar o poder do rei.
1821	D.João e a família real retornam a Lisboa depois de 13 anos no Rio de Janeiro. D.Pedro I é nomeado príncipe regente do Brasil. As cortes portuguesas exigem a volta de D.Pedro I a Portugal. Por decreto das cortes, a administração do Brasil é dividida em juntas provinciais que se reportam diretamente a Lisboa.

¹⁶³ Principal finalidade da história: “levar o ser humano a refletir sobre as formas de vida e de organização social em todos os tempos e espaços, procurando compreender e explicar suas causas e implicações”. Função da história: “fornecer à sociedade uma explicação sobre ela mesma” (p.49); “...explicar a dimensão que o homem teve e tem em sociedade...” (p.50); “...nada permanece igual, e é através do tempo que se percebem as mudanças.” (p.50); “...o tempo é a dimensão da análise da história...” (p.51). (BORGES, Vavy Pacheco. (2012) *O que é História, São Paulo, Brasiliense* (Coleção Primeiro Passos; 17)

¹⁶⁴ Fontes: 1822, (GOMES, Laurentino); e A construção Nacional: 1830-1889 (CARVALHO, José Murilo de. (2012) *História do Brasil Nação: 1808-2010 - Volume 2 – A Construção Nacional 1830-1889*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva Ltda).

Tabela 2 - Continuação

DATA	FATOS HISTÓRICOS
1822	A 9 de janeiro, “Dia do Fico”, D.Pedro I anuncia a decisão de permanecer no Brasil, contrariando ordens das cortes portuguesas. Em fevereiro, começa a Guerra da Independência na Bahia. A 7 de setembro, nas margens do riacho Ipiranga, D.Pedro I proclama a Independência do Brasil. Em 1º de dezembro, D.Pedro I é coroado Imperador do Brasil.
1824	D.Pedro I outorga a primeira constituição brasileira, uma das mais liberais do mundo na época.
1825	Portugal reconhece a independência do Brasil. [2 de dezembro: nascimento de D.Pedro II]. Após a morte de D.João VI, o imperador D.Pedro I do Brasil assume o trono português por uma semana com o nome de D.Pedro VI.
1828	D.Miguel, irmão mais novo de D.Pedro I, assume o trono português após um golpe absolutista. A província Cisplatina torna independente do Brasil com o nome de Uruguai.
1831	D.Pedro I abdica o trono brasileiro e retorna à Europa (7 de abril). Regência Trina assume o poder (17 de junho). Lei proíbe o tráfico de escravos (7 de novembro). 1831-1834: Revoltas de “povo e tropa” em várias capitais provinciais.
1834	D.Pedro I morre no palácio de Queluz deixando como sucessores em Portugal a filha Maria da Glória, coroada como D.Maria II, e no Brasil, o filho Pedro de Alcântara, que subiria ao trono em 1841 como D.Pedro II.
1839	Em 21 de junho, nasce o futuro romancista Joaquim Maria Machado de Assis.
1840	Em 23 de julho, antecipação da maioridade de D.Pedro II.
1850	Lei Eusébio de Queirós proíbe o tráfico de escravos. Lei de Terras: (...que buscou regularizar a questão fundiária em geral, mas cujo objetivo, na ótica do governo, era permitir a utilização e venda de terras públicas para obter os recursos necessários à implantação de políticas para atrair colonos europeus... p.38).¹⁶⁵ [Ano divisor de águas na vida política e social do Império]

¹⁶⁵ CHALHOUB, Sidney. (2012), População e Sociedade, pp.: 36-81 In CARVALHO, José Murilo de. (2012), *História do Brasil Nação: 1808-2010 - Volume 2 – A Construção Nacional 1830-1889*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva Ltda.

Tabela 3 - Continuação

DATA	FATOS HISTÓRICOS
1854	30 de abril: Primeira estrada de ferro liga a Corte a Petrópolis. Iluminação a gás no Rio de Janeiro.
1858	29 de março: Abertura da estrada de ferro D.Pedro II.
1863	5 de julho: Rompimento das relações diplomáticas com a Grã-Bretanha.
1864	27 de dezembro: Paraguai declara guerra ao Brasil.
1865	1º de maio: Tratado da Tríplice Aliança contra o Paraguai.
1870	1º de março: Morte de Solano Lopez, fim da guerra da tríplice aliança. 3 de dezembro: Fundação e manifesto do Partido Republicano.
1871	28 de setembro: Lei do Ventre Livre.
1874	22 de junho: Cabo telegráfico liga Brasil à Europa.
1876	26 de março: Segunda viagem do Imperador à Europa, passando pelos Estados Unidos.
1877	Primeira linha telefônica no país. Seca nas províncias do Norte.
1880	7 de setembro: Fundação da Sociedade Brasileira contra a Escravidão.
1881	9 de janeiro: Lei Saraiva introduz eleição direta.
1883	Início da questão militar.
1884	Abolição da escravidão no Ceará e no Amazonas.
1885	28 de setembro: Lei dos Sexagenários liberta escravos de 60 anos ou mais.
1886	2 de julho: Fundação da Sociedade Promotora da Imigração
1887	30 de junho: Imperador parte para a Europa para tratamento de saúde.
1888	13 de maio: Lei Áurea abole a escravidão.
1889	15 de novembro: Proclamação da República.
1891	5 de dezembro: D.Pedro II morre em Paris.

2.1 Gênese humana e urbana de São Paulo

(...) O povoamento do Brasil parece reproduzir este modelo. As cidades principais são estabelecimentos costeiros de tipo agro-comercial, modestos no tamanho e no aspecto, de traçado caprichoso ou 'natural'. Portugal não tinha, como a Espanha, recursos para a urbanização em larga escala ou para um povoamento amplo. Ao contrário dos espanhóis, que se estabeleceram perto das fontes de trabalho indígena, os portugueses foram buscar no inferior a mão-de-obra nativa, trazendo-a para as lavouras costeiras. Só dois séculos após o descobrimento do Brasil o encontro de minérios provocou um deslocamento considerável de povoadores para dentro do país; entretanto, o afluxo em busca do ouro acentuou, ao invés de modificar o caráter de arquipélago da colonização interior. O povoamento do Brasil se processou aos saltos, e não como um avanço sistemático da fronteira colonizadora. (MORSE, 1970: 9-10)

Até muito recentemente nós mantinhamos a ideia de que São Paulo, vila, cidade ou estado/província, só passa a existir, a ter vida própria no século 19, muito em função da cultura

cafeeira, porém faz-se mister confessar nosso grande engano. Ainda na condição de Capitania Hereditária, em torno de 1530, e sob o nome de São Vicente, a região objeto de nosso estudo dava sinais de que seria um importante local no cone sul. Sob o comando do donatário Martim Afonso de Souza, a capitania hereditária de São Vicente era um “importante” polo de (re)venda de africanos escravizados, os quais eram vendidos para vários pontos da América espanhola, e também intra-Brasil. São Vicente era na época a segunda das duas únicas capitanias a prosperarem no Brasil, e era também conhecida como Porto dos Escravos.¹⁶⁶ Consideramos esta passagem histórica de suma importância, pois ela é indicativo de que desde sempre houve presença negra, indígena e ibérica, produzindo os povos da terra conhecidos como mulato, mameluco e cafuzo, ou seja, São Paulo nunca foi uma terra de brancos, na essência da palavra, e muito mais tarde esse fato iria impactar nas decisões das elites locais de fazer grandes esforços para embranquecer, “gentrificar” São Paulo por meio da imigração europeia.

Seguiremos com mais algumas passagens históricas da São Paulo setecentista e/ou oitocentista, sob a ótica de Morse¹⁶⁷, com o intuito de historicizar vontades, desejos, intenções de urbanizar esse pedaço de terra, como também mostrar seus atores, quais sejam: indígenas/povos originários (verdadeiros donos da terra), africanos escravizados (únicos trabalhadores desde o dia 1, que iniciam a produção das riquezas com seu suor, sangue, lágrimas e vidas) e os colonizadores ibéricos.

“Levar o ser humano [meus leitores] a refletir sobre as formas de vida e de organização social em todos os tempos e espaços, procurando compreender e explicar suas causas e implicações”, ou seja, atender a principal finalidade da história, conforme Borges¹⁶⁸ é nossa missão. E nesse sentido, é de vital importância trazer alguns novos fatos históricos, por nós descobertos durante estágio na *Brown University (DDRA-Fulbright Commission)*. Dubois afirma que o rapto e venda de africanos por portugueses tem início em 1441 e segue até 1870, sem interrupções: “foi aqui que o estupro da África começou e transformou o mundo.”¹⁶⁹ Apesar de toda a dor envolvida nesse longo processo histórico, nosso propósito é analisar a

¹⁶⁶ Programa eletrônico “Não Vai Cair no Enem”, episódio “Capitanias Hereditárias”. Disponível no YouTube: <<https://www.youtube.com/watch?v=YecTfIR59u4>>. Acesso em 22 de jul. 2021. Bibliografia: “História da Colonização Portuguesa no Brasil”, Carlos Malheiros Dias; “Do Escambo à Escravidão”, Alexander Marchant; “A Bahia e as Capitanias do Centro do Brasil”, J F de Almeida Prado; “São Vicente e as Capitanias do Sul do Brasil”, J F de Almeida Prado; “Pernambuco e as Capitanias do Norte do Brasil”, J F de Almeida Prado” “Capitães do Brasil”, Eduardo Bueno.

¹⁶⁷ Formação Histórica de São Paulo: De Comunidade à Metrópole. MORSE, Richard McGee. (1970) *Formação Histórica de São Paulo: de Comunidade à Metrópole*, São Paulo, Difusão Européia do Livro.

¹⁶⁸ BORGES, Vavy Pacheco. (2012) *O que é História, São Paulo, Brasiliense* (Coleção Primeiro Passos; 17., p. 49

¹⁶⁹ Do original: “Nothing which has happened to man in modern times has been more significant than the buying and selling of human beings out of Africa into America from 1441 to 1870. [...] It was here that the rape of Africa began and transformed the world.” (p.28)

genealogia da riqueza com base no tráfico transatlântico de africanos, seguido do trabalho compulsório de milhões de seres humanos por quase 4 séculos, que produziu uma riqueza nunca antes vista no mundo. Grosso modo, quase toda a riqueza global de hoje tem início na escravidão moderna entre os séculos 15 e 19. Os *inputs* de Dubois¹⁷⁰ nos permite inferir que houve escravidão africana no Brasil desde o dia 1, além de nos permitir especular que antes de 1500 já havia exploradores portugueses no que viria a ser o Brasil. E há ainda a afirmação, com base em consultas a fontes primárias, de que em São Vicente os portugueses comercializavam africanos capturados com os espanhóis, que os inseriam nas várias colônias da América espanhola. Dubois¹⁷¹ afirma ainda que Gonçalves¹⁷² levou para Portugal a primeira carga de escravos e ouro, além de penas de avestruz, âmbar e goma, e esse mesmo autor cita que Portugal tentou esconder este comércio do resto da Europa.¹⁷³ Para este início da produção das riquezas europeias, americanas, Dubois¹⁷⁴ diz ainda que entre 1480 e 1530, os Portugueses tiveram o monopólio do comércio com a Guiné, tendo azealhado enormes lucros, que chegariam a até 800 por cento.¹⁷⁵ Toda esta interação resulta, também, na mistura sanguínea destes povos, revelando assim a recente origem étnica de grandes contingentes portugueses.¹⁷⁶

Dando um grande salto no tempo, para não perdermos um dos focos principais desta tese, qual seja, a genealogia da riqueza paulista no século 19, usaremos mais uma afirmação de Dubois¹⁷⁷ sobre o tema: “o século 19 se tornou o século da produção, na ascensão do

¹⁷⁰ DUBOIS, W.E.B. (2007) “The Rape of Africa” (pp.28-50) In “*The World and Africa: Color and Democracy*”, Cambridge, Oxford University Press.

¹⁷¹ *Idem*.

¹⁷² Antão Gonçalves, navegador e “descobridor” português, morto em 1501. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%A3o_Gon%C3%A7alves>. Acesso em 22 de jul. 2021.

¹⁷³ Do original: “In 1441 Goncalves brought to Lisbon the first cargo of slaves and gold. Very shortly a flourishing trade in gold, slaves, ostrich feathers, amber, and gum opened up between Portugal and black Africa. The Portuguese tried to conceal this trade from the rest of Europe...” (p.29).

¹⁷⁴ Op. cit.

¹⁷⁵ Do original: “For fifty years, from 1480 to 1530, the Portuguese had a monopoly of the Guinea trade and reaped huge profits, seldom less than 50 per cent and sometimes as high as 800 per cent. Between 1450 to 1458 ten to twelve ships a year were sent to Guinea, and the amount of gold dust reached a value of over two million dollars a year, and after 1471 rapidly exceeded this.” (p.30).

¹⁷⁶ Do original: “Next to the trade in gold came highly important importation of labor into Portugal. By the middle of the fifteenth century nearly a thousand blacks had been imported. A century later a vast majority of the inhabitants of the southernmost province were negroids, and even up as far as Lisbon, Negroes outnumbered the Whites. The two races intermingled, resulting in the negroid characteristics of the Portuguese nation even today.” (p.30). Dubois indica a seguinte fonte: “Mary Wilhelmine Williams, writing on ‘Slavery in the Encyclopedia of the Social Sciences (New York: The Macmillan Co., 1934) Vol.14, p.80.’ For other facts and allusions in this chapter, consult John W. Blake, *European Beginnings in West Africa* (New York: Longmans, Green & Co., 1937).”

¹⁷⁷ DUBOIS, W.E.B. (2007) “The Rape of Africa” (pp.28-50) In “*The World and Africa: Color and Democracy*”, Cambridge, Oxford University Press.

capitalismo”¹⁷⁸ e por vários motivos locais e/ou globais, São Paulo embarca nessa viagem de produção de riqueza que a transformaria na região mais rica do Brasil, quiçá de toda a América Latina. Trabalho (*labor*) e terra (*land*) foram os 2 fatores mais importantes nessa engrenagem (produção de riqueza), exatamente por meio da cultura cafeeira.

Nada como entender o funcionamento do mundo, por meio das interações de grupos e nações poderosos, para então entendermos alguns porquês locais. Então vamos entender 2 momentos históricos globais que impactaram 2 grandes ciclos econômicos no Brasil. O 1º é a cana-de-açúcar, no nordeste brasileiro, e o 2º é a cultura cafeeira em São Paulo com alguns *spillovers* no Vale Fluminense, Rio de Janeiro. Este autor-pesquisador ao participar de uma aula-virtual, estilo Live, intitulada “GLC 22nd Annual Conference: Cuban Slavery and the Atlantic World”, promovida pelo “The Gilder Lehrman Center for the Study of Slavery, Resistance, and Abolition”, da Yale University, entre os dias 6 e 7 de novembro de 2020, pergunta para os palestrantes (Ada Ferrer, da NYU¹⁷⁹) se houve alguma conexão, correlação entre a falência da “cultura” da cana-de-açúcar no nordeste do Brasil e o sucesso da referida cultura em Cuba. A resposta foi no sentido de que houve alguma correlação, mas que algum pesquisador expert em nordeste brasileiro deveria responder tal pergunta. Foi quando um participante, de nome Stuart Schwartz, me envia a seguinte resposta: “a cana-de-açúcar no nordeste brasileiro permaneceu importante regionalmente, mas quando a Grã-Bretanha e a França impuseram políticas de comércio exclusivistas para proteger suas próprias colônias de cana-de-açúcar, o Brasil ficou congelado (Brasil de 1790 a 1825: a cana-de-açúcar de Cuba teve um boom).¹⁸⁰ Quanto ao 2º e grande momento histórico no Brasil, qual seja, a cultura cafeeira, Luna & Klein¹⁸¹ afirmam que “foi o lento colapso da produção de café de São Domingo após 1790, e o eventual colapso da produção cafeeira em Cuba, após uma série de furações

¹⁷⁸ Do original: “The seventeenth and eighteen centuries were the centuries of trade, and eventually, by the rise of capitalism, the nineteenth century became the century of production.” (p.29).

¹⁷⁹ NYU. Disponível em: <<https://as.nyu.edu/content/nyu-as/as/faculty/ada-ferrer.html>>. Acesso em 22 de jul 2021.

¹⁸⁰ Do original: (pode haver algum erro gramatical, mesmo assim manterei a versão original do texto). (MFC): “As per the sugar cane culture, would have there been any connection, correlation between the failure of such ‘culture’ in the northeast of Brazil and the success of the mentioned ‘culture’ in Cuba? If so, who would have pulled the strings, and why? (Stuart Schwartz): NE Brazil sugar remained regionally important but when Great Britain and France imposed exclusive trade policies to protect their own sugar colonies, Brazil got frozen out, 1790-1825 Brazil: sugar like Cuban boomed.”

¹⁸¹ LUNA, Francisco Vidal & KLEIN, Herbert S. (2003) *Slavery and the Economy of São Paulo 1750-1850*. Stanford (California), Stanford University Press.

devastadores na década de 1830, que finalmente deu ao Brasil domínio sem igual sobre a produção (de café) no Mundo Novo.”¹⁸²

Feitas estas observações históricas, que ajudam a derrubar estigmas de inferioridade (1º caso) e mitos de superioridade (2º caso), sigamos para entender a genealogia da riqueza paulista, que por meio de uma das nossas hipóteses, é vetor principal dos seguintes momentos históricos paulistas: (I) imigração europeia, (II) urbanização de São Paulo, e (III) industrialização (ainda que tardia) de São Paulo.

*Por volta da década de 1830, o café era um elemento importante ainda não dominante da economia local, mas os padrões da sua recém revolução dentro da província já pressagiavam a atividade mais que intensa que viria a acontecer.*¹⁸³

Como mencionado anteriormente, uma das nossas hipóteses mais significativas aponta para a explicação da potência econômica, cultural e até política de São Paulo por meio da acumulação primitiva de capital via cultura cafeeira, sinônimo de escravização africana, ao longo do século 19, porém vamos recapitular uma outra passagem histórica bastante significativa que resultaria na fundação da Vila de Piratininga. A considerável porção de terras entregue oficialmente a Martim Afonso de Sousa nas primeiras décadas de 1500, e que seria chamada de Capitânia de São Vicente, foi palco exitoso de acúmulo de capital via o comércio de escravizados. Chamado por alguns pesquisadores de História de Porto dos Escravos, o referido local pode já ter sido local de desembarque do navegador português Antão Gonçalves, que teria trazido as primeiras levas de africanos retirados da Guiné, com o consentimento dos seus irmãos de sangue, como aponta Dubois¹⁸⁴. Abreu¹⁸⁵ dá pistas sobre esta hipótese quando diz: “vão ver agora os engenhos e fazendas da Bahia, achá-los-ão cheios de negros de Guiné e mui poucos da terra...”¹⁸⁶ Embora esteja explícito o nome Bahia, neste trecho da referida obra Abreu¹⁸⁷ está se referindo a personagens como Martim Afonso, Brás Cubas¹⁸⁸ e padres jesuítas

¹⁸² Do original: “It was the slow collapse of the Saint Domingue coffee producers after 1790, and the eventual collapse of Cuban coffee production after a series of devastating hurricanes in the 1830’s, that finally gave Brazil undisputed mastery over New World production.” (p.55).

¹⁸³ Do original: “By the 1830s coffee was an important, though still not dominant element within the local economy, but the patterns of its early evolution within the province presaged the more intense activity that would follow.” (Op. cit., p. 53).

¹⁸⁴ DUBOIS, W.E.B. (2007), “The Rape of Africa” (pp.28-50), In “The World and Africa: Color and Democracy”, Cambridge, Oxford University Press.

¹⁸⁵ ABREU, João Capistrano de. (1963) *Capítulos de História Colonial (1500-1800) & Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil*. Brasília, Editora Universidade de Brasília.

¹⁸⁶ *Idem*, *ibidem*., p.79.

¹⁸⁷ Op. cit.

¹⁸⁸ “...A história do Brasil no século XVI elaborou-se em trechos exíguos de Itamaracá, Pernambuco, Bahia, Santo Amaro e S. Vicente, situados nestas cento e noventa e cinco léguas de litoral. [...] Aparece-nos entre os primeiros povoadores Brás Cubas, jovem criado de Martim Afonso, que aportou a S. Vicente em 1540, governou mais de uma vez a terra, guerreou contra os tamoios, fortificou Bertioga, entrada preferida por estes inimigos, e fundou a

como Manoel da Nóbrega e José Anchieta, sendo estes dois últimos os religiosos que estiveram presentes na missa que funda a Vila de Piratininga de São Paulo. Apesar da boa vontade e nobre missão dos membros da Companhia de Jesus em “amparar a pobre gente das violências dos colonos,¹⁸⁹” os africanos escravizados que por São Vicente passaram, deixando rastros de riqueza para trás, ou que por lá ficaram, não puderam contar com a benevolência das missões jesuíticas. A engenharia do tráfico transatlântico seguida do comércio com os espanhóis ou ainda o uso da referida mão-de-obra já estava consolidada no triângulo Europa-África-Américas. Como afirmado por Parron¹⁹⁰, a escravidão no Brasil foi uma instituição total, e mesmo quem não estava envolvido com o sequestro ou tráfico dos africanos, lucrava com seu trabalho.

*(...) E a primeira coisa que pretendem adquirir são escravos, para neles lhe fazerem suas fazendas, informa Gandavo; e se uma pessoa chega na terra a alcançar dois pares, ou meia dúzia deles (ainda que outra coisa não tenha de seu) logo tem remédio para poder **honradamente** (grifo nosso) sustentar sua família: porque um lhe pesca, e outro lhe caça, os outros lhe cultivam e granjeiam suas roças e desta maneira não fazem os homens despesa em mantimentos nem com eles, nem com suas pessoas¹⁹¹.*

“Embora não fique claro se os escravos” acima eram indígenas ou africanos, fica evidente que toda economia ou produção de riqueza sempre girou em torno da escravização, e ficando comprovado que os escravizados acima eram todos indígenas, derruba-se mais uma tese sobre a não escravização dos indígenas.

Outro ocorrido, concomitante a vários outros fatores, é o “inexplicável ... desaparecimento dos povos naturais postos em contacto com os povos **civilizados** (grifo nosso)...¹⁹²”. Talvez uma explicação para o referido desaparecimento dos povos naturais seja a “mestiçagem, resultado de prazer bastardo e de labuta inoportável/incomparável”¹⁹³ imposta aos indígenas, o que teria aumentado a quantidade “mamalucos” e somado a cobiça dos colonos tudo teriam arruinados. “*Mais importante que eles é o desaparecimento dos índios, trazendo como consequência o aumento da importação africana*¹⁹⁴. ”

vila de Santos, que possuía melhor porto e facilmente superou a primogênita de Martim Afonso. Mais tarde empenhou-se na cata de minas, e consta haver achado algum ouro.” (pp.: 68-69).

¹⁸⁹ Idem, *ibidem.*, p.76.

¹⁹⁰ PARRON, Tâmis Peixoto. (2015) *A política da escravidão na era da liberdade*: Estados Unidos, Brasil e Cuba 1787-1846. Tese de doutoramento. Departamento de História – FFLCH/USP.

¹⁹¹ Idem, *ibidem.*, pp. 79-80.

¹⁹² PARRON, Tâmis Peixoto. (2015) *A política da escravidão na era da liberdade*: Estados Unidos, Brasil e Cuba 1787-1846. Tese de doutoramento. Departamento de História – FFLCH/USP., p.77.

¹⁹³ Idem, *ibidem.*, p.76

¹⁹⁴ Idem, *ibidem.*, p.78

Retomando a gênese terrena de São Paulo de Piratininga, Abreu¹⁹⁵ detalha:

*(...) As capitanias foram doze, embora divididas em maior número de lotes. Começavam tôdas à beira-mar, e prosseguiam com a mesma largura inicial para o ocidente, até a linha divisória das possessões portuguesas e espanholas acordadas em Tordesilhas, [...] O limite extremo da mais meridional destas capitanias, concedida a Pero Lopes de Sousa, é determinado nas próprias cartas de doação por uma latitude expressa de 28° 1/3; confrontava, um pouco ao Norte de Paranaguá, com a de S.Vicente, reservada a Martim Afonso de Sousa, e que se estendia do lado oposto até Macaé, ao Norte de Cabo Frio, desenvolvendo assim mais de cem léguas de costa, (...)*¹⁹⁶

A partir da São Vicente, de Martim Afonso de Sousa, produz-se riqueza que migra para Santos, abrindo-se ali um potente porto, e então abrindo caminho de baixo para cima pela Serra do Mar, aportando-se no que viria a ser a grande São Paulo do café, imigrantes europeus, urbanização e industrialização, ainda que tardia.

Holanda¹⁹⁷ fala em a ordem do semeador e/ou do ladrilhador para distinguir a feitura de cidades por castelhanos e por portugueses, permitindo ao leitor inferir que em função da aversão às virtudes econômicas¹⁹⁸, as cidades erguidas por portugueses e seus descendentes nunca contaram com um plano de cidades onde o homem pudesse intervir arbitrariamente no curso das coisas, e de forma exitosa, assim dirigindo a própria história na fabricação do seu próprio habitat urbano.¹⁹⁹

É ainda possível inferir que São Paulo foi um sucesso ao acaso e bastante tardio, pois para se fazer qualquer negócio no Planalto de Piratininga só mediante o estabelecimento de amizades, amigos.

*Para retirar vantagens seguras em transações com portugueses e castelhanos, sabem muitos comerciantes de outros países que é da maior conveniência estabelecerem com eles vínculos mais imediatos do que as relações formais que constituem norma ordinária nos tratos e contratos. É bem ilustrativa a respeito a anedota referida por André Siegfried e citada em outra parte deste livro, acerca do negociante de Filadélfia que verificou ser necessário, para conquistar um freguês no Brasil ou na Argentina, principiar por fazer dele um amigo. 'Dos amigos – nota um observador, referindo-se especialmente à Espanha e aos espanhóis – tudo se pode exigir e tudo se pode receber, e esse tipo de intercuro penetra as diferentes relações sociais'.*²⁰⁰

Casos de sucesso ao acaso, em função de “aversão às virtudes econômicas” ou ainda pela “repulsa firme a todas as modalidades de racionalização”, pode ser uma explicação ao

¹⁹⁵ ABREU, João Capistrano de. (1963) *Capítulos de História Colonial (1500-1800) & Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil*. Brasília, Editora Universidade de Brasília., p. 66

¹⁹⁶ *Idem, ibidem.*, p.66.

¹⁹⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1963) *Raízes do Brasil*. Brasília. Editora Universidade de Brasília.

¹⁹⁸ Ou ainda, uma “repulsa firme a todas as modalidades de racionalização”. (*Idem, ibidem.*, p. 122).

¹⁹⁹ *Idem, ibidem.*, pp. 88-89.

²⁰⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1963) *Raízes do Brasil*. Brasília. Editora Universidade de Brasília pp.122-123.

surgimento da bela e forte Sampa, entre outras poucas cidades brasileiras, porém e se considerarmos a hipótese da biopolítica de Foucault (poder para fazer viver e deixar morrer) para entendermos como até os dias atuais só se consegue asfaltar uma rua ou ainda iluminá-la com a ajuda de algum amigo influente? Seria a pobreza ou o não-equipamento de algumas vizinhanças um “mero” traço histórico ibérico?

Este autor-pesquisador teve a oportunidade de participar de aulas, seminários, palestras com pesquisadores das universidades de Brown e de Harvard, onde tentava-se, tenta-se entender o grande êxito dos EUA e suas cidades no capitalismo atual a partir de um “curto” período de escravização, se comparado aos casos brasileiro e cubano. Beckert, Parron, Cunha, Martine, Boaz, entre outros, se perguntavam “por que o caso dos EUA/ Reino Unido é tão mais importante/relevante para o entendimento do capitalismo/acúmulo de riqueza com base na escravidão, considerando que muitos outros lugares nas Américas adquiriram, usaram muito mais mão-de-obra escrava que EUA e Reino Unido, e também por que a abolição da escravatura aconteceu muito antes que em outros lugares? – Brasil foi o último deles, e Cuba o penúltimo.”²⁰¹

Várias foram as ordens reais visando a proibição da instalação de empreendimentos na então América portuguesa, que iam desde a produção de pinga/cachaça a estabelecimentos gráficos²⁰², etc..., mas mesmo assim e talvez pela caridade dos membros da Companhia de Jesus²⁰³, entre outras obras do acaso, a cidade objeto de nosso estudo, “sem zêlo urbanístico, sem linhas retas a partir de praças maiores, instável, não-ordenada, enfim, o realismo lusitano”,

²⁰¹ Minuta, relatório de reunião/aula enviado por mim ao Professor Sven Beckert em função das conversações na aula de 09/03/20 “Global History Seminar: Tâmis Parron, *‘Black Slavery and World Accumulation: Towards a Global History of Value’*”. Disponível em: <<https://wigh.wcfia.harvard.edu/event/global-history-seminar-t%C3%A2mis-parron-black-slavery-and-world-accumulation-towards>>. Acesso em 22 de jul. 2021. Do original: “Based on the questioning of Profs Danielle Boaz and Martine Jean, ‘...why is US/UK case so much more important/relevant to understand capitalism/wealth accumulation based on slavery, considering that many other places in the Americas acquired/used way more enslaved labor than US/UK, also because the end/abolition in US took place long before many other places? – Brazil was the last one, preceded by Cuba.’”

²⁰² “Em todas as principais cidades da América Espanhola existiam estabelecimentos gráficos por volta de 1747, o ano em que aparece no Rio de Janeiro, para logo ser fechada, por ordem real, a oficina de Antônio Isidoro da Fonseca². A carta régia de 5 de julho do referido ano, mandando sequestrar e devolver ao reino, por conta e risco dos donos, as ‘letras de imprensa’ alega não ser conveniente que no Estado do Brasil ‘se imprimão papeis no tempo presente, nem ser utilidade aos impressores trabalharem no seu ofício aonde as despesas são maiores que no Reino...’”. ²Nota da nota: “Foi essa, ao que se sabe, a primeira oficina de impressão instalada n Brasil. Recentemente, compulsando documentos inéditos da Companhia de Jesus, pôde apurar entretanto Serafim Leite que entre os livros da biblioteca do Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro havia ‘alguns impressos na própria casa por volta de 1724’.” (HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1963) *Raízes do Brasil*. Brasília. Editora Universidade de Brasília., pp. 119-120.

²⁰³ O Padre Manoel da Nóbrega sobe a Serra do Mar a partir da capitânia hereditária de São Vicente, também conhecida como o porto dos escravos e a mais antiga e próspera do Brasil de então, (conforme Eduardo Bueno, do Não Cair no ENEN), onde assume o comando do Colégio Jesuíta da Vila, no Planalto de Piratininga, que viria a ser a cidade de São Paulo.

o que quer que isso signifique, nasce e prospera, mas só lá pelo século 19, também conhecido como o “século da produção”, nos termos de W.E.B. DuBois²⁰⁴

2.1.1 Breve análise comparativa

Com base na nota de rodapé n.165 na página 59, que recupera conversas, questionamentos sobre os porquês dos diferentes graus de riquezas nas Américas, com foco para Brasil e Estados Unidos, façamos aqui breve comparação com a pinga (Brasil) e o rum (Nova Inglaterra – EUA): enquanto havia proibição por parte da coroa portuguesa para a implantação de qualquer indústria na sua colônia na América, os ingleses e depois os americanos ora produziam rum ora adquiriam de terceiros para trocar por escravizados, e a cada passo, mais riqueza era gerada com o suor, dor, sangue, vida e morte dos africanos e seus descendentes. Além da foto abaixo, há mais informações sobre o *commodity rum* na página 183, imagem *outfitting a slave ship*²⁰⁵.

Imagem 2²⁰⁶



Morse,²⁰⁷ na bela e grande obra *Formação Histórica de São Paulo*, lança seu olhar de pesquisador brasilianista sobre a província de São Paulo e nos ajuda a dar um toque todo

²⁰⁴ DUBOIS, W.E.B. (2007), “The Rape of Africa” In “*The World and Africa: Color and Democracy*”, Cambridge, Oxford University Press., p. 29.

²⁰⁵ A referida foto traz a seguinte informação sobre o rum: “...*The most important trade good on the Sally, as on most New England slavers, was rum = 17, 274 gallons...*”. Disponível em: <http://www.rihs.org/images/SALLY_activity_final.pdf ; <http://cds.library.brown.edu/projects/sally/> >. Acesso em 22 de jul. 2021.

²⁰⁶ A foto acima é do acervo pessoal deste pesquisador e foi tirada de rótulo de uma garrafa de rum comprada na Nova Inglaterra. O selo ainda faz referência ao Caribe como origem da maior produção da referida bebida, e onde navios ingleses e depois norte-americanos paravam para carregar suas naus, ora enquanto navegam para a costa africana, ora quando já estavam retornando para a Nova Inglaterra, com suas naus repletas de seres humanos capturados.

²⁰⁷ MORSE, Richard McGee. (1970) *Formação Histórica de São Paulo: de Comunidade à Metrópole*, São Paulo, Difusão Européia do Livro.

especial na nossa narrativa crítica. Esse autor ao citar Luís Saia fala da abordagem binária urbano-rural, onde de um lado estavam os colonos paulistas e do outro os jesuítas. O primeiro grupo e oposição ao segundo mantém um padrão rural de desenvolvimento. É citado ainda como resultado de tal ação a manutenção do valor da terra por baixo.²⁰⁸ Na nossa visão, este é mais um traço do medo ibérico, português de que qualquer outro grupo pudesse produzir riqueza e assim adquirir poder. Fazemos ainda a inferência de que tal espírito inibe o crescimento nacional se levarmos em consideração os EUA, entre outras colônias europeias nas Américas. Sobre o que chamamos neste item de gênese humana, Morse²⁰⁹ diz que entre os séculos XVI e XVII a maioria dos povoadores que por aqui chegam, traziam poucos recursos, sendo plebeus muitos deles.

*Dos povoadores cuja origem é conhecida, 60% eram de Portugal e 15% dos Açores e Madeira; 19% eram da Espanha, e o resto dos Países-Baixos, Itália, França, Inglaterra e Alemanha.*²¹⁰

Morse²¹¹ fala ainda sobre a miscigenação de São Paulo, áreas rurais e núcleo(s) urbano(s) como tendo considerável número de mamelucos²¹², mulheres índias e depois negras (africanas) que concebiam filhos de seus senhores (estupradores), porém tais proles mestiças eram reconhecidas nos testamentos²¹³. Destoando de uma inferência nossa, referente a possibilidade de ter existido africanos escravizados em São Paulo, fosse em São Vicente, Santos e no Planalto de Piratininga desde o dia 1, morse afirma que

*Os escravos negros apareceram pela primeira vez em São Paulo no fim do século XVI, mas o seu alto custo restringiu o número de importados. Baseado em inventários coloniais, Ellis calculou a proporção entre trabalhadores negros e índios como 1:34 para toda a era bandeirante. Os negros tornaram-se gradativamente mais numerosos nas bandeiras e, no século XVIII, foram utilizados extensivamente na mineração.*²¹⁴

Se por um lado há discordâncias históricas da leitura de Morse em comparação a outros historiadores, quando ele fala dos bandeirantes e suas “expedições”, pode-se inferir que a partir de São Paulo, e sempre com uso de indígenas e africanos, majoritariamente escravizados, e mamelucos, sob o comando de portugueses, controlando os referidos escravizados, adentra-se

²⁰⁸ *Idem, ibidem.*, pp 29-30.

²⁰⁹ *Idem.*

²¹⁰ Nota de rodapé da referida citação: “Alfredo Ellis Júnior, Capítulos da História Social de São Paulo (São Paulo, 1944), 127-31.” (p.30).

²¹¹ MORSE, Richard McGee. (1970) *Formação Histórica de São Paulo: de Comunidade à Metrópole*, São Paulo, Difusão Européia do Livro.

²¹² “...não havia diferença abrupta entre o índio escravo e o índio livre ou o mameluco, e ao menos nos primeiros anos a origem bi-racial não desqualificava um homem para as posições de mando. Além do mais, os índios não se tornaram um proletariado rural permanente.” (*Idem, ibidem.*, pp. 31-32).

²¹³ *Idem, ibidem.*, p.31.

²¹⁴ *Idem, ibidem.*, p.32.

pelo interior do Estado e do Brasil, abrindo fronteiras e produzindo novas fortunas, individuais e coletivas.

*A figura dominadora do bandeirante marcial e seminômade cedeu lugar à do fazendeiro patriarcal e à do esperto comerciante urbanizado. Rotas fluviais e terrestres desenvolveram-se entre São Paulo e Cuiabá, na região de ouro recentemente aberta; a era das bandeiras cedeu lugar à das monções e tropas de mulas. Durante quase um século e meio, até o advento das estradas de ferro, as tropas continuaram a obra das bandeiras, ligando umas às outras as regiões afastadas do interior do Brasil. Além disso, levaram consigo um novo tipo de vida, que ajudou a 'desindianizar' a cultura dos sertões. A venda in loco, ou a reexportação de mulas do Rio Grande, centralizadas pela feira de Sorocaba, deu nascimento a fortunas novas (...)*²¹⁵

Entre os séculos XVI e XIX, quando São Paulo torna-se “o núcleo fértil da nação”²¹⁶, este pedaço de terra passa de uma localidade onde não havia luxo algum, com apenas umas 120 casas “amontoadas no alto do morro,²¹⁷” pois o “centro urbano” não passava de um “mero alojamento para visitas temporárias”, mas à medida que hábitos e atitudes se alteram, arma-se uma situação para uma “junção de forças que produziria a metrópole²¹⁸”. Morse²¹⁹ afirma que a referida junção de forças somada à combinação de acidentes geográficos e energias humanas resultam numa área evangélico-religiosa, político-administrativa, militar, colonizadora, expedicionária e comercial. Quanto a faceta político-administrativa, São Paulo vai de uma vila em 1560 para uma sede administrativa em 1681, e torna-se uma cidade em 1711, tornando-se sede do bispado em 1745.

*O seu papel administrativo se ampliou grandemente ao tempo dos enérgicos capitães-generais do fim do século XVIII, quando ela começou a dar sinais de querer tornar-se também um centro de gravidade político*²²⁰.

Alguns diriam que São Paulo teve sorte, entendendo sorte como “o que acontece quando a preparação encontra a oportunidade”, parafraseando um dito popular, mas se considerarmos a famigerada “aversão às virtudes econômicas” e/ou a “repulsa firme a todas as modalidades de racionalização”, conforme mencionado em Holanda,²²¹ nunca houve preparação de grupo português ou brasileiro algum para receber ou encontrar com o “século da produção”, parafraseando Dubois. De qualquer maneira, o século da produção chega no núcleo fértil da nação, como o *big bang* que forma o universo, e São Paulo vem à luz no século XIX. E aqui nós lembramos o leitor sobre a afirmação e/ou explicação de Luna & Klein referente a uma

²¹⁵ *Idem, ibidem.*, p.35.

²¹⁶ MORSE, Richard McGee. (1970) *Formação Histórica de São Paulo: de Comunidade à Metrópole*, São Paulo, Difusão Européia do Livro., p.39.

²¹⁷ *Idem, ibidem.*, p.32.

²¹⁸ *Idem, ibidem.*, p.35.

²¹⁹ *Idem.*

²²⁰ *Idem, ibidem.*, p.36.

²²¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1963) *Raízes do Brasil*. Brasília. Editora Universidade de Brasília.

decisão “geopolítica”, por assim dizer, que envolve a produção de café nas ilhas de São Domingos e Cuba. Como já existiam rotas terrestres e fluviais em São Paulo, não demorou para que as produções cafeeiras escoassem para o Rio de Janeiro e logo depois para Santos, concluindo as exportações da semente negra da riqueza paulista.

Todos os itens mencionados acima são ainda confirmados, referendados por Thomas H. Holloway²²², um historiador brasileiro de Cornell University, especializado em América Latina. Holloway²²³ afirma que durante a primeira fase da cultura cafeeira paulista, que vai de 1830 a 1880, a produção estava centralizada no vale do Paraíba até o norte e oeste do Rio de Janeiro, conhecido também como vale Fluminense, nos termos de Parron, Marquese, e Chalhoub. Holloway diz ainda que as técnicas então em uso eram rudimentares e havia baixo nível de capitalização, e que a mão-de-obra era 100% de escravizados.²²⁴ Campos²²⁵ ao falar sobre o complexo Breves afirma que a referida 1ª fase, por meio do trinômio tráfico ilegal de seres humanos + terra (roubada dos indígenas) + trabalho (compulsório) produziu fortunas entre o vale do Paraíba e o norte/oeste do Rio de Janeiro, e é esta direção que seguiremos no item/capítulo “genealogia da riqueza paulista”.

Por hora, são estes os componentes principais que compõem a gênese humana e urbana de São Paulo, pois segundo uma das nossas hipóteses são os recursos, as riquezas produzidas pela cultura cafeeira, ao longo do século XIX, que financiam a imigração europeia, a urbanização da cidade de São Paulo, e também a industrialização, ainda que tardia, de todo o estado de São Paulo.

²²²PROFESSORES PARTICIPANTES DE VIAGENS DE CAMPO ANTERIORES. Disponível em: <<http://www.tropag-fieldtrip.cornell.edu/Faculty.html>>. Acesso em 22 de jul 2021.

²²³ HOLLOWAY, Thomas H. (1975) *The Brazilian coffee valorization of 1906: Regional politics and economic dependence*. Madison, Wisconsin, The Department of History, University of Wisconsin.

²²⁴ Do original: “During the first phase of the Brazilian commercial coffee industry, from about 1830 to about 1880, production was centered in the Paraíba valley to the north and west of Rio de Janeiro. During this period the coffee plantations, or *fazendas*, were characterized by a relatively low level of capitalization and rudimentary techniques of production. Manpower was supplied by black slaves who did not participate in the money economy. The *fazendeiro* customarily lived on the plantation, presiding as a powerful patriarch over the social and political affairs of the immediate area, in addition to controlling the economic activities of the plantation itself.” (*Idem*, *ibidem.*, p. 5).

²²⁵ PESSOA, Thiago Campos. (2013), O comércio negreiro na clandestinidade: As fazendas de recepção de africanos da família Souza Breves e seus cativos, *Afro-Ásia*, 47 (2013), 43-78._____. (2015) *O complexo Breves: A força da escravidão no Vale do café (Rio de Janeiro, c.1850 – c.1888)*. Monografia premiada em 1º lugar pelo Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa de 2015. PPGH-UFF._____. (2009) *O universo escravista no Império dos Souza Breves: A Família Breves e o tráfico ilegal de africanos*. Paper apresentado ao ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009._____. (2018) *O Império da escravidão: o complexo Breves no vale do Café (Rio de Janeiro, c.1850 – c.1888)* /Thiago Campos Pessoa. – Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

2.2 O bairro da Liberdade + (Sé, Várzea do Glicério, Várzea do Carmo, Parque Dom Pedro II)

2.2.1 Distrito Sul da Sé/Distrito da Glória

A Rua São Paulo, originalmente chamada de Rua dos Ingleses, não fica em nenhum ponto remoto da capital. Bem ao contrário, ela está ligada ao coração do coração da cidade, no contexto da colina histórica em que foi fundada. Fica a uns 500 metros do marco central da cidade, na Praça da Sé e, portanto, a uns 700 metros do seu marco de fundação, no Pátio do Colégio. Ela fica no então chamado Distrito do Sul da Sé, (...) ²²⁶

A Liberdade, como referida no dia a dia Paulistano, ou ainda o bairro da Liberdade, nasce como Distrito Sul da Sé, depois alterado para Distrito da Glória, e por volta de 1813 era conhecido como Bairro da Pólvora.²²⁷ Sevcenko²²⁸ afirma que a área objeto de nosso estudo estabelecia o limite sul da cidade até meados do século XIX, onde encontravam-se também o Caminho do Carro de Santo Amaro (atual Avenida da Liberdade), o Largo da Pólvora, abrangendo ainda 2 (duas) baixadas, “a do Tamanduateí ao leste (chamada de Caminho do Mar, atual Glicério) e a Ribanceira do Anhangabaú a oeste²²⁹”. O referido autor/texto aponta que nossa área de estudo era considerada “o espaço maldito da cidade”, onde encontrava-se o Morro da Forca, estrategicamente escolhido

(...) por ser visível de praticamente todos os quadrantes da cidade, expondo assim cruamente a todas as gentes a força da justiça implacável de Sua Majestade Imperial pairando sobre todos os seus súditos e supliciando exemplarmente os réprobos, recalitrantes e insubordinados, mas sobretudo intimidando os escravos rebeldes²³⁰.

Os habitantes do então Distrito Sul da Sé ou Distrito da Glória eram majoritariamente “insolventes”²³¹, ou em termos simples “o negro escravo recém-liberto, mulatos, pardos,

²²⁶ SEVCENKO, Nicolau. (2004), A cidade metástases e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista, São Paulo, *Revista USP*, n.63, pp.16-35, set./nov. 2004., p. 19.

²²⁷ CANTON, André Luiz. (2007) *Preservação Contraditória no Centro de São Paulo: degradação das Vilas Preservadas na Baixada do Glicério no contexto da renovação urbana (Operação Urbana Centro)*. páginas. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Depto de Geografia da FFLCH/USP., p.17

²²⁸ SEVCENKO, Nicolau. (2004) A cidade metástases e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista, São Paulo, *Revista USP*, n.63, pp.16-35, set./nov. 2004.

²²⁹ *Idem.*

²³⁰ *Idem, ibidem.*, p. 19 .

²³¹ Nós tomamos conhecimento deste termo ao ler “A cidade do Pensamento Único: Desmanchando Consensos”, (2000), de ARANTES, Otília Beatriz Fiori et al. Em resumo, ela diz que “...queremos visitantes e usuário solventes: o fechamento das fronteiras urbanas a visitantes e usuários insolventes certamente se funda no mesmo tipo de visão da cidade e do mundo: o direito à cidade, neste caso, passa a ser diretamente proporcional ao índice de solvência dos estrangeiros e visitantes...” nota de rodapé nº 4, p. 80. Nós adotamos este conceito com o propósito de evitar uma abordagem binária, i.e. Negros X Brancos. Junto aos negros escravizados ou livres, havia outros “grupos”, discriminados e não bem-vindos, também. O termo “insolvente” havia sido atribuído à Sharon Zukin, porém durante nossas trocas de e-mails, ela afirmou não se lembrar de ser a primeira a usar o referido termo. Em resumo, alguém que é classificado como insolvente não é necessariamente pobre, mas devido a “fatores”, a serem detalhados e/ou explicados nesta tese, alguns acadêmicos brasileiros tendem a evitar seu uso.

mamelucos, índios e brancos ralé²³² e embora houvessem algumas ruas²³³ ocupadas por famílias abastadas, alguns poucos barões do café, a área era bastante rustica e sua geografia humana e física é alterada com o processo de imigração, quando grupos europeus, majoritariamente vindos da Itália²³⁴, mas também de Portugal e Espanha, mudam-se para essa parte da cidade após duras experiência nas plantações de café no vale do Paraíba, no interior Paulista. Processo parecido aconteceria com os imigrantes japoneses²³⁵ pouco tempo depois. Todos os grupos acima mencionados ocupam casas, convertidas e/ou transformadas em cortiços, que haviam sido habitadas por famílias abastadas, majoritariamente ligadas às plantações de café no vale do Paraíba,²³⁶ São Paulo. De acordo com estudos/pesquisas consultados, por nós, essa teria sido a primeira transição étnico-racial na nossa área de estudo, uma vez que os habitantes “insolventes” expulsos não faziam parte do plano²³⁷ para uma cidade nova, moderna e bonita²³⁸. No nosso entender, Morse²³⁹ Sevcenko²⁴⁰ e Alcântara,²⁴¹ historiadores e antropólogo renomados, confirmam nossa 1ª hipótese.

Retomando, mais uma vez, a hipótese “transição étnico-racial de vizinhanças” e sua ocorrência na nossa área de estudo, afirmamos que a saída de “barões do café” do bairro da

²³² ROLNIK, Raquel. (1981) Cada um no seu lugar! (São Paulo, início da industrialização: Geografia do poder). Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo., p.09.

²³³ Rua Conde Sarzedas e as adjacentes.

²³⁴ Além das plantações de café no interior paulista (Vale do Paraíba), grupos de italianos teriam vindo também de outros bairros da cidade de São Paulo, como Mooca, em função de melhores oportunidades de trabalho (Fábrica de cigarros SUDAN, cf.: BARBEIRO, Heródoto. (2007) *Meu Velho Centro*: histórias do coração de São Paulo) e moradia (edificações produzidas por construtores de origem italiana), conforme CHIOVATTO, Mila Milene. (2000), *Desejos imigrados*: Análise de igrejas católicas na Mooca e Glicério como objetos culturais e identitários. 203 páginas. Dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

²³⁵ Cf.: MORAIS, Fernando (2000) *Corações sujos*. São Paulo, Companhia das Letras.

²³⁶ MORSE, Richard McGee (1970) *Formação Histórica de São Paulo*: de Comunidade à Metrópole, São Paulo, Difusão Européia do Livro.

²³⁷ “Os cortiços de Santa Ifigênia: sanitarismo e urbanização (1893)”, Simone Lucena Cordeiro (Org.).

²³⁸ Conforme Barbara Weinstein em *The Color of Modernity* (2015). “Moderna Paulista: Agora, se em acréscimo à opulenta agricultura, São Paulo der início a uma busca de desenvolvimento industrial considerável, muito em breve haverá enorme desequilíbrio econômico entre esta província e aquelas do Norte. E então a separação será inevitável, a menos que esta província queira se tornar uma colônia nos padrões da Califórnia (EUA), explorada pelo Norte intransigente em nome dos seus próprios interesses e através da força de seus representantes no Parlamento.” Do original: “Paulista Modern: Now, if in addition to its opulent agriculture, São Paul begins to achieve substantial industrial development, very soon there will be an enormous economic imbalance between this province and those of the North. And then the separation will be inevitable, unless this province wants to become a California-type colony, exploited by the intransigent North for its own interests and through the strength of its representation in Parliament.” (p.27).

²³⁹ Op. cit.

²⁴⁰ SEVCENKO, Nicolau. (2004) A cidade metástases e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista, São Paulo, *Revista USP*, n.63, pp.16-35, set./nov. 2004.

²⁴¹ ALCÂNTARA, Mauricio Fernandes de. (2018). Gentrificação e “hipsterização: um estudo sobre a Vila Buarque (São Paulo, Brasil). *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, v2, n6, pp.31-48, novembro de 2018. ISSN 2526-4702. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/sociabilidadesurbanas/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Liberdade (rua Conde de Sarzedas), além de outras vizinhanças do centro paulistano, então conhecido como delta ou triangulo histórico²⁴², rumo ao quadrante sudoeste²⁴³, pode ter sido o 1º passo ou ciclo da referida teoria. As ruas Conde de Sarzedas, Pirapitingui²⁴⁴, entre outras, abrigavam alguns casarões, moradia dos referidos barões e suas famílias, que haviam deixado a cidade de Campinas fugindo dos surtos de febre amarela, ao longo dos anos 1871, 1876, 1889, 1892, 1896, 1897 e 1889, conforme Gurgel²⁴⁵ no texto “A febre amarela em Campinas no século XIX”, publicado no Boletim da FCM, nº 6, da Faculdade de Ciências da Médicas da UNICAMP²⁴⁶.

Nós havíamos ouvido esta afirmação no documentário “São Paulo: memória em pedaços – Liberdade”²⁴⁷, de autoria da jornalista Neide Duarte, e com base neste trabalho, além dos textos do antropólogo Maurício Fernandes de Alcântara, tomamos a liberdade de inferir que os referidos barões do café, que deixam Campinas por causa dos surtos de febre amarela, instalam-se em vizinhanças do que viria a ser o bairro da Liberdade, mas que depois rumam em direção oeste, para a “Vila Buarque, Santa Cecília, Campos Elíseos, estes todos bairros satélites de Higienópolis, uma área pensada como bairro da elite paulista/paulistana”, conforme Alcântara,²⁴⁸ por nós entrevistado. A referida hipótese é ainda reforçada por Yoshimoto²⁴⁹ que diz: “...as classes burguesas se afastaram das faixas paralelas às ferrovias, se localizando em direção aos bairros dos Campos Elíseos, Santa Efigênia, Consolação, Higienópolis e Avenida

²⁴²PREFEITURA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento/turismo/eventos/index.php?p=274556>>. Acesso em 23 de jul 2021.

²⁴³ Villaça (1998)

²⁴⁴ PREFEITURA DE SÃO PAULO. *Rua Pirapitinguí, Liberdade*. Pirapitinguí, termo indígena que significa: ação de pescar o peixe utilizando-se de veneno. Disponível em: <<https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>>. Acesso em 23 de jul. 2021.

²⁴⁵ Profa Dra Cristina Brandt Friedrich Martin Gurgel, médica e docente do curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Os detalhes para podermos inserir o referido texto nas nossas referências bibliográficas foram enviados por Edimilson Montalti e Camila Delmondes, *Assessoria de Relações Públicas e Imprensa*, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, (19) 3521 8968 | (19) 3521 8252, via e-mail imprfcm@unicamp.br, em 22/02/2021. GURGEL, Cristina Brandt Friedrich Martin. (2015) *A febre amarela em Campinas no Século XIX*, Boletim da FCM – Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – Ano 2015 – Vol.10, nº6, Campinas, Assessoria de Relações Públicas e Imprensa da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

²⁴⁶ISSUU. Disponível em: <https://issuu.com/imprensafcm/docs/boletim_fcm_2015_v10_n6https://www.fcm.unicamp.br/fcm/sites/default/files/images/user228/historia_a_febre_amarela.pdf>. Acesso em 22 de jul 2021.

²⁴⁷YOUTUBE. *Memória em Pedaços – Liberdade*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x_HBNfUcdsc> . O trecho por nós mencionado está no minuto 17h50. Acesso em 23 de jul. 2021.

²⁴⁸ Alcântara (2020) Mimeo

²⁴⁹ YOSHIMOTO, Milton Mitsuki. (1980) *Baixada do Glicério*: Um estudo de bairro. Professor Orientador: Silvio Soares Macedo. Tese de Graduação Inter-Disciplinar, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Paulista.” (Histórico – p.1). Importante salientar que o Palácio do Governo seria instalado em Campos Elíseos, zona oeste de São Paulo, local este onde aconteceriam as reuniões de negociação de “paz”, sob a gestão do governador Ademar de Barros e/ou José Carlos de Macedo Soares, o interventor federal em São Paulo, entre os “sicários” da organização secreta japonesa conhecida como a Ku Klux Klan asiática, a temida Shindo Renmei, cf.: Morais.²⁵⁰

2.2.2 Localizando o bairro (Demografia)

Nosso objeto de estudo é uma área localizada na subprefeitura da Sé, o bairro da Liberdade, acompanhado de Bom Retiro, Santa Cecília, República, Consolação, Bela Vista e Cambuci.

O bairro da Liberdade recebeu a denominação de Largo da Força porque entre as várias localidades de São Paulo, foi escolhido para abrigar uma força destinada à execução da pena de morte. Mas antes de lá ser construída, o instrumento do suplício dos condenados rodou por várias regiões da capital.

A primeira força erguida em São Paulo para punir escravos e criminosos foi no tempo colonial, na rua Tabatinguera. Nesse local, em 1592, existia o velho Convento do Carmo. Os frades, constrangidos, pediram que as execuções fossem dali transferidas. O novo local escolhido foi o caminho do “Birapuera”, que levava a Santo Amaro. Mas devido a novas reclamações, a força foi retirada de lá e a Liberdade passou a ser o novo local de execuções. E uma das cenas mais cruéis foi perpetrada ali. O Governo Provisório tentou abafar um levante militar. Duas execuções causaram grande clamor popular, a de Cotindiba e Chaguinhas. O primeiro morreu rápido, mas o segundo não. As cordas que o enforcariam arrebentaram várias vezes. O público pedia clemência e gritava: “Liberdade, Liberdade!” Como o ato não se consumava, morreu a pauladas. Daí por diante, passou Chaguinhas a ser héroi. O povo, para consagrar-lhe martírio, erigiu uma capela com o nome de Santa Cruz dos Enforcados. Em lembrança ao Chaguinhas, manteve-se a prática de acender velas pelas almas do purgatório. E foi assim que o Largo da Força passou a ser Largo da Liberdade.²⁵¹

O trecho acima é confirmado por Laís de Barros Monteiro Guimarães em “Liberdade: História dos bairros de São Paulo,²⁵²” nas referências bibliográficas deste.

Em sua obra, Rolnik²⁵³ aponta os referidos bairros como palco de agitação política na primeira década do século XX: “Cidade curto circuito, São Paulo da Primeira República foi espaço permanente de tensão, que percorria cotidianamente o corpo da cidade e que explodia, aqui e ali, em revolta.²⁵⁴” Segundo nossa observação pessoal, nenhum dos bairros ou distritos

²⁵⁰ MORAIS, Fernando (2000) *Corações sujos*. São Paulo. Companhia das Letras., pp. 236-251.

²⁵¹ NIPPO. Disponível em: <<http://www.nippobrasil.com.br/especial/n027.php>>. Acesso em 23 de jul. 2021.

²⁵² GUIMARÃES, Laís de Barros Monteiro. (1979) *Liberdade: História dos bairros de São Paulo*, São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico – Divisão do Arquivo Histórico – Prefeitura de São Paulo., pp. 66-67

²⁵³ ROLNIK, Raquel. (1981) *Cada um no seu lugar!* (São Paulo, início da industrialização: Geografia do poder). Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

²⁵⁴ *Idem, ibidem.*, p. 37.

mencionados passa a fazer parte do chamado “**modelo de periferia desequipada**”²⁵⁵, como apontado por Rolnik,²⁵⁶ pois nem rede de água ou esgoto, incluindo iluminação pública migra para os Jardins da City e adjacências. Há, contudo, considerável processo de deterioração de imóveis residências (Vilas Operárias) e fábricas desativadas. Estas últimas continuam dando espaço para condomínios verticalizados de médio e alto padrão, nas áreas mencionadas. Entre as várias vizinhanças que compõem o bairro estudado, neste momento daremos algum destaque para o setor conhecido como Várzea do Glicério conforme “Mapa 1 (p.143): perímetro de uma das vizinhanças/áreas sob estudo” e “Mapa 2 (p. 144): sub-perímetro de uma das vizinhanças/áreas sob estudo, antes do arruamento atual”. A construtora Tegra²⁵⁷, anteriormente Brookfield, ergueu algumas torres na região, padrões médio-alto²⁵⁸ e médio-baixo, que destoam de forma considerável dos antigos prédios entre as ruas Helena Zerrenner e Oscar Cintra Gordinho, estas circundadas pelas ruas Tabatinguera, Glicério, Estudantes e Conde de Sarzedas. Em matéria jornalística de 01/09/2016, no Estadão, leu-se:

(...) o que mais impressiona é a ousadia da empresa, que implantou o empreendimento numa região degradada e esquecida pelo mercado, contribuindo, significativamente, para a renovação urbana da região.²⁵⁹

Sobre o conjunto de ruas mencionados, estendendo-se pelo Parque Dom Pedro II e a Várzea do Carmo, ouvimos de uma pessoa entrevistada, ligada ao CEM – Centro de Estudos Migratórios (Federação dos CEMs J.B. Scalabrini), que funciona dentro da Igreja Nossa Senhora da Paz, na rua do Glicério, que o então prefeito Gilberto Kassab tinha planos de renovar toda a região mencionada, erguendo ali novos e modernos prédios, algo que nos fez lembrar o

²⁵⁵ A urbanista Raquel Rolnik ainda diz: “a partir daí se esboça uma nova tendência: o modelo ‘periferia desequipada’. Entre 1900 e 1928 a rede de água e esgoto da Capital cresceu pouquíssimo em relação ao crescimento da área ocupada: Ipiranga, Cambucy, Vila Mariana, Aclimação, Água Branca, Lapa, Bom Retiro, Barra Funda, Brás, Móoca, Pary e Caninde já se encontraram mais servidos – são todas regiões de ocupação anterior a 1914. Na verdade, entre 1918 e 1928 os únicos bairros novos que foram servidos de infraestrutura são, como já era de se esperar, os ‘Jardins’ da City e adjacências, territórios dos patrões.” (*Idem, ibidem.*, p. 37).

²⁵⁶ *Idem.*

²⁵⁷ Em matéria de O Globo, de 21/06/2017, leu-se “A partir de agosto/2017, os lançamentos do braço imobiliário do grupo canadense no Brasil chegarão ao mercado com a marca Tegra Incorporadora, subsidiária integral da Brookfield Asset Management.” Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2017/06/21/brookfield-se-reinventa-e-adota-nome-tegra-em-sua-nova-fase.ghtml>>. Acesso em 23 de jul. 2021. PS: nós fizemos contato com eles para uma entrevista, mas não obtivemos resposta.

²⁵⁸ No espaço que abrigou a antiga fábrica de cigarros SUDAN, do empresário italiano Sabbado D’Angelo. Segundo BARBEIRO, Heródoto. (2007) *Meu Velho Centro*: histórias do coração de São Paulo. São Paulo, Boitempo Editorial., foi esse empresário que doa considerável porção de terra à ordem católica Scalabrinianos, que ergueu a Igreja Nossa Senhora da Paz, ainda nos anos 1940-50. A referida ordem é fundada por Dom João Batista Scalabrini (Fino Mornasco, 1839 – Piacenza, 1 de junho de 1905), um bispo da Igreja Católica. A referida ordem é também conhecida como Congregação dos Missionários de São Carlos.

²⁵⁹ ESTADÃO. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/blogs/radar-imobiliario/torre-de-25-andares-renova-a-baixada-do-glicerio/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Parque da Nações, na cidade de Lisboa, onde tivemos a oportunidade de conhecer durante breve trabalho ainda no mestrado.

*Resultado de um ambicioso projeto de requalificação urbanística e ambiental da frente ribeirinha do rio Tejo ao redor da Doca dos Olivais, em função da EXPO '98, que ajudou a modernizar Lisboa.*²⁶⁰

O agente político mencionado defende projetos de renovação urbana por meio da derrubada total de edificações condenadas:

*(...) porque demonstram a preocupação do setor privado com a manutenção dos investimentos, dos empregos gerados, com as novas tendências urbanísticas e experiências de recuperação do espaço público em diferentes locais do planeta.(pp.15-16)*²⁶¹

Na mesma publicação²⁶², Mônica Barboza Paes de Barros, uma socióloga e administradora com especialização em marketing e MBA em Negócios Imobiliários e Gestão de Projetos, segue a mesma lógica de Gilberto Kassab, e coloca-se contrária a reformas ou *retrofit* porque:

não se pode mudar a estrutura do prédio, sua fundação, o tamanho das lajes, etc. Quando se retrofit uma torre, estamos engessados na estrutura que ela oferece. Nos novos projetos, podemos desenvolver plantas que melhor atendam os usuários e que permitam melhor modulação dos layouts internos. (p.24)

Nessa mesma linha de renovação urbana nas áreas mencionadas, já havia ocorrido tentativas de trazer mega empreendimentos, como por exemplo o Maharishi São Paulo Tower²⁶³, que tinha Mário Garnero da Brasilinvest, e um ex-guru espiritual dos Beatles, o Maharishi Mahesh Yogi. A referida obra iria do atual Parque Dom Pedro II até o bairro da Pari, tendo planos de abrigar o prédio mais alto do mundo.

²⁶⁰ PORTAL DAS NAÇÕES. Disponível em :<<http://www.portaldasnacoes.pt/category/parque-das-nacoes-6/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

²⁶¹ Gilberto Kassab, ministro das Cidades, fala sobre a infraestrutura do país e sobre o desenvolvimento das regiões brasileiras”, pp.: 14-18 *Revista Buildings*, Ano 8 – Edição 30 – 3º Trimestre – 2015. Disponível em:<<https://www.buildings.com.br/public/assets/img/buildings/revista/ed-30/pdf/files/assets/basic-html/page14.html>>. Acesso em 22 de jul 2021. PS: agradecemos ao Jean Santos (jean.santos@buildings.com.br), do Marketing e Eventos do referido veículo, pelo envio da versão eletrônica.

²⁶² O NOVO PLANO DIRETOR., pp.: 20-26, *Revista Buildings*, Ano 8 – Edição 30 – 3º Trimestre – 2015. Disponível em:<<https://www.buildings.com.br/public/assets/img/buildings/revista/ed-30/pdf/files/assets/basic-html/page14.html>>. Acesso em 22 de jul 2021.

²⁶³ LEMBRANÇAS DE SÃO PAULO. Disponível em:<https://lembrasp.blogspot.com/2016/12/maharishi-sao-paulo-tower-saopaulo.html?fbclid=IwAR1ave3kJNCMMWIQ1JgkMzvKyqcvTwKhiTKNYgLtZRcTtF6pLNYAX5oYhttps://olharpaulistano.wordpress.com/2010/01/12/era-um-vez-o-predio-mais-alto-do-mundo/?fbclid=IwAR1t4Dn38r0qLiLAkc6Zxyxs_CuoqMUvkt-R2PXbQTdIX82U2b30c8rmETY>. Acesso em 22 de jul. 2021.

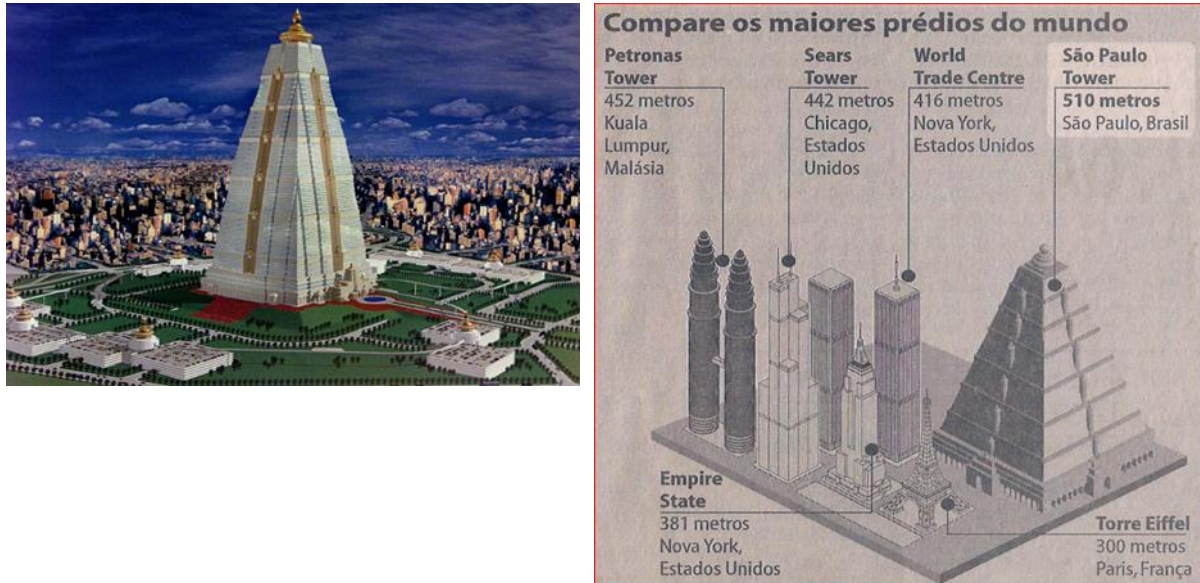
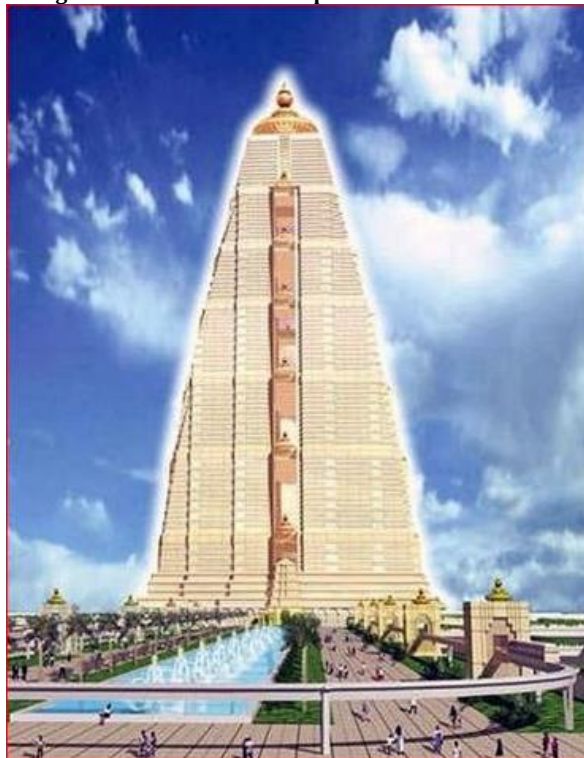
Imagem 3²⁶⁴

Imagem 4 - Era uma vez... o prédio mais alto do mundo



²⁶⁴ LEMBRANÇAS DE SÃO PAULO. Disponível em: <<https://lembrasp.blogspot.com/2016/12/maharishi-sao-paulo-tower-sao-paulo.html?fbclid=IwAR1ave3kJNCM-MWlQI1JgkMzvKyqcvTwKhiTKNYgLtZRcTtF6-pLNYAX5oY>>. Acesso em 20 de jul. 2021./ 110 andares, 510 metros de altura e um custo (em valores da época) de US\$1,6 bilhões esse é, em resumo, o que seria o Maharishi São Paulo Tower.

Imagem 5²⁶⁵

2.3 Um case de “Revitalização” ou Requalificação, Renovação, Ressignificação, Reabilitação!!!

2.3.1 Como era o Parque das Nações²⁶⁶:

O Parque das Nações era ocupado por grandes infraestruturas industriais, nomeadamente a refinaria da Petrolgal e depósitos de produtos petrolíferos (ex-Sacor e outras companhias, ocupando cerca de 50 ha), o Matadouro Industrial de Lisboa, o Depósito Geral de Material de Guerra, a Estação de Tratamento de Águas Residuais, o Aterro Sanitário e a Estação de Tratamento de Resíduos Sólidos (ETRS) de Beirolos, além de diversas instalações portuárias e atividades afins. Na zona imediatamente a poente da linha de caminho de ferro, foram-se instalando também pequenas e médias indústrias, de modo pouco ordenado sob o ponto de vista de planeamento urbanístico.

As principais razões explicativas do estado de degradação e poluição atingido no Parque das Nações, antes da intervenção da **Parque EXPO** - entidade responsável pela realização da

²⁶⁵MEMÓRIAS PAULISTANAS - HISTÓRIAS PAULISTANAS. Disponível em:< <https://www.facebook.com/groups/memoriaspaulistanas/permalink/3722909174396967/>>. Acesso em 20 de jul. 2021.

²⁶⁶PORTAL DAS NAÇÕES. Disponível em:<<http://www.portaldasnacoes.pt/item/como-era-o-parque-das-nacoes/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Exposição Mundial de 1998 e dos trabalhos necessários para o seu sucesso, deviam-se essencialmente:

- Ao tipo de indústrias e à fase em que foram instaladas, correspondendo a um período no qual eram ainda incipientes as preocupações ambientais e os meios técnicos para as materializar;
- À forma de implantação dessas indústrias, então alheia a critérios de ordenamento; À natureza dominial de uma grande percentagem do solo, mantido em situação expectante, mas sem controlo em relação a situações de utilização clandestina, como seja o abandono de lixos e detritos de construção;
- Ao envolvimento da zona industrial portuária pelo tecido urbano, criando uma situação conflitual de interesses, que progressivamente questionaria a vocação estabelecida, face à maior dinâmica do "uso" urbano e à incapacidade de resposta e reconversão dos usos instalados²⁶⁷²⁶⁸²⁶⁹

²⁶⁷ Projeto: Disponível em:<<http://www.portaldasnacoes.pt/item/o-projeto/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

²⁶⁸ Conceito: Disponível em:< <http://www.portaldasnacoes.pt/item/conceito/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

²⁶⁹ Objetivos: Disponível em:< <http://www.portaldasnacoes.pt/item/objetivos/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

2.3.2 Um case de “Revitalização” ou Requalificação, Renovação, Resignificação, Reabilitação!!

Imagem 6

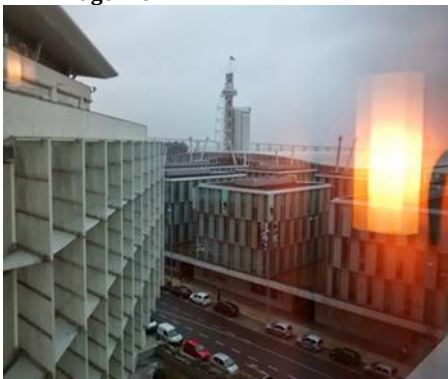


Imagem 7



Imagem 8



Imagem 9



Imagem 10

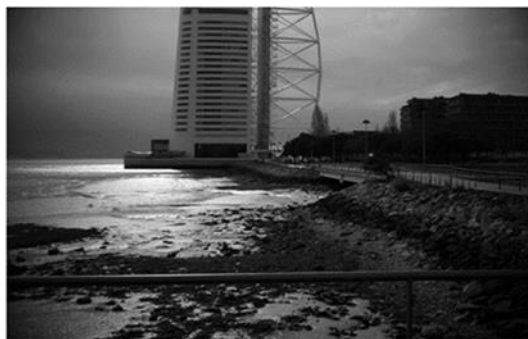


Imagem 11



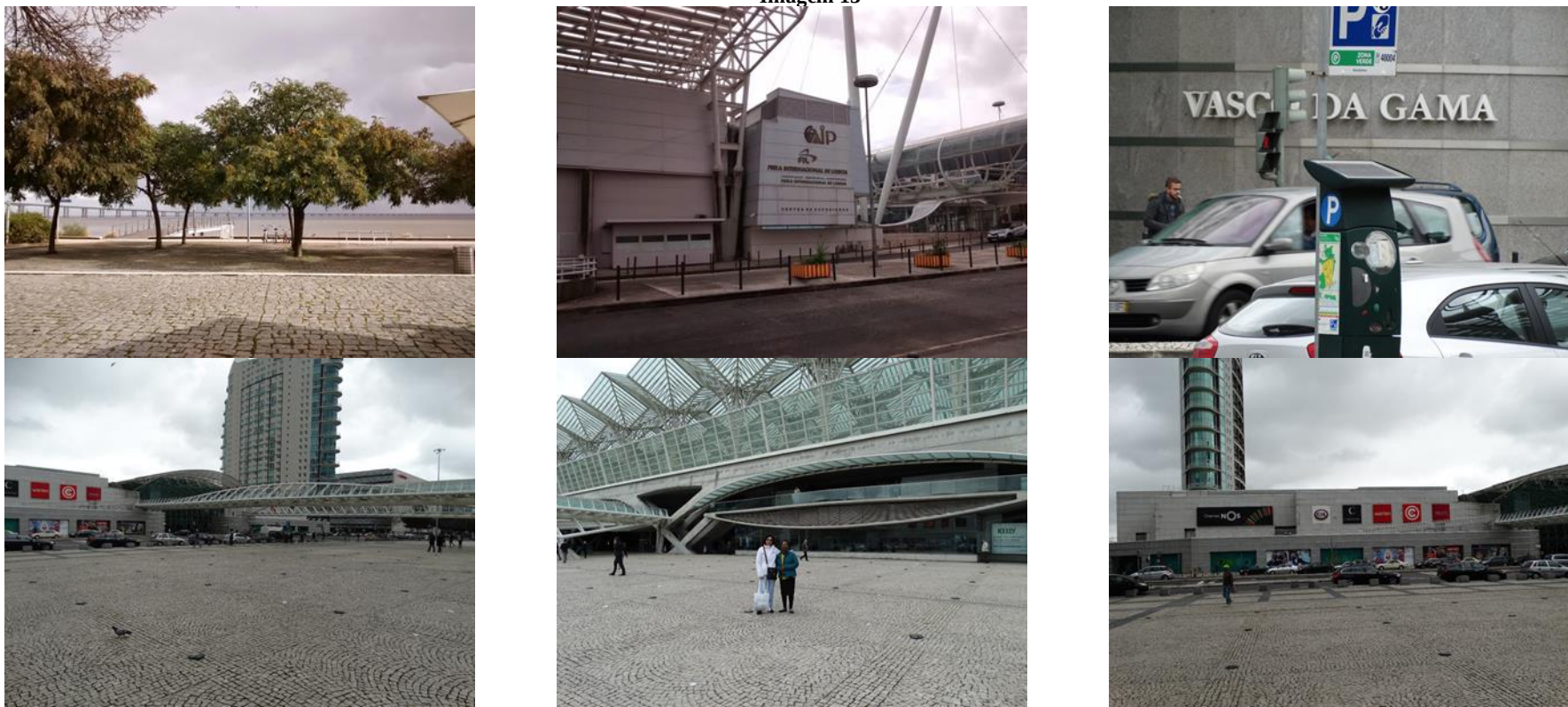
Imagem 12²⁷⁰



²⁷⁰ Da direita para esquerda e de cima para baixo, tiradas no Parque das Nações, na cidade de Lisboa, Portugal. Área degradada que passa por processo de “revitalização”.
Crédito das fotos: Maria Maria Ferreira, Irene de Freitas Cunha e Moisés de Freitas Cunha.

2.3.3 Um case de “Revitalização” ou Requalificação, Renovação, Ressignificação, Reabilitação!!!

Imagem 13²⁷¹



²⁷¹ Da direita para esquerda e de cima para baixo, tiradas no Parque das Nações, na cidade de Lisboa, Portugal. Área degradada que passa por processo de “revitalização”.
Crédito das fotos: Maria Maria Ferreira, Irene de Freitas Cunha e Moisés de Freitas Cunha.

Sobre os antigos prédios entre as ruas Helena Zerrenner e Oscar Cintra Gordinho, circundados pelas ruas Tabatinguera, Glicério, Estudantes e Conde de Sarzedas, conseguimos colher, mediante entrevistas com ex-moradores e algumas poucas publicações a respeito, de que os primeiros edifícios teriam sido erguidos por imigrantes italianos e também árabes, que já possuíam algum capital trazido de fora do Brasil. O engenheiro Omar Maksoud, fundador da construtora Omar Maksoud Engenharia²⁷², Camilo Daccache²⁷³ e Predial Berenice, foram indicados como responsáveis pela construção e proprietários de vários dos edifícios na referida área. O entrevistado²⁷⁴, que mais falou, foi um ítalo-brasileiro de nome L.N., cuja família era proprietária de terrenos na região, e algumas de suas casas antigas teriam sido demolidas para dar lugar aos novos edifícios. Cruzando informações do Sr. L.N. com mais informações colhidas junto ao CEM – Centro de Estudos Migratórios (Igreja Nossa Senhora da Paz), Chiovatto (2000) e Barbeiro (2007), apontamos que um grande industrial italiano, o Sr. Sabbado D'Angelo²⁷⁵, dono da fábrica de cigarros Sudan²⁷⁶, contratava vários de seus conterrâneos, os quais vinham do Brás e Mooca, e que após a edificação dos referidos prédios, para ali se mudam. É possível inferir também que os referidos apartamentos eram vendidos para quem podia pagar, e a considerar que os afro-brasileiros, sempre preteridos no mercado de trabalho, não possuíam renda para adquirir moradia na referida vizinhança, não eram parte da clientela. Ainda na minha infância, pois eu nasci no bairro no ano 1967, lembro-me de consideráveis quantidades de vizinhos italianos, árabes e japoneses, e só depois chegariam os imigrantes coreanos. Sobre degradação e possíveis causas, o Sr. L.N. disse o seguinte:

(...) Quanto à degradação será muita conversa. Na verdade, há inúmeras variáveis que influíram, mas a construção do Minhocão foi a principal. Há muitos detalhes nisso e a própria ocupação dos prédios da baixada depois de

²⁷² OMARMAKSOUND. Disponível em: <<https://www.omarmaksoud.com.br/>>. Acesso em 23 de jul 2021.

²⁷³ Este nome é confirmado por SOUZA, Paula Carlos de. ([2016]) *Glicério: Lugar de todos, terras de ninguém*. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/jornada/paper/download/280/242>>. Acesso em 22 de jul 2021._____. ([2015] *Baixada do Glicério: um patrimônio encortçado*. Iniciação científica. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/jornada/paper/download/280/242>>. Acesso em 22 de jul 2021., p. 14, que ainda aponta o Sr. Possidonio Ignacio das Neves e seu filho, o Sr. Manoel Ignacio como proprietários de vários terrenos e/ou edificações na referida área.

²⁷⁴ Um informante da pesquisa, semi-identificado por razões solicitadas.

²⁷⁵ SÃO PAULO ANTIGA. Disponível em: <<https://saopauloantiga.com.br/casa-antiga-rua-sabbado-dangelo/>>. Acesso em 22 de jul 2021.

²⁷⁶ NORONHAADVOGADOS. Disponível em: <<http://www.noronhaadvogados.com.br/publicacoes/as-vitimas-empresariais-da-ditadura-o-caso-sudan/>>. Acesso em 22 de juç. 2021.

certos anos também contribuiu à medida que o povo do norte/nordeste veio habitar lá e o número de ocupantes por 'ap' desordenou. Um alta população em poucos metros quadrados de habitação. (L.N. via e-mail, em fev/2018).

Outro dado histórico muito importante sobre as referidas ruas é que a área era de propriedade da multinacional canadense Light, nas primeiras décadas do século XX, e algumas ruas só foram abertas entre as décadas de 1920 e 1940, conforme imagem.

Paula Carlos de Souza²⁷⁷²⁷⁸ aponta que a referida empresa canadense “construiu sobre a Várzea do Carmo²⁷⁹ um trecho da linha férrea Santos-Jundiaí” ainda em 1867, e Barbeiro²⁸⁰ aponta a existência de uma área para depósito de cabos e peças usadas pela *São Paulo Tramway Light and Power Company Limited*. A área do referido depósito, que vai dar lugar às ruas Oscar Cintra Gordinho e Helena Zerrenner, havia sido propriedade de D. Anna Machado, adquirida em função do “parcelamento do solo influenciado pela Lei de Terras em 1850”, lei esta “que buscou regularizar a questão fundiária em geral, mas cujo objetivo, na ótica do Governo, era permitir a utilização e venda de terras públicas para obter os recursos necessários à implantação de políticas para atrair colonos europeus”²⁸¹²⁸².

Complementando as informações anteriores, Canton²⁸³ indica que o atual perímetro do Glicério, que abrigara a Chácara de Dona Anna Machado ou ainda a Chácara da Tabatinguera, havia sido propriedade de Francisco de Assis Lorena, existindo ali sua chácara e “à sua frente ficava a fonte de Santa Luzia, na atual rua de mesmo nome. Seu

²⁷⁷SOUZA, Paula Carlos de. ([2016]) *Glicério: Lugar de todos, terras de ninguém*. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/jornada/paper/download/280/242>>. Acesso em 22 de jul 2021. _____. ([2015] *Baixada do Glicério: um patrimônio encortiçado*. Iniciação científica. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/jornada/paper/download/280/242>>. Acesso em 22 de jul 2021

²⁷⁸ “Este texto se volta para a base oeste da colina, para a várzea onde o Tamanduaté serpenteava livremente e recebia as águas dos córregos que banhavam a região. Um desnível de 30m entre o topo da colina e a várzea caracterizará uma divisão física e social ao longo da história e se tornarão características físicas fundamentais para compreender o processo de ocupação do Glicério.” (Op. cit. p.5).

²⁷⁹ Várzea do Carmo (p.8)

²⁸⁰BARBEIRO, Heródoto. (2007) *Meu Velho Centro: histórias do coração de São Paulo*. São Paulo, Boitempo Editorial.

²⁸¹CARVALHO, José Murilo de. (2012) *História do Brasil Nação: 1808-2010 - Volume 2 – A Construção Nacional 1830-1889*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva Ltda., p. 38

²⁸²CHALHOUB, Sidney. (2012), *População e Sociedade*, pp.: 36-81 In CARVALHO, José Murilo de. (2012), *História do Brasil Nação: 1808-2010 - Volume 2 – A Construção Nacional 1830-1889*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva Ltda.

²⁸³CANTON, André Luiz. (2007) *Preservação Contraditória no Centro de São Paulo: degradação das Vilas Preservadas na Baixada do Glicério no contexto da renovação urbana (Operação Urbana Centro)*. 2007. 89 páginas. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Depto de Geografia da FFLCH/USP.

parcelamento ocorre durante a década de 1890, quando foram abertas as ruas Conselheiro Furtado, Conde de Sarzedas e Santa Luzia²⁸⁴.” Há ainda a menção das seguintes chácaras vizinhas: (1) Quinta de Francisco Machado dos Ingleses, e (2) Chácara Streib,²⁸⁵ Canton²⁸⁶ aponta que a referida área possuía considerável relevância junto ao Triângulo Histórico pois havia ali a “república dos estudantes da Faculdade de Direito na ‘Chácara dos Ingleses’, entre as ruas da Glória, Conselheiro Furtado e Tomás de Lima, local que originou a atual rua dos Estudantes [...] frequentado por [...] personalidades, como Álvares de Azevedo²⁸⁷.”

Como já mencionado nesta tese, casarões outrora moradia de famílias abastadas²⁸⁸ são transformadas, convertidas em cortiços²⁸⁹, que abrigam imigrantes italianos vindos das plantações de café no interior paulista. Dados históricos indicam que os referidos imigrantes eram preferíveis no mercado de trabalho²⁹⁰ e muitos vão trabalhar na fábrica de cigarros SUDAN S/A (propriedade do italiano Sabbado D’Angelo), Fábrica de Tecidos do Conde Álvares Penteado, etc, todas na referida região. Com emprego e/ou fonte de renda contínuos, é possível fazer um planejamento financeiro familiar e adquirir moradia decente. Outro dado histórico que nos permite fazer tal inferência é o artigo 18 da Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850, também conhecida como Lei de Terras:

O governo fica autorizado a mandar vir anualmente à custa do Thesouro certo numero de colonos livres para serem empregados, pelo tempo que

²⁸⁴ BRASIL. LEI No 601, DE 18 DE SETEMBRO DE 1850. Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/10601-1850.htm>. Acesso em 22 de jul. 2021., p.18.

²⁸⁵ *Idem, ibidem.*, p.19.

²⁸⁶ CANTON, André Luiz. (2007) *Preservação Contraditória no Centro de São Paulo: degradação das Vilas Preservadas na Baixada do Glicério no contexto da renovação urbana (Operação Urbana Centro)*. 2007. 89 páginas. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Depto de Geografia da FFLCH/USP.

²⁸⁷ AZEVEDO, Militão Augusto de. (1887). *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo: 1862-1887*. São Paulo / Acervo IMS. Disponível em: <<http://www.ims.com.br/ims/explore/artista/militao-augusto-de-azevedo>>. Acesso em 22 de jul. 2021., pp. 18-19.

²⁸⁸ As referidas famílias migram para o oeste paulistano, e no nosso entender tal migração foi o 1º passo ou ciclo da teoria de transição étnico-racial de vizinhanças. GOTHAM, Kevin Fox. (2002) *Beyond Invasion and Succession: School Segregation, Real Blockbusting, and the Political Economy of Neighborhood Racial Transition*, In *City Community*, v.1, nº1, mar., pp.83-111, American Sociological Association, Washington, DC. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1540-6040.00009/pdf>>. Acesso em 22 de jul 2021.

²⁸⁹ Imóvel que apresenta as seguintes características: [...] b) subdividida em vários cômodos alugados, subalugados ou cedidos a qualquer título...”. SOUZA, Paula Carlos de. (2015) *Baixada do Glicério: um patrimônio encortiçado*. Iniciação científica. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/jornada/paper/download/280/242>>. Acesso em 22 de jul 2021.p.17).

²⁹⁰ BERNARDO, Teresinha. ([1998]; 2007) *Memória em branco e negro: Olhares sobre São Paulo*, São Paulo, EDUC.

*formarcado, em estabelecimentos agrícolas, ou nos trabalhos dirigidos pela administração pública, [...].*²⁹¹

A ocupação ou urbanização das áreas que circundam o Rio Tamanduateí, com foco para as Várzeas do Glicério e do Carmo, uma espécie de “Baixos da Liberdade”, recebeu elogios e críticas ao longo do tempo. Os elogios são em função da abertura para a Zona Leste, e as críticas são em função da exploração da terra (especulação imobiliária?), uma espécie de *commodification* ou a transformação da terra em commodity, uma mercadoria. Além do conjunto de prédios erguidos nas recentes ruas Oscar Cintra Gordinho e Helena Zerrenner, entre as décadas de 1940 e 1950, houve a construção de várias casas nas vilas operárias no Glicério, como por exemplo a Vila Suíça, a Vila Sarzedas, a Vila Carolina Augusto, e as vilas da Rua dos Estudantes. Inicialmente habitadas por trabalhadores de origem europeia (italianos, espanhóis, portugueses), elas virariam habitação de migrantes nacionais, que chegariam na referida região em grande número e com baixíssimos recursos econômico-financeiros, educacionais e com hábitos culturais bastante “diferenciados”.

*Na década de 60, a construção do Elevado Costa e Silva [...] separou o Glicério do restante da Liberdade, provocando ainda sérios problemas de poluição atmosférica, visual e sonora. [...] Mais recentemente a instalação da Rodoviária do Glicério sob o elevado, que opera com os ônibus do norte e nordeste do país, veio a se tornar outro polo de deterioração do local, com o aparecimento de um comércio desestruturado, improvisado, para atender a demanda, além de se tornar uma entrada natural de migrantes nordestinos.*²⁹²²⁹³

Yoshimoto²⁹⁴ menciona, também, a tardia urbanização das áreas que circundam o Rio Tamanduateí, que só ocorre no final do século XIX, e Morse²⁹⁵ descreve a referida área como local usado por mulheres escravizadas que levavam roupas de seus “senhores” para ali serem lavadas:

*Ao longo do Tamanduateí, que serpenteava pelo sopé da cidade até encontrar o Anhangabaú, veria escravas debruçadas lavando roupa e, aproximando-se, ouviria suas canções guturais e suas risadas.*²⁹⁶

²⁹¹BERNARDO, Teresinha. ([1998]; 2007) *Memória em branco e negro: Olhares sobre São Paulo*, São Paulo, EDUC.p. 19.

²⁹² YOSHIMOTO, Milton Mitsuki. (1980) *Baixada do Glicério: Um estudo de bairro*. Professor Orientador: Silvio Soares Macedo. Tese de Graduação Inter-Disciplinar, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

²⁹³ A referida tese de graduação interdisciplinar não recebeu paginação/número das páginas.

²⁹⁴ Op. cit.

²⁹⁵ MORSE, Richard McGee. (1970) *Formação Histórica de São Paulo: de Comunidade à Metrópole*, São Paulo, Difusão Européia do Livro.

²⁹⁶ *Idem, ibidem.*, p. 43.

Imagem 14



É provável que o nome Várzea do Carmo tenha sua origem na ordem católica dos Carmelitas, que ali próximo possuía um mosteiro. Aliás, o famoso triângulo histórico era formado pelos mosteiros do Carmo, de São Francisco e de São Bento. Além dos referidos mosteiros, Morse²⁹⁷ chama atenção para a existência das igrejas da Boa Morte e de São Gonçalo, por volta de 1820.

Ainda sobre as referidas várzeas, há dados históricos que indicam o uso do Rio Tamanduateí para o descarte de lixo, fezes, carcaças de animais abatidos nos matadouros, transformando o local numa das 5 (cinco) ameaças à higiene na cidade²⁹⁸. Com as constantes inundações da referida área, ou ainda “as águas estagnadas e os mosquitos da várzea inundada”²⁹⁹, autoridades locais além das ordens religiosas formavam comissões *ad hoc*, que logo após a “solução” do problema eram dissolvidas, desta forma nunca construindo planejamento urbano para cuidar deste ou de outros problemas. O Estado fornecia prisioneiros, quase sempre negros, e a Igreja fornecia seus escravizados para as obras de drenagem³⁰⁰, ou o dessecamento da várzea do Carmo³⁰¹. Os mencionados prisioneiros, do Estado, ou os escravizados, da Igreja, compunham também as “brigadas de baldes”³⁰² para pôr fim a incêndios locais.

²⁹⁷ MORSE, Richard McGee. (1970) *Formação Histórica de São Paulo: de Comunidade à Metrópole*, São Paulo, Difusão Européia do Livro., p. 44

²⁹⁸ *Idem, ibidem.*, p. 51.

²⁹⁹ *Idem, ibidem.*, p. 50.

³⁰⁰ *Idem, ibidem.*, p. 65.

³⁰¹ várzea do Carmo (p.50).

³⁰² *Idem.*

Voltando ao “presente”, Yoshimoto³⁰³ também aponta a migração de pessoas ou famílias abastadas em direção ao que seria chamado de quadrante sudoeste de São Paulo, pelo urbanista Flávio Villaça.

O desenvolvimento industrial verificado no começo do século e a localização das indústrias junto ao traçado das vias férreas sobre o município (que se acomodaram junto ao Vale do Rio Tietê) determinaram a aglutinação das residências proletárias numa nova direção (Brás e bairros vizinhos) enquanto as classes burguesas se afastaram das faixas paralelas às ferrovias, se localizando em direção aos bairros dos Campos Elíseos, Santa Efigênia, Consolação, Higienópolis e Avenida Paulista³⁰⁴

Resultado ou reflexo de IVM – Intervenção de Valorização Imobiliária³⁰⁵ ou transformação da terra em mercadoria³⁰⁶, tem-se o seguinte:

I) Em 1.957 constroem-se o conjunto de aproximadamente vinte edifícios de dez a vinte pavimentos nas ruas Oscar Cintra Gordinho e Helena Zerrenner, comprometendo irremediavelmente a estrutura urbana existente. Até então, a característica física de ocupação do bairro era horizontal, com casas térreas e sobrados que apesar da disposição arcaica no lote mantinham uma tal escala e densidade que davam às ruas um aspecto muito agradável, gerando um uso afetivo como área de lazer e de encontros interpessoais. A partir da construção desses edifícios com finalidades meramente especulativas, produz-se um adensamento físico e humano que atinge níveis de saturação, incompatíveis com um mínimo de qualidade de vida necessário.³⁰⁷³⁰⁸

II) O conjunto Residencial da Várzea do Carmo, erguido próximo à Avenida do Estado, em direção ao bairro do Cambuci, por volta de 1938, e teve na autoria do projeto os arquitetos e/ou engenheiros Atílio Correa Lima, Hélio Lage Uchoa Cavalcanti, José Theodulo da Silva e Alberto de Mello Flores. A referida obra faz parte da HIS – Habitação de Interesse Social e contou com recursos do IAPI – Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, e levou em consideração “princípios de economia, qualidade, escala, reprodutividade e integração à cidade, essenciais à concepção moderna de habitação³⁰⁹”.

³⁰³ YOSHIMOTO, Milton Mitsuki. (1980) *Baixada do Glicério*: Um estudo de bairro. Professor Orientador: Silvio Soares Macedo. Tese de Graduação Inter-Disciplinar, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

³⁰⁴ A referida tese de graduação inter-disciplinar não recebeu paginação/número das páginas.

³⁰⁵ CANTON, André Luiz. (2007) *Preservação Contraditória no Centro de São Paulo*: degradação das Vilas Preservadas na Baixada do Glicério no contexto da renovação urbana (Operação Urbana Centro). 2007. 89 páginas. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Depto de Geografia da FFLCH/USP., p. 13.

³⁰⁶ (ROLNIK, 1997: 23 In SOUZA, Paula Carlos de. (2015) *Baixada do Glicério*: um patrimônio encortçado. Iniciação científica. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/jornada/paper/download/280/242>>. Acesso em 22 de jul 2021., p. 7.

³⁰⁷ YOSHIMOTO, Milton Mitsuki. (1980) *Baixada do Glicério*: Um estudo de bairro. Professor Orientador: Silvio Soares Macedo. Tese de Graduação Inter-Disciplinar, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

³⁰⁸ A referida tese de graduação inter-disciplinar não recebeu paginação/número das páginas.

³⁰⁹ BONDUKI, Nabil e KOURY, Ana Paula. (2014) *Os pioneiros da habitação social*: inventário da produção pública no Brasil entre 1930 e 1964 – Volume 2, São Paulo, Editora Unesp., p. 38.

Ainda sobre o Residencial da Várzea do Carmo, Meneghello³¹⁰ e Antonucci³¹¹ associam este e projetos/empreendimentos imobiliários similares à agenda política do período Vargas (1930-1945), classificando-os como “apropriados para o contexto brasileiro”, pois “as habitações são [eram] entendidas pelos seus pensadores como serviço de utilidade pública³¹²”. Antonucci³¹³ cita ainda a crise da moradia, da época, que impactava a classe média e os trabalhadores e que por isso recebeu bastante apoio do Governo Vargas, o qual buscava sempre “manter uma imagem de protetor dos trabalhadores³¹⁴”. Todos/as estes autores/as citados afirmam que os IAPs (Institutos de Aposentadoria e Previdência) mais ISSB (Instituto de Serviços Sociais do Brasil) conseguiram vultosos recursos da política habitacional Vargas, o que ajudou a amenizar um quadro crítico no que tange a propriedade de moradia por parte dos trabalhadores e até da classe média da época, que dependiam de aluguel.

Acreditamos ser possível inferir que os vários edifícios erguidos entre as ruas Oscar Cintra Gordinho e Helena Zerrenner, circundadas pelas ruas Tabatinguera, Glicério, Estudantes e Conde de Sarzedas, podem ter sido um espasmo da referida política habitacional (1930-1945) e a crise habitacional acumulada até aquele momento.

Concluindo este item, com foco para a degradação simbólica e/ou física de ambos lados do Elevado Costa e Silva e ainda desde a Avenida Liberdade até o Parque Dom Pedro II, há elementos em todos os autores citados anteriormente, além de Marz³¹⁵,

³¹⁰ MENEGHELLO, Isabela Belém. (2009), Conjunto Habitacional da Várzea do Carmo: do projeto ideal ao conjunto real. Publicado no 8º SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, Rio de Janeiro, de 01 a 04 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/082.pdf>>. (mimeo).

³¹¹ ANTONUCCI, Denise et al. (2007), Verticalização, Habitação Social e Multifuncionallidade: Edifícios dos IAPS em São Paulo. III Fórum de Pesquisa FAU MacKenzie. (mimeo).

³¹² Op. cit., p. 3-4.

³¹³ ANTONUCCI, Denise et al. (2007), Verticalização, Habitação Social e Multifuncionallidade: Edifícios dos IAPS em São Paulo. III Fórum de Pesquisa FAU MacKenzie. (mimeo).

³¹⁴ BONDUKI, 1998:100 In ANTONUCCI, Denise et al. (2007), Verticalização, Habitação Social e Multifuncionallidade: Edifícios dos IAPS em São Paulo. III Fórum de Pesquisa FAU MacKenzie. (mimeo), p. 13.

³¹⁵ MARZ, Marília. (2009) *INDIVISÍVEL*. São Paulo. Juizforana Gráfica e Editora. Disponível em:<www.marliamarz.com>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Oliveira³¹⁶, Santana³¹⁷, Seo³¹⁸, Siqueira³¹⁹, de que houve entrada e saída de grupos étnico-raciais, desde a segunda metade do século XIX, involuntária e/ou voluntariamente, e ainda de ciclos de degradação/deterioração vis-à-vis intervenções de valorização, também chamadas de “revitalização”. Neste sentido, parte do nosso referencial teórico, a “teoria de transição étnico-racial de vizinhança”³²⁰ está referendada, tal qual a percepção deste autor-pesquisador, observador-participante.

Como o título desta tese indica, nós pesquisamos vizinhança(s) desequipada(s), entre vários outros fatores, causa ou efeito de degradação ou “revitalização”. Urbanistas considerados progressistas sugerem o uso de “renovação”, “reabilitação”³²¹, ou ainda “ressignificação”. “Periferia desequipada” é primeiramente visto por nós em Vêras³²², quando essa urbanista fala de “configuração espacial”³²³ e cita itens como “crise de moradia popular (favelas, cortiços, casas precárias, *homeless*), condomínios fechados, ...”. Somado à presença ou ausência de “rede de esgoto e iluminação pública”, conforme Rolnik³²⁴, inclui-se ainda: “matrículas nas escolas, leitos nos hospitais, atendimento à

³¹⁶ OLIVEIRA, Patrícia C.R. (2018) *Liberdade concentrava espaços de tortura e morte contra os negros na escravidão*. Entrevista. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/entrevistas/liberdade-concentrava-forca-o-pelourinho-cadeia-e-o-cemiterio-dos-negros-na-escravidao/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

³¹⁷ SANTANA, Flávia Santos. ([2013]; [2014]) *Casa de Acolhida do Carmo*: adaptação de quartel histórico em abrigo para pessoas em situação de rua. TCC. FAU-USP. Disponível em: <https://www.fau.usp.br/disciplinas/tfg/tfg_online/tr/132/a038.html>. Acesso em 22 de jul. 2021.

³¹⁸ SEO, He Nem Kim e NOBRE, Eduardo Alberto Cusce. (2013), *A Requalificação no Glicério*. TFG – Trabalho Final de Graduação, FAU-USP. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/disciplinas/tfg/tfg_online/tr/091/a021.html> (mimeo).

³¹⁹ SIQUEIRA, Jaqueline Barbosa. (2018) *Habitação de Interesse Social – Glicério*, TFG – Trabalho Final de Graduação, FIAM FAAM CENTRO UNIVERSITÁRIO, São Paulo, 99 páginas.

³²⁰ GOTHAM, Kevin Fox. (2002) *Beyond Invasion and Succession: School Segregation, Real Blockbusting, and the Political Economy of Neighborhood Racial Transition*, In *City Community*, v.1, nº1, mar., pp.83-111, American Sociological Association, Washington, DC. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1540-6040.00009/pdf>>. Acesso em 22 de jul 2021.

³²¹ GOTHAM, Kevin Fox. (2002), *Beyond Invasion and Succession: School Segregation, Real Blockbusting, and the Political Economy of Neighborhood Racial Transition*, In *City Community*, v.1, nº1, mar., pp.83-111, American Sociological Association, Washington, DC. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1540-6040.00009/pdf>>. Acesso em 22 de jul 2021., pp. 125-151.

³²² VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. (1999) *Enigmas da Gestão da Cidade Mundial de São Paulo: Políticas Urbanas entre o Local e o Global* In *Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo*, São Paulo, CEDESP., pp.197-217., p. 197.

³²³ Esta tese traz o conceito de produção social do espaço (SANTOS, 2014), quando esse geógrafo fala das configurações territoriais e das dinâmicas sociais que juntas produzem o espaço social que pode conter tanto a degradação física quanto seu oposto.

³²⁴ ROLNIK, Raquel. (1981) *Cada um no seu lugar!* (São Paulo, início da industrialização: Geografia do poder). Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Ermínia et al. (2010) *O Brasil em Transformação: Urbanização, Segregação e Sustentabilidade Ambiental*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, Universidade de São Paulo., p. 37.

gestante, mortalidade infantil, números de homicídios, longevidade, etc...³²⁵”, onde todos os itens mencionados servem também para a composição de indicadores sociais. Diz-se ainda que tal configuração espacial, neste caso chamado de área/vizinhança desequipada, é mais prevalente em “terras vazias desprezadas pelo mercado imobiliário privado”³²⁶. Quando a referida configuração espacial se dá em “terra nua”, considerada como o oposto a um “pedaço de cidade” e/ou “terra urbana”, tem se instalado o desequipamento, onde não se encontrará “rede de água, rede de esgotos, rede de drenagem, transporte, coleta de lixo, iluminação pública, equipamentos de educação, saúde, etc.”³²⁷. “*A diversidade de usos, de tipologia de edifícios, de faixas de renda, de raças é o que garante a vitalidade (grifo nosso) para uma rua ou quadra, ou cidade*”.³²⁸

É importante destacar que tanto no passado (primeiras décadas do século 20), quanto no presente (2000, 2010, 2014), os processos de imigração internacional e migração interna, respectivamente, influenciaram nos processos de alteração física e humana. Os migrantes nacionais, principalmente do Nordeste e de Minas Gerais, que vieram para São Paulo, ocuparam velhos casarões transformados em cortiços, como também as vilas operárias, e somado à falta de oportunidades como também os hábitos de miséria e pobreza das referidas populações, os espaços de novas moradias foram rapidamente degradados. Tudo isso acelerou o processo de saída de pessoas e/ou famílias que ainda possuíam alguns recursos para fazê-lo. Mais uma vez, destaca-se o eixo analítico “transição étnico-racial de vizinhança”³²⁹, o qual, em várias situações, geralmente implica ainda mais degradação física.

A mais recente onda é a imigração de haitianos e andinos que ocupam imóveis antigos e degradados para sua moradia e trabalho. Essas moradias são classificadas como cortiços³³⁰. Contudo, constata-se uma retomada de edificações residenciais de médio padrão na Várzea do Glicério, conforme descrito anteriormente.

³²⁵ MARICATO, Ermínia et al. (2010) *O Brasil em Transformação: Urbanização, Segregação e Sustentabilidade Ambiental*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo., p. 71.

³²⁶ *Idem, ibidem*, p. 83.

³²⁷ *Idem, ibidem*, p. 119.

³²⁸ (ACOBS, 2000, Apud MARICATO, Ermínia et al. (2010) *O Brasil em Transformação: Urbanização, Segregação e Sustentabilidade Ambiental*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo., p. 115.

³²⁹ GOTHAM, Kevin Fox. (2002) *Beyond Invasion and Succession: School Segregation, Real Blockbusting, and the Political Economy of Neighborhood Racial Transition*, In *City Community*, v.1, nº1, mar., pp.83-111, American Sociological Association, Washington, DC. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1540-6040.00009/pdf>>. Acesso em 22 de jul 2021.

³³⁰ Vêras (2016)

Visando atualizar descrições anteriores, nós coletamos dados municipais do referido bairro e demais integrantes da subprefeitura Sé: “dados demográficos dos distritos pertencentes às subprefeituras”³³¹; “domicílios segundo condição de propriedade”³³²; “domicílios segundo tipo de ocupação”³³³; “domicílios segundo tipologias residenciais”³³⁴; “domicílios segundo número de moradores”³³⁵; “domicílios segundo moradores por dormitório”³³⁶; “domicílios particulares permanentes segundo número de dormitórios”³³⁷; “domicílios por faixa de rendimentos, em salários mínimos”³³⁸; e “população de 10 anos ou mais de idade, por nível de instrução”³³⁹, desta forma possibilitando uma caracterização atualizada do bairro da Liberdade e entorno.

Pela pesquisa Origem e Destino³⁴⁰, realizada pela Companhia do Metropolitano de São Paulo (METRO), o distrito da Liberdade (nº49) divide-se nas seguintes zonas: Glicério, Aclimação, Pires da Mota, Centro Cultural e Liberdade. A área ou subárea deste estudo cobre parte da zona Liberdade e da zona Glicério, Mapa 3 (p,145) de campo.³⁴¹ Segundo informações municipais, o distrito da Liberdade apresenta uma área de 6,00 km², com uma população de 45.057, e com densidade demográfica (habitante por quilometro quadrado) de 7.510. O bairro é bem servido de infraestrutura urbana (água, esgoto, luz, segurança pública, transporte público), oferecendo várias linhas de ônibus e metrô. Contudo, se considerado o índice de vulnerabilidade social³⁴², composto pelos indicadores (1) abastecimento de água e esgotamento sanitário adequado; (2) coleta de lixo; e (3) tempo gasto no deslocamento entre moradia e trabalho, o bairro sob análise, inserido na administração regional ou subprefeitura Sé, fica dentro do grupos 2 e 3, vulnerabilidade muito baixa e vulnerabilidade baixa, respectivamente.

³³¹ Tabela 7 – p.236

³³² Tabela 8 – p.237

³³³ Tabela 9 – p.238

³³⁴ Tabela 10 – p.240

³³⁵ Tabela 11 – p.241

³³⁶ Tabela 12 – p.243

³³⁷ Tabela 13 – p.244

³³⁸ Tabela 14 – p.246

³³⁹ Tabela 15 – p.248

³⁴⁰ INFOCIDADE. Disponível em: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/3_correspondencia_zonas_od_e_distritos_mun_2007_10789.html>. Acesso em 22 de jul. 2021.

³⁴¹ GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/edit?mid=zHwUBSOo_3hA.kN0IpG-PeeRU>. Acesso em 22 de jul. 2021.

³⁴² PREFEITURA DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/arquivos/atlas_socioasistencial_sp_2015.pdf>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Ainda sob o Atlas Socioassistencial Cidade de São Paulo 2015³⁴³, preparado pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social/SMADS, a nota nº 1 na página 23 diz que:

de acordo com a Fundação Seade, o índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS, Seade 2010 é um indicador construído com base nos resultados do Censo 2010 no intuito de oferecer uma visão mais detalhada das condições de vida da população, identificando e localizando espacialmente as áreas que abrigam segmentos populacionais mais vulneráveis à pobreza. É ‘resultante da combinação entre duas dimensões – socioeconômica e demográfica – que classifica cada setor censitário (território contínuo dentro do município que possui, em média, 300 domicílios) em grupos de vulnerabilidade social’³⁴⁴

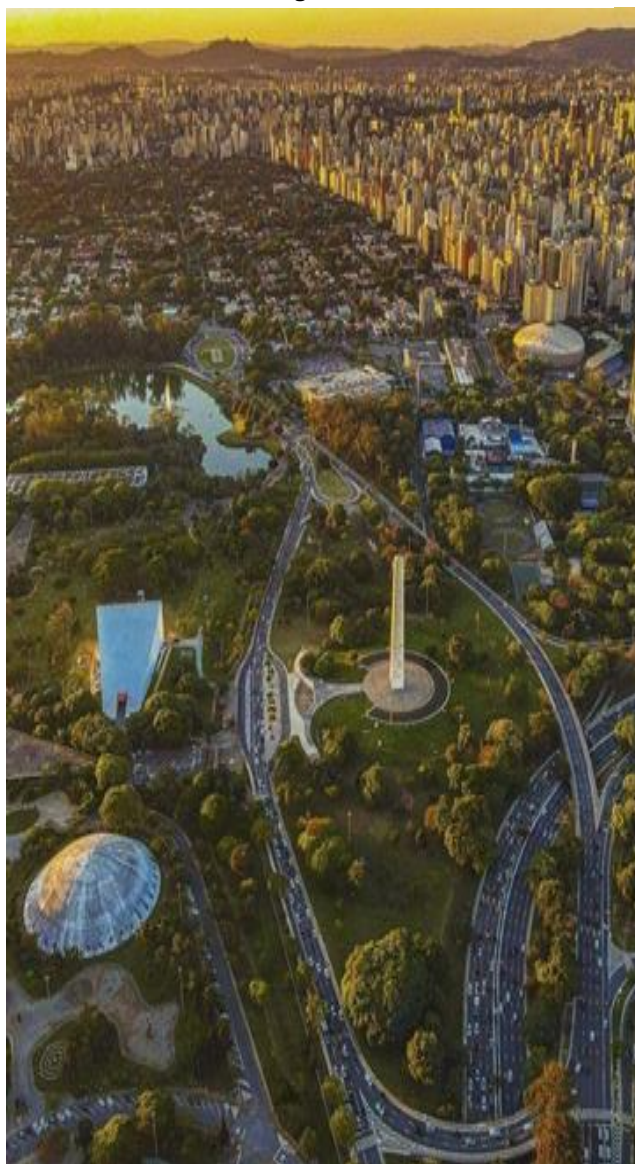
³⁴³ vide mapas 25 e 26 no item apêndice – pp.233-235.

³⁴⁴ (Fundação Seade, 2013)

2.3.4 Desvendando o bairro, a cidade, o estado, o país: Pesquisa de Campo

O plano de ruas de São Paulo foi polarizado por esta rota, [...] Por volta de 1890 a periferia urbana tomara uma forma circular, distendida a este, ao longo da linha para o rio, e a oeste, em direção às novas zonas de café. No século XX o eixo este-oeste tornou-se dominante.³⁴⁵

Imagem 15



Esta fotografia³⁴⁶ atual da cidade de São Paulo mostra um ângulo de uma cidade moderna, global, desenvolvida, porém (ela) não evidencia os eixos, vieses políticos, ideológicos do seu processo histórico, de nascimento. Mais uma vez, e com base no que aqui já foi explicitado, demonstrado, inferimos/afirmamos que as hipóteses produção social do espaço + biopolítica, componentes principais do nosso referencial teórico, definiram, moldaram São Paulo, e por sua vez um determinado Brasil, em forma e conteúdo, e parafraseando Barbara Weinstein³⁴⁷, uma espécie de constituição da identidade paulista³⁴⁸, ou ainda uma comunidade imaginada nos termos de Benedict Anderson, porém materializada, construída com todas as suas contradições.

³⁴⁵MORSE, Richard McGee. (1970) *Formação Histórica de São Paulo: de Comunidade à Metrópole*, São Paulo, Difusão Européia do Livro., p. 41.

³⁴⁶Foto by @volpeimagens, no perfil do facebook “São Paulo City”. Disponível: <<https://m.facebook.com/projetosaopaulocity/photos/a.449955751761160/3874896662600368/?type=3>>; <www.spcity.com.br> . Acesso em 22 de jul. 2021.

³⁴⁷ Barbara Weinstein (2015)

³⁴⁸ (p.71)

The paulistas constituted a blatant aberration within the race and the nation. São Paulo had become too great for Brazil ... Brazil had not yet become a civilization, [whereas] São Paulo was a European Christian civilization, with the mentality, the climate, the cosmopolitanism, the resources of a European Christian civilization. -Mário de Andrade, A Guerra de São Paulo³⁴⁹³⁵⁰

E nesse processo de tornar-se civilizada, crista, europeia, com os respectivos recursos, mentalidade, clima e cosmopolitanismo, algumas histórias e/ou memórias foram transmitidas, passadas para frente, enquanto outras foram esquecidas, apagadas, parafraseando Paul Connerton³⁵¹.

E nessas jornadas, transmissão de memória³⁵² e/ou esquecimento de memória³⁵³, figuras como Joaquim Pinto de Oliveira (1721, Santos/SP – 1811, São Paulo/SP), conhecido como Tebas³⁵⁴, sepultado na Igreja de São Gonçalo³⁵⁵, localizada na Praça João Mendes; Luiz Gonzaga Pinto da Gama (21-06-1830 a 24-08-1882)³⁵⁶, abolicionista, rábula/advogado; ou ainda os Caifazes e a emblemática figura de Antônio Bento.

Imagem 16³⁵⁷



³⁴⁹ In Weinstein (2015, p. 71)

³⁵⁰ Tradução livre do autor desta tese: “Os paulistas constituíram uma aberração flagrante no tocante a raça e a nação. São Paulo havia se tornado grande demais para o Brasil ... O Brasil ainda não era uma civilização, [enquanto] São Paulo já era uma civilização Cristã e Europeia, com a mentalidade, o clima, o cosmopolitanismo, e os recursos de uma civilização Cristã e Europeia.

³⁵¹CONNERTON, Paul (1989) *How Societies Remember*. Cambridge, Cambridge University Press.____. (2009) *How Modernity Forgets*. Cambridge, Cambridge University Press.

³⁵² *Idem, Ibidem* (1989).

³⁵³ *Idem, Ibidem* (2009).

³⁵⁴Em referência a bela cidade Tebas, no antigo Egito, e também sinônimo e apelido para algo bem feito, construído.

³⁵⁵ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. Disponível em:<<http://arquisp.org.br/regiao/se/parouquias/parouquia-pessoal-nipo-brasileira-sao-goncalo/matriz-paroquial-pessoal-nipo-brasileira-sao-goncalo>>. Acesso em 22 de jul. 2021

³⁵⁶MEMORÍALL. Luiz Gama"Luiz Gonzaga Pinto da Gama. Disponível em:<<http://memoriall.com.br/0036A#.YONG--hKg2w>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

³⁵⁷ Foto 12 do acervo pessoal deste pesquisador, tirada no Cemitério Consolação em função de projeto entre a FUNDASP e o Serviço Funerário do Município de São Paulo, ocorrido entre 2016 e 2017. Disponível em:<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/servico_funerario/arte_tumular/index.php?p=3560>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Embora o movimento abolicionista mereça, pelo menos, um capítulo nesta tese, nós manteremos foco no referencial teórico proposto e pelo qual falaremos de tão importante período histórico em São Paulo, e no Brasil, pelas lentes antropológicas³⁵⁸ do apagamento de memórias e/ou personagens históricas, em função de ideologias supremacistas, racistas, por exemplo.

Os Caifazes, “uma sociedade secreta que tinha como objetivo não só a libertação dos escravos, como também prepara-los para o mercado de trabalho assalariado³⁵⁹”, além dos notórios capoeiristas, que formavam um verdadeiro pelotão de choque, uma espécie de *strike team*, contava com o apoio simbólico e material e atuação de irmandades dos negros, a classe ferroviária, juizes de direito, jornalistas, tipógrafos, poetas, donas de casa, cocheiros, negociantes, advogados, maçons, estudantes de direito, pessoas de diversas classes sociais, o carregador, o médico³⁶⁰ numa:

rede marginal organizada, típica dos mais ordeiros e sistemáticos homens, que se espalharam e se infiltraram em vários setores da sociedade burguesa escravagista, tramando suas investidas e assaltos contra o grande ‘patrimônio’ privado dos ‘homens de bens’. Além de proverem a logística e dar guaridas aos fugitivos, ainda fomentavam rebeliões e armavam sequestros, chegando a subornar policiais e demais figuras elitistas³⁶¹.

Além de Antônio Bento de Souza Castro, promotor de justiça, depois juiz de direito e também jornalista, que assume a direção do movimento abolicionista em São Paulo na 2ª (segunda) metade do século XIX após a morte de Luiz Gama³⁶², o movimento contava também com Raul Pompéia, Bernardino de Campos, Julio de Castilhos Alberto Correa, Muniz de Souza, Francisco Glicério, entre várias outras figuras de renome³⁶³, os quais estruturavam, planejavam ações que “na calada da noite ... iam roubar os negros para lhes dar liberdade, contrabandeando-os para³⁶⁴” lugares seguros.

A origem do nome Caifazes é atribuído, conforme pesquisa/explicação de Castro³⁶⁵, a Caifás, um sacerdote hebreu que teria convencido o apóstolo Judas Iscariotes, por meio da “contribuição” de 30 (trinta) moedas, para que este entregasse a paradeiro de Jesus de Nazaré aos Romanos. Segundo a pesquisa do referido autor, Caifás havia virado

³⁵⁸CONNERTON, Paul (1989) *How Societies Remember*. Cambridge, Cambridge University Press._ (2009) *How Modernity Forgets*. Cambridge, Cambridge University Press.

³⁵⁹ Castro et al (2020, p. 140)

³⁶⁰ (pp.138-140 passim)

³⁶¹ Idem, p. 145.

³⁶² (p.150),

³⁶³ (p.139),

³⁶⁴ (p.139)

³⁶⁵ Castro (2020)

sinônimo de traidor ou subornador, e foi com esse espírito que o operador de direito e comunicador Antônio Bento usa o movimento abolicionista para executar planos, ações “de traição aos senhores escravocratas³⁶⁶”, passando a ser vistos como traidores da sociedade pela elite escravocrata, cafeeira de São Paulo. Se em “uma década depois da abolição, o nome de Antônio Bento ainda era difícil de engolir para parte da elite paulista³⁶⁷, imaginem o ódio, pressão sobre os ombros de todos os integrantes do movimento abolicionista, com especial foco aos Caifazes, durante o período de plenas atividades deles!!! *“Os Caifazes, quando necessário, tomavam atitudes extremas. Penetravam as fazendas, estabelecendo contato com os escravos e os estimulando a fugir para os quilombos”*³⁶⁸.

Grande parte do ódio da elite se dava porque as ações dos Caifazes pesavam nos bolsos dos escravocratas que perdiam seu capital, seus ativos fixos, os escravizados. Até um seguro de vida para escravos, criado no Rio de Janeiro entre 1845 e 1888, passa a ser usado em São Paulo em função das ações dos abolicionistas, os Caifazes. Na verdade, uma das 8 (oito) companhias de seguros, entre nacionais e estrangeiras, a Previdência, oferecia cobertura para todo o Império do Brasil. Criou-se, também, uma sociedade com capital social de vinte mil réis (20.000\$000) que empregava tais recursos na polícia da época para vigiar e liquidar os “ladrões de escravos, os Caifazes, e o próprio Antônio Bento³⁶⁹”.

Retomando o foco na lembrança ou esquecimento de certas figuras históricas, a cidade de São Paulo traz em alguns de seus logradouros nomes como Julio de Castilhos, no bairro do Belém/Belenzinho, Raul Pompéia, que daria nome ao bairro Pompéia, Bernardino de Campos, que dá nome a continuação da bela e imponente Avenida Paulista dos Barões do Café, e o de Francisco Glicério, que dá nome a uma das ruas do bairro da Liberdade, ali na Várzea do Glicério. E por último, por hora, mas não menos importante, é relevante ressaltar a inclusão da palavra “Japão” na então estação Liberdade do Metrô, que passou a se chamar “Japão-Liberdade. Sobre este item foi me solicitado uma “reação”, que segue abaixo como nota de rodapé³⁷⁰.

³⁶⁶ Idem, ibidem., p.139.

³⁶⁷ Idem, ibidem., p.151.

³⁶⁸ Idem, ibidem., p.140.

³⁶⁹ BENTO, Antônio (p.145).

³⁷⁰ Comunicado a@s amig@s de rede!!!

2.4 Gênese humana do bairro

2.4.1 Negros

(...) ficarão estes 'novos cidadãos' entregues à própria sorte, obrigados a competir ombro a ombro com o restante da população, inclusive com os imigrantes e seus descendentes, cuja presença se faz sentir, de um modo cada vez mais vigoroso, seja pelo aumento constante de seu número, seja pelas oportunidades de ascensão que se lhes oferecem, sem que lhes tolha os movimentos o peso das consequências de quatro séculos de escravidão.³⁷¹

Somado à dura realidade, como aprontado por Nogueira³⁷², imposta aos negros, no Brasil, no interior paulista (nas plantações/fazendas de café ao longo dos séculos XVIII e XIX), ou mesmo dentro do Triângulo Histórico até o Distrito Sul da Sé, onde torturas e execuções contra os negros e outros indesejáveis eram perpetradas rotineiramente, é ainda preciso afirmar, repetir que “de escravo a proletário foi a maior distância percorrida pela grande massa dos homens e mulheres de cor”³⁷³ em São Paulo, Rio de Janeiro, por exemplo.

O referido autor ainda ressalta que a transformação foi de escravizado a membro do proletariado e não “de escravo a cidadão”³⁷⁴. Acreditamos ser consistente afirmar que

Enquanto pesquisador responsável pela tese, sob preparo, "DEGRADAÇÃO URBANA E SOCIAL: UMA PESQUISA LONGITUDINAL SOBRE VIZINHANÇA DESEQUIPADA, HABITAÇÃO PRECÁRIA E ALTERIDADE NO BAIRRO DA LIBERDADE EM SÃO PAULO", sob orientação da Urbanista Maura Veras, digo por estratégia e não por covardia, que não convém fazer um aprofundamento sobre o tema neste momento, pois nossa pesquisa sobre o bairro e os vários grupos étnicos que por lá chegaram, ficaram e/ou partiram ainda carece de grande aprofundamento. Contudo, grosso modo, acreditamos que a situação-problema central seja a negação do passado do bairro, com forte presença afro, e não a homenagem aos nipônicos. Estivessem os afro-brasileiros em condições políticas e socioeconômicas igualitárias aos demais grupos étnicos, talvez pudessem conseguir reconstruir suas memórias neste e em outros bairros. O Antropólogo Social Paul Connerton aponta para a rapidez e dimensão das cidades modernas no que tange ao "esquecimento das memórias, seja sob o prisma arquitetônico, seja sob o prisma humano. Porém, arriscamos adiantar que as hipóteses da Biopolítica (Racismo de Estado) e da Produção Social do Espaço, Michel Foucault e Milton Santos/Flávio Villaça/Mark Gottdiener/Maura Veras, respectivamente, podem estar presente quando há indícios da negação do legado/memória de um ou mais grupos étnicos vis-à-vis a reconstrução da memória de outros grupos étnicos. Considerando a vontade, de alguns setores/grupos de interesse, de esquecer o "evento" escravização dos africanos e seus descendentes por quase 4 séculos, é possível afirmar que as hipóteses acima apontadas sejam consistentes. Por hora é isto, pessoal. CUNHA, Moisés de Freitas. Doutorado do Programa de Estudos Pós-Graduados de Ciências Sociais da Puc-SP. *Dinâmica Urbano-Regional: Planejamento e Políticas Públicas*. Membro do NEPUR - Núcleo de Estudos de Pesquisas Urbanas. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-a-liberdade-significa-para-a-memoria-dos-negros-em-sao-paulo/?fbclid=IwAR24BVZoeXMh8JoKhx9u7JQp3ODUABJeckGP7Uz2MbLMni6OYcUyapM8gMQ>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

³⁷¹ NOGUEIRA, Oracy. (1998) *Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga*, São Paulo, Edusp., p. 129.

³⁷² *Idem*.

³⁷³ PINTO, L.A. Costa. (1998) *O negro no Rio de Janeiro: Relações de raças numa sociedade em mudança*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ., p. 114.

³⁷⁴ *Idem*.

todo o ideário de embranquecimento, “modernização”³⁷⁵ pensado já a partir da segunda metade do século XIX, cria mecanismos que impedem a ascensão socioeconômica e política dos negros, enquanto garante tais direitos a outros grupos étnicos. O cientista social Helio Santos confirma nossa afirmação quando diz

O fim da escravidão, da forma como foi arquitetado, agigantou o caos das cidades. Os problemas já existentes se ampliaram. Se hoje não há política habitacional popular decente, imaginem há mais de um século. Resultado: as favelas, cortiços e mocambos se multiplicaram pelo país. Assim, da senzala o povo negro se dirigiu para essas submoradias para não mais sair(...)»³⁷⁶.

E os casarões unifamiliares que outrora abrigaram pessoas, famílias abastadas (políticos, barões do café) no referido bairro, foram convertidos em moradia multifamiliar para imigrantes italianos, e posteriormente japoneses, que fugiam da dureza das plantações de café no interior paulista. Tais moradias virariam ainda submoradia para negros, mestiços (migrantes nacionais vindos do Nordeste e/ou Minas Gerais), e ainda Andinos, Haitianos e de algumas nacionalidades africanas nos dias atuais.

Todo o estigma elaborado para culpabilizar os negros pelo seu não sucesso ajuda na degradação simbólica e/ou física dos espaços por eles ocupados, pois como se já bastasse a não oferta de emprego ou fonte de renda, o estigma colocado sobre os ombros dos negros atua, também, na depreciação de estabelecimentos comerciais (bares, botecos, mercadinhos) que passam a fazer parte da agenda diária deste e de outros grupos sociais e/ou étnicos.

Os negros, além de serem vítimas de racismo histórico e estrutural, são também vítimas do rentismo “porque permite a extração da renda imobiliária sem investimentos” entendendo aqui, também, a inação do poder público na instalação³⁷⁷ e manutenção de equipamentos que garantam uma plena habitualidade de várias das vizinhanças do referido bairro. Segundo Canton³⁷⁸ as antigas residências operárias ao longo das ruas Conselheiro Furtado, Glicério e Estudantes “encontram-se em processo (ou em condição)

³⁷⁵ WEINSTEIN (2015)

³⁷⁶ SANTOS, Helio. (2001) *A Busca de um Caminho para o Brasil: A Trilha do Círculo Vicioso*, São Paulo, Editora SENAC., p. 81.

³⁷⁷ CANTON, André Luiz. (2007) *Preservação Contraditória no Centro de São Paulo: degradação das Vilas Preservadas na Baixada do Glicério no contexto da renovação urbana (Operação Urbana Centro)*. 2007. 89 páginas. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Depto de Geografia da FFLCH/USP., p. 29.

³⁷⁸ CANTON, André Luiz. (2007) *Preservação Contraditória no Centro de São Paulo: degradação das Vilas Preservadas na Baixada do Glicério no contexto da renovação urbana (Operação Urbana Centro)*. 2007. 89 páginas. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Depto de Geografia da FFLCH/USP.

de encortimento”³⁷⁹. Este pesquisador, que ainda mantém voto na zona eleitoral do referido bairro, atesta a plena e crescente degradação do espaço em termos simbólicos e físicos. Nas ruas, nas portas das referidas moradias e comércio não se avista ninguém com aparência europeia (português, espanhol, italiano, por exemplo, e os grupos considerados “brancos honorários”, nos termos de Noam Chomsky que diz: “estou incluindo aqui o Japão como parte do Ocidente, seguindo a convenção Sul-Africana de tratar os japoneses como ‘brancos honorários’³⁸⁰.”

Ainda sobre a transferência de estigma simbólico, físico, humano para os espaços frequentados por grupos sociais e/ou étnicos “tratados como pretos, só para mostrar aos outros quase pretos, e são quase todos pretos, como é que pretos, pobres e mulatos e quase brancos, quase pretos de tão pobres são tratados”³⁸¹, Costa Pinto³⁸², ao falar do Negro no Rio de Janeiro: *Relações de Raças numa Sociedade em Mudança*, escreveu o seguinte:

*(...) a tentativa dos comerciantes da Rua Direita, desta cidade, de proibir que pessoas de cor se concentrassem naquela via pública aos sábados à tarde, alegando que com isso tinham prejuízo, pois a presença de pretos afugentava a freguesia branca, de maior poder de compra.*³⁸³

Embora Costa Pinto tenha descrito uma realidade, passagem histórica carioca, várias foram as ocasiões que negros paulistanos foram “proibidos” de passar ou frequentar ruas, estabelecimentos comerciais nas áreas centrais de São Paulo; nem mesmo o *footing* mulheres e homens “de cor” podiam fazer sem passar por stress ou constrangimento.

Em resumo, e por hora, afirmamos que a produção social do espaço³⁸⁴ por meio das dinâmicas sociais (fluxos) sobre e/ou dentro das configurações territoriais (fixos), somado ainda à biopolítica³⁸⁵ recebem o legado de quase 400 anos de colonização e escravização, com especial foco para toda a riqueza e pobreza/miséria produzidas e definem as classes sociais, ainda vigentes, com base em raça/etnia/cor de pele/textura de cabelo, vide o “teste do lápis” praticado na então racista África do Sul.

³⁷⁹ *Idem, ibidem.*, p.38.

³⁸⁰ CHOMSKY, Noam. (1999) *O que o Tio Sam realmente quer*. Brasília, Editora Universidade de Brasília., p. 18.

³⁸¹ Caetano & Gil (1993)

³⁸² PINTO, L.A. Costa. (1998) *O negro no Rio de Janeiro: Relações de raças numa sociedade em mudança*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

³⁸³ *Idem, ibidem.*, p. 247.

³⁸⁴ SANTOS, Milton. (2014) *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*, São Paulo, 6ª edição, 2ª reimpressão, Edusp.

³⁸⁵ Foucault (1976)

De fato, a situação social dos grupos étnicos, que coexistem no Distrito Federal, bem como as relações que entre si mantêm são fatos que não podem ser compreendidos fora do quadro da estratificação social em que se encontram, pois aqui, mais visivelmente do que em qualquer parte, circunstâncias históricas particulares fizeram com que estratificação de raça e estratificação de classe não sejam duas realidades independentes, mas apenas dois ângulos pelos quais pode ser observada a configuração única e total das relações de classe e raça no Brasil³⁸⁶.

Imagem 17 Mulheres negras lavando roupas no Rio Tamanduateí, nas proximidades das Várzeas do Carmo e do Glicério, século XIX³⁸⁷



³⁸⁶PINTO, L.A. Costa. (1998) *O negro no Rio de Janeiro: Relações de raças numa sociedade em mudança*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ., p. 87.

³⁸⁷ IMS. Disponível em: <<https://ims.com.br/acervos/fotografia/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Imagem 18 Transeuntes negros no centro de São Paulo, entre o final do século XIX e começo do XX³⁸⁸



2.4.2 Mestiços

*(...) nem os mulatos, pardos, mamelucos, índios e brancos ‘ralé’ que cresceu e vagou ao longo de quatro séculos (...)*³⁸⁹

Tentar definir raça, etnia de grupos nacionais visível e/ou socialmente não pretos ou indígenas é tarefa bastante árdua e controversa. Mestiços poderiam ocupar um espaço cinzento entre negros (pretos e pardos), tratado no item anterior, e entre Ibéricos (socialmente brancos na América Latina) tratado no próximo item.

Todo e qualquer critério de análise terá dificuldade para mensurar etnia/raça no Brasil ou América Latina, e só para termos uma ideia de tal complexidade, vejamos breves descrições de Nogueira³⁹⁰:

(...) desde fins do século XVIII, os brancos sobrepõem numericamente os mulatos ou pardos, no total da população, o que não se pode explicar como efeito exclusivo de movimentos migratórios, mas principalmente, pela incorporação, o grupo branco, dos mestiços mais claros; e 2. nenhum preto aparece entre os livres ou entre os escravos crioulos, o que talvez se deva não apenas à reduzida proporção de negros puros na condição de livres, mas

³⁸⁸IMS. Disponível em:<<https://ims.com.br/acervos/fotografia/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

³⁸⁹ ROLNIK, Raquel. (1981) *Cada um no seu lugar!* (São Paulo, início da industrialização: Geografia do poder). Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo., p. 9.

³⁹⁰ NOGUEIRA, Oracy. (1998) *Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga*, São Paulo, Edusp.

também a uma tendência a classificar como pardos ou pretos livres ou escravos crioulos, isto é, mais assimilados à cultura luso-brasileira³⁹¹;

(...) Assim, logo nas primeiras décadas após a emancipação política do país, observa-se, na comunidade em estudo, uma incorporação maciça dos mestiços mais claros ao grupo branco. Com o desaparecimento ou o abrandamento dos traços negróides, rompem-se, pois, os laços que porventura ainda prendem aos escravos os seus descendentes mestiços. A este processo corresponde uma generalização da preferência estética pelo tipo ‘moreno’, isto é, pelos indivíduos de traços caucasóides associados à cor queimada da pele e escura dos cabelos.³⁹²;

(...) No que toca à cor da pele, já em fins do século XVIII, as várias camadas sociais assim se apresentam: abaixo dos proprietários brancos, estão os demais homens livres brancos, vindo imediatamente em seguida os pardos claros, descendentes quer de índios, quer de mulatos mais escuros com brancos, depois os pardos mais escuros, até atingir os pretos livres, geralmente crioulos, e, por fim, a massa dos cativos, que também se diferenciam, para efeito do tratamento que recebem, em mulatos, pretos crioulos e pretos africanos ou ‘de nação’³⁹³;

(...) Para a maior parte da população, que é constituída de mulatos livres, ascensão de classe e branqueamento são dois aspectos de um mesmo processo (...).³⁹⁴;

(...) Até o primeiro quartel do século XIX, constituem os mulatos o contingente numericamente predominante, quer na população total quer na população livre, sendo sobrepujados pelos brancos somente no quartel seguinte, com a incorporação, a estes, dos mestiços mais claros.³⁹⁵;

(...)tendência a se atenuar a cor de indivíduos socialmente bem-sucedidos. (...)
³⁹⁶

Contudo, na nossa ótima, mestiço nesta tese é o mameluco, resultado do cruzamento da genitália masculina portuguesa com a genitália feminina indígena, obviamente mediante estupros sistemáticos, diários, ao longo de séculos.

Segundo Schucman³⁹⁷, encontra-se no pensamento social paulistano um conceito de raça que foi construído em função do pensamento acadêmico europeu do século XIX, e que na busca da compreensão da heterogeneidade da branquitude na capital paulista, a referida pesquisadora identifica traços unificadores da identidade racial paulistana³⁹⁸ e ao

³⁹¹NOGUEIRA, Oracy. (1998) Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga, São Paulo, Edusp., p. p.44.

³⁹² *Idem, ibidem.*, p.67.

³⁹³ *Idem, ibidem.*, p.124.

³⁹⁴ *Idem.*

³⁹⁵ *Idem.*

³⁹⁶ *Idem, ibidem.*, pp. 146-147.

³⁹⁷SCHUCMAN, Lia Vainer. (2014) *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo*: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo, São Paulo, AnnaBlume. _____.2012) *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 122 páginas. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

³⁹⁸ *Idem, ibidem.*, p.7.

fazê-lo depara-se com os vocábulos (substantivos ou adjetivos?): “encardido”, “branco” e “branquíssimo”³⁹⁹, ainda afirma que tal heterogeneidade estabelece diferenças e hierarquias ao grupo branco paulistano.

Se recapitularmos o que Dubois⁴⁰⁰ revelou sobre a constituição, composição étnica, fenotípica dos portugueses, conseguiremos enxergar o quão mestiço o referido grupo étnico já era ao aportar, no século XVI, no que viria a ser o Brasil.

*Next to the trade in gold came highly important importation of labor into Portugal. By the middle of the fifteenth century nearly a thousand blacks had been imported. A century later a vast majority of the inhabitants of the southernmost province were negroids, and even up as far as Lisbon, Negroes outnumbered the Whites. The two races intermingled, resulting in the negroid characteristics of the Portuguese nation even today.*⁴⁰¹⁴⁰²

Portanto, podemos afirmar que o português, em larga medida, chega ao Brasil já miscigenado e com traços negroides, e se considerarmos a miscigenação no Brasil, o referido mameluco possuía pequena porção europeia, fazendo dele mais indígena, e talvez até um pouco africano, e é esse mestiço que é descrito como mameluco e/ou branco ralé, vadio em Rolnik⁴⁰³, ou ainda o “encardido” em Schucman⁴⁰⁴

Discriminado ou não, estigmatizado ou não, preterido no mercado de trabalho urbano e/ou industrial, em detrimento do imigrante europeu ou não, e mais tarde do(s) asiático(s), ele ainda sempre esteve acima dos negros (pretos e pardos), conseguindo fonte de renda continua que permitiria aquisição de moradia, mesmo que popular, já nas primeiras décadas do século XX, e inferimos que várias unidades habitacionais, fossem

³⁹⁹ SCHUCMAN, Lia Vainer. (2012) *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo*: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo, São Paulo, AnnaBlume.

⁴⁰⁰ DUBOIS, W.E.B. (2007), “The Rape of Africa” (pp.28-50), In “*The World and Africa: Color and Democracy*”, Cambridge, Oxford University Press.

⁴⁰¹ *Idem, ibidem.*, p.30.

⁴⁰² Tradução livre deste autor: “Logo após o comércio de ouro, inicia-se a importe importação de mão de obra para Portugal. Até meados do século 15, aproximadamente mil (1000) negros haviam sido importados. Um século mais tarde a vasta maioria dos habitantes do extremo sul daquela província era de negroides, e até mesmo em Lisboa, os negros sobrepujavam os brancos em números. As duas raças se misturaram, resultando nas características negroides da nação portuguesa até os dias atuais.”

Dubois indica a seguinte fonte: “*Mary Wilhelmine Williams, writing on ‘Slavery in the Encyclopedia of the Social Sciences (New York: The Macmillan Co., 1934) Vol.14, p.80.’ For other facts and allusions in this chapter, consult John W. Blake, European Beginnings in West Africa (Mew York: Longmans, Green & Co., 1937).*”

⁴⁰³ ROLNIK, Raquel. (1981) *Cada um no seu lugar!* (São Paulo, início da industrialização: Geografia do poder). Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

⁴⁰⁴ SCHUCMAN, Lia Vainer. (2014) *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo*: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo, São Paulo, AnnaBlume. _____.2012) *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 122 páginas. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

apartamentos, fossem casas, nas várias vizinhanças do referido bairro, foram adquiridas e/ou alugadas por esse mestiço e sua família. É provável que os já estabelecidos imigrantes europeus tenham se sentido incomodado com a presença de não europeus, quase que nos moldes do descrito por Gotham⁴⁰⁵ na teoria de transição étnico-racial de vizinhanças. Canton⁴⁰⁶ descreve a composição étnico-racial de vizinhanças do referido bairro da seguinte forma:

*(...) a ocupação da Baixada do Glicério, em atendimento à demanda habitacional dos trabalhadores das fábricas, com a presença de imigrantes italianos...” (p.20) e “...ao processo histórico de formação das vilas do Glicério, verificamos que a maior parte dos moradores das vilas sempre foi constituída por [i]migrantes. Estes estão presentes desde a época da origem das vilas, que datam do início do século XX. Neste primeiro momento, os trabalhadores italianos foram os moradores majoritários (...)*⁴⁰⁷.

2.4.3 Ibéricos

*(...) já os três tipos humanos aí se encontram: portugueses e descendentes na condição de dominadores; índios, negros e mestiços, seja na condição de escravos, seja na de míseros homens ‘livres(...)’*⁴⁰⁸.

Schucman⁴⁰⁹, que conseguiu identificar os termos (adjetivos?) “encardido”, “branco” e “branquíssimo” ao pesquisar branquitude na cidade de São Paulo cita, por meio de Freitas⁴¹⁰, o Professor brasilianista Anani Dzidzienyo, da conceituada Brown University, na cidade de *Providence, Rhode Island*, que ao falar sobre as relações raciais no Brasil afirma que:

a elite brasileira conseguiu criar uma etiqueta das relações raciais no Brasil, cuja principal característica é a não menção de situações de desigualdade geradas por raça. A própria utilização de termos como ‘pessoas de cor’ [...] é vista como uma expressão encobridora que indicaria os limites que tal etiqueta impõe às pessoas que se interessam em questionar as desigualdades sociais existentes entre os negros e brancos brasileiros. Democracia racial e branqueamento, nesse sentido, também são entendidos como manobras

⁴⁰⁵ GOTHAM, Kevin Fox. (2002) *Beyond Invasion and Succession: School Segregation, Real Blockbusting, and the Political Economy of Neighborhood Racial Transition*, In *City Community*, v.1, nº1, mar., pp.83-111, American Sociological Association, Washington, DC. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1540-6040.00009/pdf>>. Acesso em 22 de jul 2021.

⁴⁰⁶ CANTON, André Luiz. (2007) *Preservação Contraditória no Centro de São Paulo: degradação das Vilas Preservadas na Baixada do Glicério no contexto da renovação urbana (Operação Urbana Centro)*. 2007. 89 páginas. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Depto de Geografia da FFLCH/USP.

⁴⁰⁷ *Idem, ibidem.*, p.61.

⁴⁰⁸ NOGUEIRA, Oracy. (1998) *Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga*, São Paulo, Edusp., p. 39.

⁴⁰⁹ SCHUCMAN, Lia Vainer. (2014) *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*, São Paulo, AnnaBlume.____.2012) *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 122 páginas. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

⁴¹⁰ Freitas (2011)

*políticas das elites, tendendo a encobrir ainda mais todo o processo de reconhecimento da discriminação brasileira.*⁴¹¹

Schucman⁴¹² ainda afirma que a categoria raça está ligada diretamente a poder e hierarquia e que a maneira que cada pessoa é classificada pode ser modificado em função da história e “significados construídos sobre cada grupo em cada lugar do globo”; em termos simples, os paulistanos, na referida pesquisa, identificados como “encardidos” ou “brancos” em São Paulo, são ou seriam recenseados como Latinos e/ou mestiços nos E.U.A., deixando apenas para os “branquíssimos” a categoria de branco nos E.U.A., até porque esta última categoria é descendente de italianos do norte (Veneto, etc...), da Alemanha, entre outros países europeus mais ao Norte e/ou Leste do referido continente.

*(...) um mesmo sujeito pode ocupar o lugar simbólico de branco no nordeste do Brasil, em São Paulo ser considerado nordestino e no Rio Grande do Sul ser classificado como pardo ou mestiço*⁴¹³.

Seguindo nosso referencial teórico, os Ibéricos que ocupavam os casarões no referido bairro mudam-se para a Vila Buarque, Santa Cecília, Campos Elíseos, Higienópolis (quadrante sudoeste), enquanto os ibéricos de baixa renda permanecem no bairro e ocupam as novas edificações do bairro, ao lado de italianos, japoneses, e posteriormente coreanos.

Embora nosso objeto não seja diretamente identificar, determinar esse ou aquele grupo étnico-racial em São Paulo, entender como as ideologias eugenistas europeias definiram muita coisa em São Paulo nos ajuda a enxergar como e porque o quadrante sudoeste de São Paulo é tão europeu, próspero, equipado, bonito vis-à-vis outros quadrantes de Sampa. Afirmamos que os grupos que exerciam o poder no final do século XIX se encarregaram de produzir espaços, fazendo com que as dinâmicas sociais (fluxos) definissem as configurações territoriais (fixos), determinando ainda quem e/ou quais partes da cidade viveriam e quais morreriam ou nem nasceriam, fazendo alusão à Biopolítica de Foucault.

A sede de europeizar, modernizar São Paulo foi tão grande que os próprios Ibéricos exercendo podres poderes relegam seus irmãos ibéricos para uma categoria inferior, conforme a seguinte citação de Nogueira⁴¹⁴:

⁴¹¹FREITAS (2011) p;163 In SCHUCMAN, Lia Vainer. (2014) *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo*: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo, São Paulo, AnnaBlume., p. 43.

⁴¹² *Idem*.

⁴¹³ *Idem, ibidem*, p. 59.

⁴¹⁴ NOGUEIRA, Oracy. (1998) *Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga*, São Paulo, Edusp.

(...) Referindo-se aos descendentes dos alemães vindo, em 1827, para o bairro – hoje município – de Guareí, diz Aluisio de Almeida: ‘Estes habitantes são em grande parte descendentes diretos ou entrelaçados pelos casamentos, dos alemães colonos. É um caso típico de adaptação ao meio, pois às vezes se encontravam belos tipos, louros, altos, olhos azuis, **sem mistura de sangue português ou indígena**, (...)’⁴¹⁵

2.4.5 Italianos

*A imigração italiana moldou a cidade de São Paulo [...] no final do século XIX. Até 1873, São Paulo contava quase exclusivamente com imigrantes portugueses; em 1874 vieram para cá cerca de 20.000 imigrantes; em 1877, mais 13.000 italianos, e em 1888 mais de 200.000 deles chegavam ao Brasil*⁴¹⁶.

Falar de italianos no Brasil, especialmente em São Paulo, é falar do(s) processo(s) de imigração europeia ao longo do século XIX, e uma passagem histórica e política fundamental é a famigerada Lei de Terras de 1850.

(...) que buscou regularizar a questão fundiária em geral, mas cujo objetivo, na ótica do governo, era permitir a utilização e venda de terras públicas para obter os recursos necessários à implantação de políticas para atrair colonos europeus(...)’⁴¹⁷⁴¹⁸

Há tempos que a classe política paulista e por sua vez os detentores do capital, pois eram também os Barões do Café, planejavam “modernizar” São Paulo, pois ao comparar esta terra com nações europeias, eles sentiam que algo estava fora do lugar. Com os bolsos já cheios de dinheiro proveniente das fazendas de café no interior paulista, somado as pressões inglesas para cessar o tráfico transatlântico de africanos capturados na África, e também para pôr fim a escravidão, sabia-se que em pouco tempo haveria de ter alternativas para a mão de obra nas fazendas de café, e como escreveu Rolnik.⁴¹⁹

(...) o regime do colonato empregando imigrantes, sobretudo italianos, que se apresentou como ‘solução’ para a questão da mão de obra. Por uma razão histórica concreta, a mão de obra que seria utilizada não poderia ser (e não foi) nem o negro escravo recém liberto nem os mulatos, pardos(...)’⁴²⁰

⁴¹⁵NOGUEIRA, Oracy. (1998) *Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga*, São Paulo, Edusp., p. 186.

⁴¹⁶ COSTA, Emília Viotti da. Da Senzala à Colônia, Difel, 1966 In VÉRAS, Maura Pardini Bicudo (1999), *Enigmas da Gestão da Cidade Mundial de São Paulo: Políticas Urbanas entre o Local e o Global In Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo*, São Paulo, CEDESP, pp.197-217., p. 603.

⁴¹⁷ CARVALHO, José Murilo de. (2012), *História do Brasil Nação: 1808-2010 - Volume 2 – A Construção Nacional 1830-1889*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva Ltda., p. 38.

⁴¹⁸ CHALHOUB, Sidney. (2012) *População e Sociedade*, pp.: 36-81 In CARVALHO, José Murilo de. (2012) *História do Brasil Nação: 1808-2010 - Volume 2 – A Construção Nacional 1830-1889*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva Ltda.

⁴¹⁹ ROLNIK, Raquel. (1981) *Cada um no seu lugar!* (São Paulo, início da industrialização: Geografia do poder). Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

⁴²⁰ *Idem, ibidem.*, p. 9.

O fenômeno aculturante descrito por Weistein⁴²¹, em *The Color of Modernity* lá no século XX, tem sua gênese no século anterior, quando teria sido iniciado a construção de um novo Brasil, com todas as suas contradições. A referida autora diz que Nordeste, enquanto conceito e suas etnias, é criado a partir do referido ideário, ou seja, uma mentalidade eugenista, supremacista.

Para exemplificar a junção de político e produtor de café, destacamos Antônio da Silva Prado (1778-1875), que além de ter dado nome para uma das ruas do bairro sob estudo, recebeu o título de Barão de Iguape das mãos do príncipe Dom Pedro. Outra coincidência desta figura histórica com nossa tese é que o referido Barão, que se casa com Maria Cândida de Moura Vaz [Leite], a qual recebe o título de Baronesa de Iguape, será pai de Veridiana Valéria da Silva Prado, entre outros filhos e filhas, e é este braço da Família Prado que será proprietária do que viria a ser a Vila Buarque, onde encontra-se a rua Dona Veridiana. Relembrando uma passagem desta tese, barões do café entre outras famílias abastadas retiram-se do bairro sob estudo, entre outras localidades do Triângulo Histórico, área central de São Paulo, rumo a zona oeste, Vila Buarque e arredores.

É este Prado, o Barão de Iguape, o terceiro deles, descendente de uma família portuguesa “que chega ao Brasil no século XVII, e se fixa na Vila de Parnayba, São Paulo.” Após perder seus pais, viaja para a Bahia, onde realiza negócios com mulas, tendo amealhado considerável soma de capital, uma verdadeira fortuna pessoal, o que lhe propicia a posição de Capitão-mor, aristocrata, político, vice-presidente da província de São Paulo, comendador da Imperial Ordem de Cristo, e oficial da Imperial Ordem da Rosa.

Além da rua Barão de Iguape, no bairro da Liberdade, há o edifício Barão de Iguape, outrora sede do Unibanco e mais tarde do Itaú-Unibanco. O barão foi sepultado no cemitério Consolação, em 1875.

O Conselheiro Antônio Prado (25/02/1840 – 23/04/1929), carinhosamente conhecido como Antonico, é neto do Barão de Iguape, filho de Martinho da Silva Prado e de Veridiana Valéria da Silva Prado, a Dona Veridiana. Antonico foi um forte incentivador da imigração italiana no Brasil, tendo sido um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Imigração. No ano de seu falecimento, 1929, seu filho, Antônio da Silva Prado Júnior, era o prefeito de São Paulo. A cidade Antônio Prado, na serra gaúcha, é

⁴²¹ Weistein (2015)

assim batizada em homenagem ao conselheiro, e é nessa cidade que é instalada mais uma colônia italiana.

Todo o processo de imigração europeia, resultado de ideário eugenista, que visava, entre outros objetivos, embranquecer o Brasil (de São Paulo até o extremo sul do país), causa muita dor e morte. A referida nova cidade no Rio Grande do Sul, que acomoda mais uma colônia de italianos, tem sua fundação feita por meio de ordens do Governo Imperial no século XIX que ordena o envio de bugreiros⁴²² para limpar o local. “*Os antigos habitantes, os índios caigangues⁴²³, foram desalojados violentamente pelos ‘bugreiros’.*”⁴²⁴

Antônio da Silva Prado foi fundador da Sociedade Brasileira de Imigração, que coordena a imigração europeia subvencionada até o início do século XX. A referida sociedade, pasmem, fazia coro aos movimentos abolicionistas do século XIX.

Os itens família Prado e a imigração europeia serão retomados no capítulo “Genealogia da Riqueza Paulista”, e por ora nos seguiremos dando foco para os italianos em São Paulo, especificamente na(s) área(s) sob estudo.

(...) Com a população ebulindo num crescendo, São Paulo do início do século acabou por ter que acomodar, muitas vezes sem a suficiente infra-estrutura, toda a sorte de pessoas que visando participar das oportunidades da cidade, optavam por fixar-se na região...” Nota de rodapé n.13: “O número de propriedades urbanas em mãos de imigrantes italianos praticamente dobra de 1902 para 1910 (de 4.993 para 7.462 propriedades).”⁴²⁵*

⁴²² Bugreiro era o indivíduo, geralmente um mameluco, especializado em atacar e exterminar indígenas brasileiros e que eram contratados pelos governos imperiais das províncias do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O termo se origina da palavra bugre, como eram conhecidos pejorativamente os indígenas do sul do Brasil. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bugreiro>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁴²³ MORAIS, Fernando (2000) Corações sujos, São Paulo, Companhia das Letras., pp. 267-269. Faz menção ao referido grupo indígena, porém usa a grafia “caiguenses” em caso de similar violência ocorrido na cidade de Tupã, interior paulista. “...os brasileiros de Tupã. Aquela era uma pendenga de imigrantes com imigrantes, e a cidade talvez fosse, em toda a região, a que mais aprendera a conviver com culturas estranhas. Fundada em 1929 pelo fazendeiro pernambucano Luiz de Souza Leão, sobre terra tomadas aos índios caingangues, Tupã foi sendo sucessivamente ocupada por colônias de imigrantes vindas dos mais distantes pontos do planeta. Primeiros a chegar, os espanhóis se instalaram em Juliápolis e São Martinho. Os japoneses vieram em seguida e ocuparam os bairros de Monteiro, Vanheri, Bandeirantes, Anápolis e Coim. Os italianos foram para o bairro de Toledo e os Letões se concentraram no distrito de Varpa. Metade dos 45 mil habitantes da cidade era estrangeiros, e cerca de 13 mil deles tinham vindo do Japão.”

⁴²⁴ ANTÔNIO PRADO. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Prado>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁴²⁵ ALVIN, Zuleika Forcioni. (1983) *Emigração, Família e Luta: Os italianos em São Paulo*. Dissertação de Mestrado: FFLCH/História – USP.

Chiovatto⁴²⁶ diz que “o crescimento vertiginoso de São Paulo” (p.40) mais “o crescimento populacional urbano”⁴²⁷ estimulam a especulação imobiliária e que após o saneamento e urbanização da Baixada do Glicério e Várzea do Carmo, em 1918⁴²⁸, muitos italianos, até então do outro lado do rio Tamanduateí, no Brás e Mooca, cruzam o rio em busca de moradia barata e próxima aos seus futuros empregos.

Entre o final do século XIX e começo do XX as terras nas referidas vizinhanças eram baratas em função da baixa qualidade das terras, situadas em áreas alagadiças. Fatores como a crise do café, o nascimento e crescimento da indústria (tardia) que substituiria as importações, já nas primeiras décadas do século XX, colaboraram para o aumento da demanda por moradia, e as áreas mencionadas são tomadas por “construção de casas de pequeno porte” (p.40) e sabemos que pouco tempo depois serão instaladas em várias vizinhanças do bairro as Vilas Operárias, destinadas primordialmente a abrigar os trabalhadores das fábricas e suas famílias, majoritariamente de origem italiana. “...*residências de baixo valor, em função das péssimas condições de salubridade e vida garantiram o barateamento dos terrenos*”⁴²⁹.

As referidas vizinhanças podem ser consideradas “comunidades de imigrantes”, com todos seus valores, códigos e signos, as quais são geralmente instaladas nas proximidades de vias férreas. Se lembrarmos que os referidos imigrantes chegavam de trem e eram hospedados na Hospedaria dos Imigrantes, no Brás, e ao lado da via férrea, fica mais fácil entendermos a migração interna, saindo do Brás, passando pela Mooca e chegando nas várzeas após o saneamento e urbanização.

*Nestes bairros, a paisagem construída aliada ao estilo de vida (sagrado e profano) e a uma grande aglomeração de imigrantes, reproduz em condições urbanas a configuração de territórios étnicos (...)*⁴³⁰

⁴²⁶ CHIOVATTO, Mila Milene. (2000) *Desejos imigrados: Análise de igrejas católicas na Mooca e Glicério como objetos culturais e identitários*. 203 páginas. Dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

⁴²⁷ *Idem, ibidem.*, p.36.

⁴²⁸ “Efetivamente, a chamada baixada do Glicério, que se estendia pela várzea do Carmo, foi saneada e urbanizada a partir de 1918, segundo planos de Bouvard, pela Companhia da Várzea do Carmo, presidida pelo Visconde de Moraes. Essa companhia recebeu em troca terrenos para lotear e vender.” CHIOVATTO, Mila Milene. (2000) *Desejos imigrados: Análise de igrejas católicas na Mooca e Glicério como objetos culturais e identitários*. 203 páginas. Dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo., p. 40.

⁴²⁹ *Idem, ibidem.*, p.39.

⁴³⁰ Pereira, João Baptista Borges In CHIOVATTO, Mila Milene. (2000) *Desejos imigrados: Análise de igrejas católicas na Mooca e Glicério como objetos culturais e identitários*. 203 páginas. Dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo., p. 37.

Portanto, podemos afirmar que os “desejos imigrados” da Itália para o Brás cruzam o rio Tamanduateí quando o bairro do Brás é desmembrado e dá origem ao distrito de paz da Mooca e o Glicério. (pp.: 38; 42 passim). Povo que chega e se estabelece, tem oportunidade de emprego (Fábrica de cigarros SUDAN, do empresário italiano Sábado D’Angelo) e os vários comércios que são abertos na região. A rua do Glicério ainda possui uma padaria italiana histórica, a Famiglia Franciulli (“o verdadeiro pão italiano desde 1890”)⁴³¹, no nº 750.

Concluindo e com foco no nosso referencial teórico, inferimos que várias das famílias descendentes dos imigrantes italianos nos bairros e vizinhanças mencionados anteriormente compram ou alugam unidades habitacionais das edificações erguidas⁴³² nas então recém abertas ruas Helena Zerrenner, Oscar Cintra Gordinho, nos anos 1950, e por lá ficam até poderem mudar para melhores acomodações e/ou bairros, ou ainda se sentirem incomodados com a degradação simbólica e/ou física da região, confirmando assim a teoria de transição étnico-racial de vizinhanças.

Importante lembrar ainda o que afirmou Yoshimoto⁴³³, outro ex-morador e pesquisador da região. Algumas transformações urbanas como a construção do Elevado Costa e Silva e a instalação da Rodoviária do Glicério sob o elevado “que opera com os ônibus do norte e nordeste do país⁴³⁴” teriam acelerado a deterioração simbólica e/ou física, resultando na diminuição do valor dos aluguéis, o que teria atraído ainda mais “a entrada de outros grupos sociais” (idem, ibidem), grupos estes com extrema fragilidade socioeconômica. Para o referido autor, tem-se então rompido uma “relação afetiva”, uma “identidade afetiva”, típica de “comunidades de imigrantes”, nos termos de Chiovatto⁴³⁵

⁴³¹ FAMIGLIA FRANCIULLI. Disponível em: <<https://famigliafranciulli.com.br/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁴³² Pelo Sr Camilo Daccache, um ítalo brasileiro, o Sr Omar Maksoud, de origem árabe, etc, cf.: SOUZA, Paula Carlos de. ([2016]) *Glicério: Lugar de todos, terras de ninguém*. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/jornada/paper/download/280/242>>. Acesso em 22 de jul 2021.____([2015]) *Baixada do Glicério: um patrimônio encortiçado*. Iniciação científica. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/jornada/paper/download/280/242>>. Acesso em 22 de jul 2021.

⁴³³ YOSHIMOTO, Milton Mitsuki. (1980) *Baixada do Glicério: Um estudo de bairro*. Professor Orientador: Silvio Soares Macedo. Tese de Graduação Inter-Disciplinar, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

⁴³⁴ *Idem, ibidem.*, p. 2.

⁴³⁵ CHIOVATTO, Mila Milene. (2000) *Desejos imigrados: Análise de igrejas católicas na Mooca e Glicério como objetos culturais e identitários*. 203 páginas. Dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Identidade e memória atuam em conjunto e de forma circular, onde a memória,

*refere-se ao plano pessoal, afetivo e reconstrói o objeto a partir da emoção, das sensações individuais emaranhadas num imaginário provido de fontes informacionais diversificadas, imagens do passado e do presente, realidade e fantasia*⁴³⁶.

Arriscamos inferir que o anteriormente afirmado por Yoshimoto⁴³⁷ e Chiovatto⁴³⁸ é também explicado pelas lentes do interacionismo simbólico. O urbanista novo iorquino Jerome Krase, um “brooklinista” da gema resume, na nossa ótica, o referido quadro, da seguinte forma:

*o relacionamento complexo entre símbolos culturais e estruturas sociais/sociais, as quais estão incorporadas nas entidades concretas da sociedade – pessoas, edifícios, ruas, mapas e todas as formas de assentamentos humanos*⁴³⁹

E por último, mas não menos importante, é mais que relevantes ressaltar que as contradições de uma sociedade pós-moderna, capitalista, contraditória por natureza, estabelece, ou pelo menos tenta, posições, papéis para cada pessoa ou até grupo étnico-racial no que diz respeito a exemplos de significados sociais e psicológicos dos/nos assentamentos humanos, nos termos de Krase⁴⁴⁰.

Acreditamos que japoneses e coreanos, outros grupos étnicos analisados, passaram por processos semelhantes, o que também teria resultado nas suas retiradas do referido bairro e/ou vizinhanças.

⁴³⁶ ZIMMERMANN, Cintia Alen. (2006) *Memória e identidade da praça Pádua Salles em Amparo-SP*. 170 páginas. Dissertação de mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP)., pp. 19-20.

⁴³⁷ YOSHIMOTO, Milton Mitsuki. (1980) *Baixada do Glicério: Um estudo de bairro*. Professor Orientador: Silvio Soares Macedo. Tese de Graduação Inter-Disciplinar, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

⁴³⁸ CHIOVATTO, Mila Milene. (2000) *Desejos imigrados: Análise de igrejas católicas na Mooca e Glicério como objetos culturais e identitários*. 203 páginas. Dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo

⁴³⁹ Do original: “the complex relationship between cultural symbols and societal structures which are embodied in the concrete entities of society – people, buildings, streets, maps and all forms of human settlements.” (

KRASE, Jerome. (1982) *Self and Community in the city, Washington, D.C.*, University Press of America. Available on <<http://www.brooklynso.org/PLG/selfandcommunity/index.html>>. Acesso em 22 de jul. 2021).

⁴⁴⁰ *Idem*.

2.4.6 Japoneses

*No group more clearly defined São Paulo's diasporic decades than the hundreds of thousands of Japanese-Brazilians who became an integral part of life in the city.*⁴⁴¹

Muito poderia ser aqui replicado sobre os japoneses e seus descendentes no Brasil, ou apenas em São Paulo, mas daremos foco ao bairro da Liberdade e arredores com especial atenção ao nosso referencial teórico.

O navio Kasato Maru aporta na cidade de Santos, São Paulo, em 18 de junho de 1908 e desembarca 165 famílias de agricultores, totalizando 786 pessoas, que foram levadas para a Hospedaria dos Imigrantes, no bairro do Brás, na cidade de São Paulo. Seria este o mesmo local usado em 1943 que receberia os imigrantes japoneses como “perseguidos de guerra” após ter sido convertido, temporariamente, “em prisão e centro de triagem de ‘evacuados’”⁴⁴²

Antes de retomarmos a descrição das chegadas de levas de imigrantes do Japão, vamos dar um salto na história para entendermos o porquê da referida hospedaria ter sido transformada em prisão, a direta relação com a área sob estudo, e ter recebido apenas imigrantes japoneses quase que na condição de p.o.w.⁴⁴³, prisioneiros de guerra, em inglês, embora houvesse leis, ordens para coibir todo tipo de reunião nas comunidades alemãs, italianas e japonesas, de Norte a Sul no Brasil, com especial foco para as costas marítimas.

Em 1942, quando o Brasil corta relações diplomáticas com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), o presidente Getúlio Vargas baixa um decreto (11/03/1942) que visava a proibição ou limitação das atividades dos cidadãos dos países mencionados. Embora tenha havido até autorização para que os E.U.A. (F.D. Roosevelt) construísse bases no Nordeste brasileiro⁴⁴⁴, ou ainda a aprovação de uma resolução em 1943, na cidade do Rio de Janeiro durante a Conferência de Ministros do Exterior das Américas⁴⁴⁵, nenhum imigrante japonês foi confinado em campo de concentração no Brasil, e apenas algumas dezenas foram expulsas e enviadas de volta ao Japão, diferentemente do que

⁴⁴¹ Tradução livre do autor desta tese. “Nenhum outro grupo definiu tão claramente as décadas diaspóricas de São Paulo quanto as centenas de milhares de nipo-brasileiros que se tornaram uma parte integrante da vida na cidade.” LESSER, Jeffrey. (2007) *A Discontented Diaspora: Japanese Brazilians and the Meanings of Ethnic Militancy, 1960 – 1980*, Durham, Duke University Press., p. 1.

⁴⁴² MORAIS, Fernando (2000) *Corações sujos, São Paulo*. Companhia das Letras., p. 59.

⁴⁴³ *Prisoner(s) of war, ou em português: prisioneiros de guerra.*

⁴⁴⁴ *Idem, ibidem.*, p.47.

⁴⁴⁵ *Idem, ibidem.*, p.62.

aconteceu no Peru, Bolívia, Equador, Colômbia, Costa Rica e Panamá, que juntos extraditam aproximadamente 1300 japoneses, que ficariam detidos nas,

zonas de evacuação, como eram chamados os campos de concentração distribuídos pelos estados da Califórnia, Idaho, Wyoming, Arizona, Colorado, Oregon e Arkansas⁴⁴⁶.

Adiante falaremos mais sobre os efeitos e reações causados pela entrada do Japão na 2ª guerra mundial e as pressões diplomáticas dos E.U.A. sobre o Brasil getulista, um “admirador” do nazi fascismo, reza a lenda.

lessner⁴⁴⁷ detalha que grupos de brasileiros iniciam contatos com os japoneses já em 1894⁴⁴⁸, e pode-se afirmar que o ideário de modernização e/ou embranquecimento de um novo Brasil, tão bem advogado pela SCI – Sociedade Central de Imigração, e posteriormente a Sociedade Promotora de Imigração, fundada em 1886, “que entre outras atividades, passou a administrar a Hospedaria dos Imigrantes”⁴⁴⁹, também fez parte da agenda ideológica Brasil-Japão, pois os japoneses já eram vistos como os “‘whites’ of Asia”⁴⁵⁰ ou nos termos de Chomsky⁴⁵¹, os brancos honorários, e branquitude ou brancura era o que a elite cafeeira, política, largamente paulista, queria para seu novo Brasil. Branca era a cor da modernidade, parafraseando Weinstein.⁴⁵²

*Brazilian coffee planters, preoccupied with the transition from African slavery to free labor, became disillusioned with European laborers who seemed more interested in protesting labor and social conditions than in working as replacements for slaves.*⁴⁵³

Portanto, entre 1908 e 1941, aproximadamente 190 mil imigrantes japoneses entram no Brasil. Importante salientar que em 1907 os E.U.A. proíbem a entrada de japoneses no seu país, por meio do “*gentleman’s agreement*”⁴⁵⁴. Esta é mais uma daquelas decisões das grandes potências que refletem no Brasil, positiva ou

⁴⁴⁶ *Idem*.

⁴⁴⁷ LESSER, Jeffrey. (2007) *A Discontented Diaspora: Japanese Brazilians and the Meanings of Ethnic Militancy, 1960 – 1980*, Durham, Duke University Press.

⁴⁴⁸ *Idem, ibidem.*, p.3.

⁴⁴⁹ LIMA, Angela Bernadete. (2017) *A IMIGRAÇÃO PARA O IMPÉRIO DO BRASIL: um olhar sobre os discursos acerca dos imigrantes estrangeiros no século XIX* In *Revista Acadêmica Licençoa & acturas*, Ivoti, v.5, nº2, pp.: 26-36, julho/dezembro, 2017., p. 28.

⁴⁵⁰ *Op. cit.*, p. 5.

⁴⁵¹ CHOMSKY, Noam. (1999), *O que o Tio Sam realmente quer*. Brasília, Editora Universidade de Brasília., p. 18.

⁴⁵² Weinstein (2015).

⁴⁵³ Tradução livre do autor desta tese: “Os fazendeiros de café, preocupados com a transição da escravidão africana para o trabalho livre, se desiludiram com os trabalhadores europeus que pareciam estar mais interessados em protestar contra as condições de trabalho e sociais do que substituir o trabalho dos escravizados.”

⁴⁵⁴ *Idem, ibidem.*, p.4.

negativamente, conforme o caso da cana de açúcar no Nordeste e o café em São Paulo, já detalhado nesta tese.

A seguir alguns números da imigração de japoneses para o Brasil e para o mundo.

Tabela 4 - imigração japonesa para o Brasil & imigração japonesa, 1899 – 1941⁴⁵⁵⁴⁵⁶

Ano	Quantidade	País de destino	Quantidade
1908 a 1914	15.543	Estados Unidos	87.848
1915 a 1923	16.723	Havaí	165.106
1924 a 1935	141.732	Canadá	31.052
1936 a 1941	14.617	Brasil	188.209
1942 a 1952	⁴⁵⁷	Filipinas e Guam	53.120
1952 a 1959	30.610	Outros	93.023
1960 a 1969	18.619		
1970 a 1979	3.610	Total	618.358

Os números acima dão uma magnitude da imigração japonesa para o Brasil e faz de São Paulo a maior colônia nipônica no mundo, à exceção do Japão, é lógico.

Tanto Moraes⁴⁵⁸ quanto Lesser⁴⁵⁹ mencionam os calorosos debates acerca da imigração japonesa para o Brasil, sendo que no 1º caso há várias citações das perseguições rotineiras sofridas pelos nipônicos, enquanto no 2º caso há informações sociológicas e políticas que nos ajudam a entender facetas ocultas referente ao ressentimento em direção aos japoneses.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, também, pelos imigrantes japoneses, desde o início das conversações entre grupos dos dois países, houve participação ativa do lado japonês, diferentemente do caso italiano. Parece a nós que a imigração japonesa não foi subvencionada pelo Estado brasileiro, como nos casos europeus, e que tão logo a escassez de alimentos naquele país foi equacionada, pessoas físicas e jurídicas passaram

⁴⁵⁵

⁴⁵⁶

⁴⁵⁷ Nos termos de Lesser, “números insignificantes por causa da segunda guerra mundial e suas consequências.” Tradução livre do autor desta tese. Do original: “*Insignificant because of World War II and its aftermath.*” LESSER, Jeffrey. (2007) *A Discontented Diaspora: Japanese Brazilians and the Meanings of Ethnic Militancy, 1960 – 1980*, Durham, Duke University Press.

⁴⁵⁸ MORAIS, Fernando (2000) *Corações sujos*. São Paulo. Companhia das Letras.

⁴⁵⁹ Op. cit.

a dar apoio político e material para seus compatriotas em terras brasileiras. Nos anos 1920, empresas japonesas, trabalhando com seu governo, dão início a aquisição de grandes lotes de terras em São Paulo, onde os referidos imigrantes, atuando em cooperativas, constroem redes de distribuição de produtos agrícolas, e logo a seguir iniciam considerável comércio exterior⁴⁶⁰. Este crescimento no cenário de comércio internacional teria causado certo ressentimento entre alguns brasileiros, os quais durante a “Constituinte de 1934”⁴⁶¹ ou a “1933 *Constitutional Convention*”⁴⁶².

Alguns membros⁴⁶³ das referidas reuniões queriam impor limites à imigração, por pura inveja, e para tal deram início a difamações como “o perigo amarelo”⁴⁶⁴, “quisto amarelo”⁴⁶⁵. A emenda 3165, que visava resolver o “problema japonês”, ditava: “é proibido a entrada no país de imigrantes japoneses de qualquer idade e de qualquer procedência”⁴⁶⁶. Embora fique muito explícito que o ressentimento de alguns constituintes brasileiros fosse uma reação invejosa ao êxito econômico japonês, dia após dia ficava nítido o espírito supremacista japonês frente aos brasileiros. A fala a seguir, descrita em Morais⁴⁶⁷, não deixa dúvida da relação conflituosa, de oprimido e opressor, entre japoneses e brasileiros, de forma circular.

Às vezes aparecia em Tupã algum maluco, como Kano, um japonês que quando exagerava no saquê ia para a zona do meretrício gritar que os brasileiros eram malandros e que, terminada a guerra, o Japão iria ‘colocar ordem nisto aqui, e ensinar brasileiro a virar gente’.

Acreditamos que o ponto de vista e/ou opinião, acima descrito, ao longo do tempo, pode ter acelerado a saída dos nipônicos de várias vizinhanças do bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo, além, é lógico, das oportunidades de crescimento econômico. Muito provavelmente, da condição de famélicos, durante a era Meiji, nome dado ao período de modernização que industrializou e ocidentalizou o Japão, mas causou fome nas áreas rurais, e o governo receoso de convulsões sociais passa a estimular a imigração⁴⁶⁸, à

⁴⁶⁰ Idem, *ibidem.*, p. 6.

⁴⁶¹ MORAIS, Fernando (2000) *Corações sujos*. São Paulo. Companhia das Letras., p. 251.

⁴⁶² LESSER, Jeffrey. (2007) *A Discontented Diaspora: Japanese Brazilians and the Meanings of Ethnic Militancy, 1960 – 1980*, Durham, Duke University Press., p. 7.

⁴⁶³ O deputado Miguel Couto Filho, líder da “bancada eugenista”, entre alguns deputados socialistas, comunistas.

⁴⁶⁴ “*yellow peril*”

⁴⁶⁵ cf.: ⁴⁶⁵ MORAIS, Fernando (2000) *Corações sujos*. São Paulo. Companhia das Letras., pp.251-255; LESSER, Jeffrey. (2007) *A Discontented Diaspora: Japanese Brazilians and the Meanings of Ethnic Militancy, 1960 – 1980*, Durham, Duke University Press., pp.5-14

⁴⁶⁶ Idem, *ibidem.* 2000., p. 291.

⁴⁶⁷ Idem, *ibidem.*, p. 270.

⁴⁶⁸ Idem, *ibidem.* 2013., pp. 150-152.

condição de “[os] japoneses eram particularmente trabalhadores árdios e produtivos”⁴⁶⁹, “fontes de modernidade”⁴⁷⁰, ou ainda “os brancos da Ásia”⁴⁷¹, os nipônicos com certeza passam a acreditar nessa imagem de “brancos honorários”⁴⁷², e a convivência com um povo visto como mestiço ou de cor dificultava o recebimento de ordens, pois o “*culto racial a seus antepassados estrangeiros [...] incutia-se em seu espírito a ligação à pátria de seus pais e não à pátria brasileira*”.⁴⁷³”

Há ainda o caso do “motorista japonês Kababe Massame [que] reacenderia os ódios da população ao tirar a vida de Nego”⁴⁷⁴, e que após causar enorme alvoroço na cidade de Osvaldo Cruz, interior paulista, gerou fervorosa e racista contrarresposta do compatriota Takeiko Massuda, dono de um bar na referida cidade. Este ao ouvir, de um brasileiro, o seguinte: “*Abre o olho japonês, porque o povo está doido para pegar um de vocês para vingar a morte do Nego*”⁴⁷⁵.”

Responde: “*Vingar o Nego por que? Além de brasileiro, ele era preto. Por mim podia matar uns dez vagabundos desses que dava na mesma (...)*”⁴⁷⁶

Com ou sem justificativa, os ânimos seguiram acirrados de ambos os lados, nas ruas e nas instituições públicas. Retrataros abaixo mais um “embate” antinipônico, provavelmente, provavelmente ocorrido na **1ª capital federal da República, o Rio de**

⁴⁶⁹ “*That Japanese were uniquely hard and productive workers*”.

⁴⁷⁰ “*Sources of modernity*”.

⁴⁷¹ “*Whites’ of Asia*”. (LESSER, Jeffrey. (2007) *A Discontented Diaspora: Japanese Brazilians and the Meanings of Ethnic Militancy, 1960 – 1980*, Durham, Duke University Press., p. 5.

⁴⁷² cf.: CHOMSKY, Noam. (1999), *O que o Tio Sam realmente quer*. Brasília, Editora Universidade de Brasília., p. 18.

⁴⁷³ MORAIS, Fernando (2000) *Corações sujos*. São Paulo. Companhia das Letras., p. 293.

⁴⁷⁴ O caso do motorista conhecido como “Nego”: “...Minutos depois de despedir-se dos repórteres, o interventor tomava o trem expresso *Cruzeiro do Sul* em direção à capital paulista. A oitocentos quilômetros dali, naquela mesma hora o motorista Pascoal de Oliveira, o Nego, guiava seu caminhão pela estrada de terra que ligava Bastos a Osvaldo Cruz, onde ele vivia. Quando faltava pouco para entrar na cidade, um outro caminhão fechou sua passagem, ao ultrapassá-lo, quase jogando o seu Chevrolet Gigante num precipício. Depois do jantar, como fazia todos os dias, Nego foi até o bar do Chico Costa, no centro da cidade, para tomar sua cachaça e conversar com os amigos. O motorista permaneceu lá até perto das dez da noite, e, quando se preparava para pagar a conta, um caminhão estacionou na porta do bar e dele desceu o motorista Kababe Massame, um japonês de pouco mais de vinte anos. Ao reconhecer o recém-chegado como o autor da fechada que sofrera na estrada, Nego decidiu tirar satisfações com ele. A discussão parecia ser apenas mais um bate-boca entre dois motoristas, mas Massame sacou inesperadamente um punhal e desferiu um golpe seco e mortal no coração de Nego. Nenhum japonês esboçou reação alguma. Aproveitando-se do susto dos brasileiros que tentavam socorrer Nego – que tivera morte instantânea -, o assassino correu para a rua e sumiu na escuridão. A notícia da morte correu pela noite, despertando nos brasileiros de Osvaldo Cruz ódios que eles próprios desconheciam. Aquele não era um crime qualquer, mas o assassinato, por um japonês, de um brasileiros querido na cidade...” (MORAIS, Fernando (2000) *Corações sujos*. São Paulo. Companhia das Letras., pp. 231-238).

⁴⁷⁵ *Idem, ibidem.*, p. 239.

⁴⁷⁶ *Idem.*

Janeiro, durante a Constituinte de 1932 [1934]. À acusação de “inassimiláveis” trava-se o seguinte debate:

“O sr. Aureliano Leite (UDN-SP)

-Essa emenda é desumana.

“O sr. José Augusto (UDN-ES)

-Desumano é permitir que nossa pátria seja invadida por gente que não será assimilada.

“O sr. Wellington Brandão (PSD-MG)

-Posso saber por que o nobre orador não inclui na sua emenda os alemães?

“O sr. Hamilton Nogueira (UDN-DF)

-No atual momento histórico, a imigração indesejada é a japonesa.

“O sr. Rui Almeida (PTB-DF)

-É NOCIVA.

“O sr. José Augusto (UDN-ES)

-Será uma calamidade.

“O sr. Hamilton Nogueira (UDN-DF)

-Muito embora estejamos de acordo a respeito da nocividade amarela, defendo que esta é matéria de lei ordinária. Incluir na Constituição um dispositivo condenando a imigração japonesa é afirmar um princípio racista, que já condenamos no nazismo⁴⁷⁷.”

E para concluir os apartes não regimentais, há ainda a intervenção de Gilberto Freyre, um constituinte na época, e defensor da imigração japonesa. Este que se referia aos próprios brasileiros como “quase brancos” ou “aparentemente brancos”, lembrou seus colegas parlamentares que um povo com tais características físicas não poderia ser xenófobo ou racista⁴⁷⁸.

Todos os embates, apartes e afins, entre todos os atores envolvidos trariam ainda mais sabores para os nipônicos, pois após o Brasil ceder a pressão dos E.U.A. e romper relações diplomáticas com os países do Eixo (Alemanha, Itália⁴⁷⁹ e Japão), a perseguição estatal pesaria mais sobre os ombros do lado oriental, que não contavam com um padrinho do calibre de Antônio da Silva Prado, o conselheiro, um paulista abastado, influente, produtor cafeeiro, político e de família tradicional, que amava os italianos.

As ordens federais de remover imigrantes do Eixo e evacuá-los para o interior o do país, praticamente só alcançaram os nipônicos, “esquecendo” dos italianos e alemães.

(...) Getúlio [...] tinha dado ordens ao interventor federal em São Paulo, José Carlos de Macedo Soares, para ‘internar’, a pelo menos cem quilômetros da

⁴⁷⁷ MORAIS, Fernando (2000) *Corações sujos*. São Paulo. Companhia das Letras., pp. 294-295.

⁴⁷⁸ cf.: *Idem, ibidem.*, p. 292.

⁴⁷⁹ A única perseguição contra empresários de origem italiana que tivemos conhecimento foi o caso da fábrica de cigarros SUDAN, fundada pelo empresário Sábado D’Angello no início do século XX e sua fábrica funcionava entre a várzea do Glicério e do Carmo. Contudo a referida perseguição estatal só se daria durante a Ditadura Militar a partir de 1964. Segundo o autor da matéria que tivemos acesso, tratou-se de uma (má?) interpretação tributária que teria levado ao fechamento da referida fábrica, conta o advogado Durval de Noronha Goyos Jr. da Noronha Advogados. NORONHA ADVOGADOS Disponível em: <<http://www.noronhaadvogados.com.br/publicacoes/as-vitimas-empresariais-da-ditadura-o-caso-sudan/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

costa, os ‘súditos do Eixo’ que vivessem no litoral paulista. Na manhã seguinte a cidade de Santos amanheceu sitiada por tropas do Exército e da Força Pública, encarregadas de ‘evacuar’ [...] cerca de 10 mil imigrantes [...] Temendo que alguém pudesse escapar da razia, um dos oficiais encarregados da operação mandou notificar todos os hoteleiros, donos de pensões [...] que estava ‘expressamente proibido dar hospedagem a qualquer cidadão de nacionalidade alemã ou japonesa’ (os italianos tinham sido inexplicavelmente excluídos da proibição).⁴⁸⁰

Mesmo esta ordem tendo incluído os alemães, nem de longe eles sofreriam as represálias impostas aos nipônicos. Um discurso de Getúlio Vargas, via carta e lido publicamente em evento dirigido a estudantes [universitários] de/em São Paulo, falou-se em quinta-coluna fazendo referência a todos “súditos do Eixo”, porém mesmo os alemães tendo criado “uma monumental rede de espionagem montada pelo Reich alemão no Brasil”, instalado “poderosas estações de rádio no Rio e em São Paulo, com o decidido apoio de empresários alemães residentes no Brasil”, pouco sofreram além de alterar o nome do clube Germânia, “fundado no fim do século XIX”, para Esporte Clube Pinheiros.⁴⁸¹

O rompimento do Brasil com o Japão, em 1942, cedendo a pressões do governo dos E.U.A., pois reza a lenda que Getúlio Vargas flertava com o nazifascismo e teria resistido a entrar na guerra e/ou dar apoio para os aliados, somado ao aumento de japoneses que fugiam da dureza das plantações de café no interior paulista e que vinham parar no bairro da Liberdade, mais tarde apelidado de Bairro Japonês, somado ainda a fundação da organização secreta *Shindo Renmei*, vulgarmente conhecida como a “ ‘Ku Klux Klan nipônica’ ou ‘Gestapo oriental’ ”⁴⁸² transformaria o referido bairro num “covil amarelo”⁴⁸³, “um gueto em que as pessoas se sentiam prisioneiras na própria casa”⁴⁸⁴, que além de abrigar japoneses pobres “que tinham a prática de habitar os porões e subdividir as casas com os patriotas que chegavam a São Paulo”⁴⁸⁵, passou a abrigar,

⁴⁸⁰ Op. cit., pp. :57-58.

⁴⁸¹ cf.: MORAIS, Fernando (2000) *Corações sujos*. São Paulo. Companhia das Letras., p. 56.

⁴⁸² Comandada pelo coronel Junji Kikawa, que “depois de sete anos sem grandes sucessos na lavoura, [...] decidiu mudar-se para a capital. [...] instalou-se com a família em um sobrado alugado no final da rua Vergueiro, nas proximidades de bairro japonês. No andar térreo, onde antes tinha funcionado uma oficina mecânica, montou uma tinturaria. Apesar do eterno ar macabúzio e dos silêncios intermináveis, o velhinho parecia mesmo ser ‘o admirável coronel Kikawa’: um ano depois de chegar à capital, anônimo como milhares de outros japoneses, ele era eleito presidente da liga das tinturarias japonesas de São Paulo. Preso pelo DOPS, Kikawa não negou nenhuma das acusações que lhe faziam.” (*Idem, ibidem.*, pp. 71-150.

⁴⁸³ *Idem, ibidem.*, p.159.

⁴⁸⁴ *Idem, ibidem.*, p.99.

⁴⁸⁵ SOUZA, Paula Carlos de. ([2016]) *Glicério: Lugar de todos, terras de ninguém*. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/jornada/paper/download/280/242>>. Acesso em 22 de jul 2021.____.([2015]) *Baixada do Glicério: um patrimônio encortiçado*. Iniciação científica. Universidade

também, o “kachigumi, ‘patriotas’ ou ‘vitoristas’ – lavradores, feirantes, tintureiros e ex-militares, pessoas de formação modesta” e que tendo que dar apoio a organização secreta *Shindo*⁴⁸⁶ *Renmei*, que não acreditava e/ou não aceitava a derrota do Japão frente aos E.U.A. e aliados. As forças de segurança realizavam evacuações nas ruas dos Estudantes, Conde de Sarzedas, do Carmo ou a Conde do Pinhal. Os próprios vizinhos denunciavam os nipônicos, acreditamos que por vingança, birra, pois nem todo imigrante japonês era membro da temida *Shindo Renmei*. “*A presença de tropas armadas passou a fazer parte da paisagem do bairro japonês*”⁴⁸⁷.

Vários dos nipônicos evacuados foram transferidos para a Hospedaria dos Imigrantes, naquele período convertida em centro de triagem e prisão.

Apesar de tantos conflitos e sofrimento, com o passar dos anos as tensões se arrefeceram e nos termos de Barbeiro⁴⁸⁸ brancos, negros e amarelos tiveram “*a convivência étnica nivelada e igualada pela pobreza e pela vontade de viver.*”⁴⁸⁹

*Os negros se misturavam aos amarelos. Era comum vê-los bebendo juntos nos botecos do bairro da Liberdade, coisa inimaginável em outras partes do país e até do mundo. Os japoneses se espalhavam pelas casas humildes da Rua dos Estudantes, do Largo São Paulo, das Ruas Tomás Gonzaga e da Glória e travessas. Chamava a atenção o número de japoneses e descendentes que empregavam homens e mulheres negros e conviviam no dia-a-dia de luta pela sobrevivência.*⁴⁹⁰

Sobre a querida Liberdade, adjetivo deste autor-pesquisador, antigo morador entre 1960-1990, portanto um observador-participante, me recorde e concordo, guardadas as devidas proporções, com algumas memórias, afirmações de Heródoto Barbeiro, em “Meu Velho Centro: histórias do coração de São Paulo”, de que “amarelos, negros e brancos se misturavam nas feiras da Rua dos Estudantes” e também “se algum lugar da cidade poderia ser chamado de cosmopolita [...] esse lugar era o Centro Velho, com pessoas de cores diferentes sonhando se tornarem paulistanos respeitados e milionários.”

Presbiteriana Mackenzie. Disponível em:
<<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/jornada/paper/download/280/242>>. Acesso em 22 de jul 2021.

⁴⁸⁶Shindo, [a liga do cominho dos súditos (P.102)] é uma sociedade para cultivar o Yamatodamashi, o espírito nipônico, e para unir os japoneses, sem criticar ou menosprezar o nome do imperador, como os japoneses derrotistas fazem...” (Op. cit., p. 117).

⁴⁸⁷ MORAIS, Fernando (2000) Corações sujos. São Paulo. Companhia das Letras., p. 53.

⁴⁸⁸ BARBEIRO, Heródoto. (2007) *Meu Velho Centro: histórias do coração de São Paulo*. São Paulo, Boitempo Editorial.

⁴⁸⁹ *Idem, ibidem.*, p.129.

⁴⁹⁰ *Idem, ibidem.*, pp. 128-129.

E por fim, com foco no nosso referencial teórico, “os paulistanos tradicionais e os imigrantes enriquecidos fugiram em busca de uma melhor qualidade de vida,⁴⁹¹” confirmando assim a “teoria de transição étnico-racial de vizinhanças,⁴⁹²” anteriormente conhecida como “invasão-sucessão” nos termos de teóricos da Escola Sociológica de Chicago.

Imagem 19⁴⁹³

Imagem 20



⁴⁹¹ *Idem, ibidem.*, p.130.

⁴⁹² GOTHAM, Kevin Fox. (2002) *Beyond Invasion and Succession: School Segregation, Real Blockbusting, and the Political Economy of Neighborhood Racial Transition*, In *City Community*, v.1, nº1, mar., pp.83-111, American Sociological Association, Washington, DC. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1540-6040.00009/pdf>>. Acesso em 22 de jul 2021.

⁴⁹³ ⁴⁹³ Da esquerda para a direita e de cima para baixo são do acervo pessoal do autor desta tese, foram tiradas no Largo da Pólvora, bairro da Liberdade em São Paulo, e são uma homenagem a Ryu Mizuno, considerado o pai da imigração japonesa para o Brasil. *REVISTA CAFEICULTURA*. Disponível em: <https://www.jnipak.com.br/2019/largo-da-polvora-em-sao-paulo-ganha-bustos-do-pai-da-imigracao-ryu-mizuno-e-de-umpei-hirano/> ; <https://revistacafeicultura.com.br/?mat=6982> ; <http://www.imigrantesjaponeses.com.br/NIKKEY-SHIMBUM.pdf>;. Acesso em 22 de jul. 2021.

2.4.7 Coreanos

*Nos meados dos anos 1950, o governo da Coreia do Sul inicia o uso da emigração para controle de população, redução de desemprego e obtenção de remessas de divisas a partir do exterior. Os sul coreanos tinham esperança que a economia do Brasil pudesse absorver a maior quantidade possível dos recém chegados, porém políticas imigratórias no período pós-guerra dificultaram a entrada deles. Os imigrantes coreanos, contudo, não se deram por vencidos. Muitos foram para o Paraguai e Bolívia, onde conseguiam obter vistos de fronteira 'on-the-spot' disponíveis para estrangeiros que pudessem pagar. A partir daí, eles se dirigiam para o Brasil, sem documentos formais, onde a economia era muito maior e o alto status dos asiáticos forneciam vantagens culturais. Aproximadamente 200 mil coreanos migraram para o Paraguai e Bolívia entre 1975 e 1990, e quase metade deste número seguiu para o Brasil.*⁴⁹⁴

Além de Lesser⁴⁹⁵, norte-americano, as pesquisas ou pesquisadores que tivemos acesso no Brasil foram Choi⁴⁹⁶ e Chi⁴⁹⁷, com quem obtivemos contato via Seo⁴⁹⁸ que estudou o bairro da Liberdade, com foco no processo de degradação/deterioração física e/ou simbólica, um dos itens tratados na nossa tese, e apresenta uma proposta de requalificação da referida área. As duas primeiras autoras citadas estudaram/estudam imigração coreana de forma ampla.

Lesser⁴⁹⁹ indica que o processo imigratório sul-coreano foi planejado pelo governo daquele país na década de 1950 e que os objetivos foram (1) controle populacional, (2) redução de desemprego, (3) obtenção de divisas dos emigrados, entre outros itens. Até chegar a década de 1950, a Coreia passa por duras experiências, tendo sido invadida/ocupada pelo Japão entre 1910 e 1945. As violências cometidas no referido

⁴⁹⁴ Do original: “*Beginning in the mid-1950’s, the South Korea government began to use emigration to control population, reduce unemployment, and garner foreign exchange via remittances. South Koreans hoped Brazil’s economy could absorb many newcomers, but postwar immigration policies made entry complicated. Korean immigrants, however, were not deterred. Many went to Paraguay and Bolivia, where on-the-spot borders visas for foreigners were available for a fee. They then remigrated without formal documents to Brazil, where the economy was larger and the high status of Asians provided cultural advantages. Perhaps two hundred thousand Koreans migrated to Paraguay and Bolivia between 1975 and 1990, and as many as half then moved to Brazil.*” (LESSER, Jeffrey. (2013) *Immigration, Ethnicity, and National Identity in Brazil: 1808 to the present* (Estado de São Paulo, Brazil: O Imigrante, New Approaches to the Americas), Cambridge, Cambridge University Press., p. 183.

⁴⁹⁵ LESSER, Jeffrey. (2013) *Immigration, Ethnicity, and National Identity in Brazil: 1808 to the present* (Estado de São Paulo, Brazil: O Imigrante, New Approaches to the Americas), Cambridge, Cambridge University Press.____. (2007) *A Discontented Diaspora: Japanese Brazilians and the Meanings of Ethnic Militancy, 1960 – 1980*, Durham, Duke University Press.

⁴⁹⁶ CHOI, Keum Joa. (1991) *Além do Arco-Iris: A imigração coreana no Brasil*, Dissertação de Mestrado, História Social pela FFLCH-USP, 252 páginas. Orientadora Raquel Glezer;____. (1996) *Imigração Coreana na Cidade de São Paulo. Revista Inst. Est. Bras.*, 40: 233-238.

⁴⁹⁷ *Idem*, *ibidem*. 2016.

⁴⁹⁸ Seo (2009)

⁴⁹⁹ LESSER, Jeffrey. (2013) *Immigration, Ethnicity, and National Identity in Brazil: 1808 to the present* (Estado de São Paulo, Brazil: O Imigrante, New Approaches to the Americas), Cambridge, Cambridge University Press.

período foram atroz, pois além da população coreana ter sido escravizada, as mulheres eram violentadas cotidianamente. Estas violências produziram considerável quantidade de assimilados, mestiços, por exemplo, os quais já haviam entrado no Brasil com as várias levadas de imigrantes japoneses, pois além de falar coreano, foram obrigados a aprender japonês⁵⁰⁰.

Chio⁵⁰¹ diz que o referido processo imigratório foi dinamizado com a Lei de Emigração, promulgada em 15/03/1962, quando grupos de cidadãos/civis, e não governamentais, se organizaram para enviar seus compatriotas para vários destinos. O Brasil sempre esteve entre os principais destinos porque: “...aqui residiam alguns coreanos, que vieram na qualidade de japoneses naturalizados ou fugitivos da Guerra Civil Coreana⁵⁰²” e também porque: “a economia era bem maior e o alto status dos asiáticos fornecia vantagens culturais⁵⁰³.”

Todos os autores aqui citados apontam o bairro da Liberdade como principal e primeiro destino em São Paulo, Brasil. Lesser⁵⁰⁴ usa o termo *Japanese neighborhood*, e Choi⁵⁰⁵ usa o termo “Vila” ou “Vila Coreana” para se referirem ao bairro da Liberdade e/ou Várzea do Glicério, ficando já explícito, nos relatos de Choi, que o processo de degradação/deterioração física já estava instalado na década de 1970. A “‘Vila Coreana’, situada entre as ruas Glicério e Conde de Sarzedas, no bairro da Liberdade [...] era de aluguel barato e ficava próximo ao centro...⁵⁰⁶” e a má fama do local já havia cruzado fronteiras quando a seguinte nota chega a Seul:

A situação do bairro coreano em São Paulo parecia um verdadeiro inferno, com péssimas condições higiênicas, dominado pela prostituição, pelo crime e pela pobreza⁵⁰⁷” ou ainda o depoimento de um ex-morador que disse: “Nós morávamos como refugiados durante o período da guerra. Ninguém se preocupava com a higiene. As pessoas só se preocupavam com o ganho de dinheiro. Não tínhamos armário, nem tínhamos cama. As roupas eram guardadas em malas de pano. Parece que nós estávamos sempre prontos para [...] mudar para outro lugar(...)⁵⁰⁸

⁵⁰⁰ “...o bairro da Liberdade era a fonte de informações, com jornais e revistas em japonês em circulação, pois a maioria dos imigrantes coreanos era fluente em japonês por causa da educação que tinha recebido na época da dominação japonesa na Coreia.” (CHIO, 2016, p. 84).

⁵⁰¹ Choi, Keum Joa. (1991)

⁵⁰² Op. cit. (1996) Imigração Coreana na Cidade de São Paulo. *Revista Inst. Est. Bras.*, p. 234.

⁵⁰³ LESSER, Jeffrey. (2013) Immigration, Ethnicity, and National Identity in *Brazil: 1808 to the present* (Estado de São Paulo, Brazil: O Imigrante, New Approaches to the Americas), Cambridge, Cambridge University Press., p. 183.

⁵⁰⁴ *Idem.*

⁵⁰⁵ Op. cit.

⁵⁰⁶ *Idem, ibidem.*, p.236.

⁵⁰⁷ *Idem.*

⁵⁰⁸ *Idem.*

Consideração que:

*os primeiros imigrantes coreanos [...] eram ex-militares, em geral protestantes, elementos de classe média e alta, procedendo do meio urbano, portadores de certo grau de instrução e de experiência profissional como comerciantes.*⁵⁰⁹

Já estava definido a partida deste grupo de imigrantes da referida zona de guerra, e não tardou a transição étnico-racial de vizinhanças para os bairros Aclimação, Higienópolis e Bom Retiro.⁵¹⁰

Chio⁵¹¹ nos permite inferir que o preparo para a referida transição de vizinhança tem ponto forte, também, em 1965, quando diz:

*(...) Chio, ⁵¹² chama atenção para a confecção de agasalhos e blusas iniciada no ano de 1965, que passou a empregar a força de trabalho de 60% dos coreanos da colônia, fosse costurando em casa o que era encomendado, fosse vendendo seus produtos de porta em porta. Mais importante do que fornecer o sustento imediato, essa experiência serviria para cada um montar sua própria confecção posteriormente [...] com acúmulo de capital, os comerciantes coreanos se deslocaram para o Brás e depois para o Bom Retiro*⁵¹³.

Portanto inicia-se e encerra-se período de permanência do último grupo étnico-racial, por nós estudado, no referido bairro e suas vizinhanças, e o que fica para trás é muita degradação/deterioração simbólica e/ou física, visível até os dias atuais, quando se visualiza no local quase uma Los Angeles distópica, como apresentado no filme Hollywoodiano *Elysium*, já mencionado neste tese.

Imigrantes e/ou refugiados do Equador, Guiné Conacry, Síria, Angola, Colômbia, República Democrática do Congo, Paraguai, Peru, Bolívia e um enorme contingente de haitianos, todos recebendo abrigo e/ou assistência da Missão Paz, localizada dentro da Igreja Nossa Senhora da Paz, sob coordenação do CEM – Centro de Estudos Migratórios⁵¹⁴.

⁵⁰⁹ *Idem, ibidem.*, pp. 234-235.

⁵¹⁰ “Enquanto o comércio se deslocava, os coreanos permaneceram morando nos bairros próximos ao Glicério, tais como Cambuci e Ipiranga e alguns começaram a transferir-se para a Aclimação, nos meados de 70, com a melhoria da condição econômica.” (CHIO, 2016., pp. 84-235).

⁵¹¹ *Idem.*

⁵¹² Chio, 2011. , p.282.

⁵¹³ *Idem, ibidem.*, p.84.

⁵¹⁴ cf.: SIQUEIRA, Jaqueline Barbosa. (2018) *Habitação de Interesse Social – Glicério*, TFG – Trabalho Final de Graduação, FIAM FAAM CENTRO UNIVERSITÁRIO, São Paulo, 99 páginas., P. 39.

Seo⁵¹⁵ em “A requalificação do Glicério”⁵¹⁶ oferece proposta de restauração, ressignificação, ou até de “revitalização”⁵¹⁷ como diriam alguns operadores do mercado imobiliário. O trabalho final de graduação (TFG) da talentosa arquiteta e urbanista He Nem Kim Seo, orientada por Eduardo Alberto Cusce Nobre, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, dá breve panorama da região, fala da legislação/aspectos legais que define o que pode ou não ser alterado, especificamente as ZEIS – Zona Especial de Interesse Social, nº3, e então oferece sua proposta de intervenção.

Sem qualquer tentativa de proselitismo religioso, de fé, ou afins, replico aqui passagem bíblica usada pela arquiteta He Nem Kim Seo no seu TCC/TFG, que me serviu de esperança para a possibilidade de uma real requalificação da Várzea do Glicério, e com alguma justiça social.

*Porque Eu mudarei a sorte desta terra como antigamente, declara o Senhor dos Exércitos (...). Neste lugar desolado, sem homens nem animais, haverá novamente pastagens onde os pastores farão descansar os seus rebanhos, em todas as suas cidades. Jeremias 33.11-13.*⁵¹⁸

⁵¹⁵ Seo (2009)

⁵¹⁶ Disponível em:< https://drive.google.com/file/d/0B1zFQ_oGusXtZDhjeVAzb1VKUVE/view>. Acesso em 22 de jul. 2021

⁵¹⁷ Com as observações, correções já descritas nesta tese.

⁵¹⁸ In Seo (2009., p. 2).

Imagem 21 Foto do acervo do autor desta tese, tirada da capa do referido livro



2.4.8 O Empírico (1940-1980)

Somado as inserções por meio das lentes de um observador participante, pois este autor morou no referido bairro entre o final dos anos 1960 até os anos 1990, todos os autores usados no item Gênese humana do bairro e seus subitens (Negros, Mestiços, Ibéricos, Italianos, Japoneses e Coreanos) apontam para a confirmação da nossa hipótese de “transição étnico-racial de vizinhanças” nos períodos ou intervalos históricos apontados aqui. As respostas estão nos itens a seguir.

Imagem 22 Foto do antigo edifício San Vito na região do Parque Dom Pedro⁵¹⁹



2.4.8.1 Os entrevistados

2.4.8.1.1 Explicação metodológica:

A área proposta como objeto de estudo foi palco de várias transformações urbanísticas na cidade de São Paulo, desde a 2ª metade do século XIX. Além da área conhecida como sendo o Bairro da Liberdade, nos arredores da hoje estação de metrô Liberdade-Japão, incluímos também o Parque do Pedro II, a Várzea do Carmo e a Várzea do Glicério, sendo esta última parte oficial do referido bairro. Os perímetros estão disponíveis nas primeiras figuras.

⁵¹⁹ O referido prédio ficou conhecido como “treme-treme” em razão da sua degradação simbólica e física. À medida que os antigos moradores saíam, havia a entrada de moradores de menor renda e/ou nível socioeconômico, tendo ocorrido a tomada de “profissionais do sexo”. Durante a gestão do então prefeito Gilberto Kassab ocorre a demolição do prédio, que teria custado mais caro do que um processo de recuperação ou retrofit. MEMÓRIAS PAULISTANA – Histórias Paulistanas” Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/memoriaspaulistanas/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

PS: Segundo o Cientista Político Edison Nunes, PUCSP, os imigrantes italianos capitalizados competiam entre si na construção dos prédios mais altos na cidade de São Paulo. Nossa hipótese é que teria ocorrido o chamado invasão-sucessão no referido edifício.

Buscou-se identificar nas áreas sob estudo a “transição étnico-racial de vizinhanças” e o impacto de cada grupo étnico que por lá passou, sempre à luz do nosso referencial teórico e as “opiniões” dos entrevistados.

Inicialmente foi definida a realização de uma pesquisa amostral com moradores atuais e mais antigos (amigos de infância e/ou familiares), como também a formação de grupos focais com eles, visando apreender suas percepções quanto às alterações físicas e humanas do referido bairro e vizinhanças/entorno. Com o transcorrer do trabalho, decidiu-se fazer uma pesquisa qualitativa com roteiro semiestruturado, visando 2 grupos de entrevistáveis: (1) pesquisadores do bairro e/ou entorno, e (2) historiadores da São Paulo/Brasil e/ou oitocentistas.

As entrevistas para o grupo (1) visaram identificar processos de invasão, sucessão, segmentação, segregação urbana, “revitalização”, renovação urbana, gentrificação, numa abordagem local, micro-sociológica. Nós também lançamos mãos de dados de censos e de órgãos públicos para auxiliar a caracterizar o bairro da Liberdade e áreas circunvizinhas, conforme tabelas, também no item apêndice.

2.4.8.2 Pesquisadores do bairro e/ou entorno – hipótese 1 urbanística: transição étnico-racial de vizinhanças.

Houve praticamente unanimidade entre os entrevistados quanto a “teoria de transição étnico-racial de vizinhanças”, tendo havido pouca controvérsia quanto a racismo, ou seja, nem todos concordaram que os grupos que deixaram o bairro e/ou suas vizinhanças o fizeram por questão de racismo, autosegregação e/ou não querer dividir seu espaço de moradia com grupos étnicos estigmatizados, porém todos concordaram que o racismo estrutural somado ao legado dos vários séculos de colonização e/ou escravização tiveram e têm fundamental papel no fato de negros, afrodescendentes, mestiços, migrantes (Nordeste, Minas Gerais) não terem tido oportunidades de crescimento educacional, material, econômico no nível dos imigrantes europeus ou asiáticos.

Os nossos entrevistados, todos pesquisadores de São Paulo e/ou do bairro, foram: José Reinaldo de Oliveira – Sociólogo; Maurício Fernandes de Alcântara – Antropólogo; Henrique Cunha Júnior, Engenheiro e Cientista Social; José Abílio Ferreira, Jornalista; Flávia Santos Santana, Arquiteta/Urbanista; Marília Marz, Escritora; Keum Joa Choi, Historiadora; He Nem Kim Seo, Arquiteta/Urbanista; Jaqueline Barbosa Siqueira,

Arquiteta/Urbanista; Patrícia C.R. Oliveira, Arquiteta/Urbanista; Heródoto Barbeiro, Jornalista, Historiador, Advogado; Albert Lawrence Borden Junior, Cientista Social; Anani Dizidzienyo, Cientista Social e Historiador; Victor Dzidzienyo, Urbanista e Cientista Social; James Naylor Green, Historiador Brasileiro; Martine Jean, Historiadora; Jerome Krase, Urbanista e Cientista Social.

De forma geral para preservar a intimidade dos respondentes, assim não permitir saber quem exatamente disse o que, podemos resumir as respostas das sobre “racismo, segregação, autosegregação, degradação simbólica e/ou física, ‘revitalização’, gentrificação, IVM – Intervenção de Valorização Imobiliária, Capital Social e/ou Cultural de cada um dos grupos étnico-raciais estudados” sendo que todos os itens teriam ou não levado a saída voluntária ou não do bairro causando ainda mais degradação simbólica e/ou física. PS importante salientar que nós já havíamos feito a inserção de alguns trechos dessas respostas ao longo do capítulo 2 por meio dos textos/pesquisas de pesquisadores que aceitaram responder nossos questionários.

ALEPH: “...a região da Liberdade e/ou seus arredores (Várzea do Carmo, Várzea do Glicério, Parque Dom Pedro II, Cambuci) foram pesquisados por nós (os referidos pesquisadores) e notou-se grande concentração de população de baixa renda, com forte presença de cortiços, imóveis abandonados ou subutilizados, lotes vazios, com a saída da quase totalidade dos antigos moradores (italianos, japoneses, coreanos, entre outros) tudo isso conduzindo a um crescente processo de degradação do patrimônio privado, público e cultural, porém similar a outras regiões centrais da cidade de São Paulo, o referido bairro e entorno possui toda a estrutura de um grande centro. Entende-se também que cada grupo étnico-racial ou social possui seu próprio capital cultural e/ou social...”

OLAM: “... ‘A Vila Buarque nasceu na virada do século dezenove para o vinte quando a elite cafeeira paulistana começou a sair do centro antigo de São Paulo e a se instalar no então bairro de palacetes Higienópolis’ despertou a curiosidade sobre a tese do deslocamento de grupos do bairro da Liberdade em direção ao que viria a ser chamado de ‘quadrante sudoeste nos termos do Urbanista Flávio Villaça. Tal curiosidade havia sido acesa por meio do documentário ‘São Paulo: Memória em Pedacos – Liberdade’ de autoria da jornalista Neide Duarte. No referido documentário há afirmação de que barões do café vindos da cidade de Campinas teriam se instalado no bairro da Liberdade, e tempos depois teriam saído de lá e ido em direção a Vila Buarque. Tese esta confirmada pelo antropólogo Olam. [...]. ‘...São Paulo era um vilarejo, uma cidade pequena e caipira até meados do século 19, e com a explosão do café, seguida da imigração europeia, há um crescimento vertiginoso.’ [...] Somado ainda a instalação dos barões de café na cidade São Paulo, exatamente na Vila Buarque, área esta já de propriedade de famílias dos barões do café. (Família Prado: Dona Veridiana, etc...). Ocorre a fragmentação, arruamento da referida área com algum envolvimento de um banco que tinha ido à bancarrota. Tanto Vila Buarque como Santa Cecília + Campos Elíseos foram desenhadas como bairros satélites em referência a Higienópolis, uma área pensada como bairro da elite paulista, cafeeira ainda nos anos 1890's. [...] Cafeicultores seguidos de industriais, intelectuais e profissionais liberais são os moradores de Higienópolis desde o começo. [...].

Ainda sobre a saída de grupos abastados do centro de São Paulo em direção ao quadrante sudoeste, Olam afirma que o antigo centro de São Paulo era composto pelo triângulo histórico que engloba parte do hoje bairro da Liberdade, o que confirma nossa tese da 'invasão-sucessão'. [...] MA sugere a leitura das obras do historiador caribenho Eric Williams, que estudou a riqueza da Inglaterra a partir da escravidão (capitalismo e escravidão): 'Num dos trabalhos historiográficos mais importantes do século XX, Eric Williams expõe tese que se tornou clássica para entender a gênese do mundo moderno: o complexo escravista atlântico foi essencial para a capitalização que permitiu o arranque industrial inglês na virada do século XVIII para o XIX. Publicado originalmente em 1944, *Capitalismo e escravidão* foi trabalho pioneiro em articular a análise sobre a formação do capitalismo industrial na Inglaterra à exploração dos africanos escravizados nas propriedades rurais do Novo Mundo. Embalado por uma pesquisa sólida e densa, fruto da tese de doutorado defendida anos antes em Oxford, Williams procurou derrubar os alicerces de uma interpretação canônica da história, produzida nas veneráveis universidades britânicas, que há longo tempo vinha servindo para a legitimação ideológica do império onde o sol nunca se punha. [...] Williams inscreveu a escravidão negra no cerne da gênese do mundo moderno. Como o leitor poderá averiguar nesta nova tradução, com prefácio do professor de história na USP Rafael de Bivar Marquese, o livro mantém a capacidade de gerar debate - e de instigar a imaginação histórica.' No minuto 17h50 há a menção ao palacete desenhado e construído por Ramos de Azevedo, e mais pra frente, entre 18h05 e 18h17, fala-se: '...Liberdade, bairro de famílias tradicionais de São Paulo. No final de século 19 muitos Barões do café vieram de Campinas para a Liberdade fugindo da febre amarela...' Na verdade, a inferência de que os referidos barões do café teriam ido para a Vila Buarque ou adjacências é minha, numa tentativa de explicar ou justificar o uso da famigerada 'teoria de transição étnico-racial de vizinhanças'."

"...**MFC**: can you help me transtale the word/term "INNER CITY"? **OMAM**: Hmmm, "inner city", what are you learning over there? The literal definition is the area near the center of a city but it also has sociological connotations. When we speak of the "inner city" it's often used as a euphemism for lower income residential districts within the center of the city. Does this help? **MFC**: Good to hear from you. Your response helps a lot, for in "my case" the approach is sociological. My doubt was/is if I could compare inner city (US) to periferia (Brazil). Based on your answer and some other readings, I take the liberty to infer that the differences between both countries demand a careful analysis. I have decided to include a chapter into my thesis regarding a comparative study between US and Brazil, aiming a post-doctoral scholarship promoted by Fulbright. This way, I can help both African Brazilians and African Americans. **OMAM**: Comparatively, the inner city and the periferia are different, primarily for geographical reasons. The "inner cities" were created by urban flight. White people left the cities for the suburbs because of the crime and the blight that was happening in the city. The periferia of Brazil is the suburb, some distance from the inner city. So basically the sociology of the inner city and the periferia are similar, but one is the city and the other the suburb. **OMAM**: Interestingly enough, in the US, the "inner city" is going through a kind of reversal. White people are moving from the suburbs back to the inner city, gentrifying inner city neighborhoods, pushing minorities out by pricing them out of the neighborhoods through higher property costs and higher taxes. (Scroll down*****) **OMAM**: (Revised*****) Comparatively, the inner city and the periferia are different, primarily for geographical reasons. The "inner cities" were created by urban flight. White people left the cities for the suburbs because of the crime and the blight that was happening in the city. The periferia of Brazil is the suburb, generally further out on the outskirts of the city, or in the case of the favelas, in the hills surrounding the cities. So basically the sociology of the inner city and the periferia are similar, but one is the city and the other the suburb. **MFC**: Thanks for the update, Al.

As per gentrification, I'll have to do more and better, for I still do not have any stance on it, either for or against. In short, my studies try to understand the reasons why a certain neighborhood enters a process of degradation, as well how to avoid and/or reverse such a process, considering "we" can not change (upgrade) social class of minorities. One strong author I use is Michel Foucault through biopolitics, that in short says 'make live and let die'. We'll have the chance to go deeper into this."

TOM: "...Wealth Genealogy of US cities⁵²⁰

1) (English Version – Lista B): 'Yes'

2) IF SO, WHY?: 'My studies of cities, migration and ethnic neighborhoods requires historical background data and information.'

3) (English Version – Lista B): Doctoral and Professorial

4) (English Version – Lista B): 'To understand the settlement of African Americans in New York City, and especially Brooklyn.'

5) (English Version – Lista B): 'The movement of African Americans to New York was in different stages such as the colonial settlement period, post-Civil War, 1920-30s, and then World War II.'

6) (English Version – Lista B): 'As major centers for national and international industry and trade they are very different.'

7) IF SO, HOW? 'especially their need for a large low-wage industrial and other workers. The result has been a very diverse mix of ethnic groups.'

8) (English Version – Lista B): 'The slave trade impacted all cities but for different reasons. New York City was involved in the trafficking but not heavily dependent on slave labor for development in the 19th century.'

9) (English Version – Lista B): 'Tobacco and cotton were the most important. For eastern and northern cities, cotton was most important for the development of cloth and clothing industries.'

10) (English Version – Lista B):

11) (English Version – Lista B): 'A wide variety of light and heavy industries and import and export.'

12) (English Version – Lista B): 'For the USA, the north was less dependent directly on slavery, for example for production or agriculture, but benefitted greatly on slave labor in the south. The north relied more on European immigration in the 19th century.'

13) (English Version – Lista B): 'Yes, as I noted in the previous answer.'

14) (English Version – Lista B): 'In the south, that definitely was the case. For the most part, the leaders of the north, simply allowed it to occur as they benefitted from it. Note, the movements against slavery, etc in the north which were not successful, until the Civil War. The same was true of civil rights movements during the Post-Reconstruction period and the development of "Jim Crow" policies the mimicked the pre-civil war conditions of oppression.'

15) (English Version – Lista B): 'I have used Lefebvre's understanding in much of my own work such as 'Seeing Cities Change: Local Culture Class,' but it is only one. I tend to synthesize theories and methods for my studies and analysis.'

16) (English Version – Lista B): 'I am not especially knowledgeable on the subject.'

17) (English Version – Lista B): 'I agree, as I wrote above: For the USA, the north was less dependent directly on slavery, for example for production or agriculture, but benefitted greatly on slave labor in the south. The north relied more on European immigration in the 19th century. I would argue that the wealthy in the USA are all beneficiaries of the wealth produced by slaves directly and indirectly, as initial capital continued to grow. Of course there are other sources of wealth production that were not directly related to slavery, but without it, many other sources could not have developed. Cheap,

⁵²⁰ Por razões de espaço, resolveu-se deletar as perguntas e mantê-las apenas no item APENDICE cf.: ENGLISH VERSION (short_2) Bairro Liberdade-SP and/or Borough Brooklyn (B): *The Social Production of Space and the Biopolitics of Michel Foucault* (List B).

exploitable, immigrant labor from Europe, in the 19th and early 20th century, and then increasingly for example from Latin America and the Caribbean.”

MABAH: *“...The doctoral dissertation [...] which examines the social, economic, political, and government policies that lead to urban neglect and social plight in key downtown areas of São Paulo, South America's largest megalopolis, seeks to determine the effects of modernist architecture, namely tall concrete apartment buildings, on the fate of central urban areas. While initially these areas attracted residences and concentrated population because of urban infrastructure, public services, and job opportunities, the construction of newer and better housing units in outlying regions of the city and the deterioration of the central city's housing stock, the lack of a policy of preservation, and a decline in center-city job opportunities led to the flight of its first inhabitants. As poorer residents moved into the region, the decline continued. This study seeks to understand this process through qualitative and quantitative interviews with inhabitants of the region as well as a careful study of the macro-indicators tracing the changes of the neighborhood over time. This work also takes into consideration the role of racial attitudes in the values and cultural associations with certain regions of the city. It is precisely its interest in the interplay of class, race, and socio-cultural segregation that leads me propose deepening a collaborative relationship with the Brazil Initiative at Brown University, which is an interdisciplinary effort to bring together studies/scholars in the humanities and social sciences working on Brazil and to encourage international collaborations with scholars in Brazil. One of our main foci has been examining issues related to the legacies of slavery, racism, and social inclusion in Brazil, which is why I began the collaborative relationship with Moises/his research. This study/research shows the commitment to deepening international connections and developing collaborative relations with colleagues throughout the world. In this regard, it represents the best among (afro)Brazilian academics/study/research.”*

As referidas pesquisas foram realizadas entre os anos de 2000 e 2018, e as perguntas por nós feitas conduziam o entrevistado para confirmar ou não a “hipótese urbanística ‘teoria de transição étnico-racial de vizinhanças’”, e quanto a isso não houve qualquer discordância, mas apenas algum desconforto em admitir que quem saiu o fez porque não estava contente com o “comportamento” dos novos moradores. Porém basta analisar o que foi por nós exposto ao longo do “capítulo 2: Liberdade-SP” exatamente com os textos e autores usados para confirmar o que causa tanto desconforto. Sentimos que as pessoas não gostam de produzir possíveis provas contra si. PS: todas as perguntas estão no item “apêndice – lista A”.

2.4.8.3 Cientistas Sociais + Historiadores de São Paulo e/ou oitocentistas + (NYC/Nova Inglaterra) – hipótese 2 histórica: genealogia da riqueza das cidades.

Houve praticamente unanimidade entre os entrevistados quanto a hipótese da “genealogia da riqueza das cidades” tanto sobre São Paulo como sobre New York City, tendo havido pouca dúvida apenas quanto ao grau ou intensidade da transmissão dos recursos da cultura cafeeira no século XIX, sinônimo de escravidão negra/africana no Brasil, e quanto a cultura algodoeira nos séculos XVII e XIX nos Estados Unidos, também

sinônimo de escravidão negra/africana, para os processos de imigração europeia + asiática (apenas para o caso brasileiro), urbanização de São Paulo – Brasil e de New York – EUA, e ainda da industrialização de São Paulo – Brasil (tardia) e de Nova York e/ou Nova Inglaterra (Indústria Têxtil + Setor Bancário e seus derivados).

Os nossos entrevistados, majoritariamente Cientistas Sociais e/ou Historiadores oitocentistas: José Reinaldo de Oliveira – Sociólogo; Heródoto Barbeiro, Jornalista, Historiador, Advogado; Henrique Cunha Júnior, Engenheiro e Cientista Social; Richard Santos, Cientista Social e Historiador; Laurentino Gomes, Escritor e Advogado; Tâmis Parron, Historiador; Rafael de Bivar Marquese, Historiador; João José Reis, Historiador; Nelson Seixas, Economista; Sidney Chalhoub, Historiador; Wilson Mattos, Historiador; Marcelo Jorge de Paula Paixão, Economista; Helio Santos, Cientista Social; Antônio Carlos Billy Malachias, Geógrafo; Thiago Campos Pessoa, Historiador; James Naylor Green, Historiador Brasileiro; Martine Jean, Historiadora; Brodwyn Fischer, Historiadora e Cientista Social; Anani Dizidzenyo, Cientista Social e Historiador; Victor Dzidzenyo, Urbanista e Cientista Social; Patrick Heller, Cientista Social; Albert Lawrence Borden Junior, Cientista Social; Sven Beckert, Historiador; Seth Rockman, Historiador; Leslie M. Harris, Historiadora; Jerome Krase, Urbanista e Cientista Social; José Abílio Ferreira, Jornalista; Liliane Braga, Historiadora; Danilo Marques, Historiador; Paulino Cardoso, Historiador; e Dagoberto José Fonseca, Historiador e Cientista Social.

Aqui também de forma a preservar a intimidade dos respondentes, não permitindo saber quem exatamente disse o que, resumimos as respostas das sobre “Os Processos Históricos (1) Imigração Europeia, (2) Urbanização da Cidade de São Paulo, e (3) Industrialização de São Paulo (Estado), mesmo que tardia, ocorreram em decorrência da riqueza ou capital acumulado a partir da cultura cafeeira (caso brasileiro) e cultura algodoeira (caso norte-americano), neste caso, sinônimo de escravidão ou escravização desde o final do século XVIII e durante todo o século XIX.”?

PS: importante salientar que, neste caso também, nós fizemos inserção de alguns trechos dessas respostas ao longo dos capítulos 2, 3 e item de estudo comparativo por meio dos textos/pesquisas de pesquisadores que aceitaram responder nossos questionários.

VERRÚ: “...Penso que a sua hipótese está correta, inclusive já li trabalhos a respeito, mas, trabalhos que associavam a cana de açúcar e o algodão como parte do mesmo processo de enriquecimento das cidades e nações. No youtube

tinha até há pouco, retiraram do ar, um documentário chamado *Rotas da Escravidão*, realizado pela BBC, e que também aborda a relação da plantação, cana de açúcar e algodão para o enriquecimento da metrópole e escravidão negra nas américas. Quiçá, você encontre esse documentário em alguma outra plataforma. Porém, em relação a sua linha de raciocínio acho que você está no caminho certo, se estivesse aqui na 'XXYY', teria interesse em orientá-lo. Moisés, me perdoe uma observação [...]Ademais, parabéns pela caminhada....”.

OMEGA: “...a robustez acadêmica já cancelada pelo grande Sidney Chalhoub. De fato, a afirmação/questionamento em referência é suporte para a nossa intervenção, com total conhecimento de causa, no universo acadêmico. Principalmente se levarmos em conta que, segundo o próprio Chalhoub, tal enriquecimento se deu de forma ilegal entre 1831 e 1850...”.

GAMA: “...Prezado Moises. obrigado pela possibilidade de diálogo. Eu sou ‘ocupação’ e já trabalhei em grandes projetos de ‘área técnica. [...]Para o desenvolvimento do café, Capital era escravismo sem sombra de dúvida. Mas o que ninguém analisou [foi] a tecnologia se os conhecimentos desenvolvidos. Como que o café dessa região foi melhor e mais produtivo que outras[?]. O financiamento, não foi somente do capital do café, houve o capital do Brasil e uma habilidade financeira que foi utilizado no desenvolvimento do café em São Paulo, Rio e Minas. Parte do financiamento imigratório concorreu para tal. [B]om tinha uma elite pensante reunida e[m] São Paulo, que tomou as rédeas do desenvolvimento. Existem muitos fatores que não apenas o capital. Desculpe, mas a dificuldade do marxismo é não ver mais que o capital é [o] trabalho. A acumulação é alguma coisa bem mais complicada. O mais complicado não [é] o capital, é a formação dos grupos de decisão e o conhecimento acumulado. Como as decisões são conduzidas. Onde e como é concentrada a produção das decorrências, as decorrências são as economias de suporte, a maré central. A sua proposta é consistente, não tenho dúvida, e me parece muito restrita a um foco, bastante visível. A ciência precisa ser transdisciplinar e complexa. Qual o conjunto de fatos e de fatores? Pessoas como Theodoro Sampaio que foi [um] dos grandes arquitetos do desenvolvimento paulista não aparece, mas o conjunto de pessoas com ele, que fez e faz as diferenças, quando existem capitais em desenvolvimentos e fronteiras a serem expandidas. Em 1900 o nordeste brasileira era tão industrializado rudimentarmente como Rio de Janeiro. Em 1940 a diferença já era imensa. Você já foi a Caxias, no sul do Maranhão? O centro tem uma estrutura de uma fábrica imensa que é chocante pensar que era de antes de 1900, fábrica de tecido, o mesmo na periferia de Salvador, mas parou e no Sudeste continuou. Por quê? O cacau no sul da Bahia foi uma imensa acumulação de capital, sem contanto ter desenvolvimento econômico industrial posterior. Por estas razões é que penso que a proposta seja consistente, dá para fazer muitas teses, mas se quer revelar coisas realmente novas amplie as focos de hipóteses sobre os motores. O motor da economia não é apenas a acumulação de capital...”.

RRARRAH: “...A hipótese é verossímil, mas é muito difícil aponta[r] CAUSALIDADE em processos históricos e talvez valha a pena você dar uma olhada nesse tópico na forma como os historiadores trabalham isso. Acho que vale a pena consultar o Celso Furtado e o livro *Capitalismo Tardio* daquele autor do Instituto de Economia da Unicamp. Mas saliento que não estudo história econômica desde a graduação, pois essa não é minha área...”.

ALFA: “...sua pergunta,..., remonta às origens do processo de diferenciação regional do crescimento econômico brasileiro no século 19. Até 1808, as atividades portuárias do Norte e do Sul do Brasil, entendidas aqui como aquelas dos portos do Recife e de Salvador, de um lado, e do Rio de Janeiro e de Santos, de outro, eram mais ou menos equilibradas. Você pode perceber

isso no volume de importação de africanos escravizados entre 1750 e 1808. A diferença entre a soma dos africanos importados no Norte e no Sul é mínima. No fim do século 19, é como se estivéssemos em outro universo. Rio de Janeiro e São Paulo passam por um rápido processo de industrialização e investimento financeiro, ao passo que Salvador e Recife, apesar do seu crescimento econômico em números absolutos, sofrem notável empobrecimento relativo. De onde veio esse baque? O que aconteceu? Poderíamos nos fixar apenas nas relações de trabalho para responder a essas perguntas. Comparar a organização do processo do trabalho da cafeicultura do Centro-Sul com o da economia açucareira do Norte no pós-abolição certamente nos revelaria elementos importantes sobre padrões de extração e distribuição da mais-valia agrária, bem como sua possível relação com o desenvolvimento, ou subdesenvolvimento, de mercados regionais de bens, serviços, trabalho e capital. Mas acho que fazer essa comparação minuciosa seria como tentar calcular quão verde é a floresta colhendo todas as folhas das copas de suas árvores. A meu ver, a diferença crucial está nas condições socioecológicas de acumulação em cada um dos dois espaços. As fronteiras mercantis do açúcar no Norte parecem ter atingido seu limite ecológico por volta dos anos 1830 (talvez um pouco antes, talvez um pouco depois). A ausência de reservas ecológicas sobre as quais avançar, aliada à ocupação histórica da área segundo um padrão bem definido de posse fundiária, parece ter travado o potencial de crescimento regional lastreado na agroexportação e no adensamento demográfico, a exemplo do que ocorria na Nova Gales do Sul (Austrália), no Vale do São Lourenço (Canadá) e (por que não?) em São Paulo. Para piorar, o mercado global do açúcar passava por transformações graças à abertura de novas áreas agrárias na Insulíndia e na grande planície central entre Cienfuegos e Santa Clara em Cuba. O cenário material e ecológico de São Paulo é totalmente diverso. Suas áreas de ocupação agrária se restringiam ao Vale do Paraíba paulista (Bananal a Taubaté) e ao chamado Oeste Velho, o quadrilátero composto por Jundiaí, Sorocaba, Mogi-Mirim e Rio Claro. Qualquer mapa pedológico de São Paulo lhe mostrará que a maior parte da terra roxa de São Paulo, a mais utilizada na agroexportação em larga escala, se localizava no 'Novo Oeste', nucleado em torno de Ribeirão Preto, a ser aberto com as ferrovias de 1870 em diante. Na comparação com o Norte, é como se São Paulo tivesse uma 'Zona da Mata' pernambucana no Vale do Paraíba e um Recôncavo baiano de reserva no 'Oeste Novo'. A abertura de um segundo espaço econômico criou um segundo ciclo de expansão da produção cafeeira. Devido às inovações tecnológicas da época (ferrovias, indústrias, barateamento do uso do aço em larga escala, barateamento da navegação), o novo ciclo criou as condições materiais e sociais para a montagem de uma política migratória, para o adensamento demográfico e para o crescimento econômico de São Paulo. E o Rio de Janeiro? Bem, o Rio não tinha o seu "Recôncavo interior" para queimar. Mas o tamanho mastodôntico da cidade – muito maior que qualquer outra no Brasil do fim do século 19 – garantiu a existência de um mercado denso o bastante para criar ganhos de escala que a economia de aglomeração proporciona à decolagem industrial. Creio, Moisés, que o padrão de posse fundiária baseado no controle social do acesso à terra era comum ao Sul e ao Norte. E não sei se as relações de trabalho, consideradas em si mesmas, explicariam a divergência regional entre as duas regiões. Qualquer análise mais consiste, a meu ver, terá de levar em conta as condições socioecológicas locais e o mercado global da commodity em questão (café, açúcar, borracha etc.) para entender a existência dos múltiplos destinos regionais no interior de um mesmo país...".

SELAM: "...Prezado Moisés, boa tarde, [g]osto muito da sua abordagem. E me sinto muito honrado pela citação logo na abertura do texto que me enviou. Importante notar - e isso eu sempre faço questão de deixar muito claro nos meus livros - é que essa tal de 'inação' não ocorre por acaso. Ela é fruto da equação resultante [d]as forças que constituem o Estado nacional. Ou seja, se uma geração deixou de fazer alguma coisa que deveria ser feita, é porque a

falta de ação interessava ou beneficiava determinados grupos, forte o suficiente para impedir que a transformação se realizasse. Caso típico é o da escravidão. O Brasil foi o maior território escravista do hemisfério ocidental e o último país a abolir a escravidão nas Américas - depois de Cuba e Porto Rico. Não porque a sociedade brasileira estivesse, digamos, tomada por algum traço misterioso de inércia, mas porque o Brasil estava e sempre foi 'viciado' em escravidão. As forças dominantes eram todas ligadas à aristocracia rural escravista - que sustentava o trono brasileiro e dele tinha a garantia de que nada seria mudado, em especial o uso da mão-de-obra cativa. Portanto, manter a escravidão até quase o alvorecer do século 20 foi altamente conveniente para essa elite (num país em que a imensa maioria da população era até então escrava, pobre e analfabeta). Há frases muito boas nos debates do parlamento e em artigo de jornais no século 19, segundo as quais (estou aqui repetindo de memória) as reformas ideais eram aquelas que mantivessem tudo como estava. Mas esse traço permanece na realidade brasileira de hoje. O país tem uma notável incapacidade de se pôr de acordo, de criar consensos, a respeito do que fazer no futuro. Nada caminha, nada muda. No meu entender, esse é o grande teste da democracia brasileira. Enfim, coisas para se elaborar com mais calma e profundidade do que numa simples troca de emails...".

LAAV: *"...Obrigado pela mensagem e pelo seu interesse no meu trabalho. Apesar de eu não ser economista, acho que é inegável que a utilização de mão de obra ilegalmente escravizada foi condição indispensável para a decolagem da cafeicultura paulista. Basta verificar os inventários de fazendeiros da época e ver o quanto da riqueza deles consistia em capital investido em escravos africanos (ou seja, riqueza oriunda da participação deles no crime de aquisição e exploração do trabalho de gente escravizada ilegalmente). A questão da terra é um pouco mais complicada porque se poderia alegar que, na ausência de um estatuto da terra que definisse os modos de adquiri-la, o jeito era se apossar delas. Mas isso não justifica a violência contra indígenas, posseiros, a acumulação de propriedades vastíssimas pela violência. E depois, na vigência da lei de terras de 1850, houve o esforço sistemático de incorporar terras ainda não utilizadas, obstaculizando os esforços do governo para que terras devolutas fossem utilizadas como recursos para políticas públicas do Estado. Sem essa 'acumulação primitiva' baseada no crime da escravização ilegal, como imaginar a riqueza paulista que se seguiu? Qual a outra origem possível dela? PS: mais algumas notas colhidas, em loco, em [f]evereiro de 2020, no Programa de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown University: 'Invasão de terras públicas + tráfico de escravos' produz/banca a Avenida Paulista. Vale Fluminense (RJ) + Vale do Paraíba (SP). 1822 Política fundiária, política das sesmarias, procedimentos para obtenção da titulação das terras => 1822 – 1850[:] 1850 Lei de Terras regulariza o latifúndio; Início de "políticas para criar terras para os imigrantes europeus deu errado, pois cada município ficou encarregado de criar suas políticas (titulação); Pequenos e médios posseiros perdem terras para os grandes; Governo(s) arrecadavam impostos (anuais) de escravos; Formação do Estado brasileiro no século 19 com base no tráfico ilegal de escravos..."*

BARUCH: *"...CARO MOISÉS, CREIO QUE SUA PROPOSTA DE TRABALHO SE SUSTENTA E CERTAMENTE VAI DAR UMA CONTRIBUIÇÃO PARA SE CONHECER MELHOR A NOSSA HISTÓRIA, UM ABRAÇO..."*

MEZUAH: *"...Quanto aos seus temas de estudos, igualmente a Sidney Chalhoub, não conheço muita coisa sobre a história da economia brasileira. No entanto, penso que suas ideias são muito pertinentes e com boas perspectivas de serem aceitas [...]. Há evidências notórias da relação entre escravidão e capitalismo (e riqueza) em várias nações escravistas no mundo atlântico. No entanto, do pouco que eu conheço, aqui no Brasil, em especial,*

em São Paulo, esse processo tem sua origem, ou pelo menos sua força mais contundente, em meados do século XIX, com a expansão da cultura cafeeira. Alguns historiadores nomeiam esse período como o de Segunda Escravidão. No século XVIII apesar de haver uma relativa diversificação na pauta da produção econômica brasileira e até mesmo um significativo mercado interno, a mineração preponderou dando sustentação à manutenção da submissão colonial do Brasil à Portugal. Sugiro que você concentre suas pesquisas no século XIX. Você já deve conhecer, mas de todo modo, há um historiador brasileiro bastante articulado com historiadores norte americanos e de outros países que já há algum tempo se especializado nessa relação entre escravidão e capitalismo, sobretudo, discutindo questões relativas à chamada Segunda Escravidão. Te recomendo a leitura dos textos dele. Já li uma coletânea de textos sobre o tema em que ele tem um artigo sobre o Brasil. O nome dele é Rafael Marquese. O livro-coletânea que li tem o seguinte título: *Escravidão e Capitalismo Histórico no Século XIX.- Cuba, Brasil e Estados Unidos*. O livro foi publicado pela editora Civilização Brasileira, em 2016...”

ROSH: “...Caro Moisés, A relação entre imigração, urbanização e industrialização já foi bastante investigada pela historiografia e pelas ciências sociais brasileiras, desde a década de 1950. Grande parte da literatura relaciona, sim, esses processos à escravidão. O trabalho mais recente que conheço segue em anexo*, capítulo de Luis Fernando Saraiva e Rita Almico. Saudações ... [...] ‘A SEGUNDA ESCRAVIDÃO E O IMPÉRIO DO BRASIL EM PERSPECTIVA HISTÓRICA’ (2020) Organizadores: Mariana Muaze & Ricardo H. Salles Editora Casa Leiria/CNPQ, São Leopoldo – RGS’.”.

HASHANAH: “...Moisés. A sua hipótese parece lógica e historicamente plausível [...], o que seria esperado de uma tese de doutorado. Outros autores já desenvolveram este argumento e talvez valesse à pena você investir [...] em uma séria revisão da literatura [...]. Abraço e boa sorte.⁵²¹ [...] Polêmica na possibilidade de reparação aos descendentes de escravos: ‘...um debate complexo se for relacionar numa relação direta de causa e efeito reparação com algum benefício pecuniário nos dias atuais. Eu particularmente acho que esta conta é impossível de ser feita [...] tecnicamente, contabilmente, politicamente. Acho que não há muito como...’.

KIDUSH: “... indica o uso do prefácio, de sua autoria, do livro ‘Café e Negro’* (2005) de autoria do historiador Ernani Silva Bruno. O referido livro fala da dívida paulista para com os negros. **KIDUSH** sugere ainda o uso das obras do brasilianista Robert Wayne Andrew Slenes** (Unicamp) que pesquisou escravidão em São Paulo, negro e cultura cafeeira no Vale do Paraíba.⁵²² ‘PREFÁCIO: Interpretei o ensaio de Ernani Silva Bruno como compete fazê-lo a um não historiador. Todavia, como ativista do movimento social negro no Brasil, tenho na referência histórica o material mais adequado para decifrar o que se passa nesse campo em nosso País. Nessa perspectiva - a de um não historiador que utiliza a produção histórica como material de trabalho - foi que me debrucei de maneira prazerosa sobre a leitura de Café & negro. Foi bem mais do que uma boa surpresa. Confirmaram-se intuições antigas que se abasteceram de certeza novas, mediante a análise da

⁵²¹Vídeo: Caminhos da Reportagem/Ecos da Escravidão. aproximadamente no minuto 43h00. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xR549adx5Go&list=TLPQMTMxMjIwMjComoObcfd2DQ&index=2>. Acesso em 22 de jul. 2021

⁵²² *Sinopse: Este livro transcende o papel de contribuição para o estudo da economia cafeeira em São Paulo. Este livro insere com perfeição a figura histórica do escravo negro, que representou sempre o maior feito pelos fazendeiros de café, no quadro da economia agrícola de fins do século XVIII à Abolição.

**<<https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/31376/robert-wayne-andrew-slenes/>>

<https://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/entre_14.htm>

<<https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/noticias/2017/11/17/documentario-revisita-trajetoria-e-pensamento-de-robert-slenes>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

cafeicultura paulista 'na sua fase menos estudada': a do trabalho servil. A importância que procurei assinalar ... acaba sendo um 'subproduto' que o autor talvez não tenha imaginado pudesse vir a ser gerado em seu consistente ensaio. É razoável que seja assim: ... Em larga medida, o barbarismo social vivenciado pelo País neste início de milênio está conectado aos três séculos e meio de escravidão. O longo período da escravidão e a ausência de políticas públicas adequadas no pós-Abolição, fizeram consolidar um déficit pesado para a população negro-descendente, cujos resultados podem ser vistos a olho nu ou em qualquer estudo onde se afira o recorte racial. Presentemente, tentar diagnosticar o País sem considerar o escravismo, com as consequências que daí decorreram, tem-nos levado a um círculo vicioso que não nos permite livrar de uma crise estrutural que parece estar - e de fato está - aí desde sempre. ... Sempre argumentei, ..., que a industrialização do sudeste brasileiro - sobretudo a paulista - se deveu à capitalização originária da cafeicultura escravocrata. Assim, o País, além da significativa contribuição do negro no campo cultural, passa a dever a este parte de sua industrialização mais avançada. ... Em contraposição àqueles que crêem ter sido o escravismo algo episódico na lavoura cafeeira paulista, o autor afirma: 'Em São Paulo - como nas províncias de Minas e do Rio de Janeiro - foi decisivo o papel representado pelo escravo negro na implantação e na expansão da cafeicultura, de fins do século dezoito a fins do dezenove.' Em mais de uma oportunidade já ouvi de estudiosos e pesquisadores a antítese dessa idéia, onde se entendia que a lavoura do café daquelas regiões velozmente se dirigira do escravismo para a implantação do trabalho assalariado. ... A meio século da Abolição, o negro escravizado plantava, tratava, colhia, lavava, secava e beneficiava o café, tanto por processos primitivos, quanto por outros mais aperfeiçoados. Se o café em São Paulo foi uma epopéia - como se costuma afirmar -, Bruno reconhece que "o seu herói foi o negro". Essa abordagem não é usual dentre os historiadores do escravismo colonial, muitas vezes anódinos no tocante a esse tema....”

ELOHEINU: “...Prezado [MFC] [a]gradeço a confiança pelo compartilhamento de ideias e projeto. É uma satisfação e ao mesmo tempo um desafio opinar em suas intenções e proposições teóricas. Vejo total e ampla pertinência na elaboração teórica construtora da sua hipótese. Isso porque penso que a sequência de eventos elencados por você partem da escravidão/escravismo como gênese de um processo histórico sócio-econômico ao mesmo tempo que reforça a função analítica de hipótese que você atribui a esse fenômeno. Enxergo nessa sua função proposição inicial elementos do método dialético, já que inevitavelmente para este momento foi para mim impossível ler sua argumentação e hipótese sem pensar na ideia de formação como ‘processos históricos’ que confere singularidade à unidades federativas (países, nação, Estado). E que no caso brasileiro, como bem sabemos, para o bem e para o mal, permeia as obras de Prado Jr, Celso Furtado, F. Fernandes autores que seu tema de pesquisa recortado pela temática das relações étnico-raciais impõe leitura. Não estou dizendo que a dialética ou o materialismo-histórico sejam o seu percurso de pesquisa, entretanto é certo que o encaminhamento dos eventos que você listou obrigam diálogo. Disto isso, reafirmo que vejo muita coerência e um caminho de pesquisa bastante interessante porque são eventos constitutivos do Brasil enquanto nação e concentram em si aspectos econômicos, culturais, sociais, ideológicos, políticos e cívicos da nossa gênese. E, sem sombra de dúvidas, os eventos que você escolheu possibilitarão um belo e longo percurso para comprovação da hipótese. ... Tenho algumas impressões sobre a urbanização e industrialização em perspectiva étnico-racial, as relações e indissociações entre esses dois fenômenos e as relações raciais...”

“...O pesquisador **MELECH** aponta como vetores da riqueza paulista os seguintes pontos: 1) produção e exportação de café; 2) capital usurário (cf.: FRAGOSO e RIOS - mola mestra na construção das grandes fortunas

imperiais. (p.2) (p.44, 2013)); 3) escravos, adquiridos majoritariamente por meio de capital usurário; 4) terras, adquiridas majoritariamente por meio de capital usurário; 5) tráfico transatlântico de africanos escravizados - com especial atenção para o tráfico ilegal de africanos. (**). **MELECH** afirma ainda que a fronteira agrícola paulista permite o êxito da cultura cafeeira em São Paulo, o que não acontece no Rio de Janeiro, entre outros lugares. Há teses e argumentos que sustentam, explicam a transmissão de dinheiro/riqueza entre as fases (históricas). Foi citado a 'falta de opção em relação a imigração europeia' + um 'argumento modernista' que ficaram perdidos na entrevista. O(s) trabalho(s) de **MELECH**, que já recebeu prêmio do Arquivo Nacional (2015), corroboram sua linha argumentativa Como mostraram Fragoso e Rios, o capital usurário representava a mola mestra na construção das grandes fortunas imperiais, revertidas, quase sempre em escravos e terras...' Nota de rodapé #2: Segundo Fragoso e Rios '(...) esse ciclo se iniciava com os lucros gerados no café, investidos em empréstimos e retornavam sob a forma de mais escravos e terras, ou seja, mais café'. In: MATTOS e SCHNOOR, 1995. Sobre a mesma temática ver também FLORENTINO e FRAGOSO, 2001...⁵²³

ADONAI: "...Em relação a sua pergunta: hoje, após [...] anos das lutas dos movimentos sociais [...] e do avanço da academia no pensamento da diversidade e das relações étnic[as], SIM, sua hipótese e questionamento estão corretos, há robustez, envergadura intelectual e reflexões consistentes, fortes e centrais sobre a história, a formação e o desenvolvimento da sociedade brasileira. Coloque no papel suas ideias, o caminho é esse mesmo, o processo histórico, social e político que reúne o escravismo de 388 anos (2), a lei de terras de 1850 (1), a imigração e a política de embranquecimento (3), a abolição (4) e posteriormente a industrialização, merece um quadro bem elaborado para contextualizar que o dinamismo das cidades brasileiras, em especial a capital paulistana, a base do capitalismo tem o trabalho e as inúmeras produções dos corpos e subjetividades negras, protagonizando o desenvolvimento socioeconômico local e global. Sucesso...".

SHEERAH: "...Olá Moisés, Advertência: não sou especialista na história de São Paulo. Mas concordo plenamente que a escravidão está na raiz do crescimento vertiginoso de São Paulo no final do séc. XIX. Como muitos dos recursos para a imigração subsidiada, o crescimento urbano, e a industrialização (na verdade, os recursos para quase tudo) vinham da economia cafeeira e outras economias escravocratas, tb faz sentido pensar na escravidão como um ponto de partida. Acho, porém, que a questão se torna bem mais complexa no pós abolição, pois além da questão do capital global (investimentos no transporte, nos serviços urbanos, nas redes comerciais, nos bancos, nas indústrias, e até (no séc. XX) na indústria imobiliária), os imigrantes também traziam capital, que era especialmente importante em São Paulo. Claro, o capital internacional tb tinha raízes na escravidão global, mas a relação é mais labiríntica. Pessoalmente, acho muito importante destacar o papel da escravidão, mas o caso é mais forte qdo a gente também reconhece a complexidade da questão. Se o objetivo é 'to follow the money' num bairro específico, acho bem importante construir o argumento em evidências concretas e variadas, pois ainda que seja importante identificar a importância econômica da escravidão no contexto urbano acho que o fenômeno já é muito reconhecido entre especialistas na história econômica do Brasil — a novidade seria em identificar os mecanismos específicos que fazem com que a

⁵²³ Fonte/Texto: "O Complexo Souza Breves e o tráfico ilegal de africanos no litoral sul do Rio de Janeiro" (2011: p.1). (**) cf.: artigo 'o comércio negreiro na clandestinidade: as fazendas de recepção de africanos da família souza breves e seus cativos' (2015). Thiago Campos ainda sugere o contato e a leitura de trabalho de Luiz Fernando Saraiva e Rita Almico. 'Raízes escravas da indústria no Brasil' (p.93), In 'A segunda escravidão e o império do Brasil em perspectiva histórica' (2020). Organizadores: Mariana Muaze e Ricardo H. Salles. Editora Casa Leiria'."

escravidão e o racismo sejam fatores importantes no desenvolvimento dum bairro específico no pós-abolição. ...1. ... 2. Tenho um artigo no livro seguinte (co-escrito com Keila Grinberg e Hebe Matos); o início não vai ser novidade para vc, mas a parte sobre o pós-abolição e os mecanismos de exclusão urbana pode ser interessante. São idéias que desenvolvo mais nos meus outros livros e artigos em inglês... É uma pequena parte dum livro que estou escrevendo atualmente, sobre Recife. **SHEERAH**, Professor of History.”

“...Solicitei a análise do **D’US**, meu colega da ‘PPPP’ que recém ingressou como professor na ‘UUUUU’. Ele mandou o retorno abaixo, espero que colabore. Resposta do **D’US**: ‘Olá, a ideia tem sim ‘robustez’. A professora Ana Lúcia Araujo da Howard trabalha com a ideia de reparação histórica da escravidão. Talvez fosse legal ele conhecer o trabalho dela. A ideia de pesquisa dele aparece nas entrelinhas de algumas obras, mas não conhece nada específico sobre o tema. Fico a disposição sim. Abraços, ...’”

ASHER: “...Bom dia, [...], Esse caminho é muito bom e dá para perseguir, inclusive por meio de inúmeros do documentos oficiais. É a proposta de trabalho para uma vida inteira e creio que de alguma forma está consolidada na bibliografia econômica do país. Me sentiria honrado em ler sua proposta de pesquisa. Um abraço. Professor e Historiador.”

SHABAT: “...Oi, Moisés, boa noite! Sim, há robustez nessa afirmação e há uma enorme bibliografia que sustenta essa afirmação. O que você precisa demonstrar é como as famílias A, B e C.... construíram suas fortunas e que são sustentadas, ainda, hoje. Abs.”

BARAH: “... ‘New England, although predominantly white (Boston, New Port, etc...) was a gate to the Atlantic Slavery, some sort of exportation/importation point of slaves to the deep south in the 1800’s. The book ‘The Function of the Port City’ by Jacob Pryce is an important source to confirm this thesis. Moreover, in the 17th century many cities had rice, tobacco, salted fish in their genealogy of wealth, ‘mostly having enslaved Africans doing the work’. (my quoting). In the 1820’s there was a strong connection from the interior to the Atlantic. Frederick Douglass was key during 1820’s and 1830’s. European immigrants only started coming to the US in the early 20th century. Northern Europeans came/went to the mid-west. Two sources: ‘How the Other Half Lives’, by Jacob Riis and ‘American Pictures: A personal journey through the American underclass’ by Jacob Holdt (American Pictures Foundation). More about New England: slave-trade was the best way to make money, see.: John Brown House for various cases. Better sources to make investment as a way to finish, diminish slavery/slave trade in Rhode Island - Textiles/Cotton. Sources: Empire of Cotton: A Global History by Sven Beckert; ‘Slavery and the Economy of São Paulo: 1750-1850’ by Francisco Vidal Luna. Final comments/points: ‘The New South, The promise of the New South’, AYERS, Edward. ‘A process of rebranding itself’; Immigration: some German immigrants would have gone into the South. ‘Atlanta, GA came out of nowhere and then became 1st place.’”

LECHAIM: “...Conversation/Interview took place [...] during the Workshop Capturing the Hinterland, 1780-1860 at Brown University, History Department:

MFC: “...on page 10 of your text, I read ‘...The unfolding industrial revolution in Europe and North America exponentially increased pressure on THE GLOBAL COUNTRYSIDE. Ever more ravenous machines and ever more demanding consumers fueled new markets for food and fiber. Merchants scouted the world in the search of urgently cotton, wool, sugar, COFFEE, tea, wheat and beef, PUSHING NEW COMMODITY FRONTIERS - places of freshly commodified land and labor - into the WORLD’S COUNTRYSIDE. As a result of their efforts, already by 1800, 500 million lbs of sugar, 84 million

lbs of cotton, 125 million lbs of tobacco, 120 million lbs of COFFEE and 40 million lbs of tea streamed into Europe, a radically accelerated movement of commodities across VAST OCEANS. Industrial production and its enormous appetite for raw materials PUSHED CAPITAL INTO THE HINTERLAND further and faster than merchant capital ever had... [...] ...existing European strategies for radical expansion - further enslavement and further dispossessions. Factories needed workers, raw materials, markets and energy, all of which came from where the vast majority of humanity [...] continued to dwell - the countryside... ' So I ask you: did coffee in São Paulo, Brazil succeed because world powers were PUSHING NEW COMMODITY FRONTIERS, being Brazil part of a GLOBAL/WORLD COUNTRYSIDE, thus it São Paulo's success was just a reflex of international interests or did coffee in São Paulo succeed because local players decided to do it?"

SVEN: explanations are more local than global. Specialization would have played a more important role in the politics of slavery in Brazil. In my book 'CAPITALISM: A GLOBAL HISTORY' I present 4 interesting items/things for your research questions:

- 1 - the central role of the countryside in the history of capitalism;
- 2 - capitalism can only be understood from a global perspective;
- 3 - the place of slavery in that expanding capitalism;
- 4 - the novel pressures that descended upon the global countryside as a result of the revolutionary changes of the industrial revolution. Slavery flourished more despite the otherwise world-shattering changes unfolding in places as the UK, the US and France, and explanations of the depth of that flourishing and also the why it took place are questions to be answered. "⁵²⁴

⁵²⁴ PS: MFC remarks: there's a photo on his work supplied by IMS, as follows: 'Departure for the coffee harvest by ox cart, Vale do Paraíba, Brazil, c.1885' Image courtesy of Instituto Moreira Salles. SVEN; PS2: o capítulo 8 "Global Capitalism - Capturing the Hinterland, 1780 - 1860" de livro a ser lançado de autoria do entrevistado, ainda trata dos seguintes, muito úteis para nossa tese e estágio de pós-doc: - Expansion of cotton production in the United States; -Sugar growing (on) in Cuba; -Coffee planting in Brazil;

- plus indigo harvesting in India: "In the wake of the Industrial Revolution, commodity producers in the world's countryside struggled everywhere to meet the expansion of demand." "Transformation of global capitalism itself": Os referidos pontos ainda são nebulosos pra mim. As afirmações abaixo, trechos de livros, textos do entrevistados corroboram nossa hipótese histórica que liga escravidão africana nas Américas a riqueza das cidades modernas: "...the most consequential changes in capitalism's history originated not in counting houses or stock exchanges, but with the world's least powerful people."; "...the grave threat that states and many owners of capital saw in economic, social and political liberation of the world's enslaved workers."; "...to clear, seed, tend and harvest never-before seen quantities of commodity crops for distant markets." Livro: EMPIRE OF COTTON: A Global History, History of capitalism; History of commodities, "Capitalism must be understood globally." Sven afirma ainda que a burguesia de Nova York estava ligada diretamente ao sul escravagista. No livro de sua autoria, "The Monied Metropolis: New York City and the Consolidation of the American Bourgeoisie, 1850-1896" (2001), há as seguintes afirmações: (p.04): "Throughout the Western world, the nineteenth century saw the rise of the bourgeoisie and bourgeois society. As a result of the unfolding of capitalist economies and the emancipation of society from the state, owners of capital decisively shaped economic change and the newly emerging societies. As the first elite not to derive its status from the accidents of birth and heritage, the rising bourgeoisie worked hard, lived in modest comfort, and celebrated individual accomplishment. Accumulating ever more capital and power, this new social class gained the upper hand over an older, feudal, social elite and eventually shaped the economy, ideology, and politics of all Western nations. Nota de rodapé #25, na página 336, entre vários sugestões de leitura, Sven cita Eric Hobsbawn, A Era do Capital, 1848-1875. Este pesquisador conferiu o capítulo 13: O mundo burguês (p.321) onde se lê: "Precisamos olhar agora a sociedade burguesa...". Ainda na página 04: "In the United States, the history of this social class was exceptional..." A nota de rodapé #26, na página 336, diz: "This book, however, is not an argument for American exceptionalism. My aim is to situate the United States in the larger context of the emergence of bourgeois society and capitalism in the Western world. Such an approach also requires an emphasis on the particular historical trajectory of the United States bourgeoisie, which was, in particular ways, different from that of other countries...". Na página 05, entre muita informação sobre identidade de classe, etc, afirma-se:

MEKADESH: "...1) (English Version – Lista B): 'Yes, Brazil and Caribbean.' 2) IF SO, WHY? 'Because as Haitian I wanted to understand black people in Brazil during slave trade around 1888 (2nd generation slavery) in a Global context.'

3) (English Version – Lista B): Ph.D.

4) (English Version – Lista B):

5) (English Version – Lista B): As Haitian (1804 Independence) and studying US, Cuban slave trade I didn't understand how Black people arrived in all these places. Manuel Angola reference. Muchicongo reference. Very fascinating. New Frontiers as per sources of slaves in Brazil as opposed to other countries in the Americas. Afro diasporic religions in Brazil, Cuba. Very fascinating. How significant slave trade was to modernize the cities in Brazil.

6) (English Version – Lista B): Yes.

7) IF SO, HOW? In general terms, singular development, the center of capitalist circulation, immigration, cosmopolitan due to Wall Street aspect.

8) (English Version – Lista B): First of all, it's not a city associated with slave trade, but there's burial ground(s), but as per the impact of slave trade, it's not that direct, but there's lots of info, books about it. Strong Caribbean population but after slavery. Migration of African American from the South to the North.

9) (English Version – Lista B): Don't know. Rice cultivation in the Carolinas.

10) (English Version – Lista B): Because of textile, clothing, mostly. Capitalism and slavery show that textile was tremendously important, her main hypothesis. Machinery was discovered for transforming cotton into textile. Colonialism and slavery in the US took place very late, so there was lots of information available; Global perspective: silk in the East. Environmental issues. South a very sandy and dry place, thus not appropriate for sugar cane, but good for cotton.

11) (English Version – Lista B): Railroad (19th century) besides textile industry. To transport commodities to the coasts.

12) (English Version – Lista B): Yes, but in very invisible ways because slaves were everywhere in North and South in Brazil, as opposed to US, where slaves were more visibly in the south, and not as much as in the North, where blacks and whites were working under wages in the 19th century. It's less visible in the North as in the South, but it was there.

"...Proletarianization and the overthrow of slavery drove the process of bourgeois class formation. The overthrow of slavery and the destruction of the political power of slaveholders sped the economic development of the North, benefiting industrialist and bankers while increasing the political power of the northern bourgeoisie over the federal government. It also provided the basis upon which different capitalists could find common ground. Before the war, the city's industrialists, in particular, had embraced the emancipatory promises of republicanism, seeing in the eradication of slavery, or at least its limitation, the possibility for preventing the emergence of a proletariat. (28). Merchants, in contrast, aimed at building a paternalist relationship to the city's workers, supported by the profits derived from a slave-based plantation economy. When the war destroyed slavery, it also destroyed the grounds for these arrangements. The destruction of slavery, in effect, moved the process of proletarianization to center stage. During the war and its aftermath, those segments of New York's economic elite who based their economic activities on wage labor - namely, industrialists and financiers - became the dominant segment within the bourgeoisie itself. A coincidental challenge from the increasingly militant workers in the North compelled merchants, financiers, and industrialists to unify in defense of property rights, and to become more ambivalent about democracy, in fact, challenging some of their older assumption about the nature of society. Many of them also increased the amount of capital they controlled, thus sharpening social inequality. As a result, the emancipatory vision of many antebellum bourgeois New Yorkers, with its universalist preoccupations, gave way to an articulation of class identities. Their political ideas focused ever more narrowly on the guarding of their own elevated social position. A new industrial liberalism replaced the producerist liberalism of antebellum manufacturers and the communitarian liberalism of merchants. New York's bourgeoisie was made and had made itself."

13) (English Version – Lista B): *Yes, it's key. Second slavery brings something to the table. Places without slavery were considered more progressist, integrated. Slavery in Baltimore was very urban and promoted urbanization. More interactions between people in the North/Northeast as opposed to the South of US. The Law abolished slavery, but slavery mentality was still in place. New York was still washing the money. The wealth built in the North was strongly connected to the South plantation even if it was not that visible.*

14) (English Version – Lista B): *As per US (prison system) it is intentional in invisible ways, because "conditions" were created to keep black people uneducated, underclass. People without jobs were sent to prisons, and jobs were not offered to black people. Not a formerly official plan but it was there (Brazil and US). Let's consider Jim Crow in the US South. In Brazil it was more subtle, mitigated.*

15) (English Version – Lista B): *Maybe. Space reflects class, geography, power relations, hierarchy, social economic system.*

16) (English Version – Lista B): *As per her own work, Foucault and Achille (focuses on racial perspective), how Government governing regulate populations during and after slavery with focus on the prisional system, producing hierarchies.*

17) (English Version – Lista B): *Yes, for the North, also known as the promise land. There wasn't the whitening aspect as in Brazil. PS: mention Stephen's book on European immigration, and if possible, link with money from slavery."*

HAGUEFEN: *"...Much pain, suffering took place along many centuries, and a great deal of wealth was made because of that, but stating that every city in the Americas benefitted from it might be too difficult to prove, but worth trying. Slave ship routes map/animation on SLATE.COM by Andrew Kahn and J.: depicts 315 years; 20.528 voyages; millions of lives being wasted; let's add how Rhode Island, Providence and New England benefitted from slave trade and enslaving inland, as per 'The Lords of Lash and The Lords of Loom', Brown Family: John and Moses Brown: Founders of Brown University', for instance. Consider, also 'Spatial organization of inequality', 'Historical Accumulated Inequality' when discussing Colonialism and Capitalism. Also consider 'Internal Vs External Dynamics'; freeing the factory of production, new classes, new institutions, markets, raw materials and unfree labor, and then ask yourself: 'Did all colonizers become capitalists? Do all capitalist economies have colonies? The Genesis Vs The Maturation of capitalism is key to break some codes. Considering you are an Afro Brazilian researcher, remember the following: 'Investment in 'colonialism' vis-à-vis in capitalism. The case of Portuguese, Spanish, French, Dutch, English. Bringing MARX VS DUBOIS, as per Marx: slavery = primitive accumulation, capitalism = free labor, primitive accumulation violent but transformative, can help your analytical model. DUBOIS states that slavery is the main constitutive of capitalism, and capitalism as a global system was structured around colonialism and racialization; slavery equals the 1st multinational (maybe institution?); plantation equals rationalized production as per Desmond; Slave as collateral was part of a financialization system producing lots of wealth; and collateral for more bank lending was the financial system back bone..."*

Os referidos respondentes e suas pesquisas cobriram os séculos XVII, XVIII e/ou XIX, e as perguntas por nós feitas conduziam o entrevistado a confirmar ou não a “hipótese histórica – genealogia da riqueza das cidades” com base na escravidão africana, e quanto a isso não houve qualquer discordância de que tanto no caso do café paulista (século XIX) como no caso do algodão sulista dos EUA (séculos XVII, XVIII e XIX) seus resultados financeiros foram enviados para a capital paulista (caso Brasil), e para Nova York e/ou Nova Inglaterra (caso dos EUA), desta forma servindo de *seed-money*

ou capital inicial para a construção de duas das maiores metrópoles globais nas Américas.
PS: todas as perguntas estão no item “apêndice – lista B”.

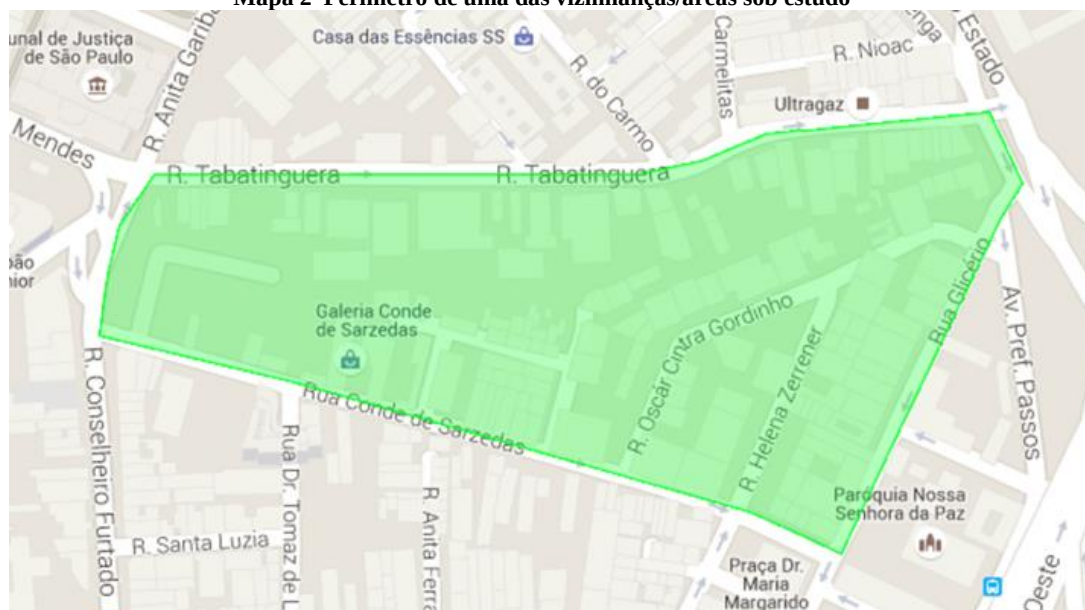
Mapa 1 Perímetro da principal área sob estudo⁵²⁵



O referido perímetro cobre a principal parte do bairro Liberdade incluindo a Várzea do Glicério, margeando a Várzea do Carmo. As vizinhanças consideradas, incluindo as Vilas Operárias estão dentro deste perímetro.

⁵²⁵Do perímetro 1 definido para a pesquisa de campo. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-23.5570641,46.6371743,16z/data=!3m1!4m2!6m1!1s1JrEOMyDo-C-aOT0I2T9uSMlgcUg?hl=pt-BR&authuser=0>>. Acesso em 22 de jul. 2021.
Rua Tabatinguera; Rua do Glicério; Rua da Glória; Rua São Joaquim; Av. Liberdade; e Rua Tabatinguera.

Mapa 2 Perímetro de uma das vizinhanças/áreas sob estudo⁵²⁶



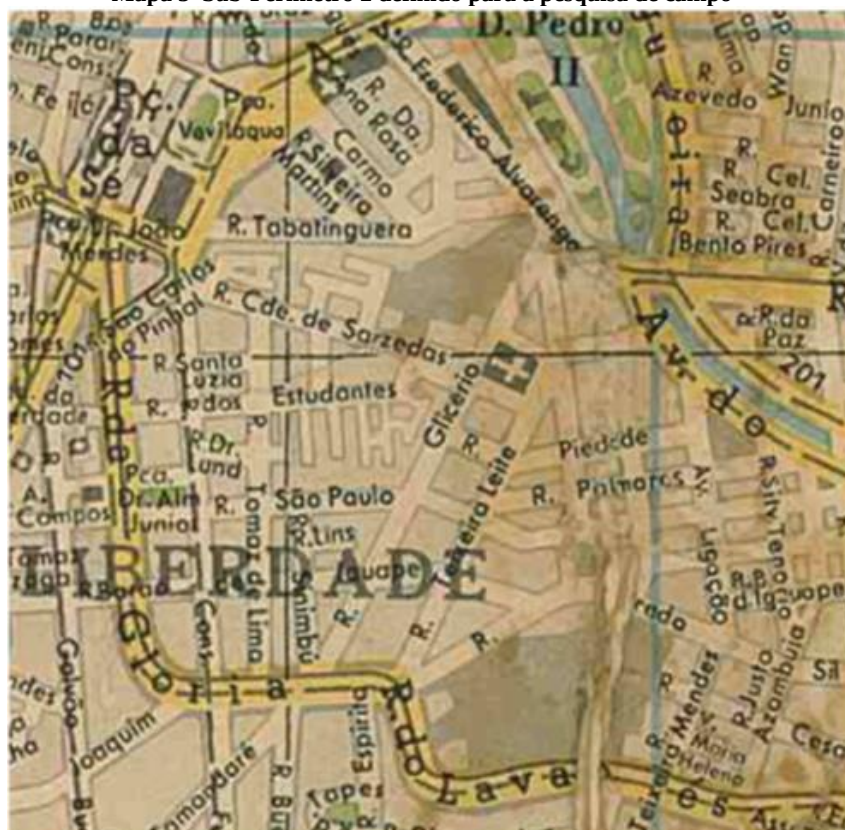
O perímetro acima cobre a área onde estão localizadas várias Vilas Operárias além do conjunto de prédios erguidos na década de 1950. Dados oficiais além dos textos consultados demonstram, comprovam não só a saída dos antigos moradores (imigrantes europeus e asiáticos e seus descendentes) como também a grande degradação simbólica e/ou física da região em destaque.

Mapa 3: Sub-perímetro de uma das vizinhanças/áreas sob estudo, antes do arruamento atual.

⁵²⁶ Do perímetro 2 definido para a pesquisa de campo. Crédito: Maria Maria Ferreira. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-23.5467138,-46.6234244,14z/data=!4m2!6m1!1s1OI96YL0sdrzDj_BxgICvN2pZheA?hl=pt-BR&authuser=0>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Rua Tabatinguera; Rua do Glicério; Rua Oscar Cintra Gordinho; Rua Helena Zerrenner; e Rua Conde de Sarzedas.

Mapa 3 Sub-Perímetro 2 definido para a pesquisa de campo⁵²⁷



O perímetro acima mostra o interior das ruas Tabatinguera, Glicério e Conde de Sarzedas, antes do arruamento que daria origem as ruas Oscar Cintra Gordinho e Helena Zerrenner.

Fonte: Arquivo Histórico de São Paulo – Acervo Permanente. Termo de autorização, de compromisso e cópia da publicação no DOM estão no item “apêndice 3”.

A seguir, para efeito de comparação com as áreas delimitadas para nossos estudos, anexamos plantas gerais de São Paulo, anos 1810, 1881, 1895, 1897, 1924, 1943, 1951, 1952 e 1964 (mapa de São Paulo), conforme nomenclatura utilizada na época e pelo Arquivo Histórico de São Paulo, mesma fonte do item acima.

*O plano de ruas de São Paulo foi polarizado por esta rota, [...] Por volta de 1890 a periferia urbana tomara uma forma circular, distendida a este, ao longo da linha para o rio, e a oeste, em direção às novas zonas de café. No século XX o eixo este-oeste tornou-se dominante.*⁵²⁸

Por meio de *hardware+software* apropriados é possível aumentar as imagens para analisar o processo de arruamento nas áreas centrais da cidade de São Paulo. A exceção

⁵²⁷ Fonte: Arquivo Histórico de São Paulo.

⁵²⁸ MORSE, Richard McGee. (1970) *Formação Histórica de São Paulo: de Comunidade à Metrópole*, São Paulo, Difusão Européia do Livro., p. 41.

das ruas dos Estudantes e Tabatinguera, todas as demais seriam abertas no início do século XX, conforme já mencionado nesta tese, replicado a seguir:

(...) Canton (2007) indica que o atual perímetro do Glicério, que abrigara a Chácara de Dona Anna Machado ou ainda a Chácara da Tabatinguera, havia sido propriedade de Francisco de Assis Lorena, existindo ali sua chácara e “à sua frente ficava a fonte de Santa Luzia, na atual rua de mesmo nome. Seu parcelamento ocorre durante a década de 1890, quando foram abertas as ruas Conselheiro Furtado, Conde de Sarzedas e Santa Luzia.” (p.18). Há ainda a menção das seguintes chácaras vizinhas: (1) Quinta de Francisco Machado dos Ingleses, e (2) Chácara Streib (p.19). Canton (2007) aponta que a referida área possuía considerável relevância junto ao Triângulo Histórico pois havia ali a “república dos estudantes da Faculdade de Direito na ‘Chácara dos Ingleses’, entre as ruas da Glória, Conselheiro Furtado e Tomás de Lima, local que originou a atual rua dos Estudantes [...] frequentado por [...] personalidades, como Álvares de Azevedo⁵²⁹.

Mapa 4 Planta Geral SP de 1810



Mapa 5 - Planta Geral SP de 1881



⁵²⁹ Idem, ibidem., pp. 18-19.

Mapa 6 Planta Geral SP de 1895



Mapa 7 Planta Geral SP de 1897_Gomes Cardim



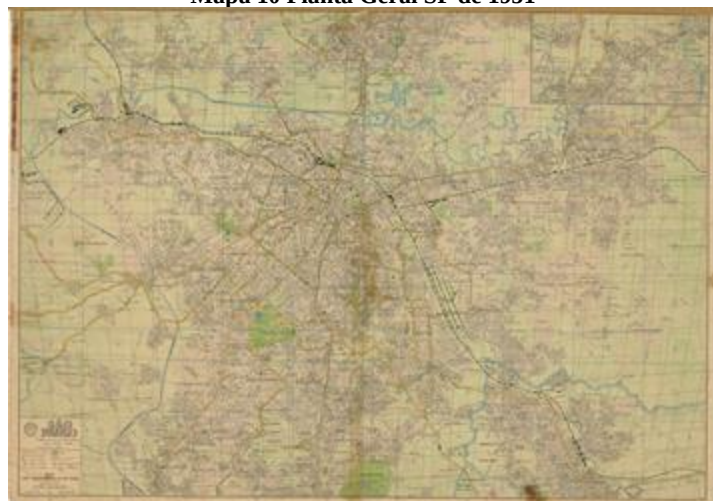
Mapa 8 Planta Geral SP de 1924



Mapa 9 Planta Geral SP de 1943



Mapa 10 Planta Geral SP de 1951



Mapa 11 Planta Geral SP de 1952



Mapa 12 SP 1964



Os mapas ou plantas acima, além de servirem para analisar o processo de arruamento nas áreas centrais da cidade de São Paulo, nos ajudam a confirmar processos de equipamento de vizinhanças que ajudaram a formar o quadrante sudoeste, conforme termos do urbanista Flávio Villaça.

Imagem 23 Foto 28, rua dos Estudantes no bairro da Liberdade-SP, circa de 1916⁵³⁰

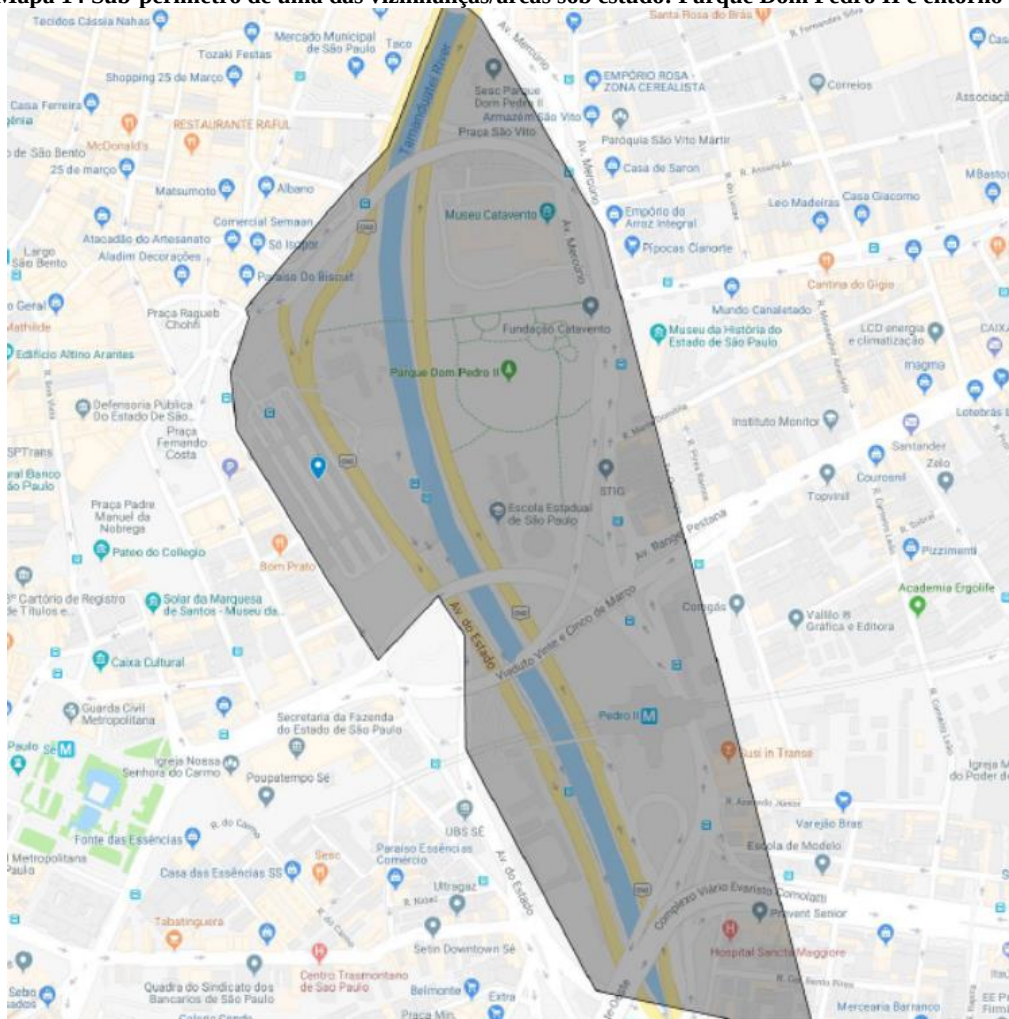


⁵³⁰Disponível

<https://www.facebook.com/photo?fbid=1929196537222611&set=gm.350231626290015>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

em:<

Mapa 14 Sub-perímetro de uma das vizinhanças/áreas sob estudo: Parque Dom Pedro II e entorno⁵³².



⁵³²Do perímetro do Parque Dom Pedro II, região localizada entre o bairro do Pari, Brás e Glicério, Liberdade, na cidade de São Paulo.

Disponível

em: <<https://www.google.com.br/maps/@-23.5560474,-46.6288445,16z/data=!3m1!4b1!4m2!6m1!1s1XBCpNU2fGGhaL8yOBFMtYs3-yHk-vmqx?hl=pt-BR&authuser=0>>. Acesso em 22 de jul. 2021

Imagem 24 antigo edifício San Vito na região do Parque Dom Pedro⁵³³.



2.4.9 Estudo/Análise Comparativa Brasil & EUA - A Genealogia da Riqueza Paulista⁵³⁴ (Brasileira) vis-à-vis A Genealogia da Riqueza Norte-Americana (Nova York e Nova Inglaterra)

⁵³³ O referido prédio ficou conhecido como “treme-treme” em razão da sua degradação simbólica e física. À medida que os antigos moradores saíam, havia a entrada de moradores de menor renda e/ou nível socioeconômico, tendo ocorrido a tomada de “profissionais do sexo”. Durante a gestão do então prefeito Gilberto Kassab ocorre a demolição do prédio, que teria custado mais caro do que um processo de recuperação ou retrofit. Memórias Paulistana – Histórias Paulistanas” no Facebook . Disponível em:<<https://www.facebook.com/groups/memoriaspaulistanas/>
https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1071231269924410&id=252858705095008>. Acesso em 22 de jul. 2021.

PS: Segundo o Cientista Político Edison Nunes, PUCSP, os imigrantes italianos capitalizados competiam entre si na construção dos prédios mais altos na cidade de São Paulo. Nossa hipótese é que teria ocorrido o chamado invasão-sucessão no referido edifício.

⁵³⁴ **PESSOA:** O Império da Escravidão traz ao tempo presente um dos maiores complexos de fazendas escravistas do Brasil de meados do século XIX, mantido pelos irmãos José e Joaquim de Souza Breves no Vale do Paraíba fluminense. Ao analisá-lo, a obra busca entender a força imperativa da escravidão, suas contradições e impasses na segunda metade do oitocentos, enfatizando a reatualização econômica, política e jurídica do cativo no último país a abolir a escravidão nas Américas. Resultado de pesquisa de doutorado, o livro foi publicado após vencer em primeiro lugar o Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa em sua edição de 2015. No mesmo ano, seu texto base recebeu o Prêmio do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro e, no ano seguinte, o Prêmio UFF Teses e Dissertações na categoria Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes. Disponível em:<https://www.amazon.com.br/Imp%C3%A9rio-Escravid%C3%A3o-complexo-Breves-c-1850-c-1888/dp/8560207899/ref=sr_1_1?dchild=1&m=A3AR3GMDO31KXH&marketplaceID=A2Q3Y263D00KWC&qid=1591896975&s=merchant-items&sr=1-1>. Acesso em 22 de jul. 2021.

*“...Thus an enormous amount of free capital seeking safe investment and permanent income poured into the banks, companies, and new corporations. The powerful British institution of the stock exchange was born...”*⁵³⁵

Nossa proposta com este item/capítulo é obter algum fôlego, acalanto de tanta dor, suor, sangue, morte, pobreza, miséria socialmente produzidos (dinâmicas sociais dentro das configurações territoriais) pelo colonialismo e/ou escravismo, num primeiro momento, continuado em período pós-escravidão quando todo o legado daqueles horríveis séculos é utilizado de forma sistematizada para localizar e manter os descendentes dos escravizados em determinados quadrantes, vizinhanças da cidade de São Paulo, Nova York, entre tantas outras.

Nós nos sentimos estimulados a iniciar a construção desta narrativa, entre alguns outros motivos, por meio da leitura de textos de Serge Paugam em “Hexapolis: Desigualdade e Rupturas Sociais em Metrôpoles Contemporâneas: São Paulo, Paris, Nova Iorque, Varsóvia, Abidjan, Antananarivo” organizado por Vêras⁵³⁶, “A Pesquisa Sociológica”, organizada por Paugam⁵³⁷, e “A Desqualificação Social: Ensaio sobre a Nova Pobreza”, de autoria de Paugam.⁵³⁸

Neste sentido, onde se lê “pobreza; exclusão; desqualificação; e degradação;”, queremos identificar a origem, a gênese, a engenharia da construção e manutenção de “riqueza; inclusão; qualificação; e ‘revitalização’”, fazendo alusão ao conceito de biopolítica de Michel Foucault, “poder para fazer viver e deixar morrer” ou ainda nos termos de *de Freitas Cunha* “poder para fazer ‘revitalizar’ ou até gentrificar e deixar degradar”, desta forma, tentando inverter a perversa lógica de poderes tirânicos, ou ainda a ausência de um poder legítimo que pode ser representado por um Leviatã, nos termos de Hobbes.

Em termos simples e em função do nosso intuito de estabelecer estudos e análises comparativas, desejamos para os próximos capítulos a partir da “desigualdades e exclusão

⁵³⁵ Tradução livre do autor desta tese: “Portanto um enorme montante de capital livre buscando investimento seguro e renda permanente foi despejado nos bancos, empresas e novas corporações. A ponderosa instituição britânica da bolsa de valores havia nascido...” (DUBOIS, W.E.B. (2007) “The Rape of Africa” (pp.28-50), In “*The World and Africa: Color and Democracy*”, Cambridge, Oxford University Press., p. 35.

⁵³⁶ VÉRAS, Maura Pardini Bicudo.(2004) *Hexapolis: desigualdades e rupturas sociais em metrôpoles contemporâneas*: São Paulo, Paris, Nova Iorque, Varsóvia, Abidjan, Antananarivo, São Paulo, EDUC.

⁵³⁷ Paugam, Serge. (2010)

⁵³⁸ Op. cit. (2003) *A desqualificação social: Ensaio sobre a nova pobreza*, São Paulo, Educ.

social em São Paulo⁵³⁹ revelar como construir “igualdades e inclusão social em São Paulo”, New York, Rio de Janeiro, Filadélfia, Nova Inglaterra, etc., pois como atribuído a Antônio Vieira⁵⁴⁰, um padre português do século XV, “sem comparação não há pobreza”⁵⁴¹, ou ainda sem comparação pode não haver dor, sofrimento, injustiças ambientais, racismo de estado, estrutural, sistêmico, por exemplo.

Acreditamos ser possível afirmar que o crescimento vertiginoso de São Paulo, a partir do século XIX, não se deu por planejamento, competência e/ou superioridade étnico-racial, como já proferido por essas terras, mas sim por “...*a consequence of a range of historical factors*...”⁵⁴² pois a própria cultura cafeeira, mãe de tudo mais, só teve êxito internacional após “decisão estratégica” de algumas grandes potências da época, que são impelidas pelas forças da natureza a interromper a produção de café em São Domingo, por volta de 1830, cf.: Luna&Klein.⁵⁴³ A referida obra afirma que de 12% do total das exportações brasileiras, em 1817, chega-se a 50% em apenas 3 anos no tocante a produção de café do Vale Fluminense e Vale do Paraíba. “*By the early 1830s, coffee had passed sugar in the value of total exports from Brazil and had reached half the value of all exports*”⁵⁴⁴

Há consenso suficiente entre os nossos quase 40 entrevistados, cientistas sociais e historiadores brasileiros e estrangeiros, de que da escravidão em São Paulo no século XIX por meio da cultura cafeeira financia a imigração europeia, a urbanização da cidade de São Paulo (entre várias outras como Santos, Campinas, etc.) e a industrialização, ainda

⁵³⁹VÉRAS, Maura Pardini Bicudo.2004) *Hexapolis: desigualdades e rupturas sociais em metrópoles contemporâneas: São Paulo, Paris, Nova Iorque, Varsóvia, Abidjan, Antananarivo*, São Paulo, EDUC

⁵⁴⁰GLOBO EDUCAÇÃO. Disponível em:<<http://educacao.globo.com/literatura/assunto/autores/padre-antonio-vieira.html> <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2201200016.htm>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁵⁴¹YOUTUBE.

Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=zqR6t_EDRMg&t=3315s>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁵⁴² “...uma consequência de uma extensão de fatores históricos...” (WEINSTEIN, (2015, p. 2).

⁵⁴³ LUNA, Francisco Vidal & KLEIN, Herbert S. (2003) *Slavery and the Economy of São Paulo 1750-1850*. Stanford (Califórnia), Stanford University Press., p. 55.

⁵⁴⁴ Tradução livre deste autor/pesquisador: “Por volta de 1830 o café já havia ultrapassado o açúcar no valor total das exportações brasileiras e tinha alcançado 50% do valor de todas as exportações.”# (p.55) #Nota da nota: “*The importance of the product in the mix of Brazilian exports grew rapidly after 1820, from 18 percent of exports in the decade from 1820 to 1830 to greater than 40 percent in the following decades, and reaching 55 to 65 percent of all exports from the 1870s to the end of the century. Until 1860, sugar represented between 20 and 30 percent of exports* (SILVA, ‘Tendências e características gerais do comércio exterior no século XIX’ 8, pp. 231-232). Tradução livre deste autor: “A importância do produto no mix das exportações brasileiras cresceu rapidamente após 1820, de 18 por cento das exportações na década de 1820 para 1830 para mais de 40 por cento nas décadas seguintes, e alcançando de 55 a 65 por cento de todas as exportações dos anos 1870 até o fim do século. Até 1860, o açúcar representava entre 20 e 30 por cento das exportações (SILVA, ‘Tendências e características gerais do comércio exterior no século XIX,’ 8). (Idem, *ibidem.*, pp. 55-232).

que tardia, de todo o estado de São Paulo. Industrialistas como a família Prado, no século XX, ou o banqueiro/industrialista Mário Wallace Cochrane Simonsen⁵⁴⁵ têm na genealogia das suas riquezas o café do século XIX e início do XX. Holloway⁵⁴⁶ afirma que o café produzido no oeste de São Paulo era o centro dinâmico da indústria cafeeira da época. (xv – Prefácio). Esta mesma obra associa a cultura cafeeira diretamente ao processo de imigração europeia para São Paulo e para o sul do Brasil.

Em “*Immigrants on the land: Coffee and Society in São Paulo, 1886 – 1934*” Holloway diz que as pesquisas de Richard Graham, Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso o ajudaram a enxergar a importância do café no nascimento da economia regional de São Paulo.⁵⁴⁷

No nosso entender, a elite política e cafeeira paulista decide financiar com recursos públicos e privado a imigração europeia para São Paulo e o sul do país. Vê-se no mapa 15, abaixo, que o estado ou província de São Paulo englobava os atuais Paraná e Santa Catarina. Inferimos que a riqueza produzida na cultura cafeeira, desde fins do século XVII e por todo o século XIX foi o vetor principal da imigração europeia, urbanização de São Paulo, entre várias outras cidades, e a industrialização do Estado e Cidade de São Paulo, os quais todos juntos, definiriam o destino da nação brasileira.

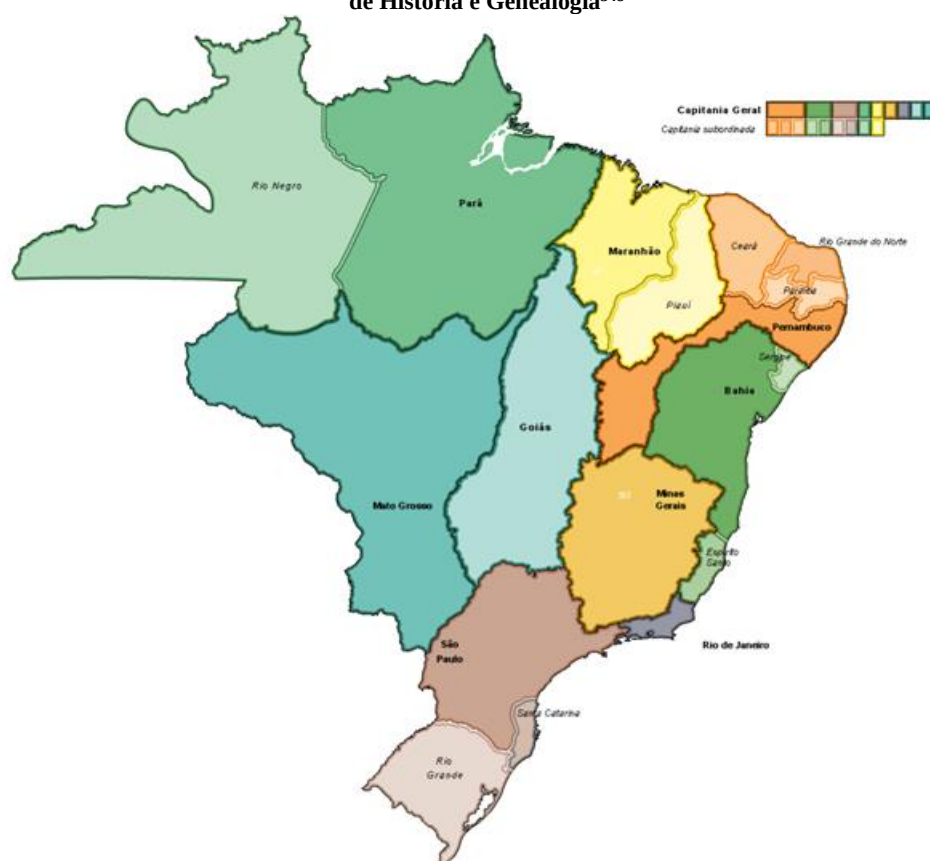
A inferência acima é do autor desta tese, com base nos textos e autores apresentados até o momento.

⁵⁴⁵ GENI. Disponível em: <[https://www.geni.com/people/M%C3%A1rio-Wallace-Cochrane-Simonsen/6000000021040285119#:~:text=M%C3%A1rio%20Wallace%20Simonsen%20\(Santos%2C%2021,do%20Brasil%20em%20sua%20%C3%A9poca>.](https://www.geni.com/people/M%C3%A1rio-Wallace-Cochrane-Simonsen/6000000021040285119#:~:text=M%C3%A1rio%20Wallace%20Simonsen%20(Santos%2C%2021,do%20Brasil%20em%20sua%20%C3%A9poca>.) Acesso em 22 de jul. 2021.

⁵⁴⁶ HOLLOWAY, Thomas H. (1980) “*Immigrants on the land: Coffee and Society in São Paulo, 1886 – 1934*”, [North Carolina], The University of North Carolina Press.

⁵⁴⁷ *Idem.*

Mapa 15 Mapa do Brasil no final do século XVIII - Fonte: Asbrap – Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia⁵⁴⁸



From the abolition of slavery in 1888 to the early 1930s, coffee production in São Paulo grew tremendously, and during that period most coffee workers were first generation immigrants⁵⁴⁹.

Ainda desmistificando êxitos históricos, superioridades étnico-raciais, culturais, Holloway⁵⁵⁰ nos informa que embora Espanha e Portugal⁵⁵¹ ocupassem posições coadjuvantes no cenário internacional, transatlântico, eles tinham algum controle no sistema, criado por eles, para manter a América Latina, eternamente, na condição de

⁵⁴⁸ “Mapa do Brasil no final do século XVIII - Fonte: Asbrap – Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia. Disponível em: <<https://www.facebook.com/252858705095008/posts/1174730682907801/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁵⁴⁹ HOLLOWAY, Thomas H. (1980) “Immigrants on the land: Coffee and Society in São Paulo, 1886 – 1934”, [North Carolina], The University of North Carolina Press.xv – Preface).

⁵⁵⁰ *Idem*.

⁵⁵¹ Do original: “Despite their secondary position, the Iberian nations had a desperate stake in the stability of the system as it evolved. While they were able, then, Spain and Portugal used their political controls of Latin America to perpetuate the region’s peripheral role as supplier of primary products. Over several centuries these political and economic forces forged the social structure Brazil was left with when Portuguese control was finally broken in the early nineteenth century. By that time a local, native born elite had emerged that also owed its existence to the stability of the world economy and Brazil’s peripheral role in it. The Brazilian elite took over direction of the new nation with the same goals as those of the Portuguese before. The increasingly superfluous Iberian middleman was eliminated and ties of dependence between northern Europe and Brazil were made direct and explicit.” (*Idem, ibidem.*, p. 5).

provedora de produtos primários, também conhecidos como *commodities*, até que só no século XIX uma elite brasileira assume a direção da nova nação, e embora tivessem mantido os mesmos objetivos dos portugueses, bastou interromper a sangria da economia local por meio do envio, (gratuito?), dos produtos e/ou divisas brasileiros para que houvesse desenvolvimento local, como por exemplo a industrialização, ainda que tardia, como substituidora de importações.

*The coffee plant was introduced into Brazil early in the eighteenth century. For a century thereafter it was grown principally as a specialty item, destined for local consumption and for the coffee houses of the major European cities. As the progress of the Industrial Revolution brought a general improvement in living standards in Europe and North America the world demand for coffee expanded, and by the fourth decade of the nineteenth century coffee surpassed sugar as Brazil's most important single export crop.*⁵⁵²

Concluimos, por hora, o capítulo café com a máxima “recursos naturais existem apenas em potencial até que pessoas queiram lançar mãos deles.”⁵⁵³

“...Brazil's most important economic activity.” “...A atividade econômica mais importante do Brasil⁵⁵⁴.”

“...the product was sorted, bagged, carted to the docks and loaded aboard steamers bound for Europe and the United States, [...] the livelihood of the population of the state from the greatest landowner to the lowest immigrant worker or ex-slave were linked more or less directly to the coffee industry⁵⁵⁵.”

“...o produto era classificado, ensacado, transportado para as docas e carregado a bordo de navios a vapor com destino à Europa e aos Estados Unidos, [...] a subsistência da população do estado desde o maior proprietário de terras até o menor trabalhador imigrante ou ex-escravizado estavam ligados mais ou menos diretamente à indústria do café”

⁵⁵² Tradução livre deste autor/pesquisador: “O café, enquanto planta, foi introduzido no Brasil no começo do século 18. Desde então e por 1 (um) século ele foi plantado como um item especial/particular, destinado ao consumo local e para as casas de café em cidades europeias. Com o progresso da Revolução Industrial vieram melhorias gerais nos padrões de vida na Europa e América do Norte e a demanda mundial por café se expandiu, e até a quarta década do século 19, o café ultrapassou o açúcar como o produto de exportação mais importante do Brasil.” (HOLLOWAY, Thomas H. (1975) *The Brazilian coffee valorization of 1906: Regional politics and economic dependence*. Madison, Wisconsin, The Department of History, University of Wisconsin., p. 5.

⁵⁵³ Do original: “Natural resources exist only as potential until people want to use them.” (*Idem, ibidem.*, p. 4).

⁵⁵⁴ *Idem, ibidem.*, p. 2.

⁵⁵⁵ *Idem, ibidem.*, pp. 1-4

Holloway⁵⁵⁶ fala ainda dos aliados financeiros estrangeiros dos barões do café paulistas os quais juntos a políticos, burocratas, mercadores/negociantes e banqueiros nacionais, europeus e norte-americanos teriam estabelecido uma série de negociações, acordos, empréstimos e transações comerciais interrelacionadas e complexas já na segunda metade do século XIX.⁵⁵⁷

O café, no caso paulista/brasileiro, e o algodão, no caso Norte-americano (Sul rumo ao Norte, Nordeste, Nova Inglaterra e Europa via indústria têxtil), se os olharmos como “recursos naturais”, podemos inferir que só houve transformação, de potência para riqueza, com as terras indígenas mais o suor, sangue e trabalho dos africanos na condição de escravizados.

Enquanto grupos de portugueses e seus descendentes, no caso brasileiro, e ingleses e seus descendentes, no caso Norte-americano, faturavam alto com café e algodão, respectivamente, outros grupos, com as mesmas nacionalidades/identidades, faturavam alto com o tráfico transatlântico de seres humanos sequestrados em terras africanas, com ou sem assistência de nativos, pois os planos de capturar e levar para as Américas e usá-los para transformar recursos naturais em riqueza já estavam desenhados, as decisões já haviam sido tomadas, os cálculos já haviam sido feitos.

O jornalista, pesquisador e escritor em História Social Eduardo Bueno, autor de vários livros sobre escravidão, afirma que banqueiros genoveses, ainda no final do século XV, aceitam financiar a construção de naus, para grupos portugueses e espanhóis, destinadas a transportar africanos capturados na África para a Europa e depois para as Américas. Na referida época, já se tinha conhecimento das estimativas, expectativas de lucro com o referido “comércio”.

Dubois,⁵⁵⁸ na brilhante obra “*The World and Africa: Color and Democracy*”, exatamente no capítulo 3, “*The Rape of Africa*”⁵⁵⁹ conecta a indústria escravista

⁵⁵⁶HOLLOWAY, Thomas H. (1975) *The Brazilian coffee valorization of 1906: Regional politics and economic dependence*. Madison, Wisconsin, The Department of History, University of Wisconsin., pp. 1-2.

⁵⁵⁷ Do original: “...its foreign financial allies directly intervened [...] set in motion a complex and interrelated series of negotiations, agreements, loans, and commercial transactions involving politicians, bureaucrats, merchants, and bankers on three continents.” (Idem.)

⁵⁵⁸ DUBOIS, W.E.B. (2007), “The Rape of Africa” (pp.28-50), In “*The World and Africa: Color and Democracy*”, Cambridge, Oxford University Press.

⁵⁵⁹ Idem, *ibidem.*, pp. 28-50.

promovida por Portugal (Brasil) com a indústria escravista inglesa (EUA), usando citações de Karl Marx (O Capital), entre outros autores.

*Nothing which has happened to man in modern times has been more significant than the buying and selling of human beings out of Africa into America from 1441 to 1870 [...] In 1441 Gonçalves brought to Lisbon the first cargo of slaves and gold. Very shortly a flourishing trade in gold, slaves, ostrich feathers, amber, and gum opened up between Portugal and black Africa (...)*⁵⁶⁰

Dubois⁵⁶¹ afirma que tanto o tráfico transatlântico de africanos quanto o trabalho compulsório destes podem ser enxergados como “a era da produção capitalista [...] o momento principal da acumulação primitiva” e quando o faz, usa Karl Marx por meio do texto “*The genesis of the capitalist industry*” e “*Historical tendency of capitalist accumulation*”.⁵⁶²

*It was Karl Marx who made the great unanswerable charge of the sources of capitalism in African slavery: ‘The discovery of gold and silver in America, the extirpation, enslavement, and entombment in mines of the aboriginal population, the beginning of the conquest and looting of the East Indies, the turning of Africa into a warren for the commercial hunting of black-skins, signalized the rosy dawn of the era of capitalist production. These idyllic proceedings tread the chief momenta of primitive accumulation. On their heels tread the commercial war of the European nations, with the globe for a theatre. [...] With the development of capitalist production during the manufacturing period, the public opinion of Europe had lost the last remnant of shame and conscience. The nations bragged cynically of every infamy that served them as a means of capitalistic accumulation [...] England thereby acquired the right of supplying Spanish America until 1743 with four thousand eight hundred Negroes yearly. This threw, at the same time, an official cloak over British smuggling. Liverpool waxed fat on the slave trade. This was its method of primitive accumulation. And, even to the present day, Liverpool ‘respectability’ is the Pindar of the slave trade which... ‘has coincided with that spirit of bold adventure which has characterizes the trade of Liverpool and rapidly carried it to its present state of prosperity; has occasioned vast employment for shipping and sailors, and greatly augmented the demand for the manufacturers of the country.’ Liverpool employed in the slave trade, in 1730, 15 ships; in 1751, 53; in 1760, 96; and in 1792, 132.*⁵⁶³

O referido autor diz que os séculos 17 e 18 foram os séculos do comércio e talvez até da ascensão do capitalismo, porém o século 19 se tornou o século da produção⁵⁶⁴. Este

⁵⁶⁰ Tradução livre do autor desta tese: “Nada que tenha acontecido ao homem nos tempos modernos teve mais significado do que a compra e a venda de seres humanos da África para a América entre 1441 até 1870... Em 1441 Gonçalves trouxe de Lisboa a primeira carga de pessoas escravizadas e ouro. Muito rapidamente floresceu o comércio de ouro, pessoas escravizadas, penas de avestruz, âmbar¹ e goma que se abriu entre Portugal e a África negra ...” (DUBOIS, W.E.B. (2007) “*The Rape of Africa*” (pp.28-50), In “The World and Africa: Color and Democracy”, Cambridge, Oxford University Press., pp. 28-29.

⁵⁶¹ *Idem*.

⁵⁶² Karl Marx: “A gênese da indústria capitalista” e “Tendência histórica da acumulação capitalista”.

⁵⁶³ Nota de rodapé #7 (Karl Marx, Capital, tr. By Samuel Moore and Edward Aveling (Chicago: C.H. Kerr & Co., 1909), Vol.I, pp. 832-33. Marx quotes the work of Aiken (1795), p.339. OBSERVAÇÃO DESTES PESQUISADOR: Eu localizei no meu exemplar, em português, que a referida passagem está na página 291, no item 6: Gênese do capitalista industrial (pp.284-292), tomo 2. (Op. cit., p. 36.

⁵⁶⁴ Do original: “*The seventeenth and eighteenth centuries were the centuries of trade, and eventually, by the rise of capitalism, the nineteenth century became the century of production.*” (*Idem, ibidem.*, p. 29).

pesquisador toma a liberdade de afirmar que os Estados Unidos se formam, fortalecem com a produção e comércio de algodão entre o Sul e o Norte/Nordeste daquele país mais Europa/Inglaterra, nos séculos 17 e 18, e que o Brasil por meio de São Paulo, se forma, fortalece a partir do século 19, chamado de O Século da Produção. É imperativo lembrar que nos dois casos aqui tratados, vários foram os produtos, subprodutos e serviços bancários, financeiros, contábeis criados para fazer a gestão local, regional e até global de toda a maléfica e diabólica indústria escravagista, cf.: veremos em Rockman & Beckert mais adiante.

A genialidade inglesa, holandesa, francesa foi tão grande que mesmo os portugueses tendo tentado esconder⁵⁶⁵ o então recém-descoberto riquíssimo caminho do comércio de seres humanos e alguns commodities, em pouco tempos os Ibéricos foram ultrapassados e a partir daí já se conhece a história e seus desdobramentos até os dias atuais.

Em momento anterior foi mencionado uma situação ocorrida em março de 2020 nas dependências da Harvard University quando este pesquisador participa de riquíssima discussão acadêmica com Beckert, Parron, Martine, Boaz et al sobre entendimentos e/ou explicações acerca do grande êxito inglês e norte americano vis-à-vis o português (brasileiro) e espanhol, mesmo no 1º caso tendo havido um menor intervalo de tempo na exploração de mão-de-obra africana escravizada. Foi uníssono o silêncio, seguido de múltiplas risadas após a afirmação de Parron de que se estava de frente da “pergunta do milhão de dólares”, tendo ficado a resposta como lição de casa dada pelo brilhante professor e pesquisador alemão Sven Beckert.

Para colocar ainda mais lenha nesta “fogueira do milhão de dólares” citamos Anjos⁵⁶⁶ que afirma que os elementos formadores da configuração do mundo contemporâneo estão no estabelecimento e reconhecimento de perspectivas educacionais que compreendam o tráfico e escravidão e a diáspora africana, cf.: Rafael Sanzio Araújo dos Anjos.⁵⁶⁷

O tráfico transatlântico de seres humanos formaria um delta, um triângulo produzindo “riqueza, inclusão, qualificação, ‘revitalização’, e cidades/vizinhanças

⁵⁶⁵ Do original: “*The Portuguese tried to conceal this trade from the rest of Europe.*” (p.29).

⁵⁶⁶ ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. (2012) “*Geopolítica da Diáspora África-América-Brasil. Séculos XV-XVI-XVII-XVIII-XIX*”, Brasília, Mapas Editora & Consultoria Ltda., p. 3.

⁵⁶⁷ “*Geopolítica da Diáspora África-América-Brasil. Séculos XV-XVI-XVII-XVIII-XIX*”.

equipadas” vis-à-vis “pobreza, exclusão, desqualificação, degradação, e cidades/vizinhanças desequipadas”.

Entre os anos de 2018 e 2020 nós tivemos oportunidades de visitar (1) *African Burial Ground National Monument*⁵⁶⁸, em Manhattan, na cidade de Nova York; (2) *Ellis Island National Museum of Immigration*⁵⁶⁹, Manhattan, NYC; (3) *The John Brown House*⁵⁷⁰, na cidade de Providence, Rhode Island; e (4) *National Museum of African American History & Culture*⁵⁷¹, onde além de fotografar excelentes exposições, conseguimos informações mais que relevantes sobre a indústria escravagista em todas as 3 Américas.

2.5 Brasil & EUA: Dois “cases” de transformação de “recursos naturais” em riquezas!!!

Imagem 25



⁵⁶⁸ NPS. Disponível em: <<https://www.nps.gov/afbg/index.htm>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁵⁶⁹ STATUEOFLIBERTY. Disponível em: <<https://www.statueofliberty.org/ellis-island/overview-history/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁵⁷⁰ RIHS. Disponível em: <<https://www.rihs.org/locations/the-john-brown-house-museum/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

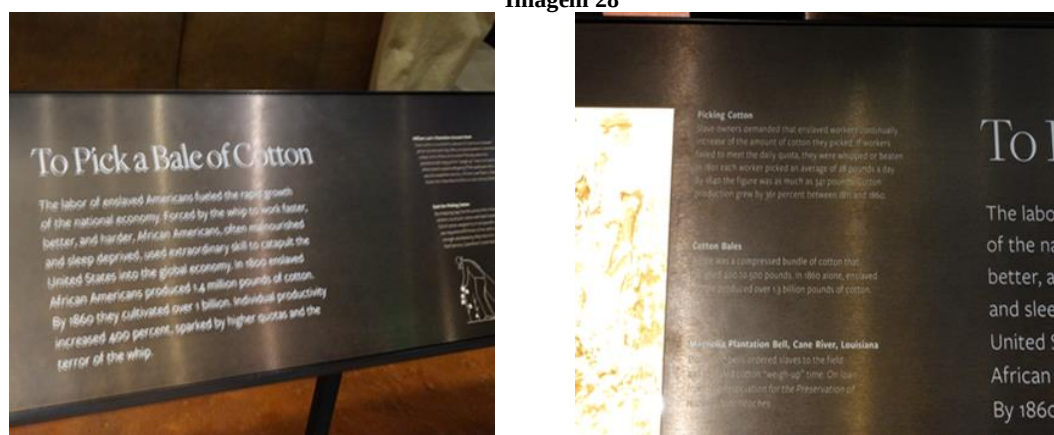
⁵⁷¹ NMAAHC. Disponível em: <<https://nmaahc.si.edu/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Imagem 26



Imagem 27⁵⁷²

Imagem 28



⁵⁷² Da esquerda para a direita e de cima para baixo, do acervo pessoal do autor desta tese tiradas no National Museum of African American History & Culture, em Washington-DC, entre os meses de jan. e fev. de 2020.

Imagem 29⁵⁷³

2.6 Comparativo preliminar: Genealogia da riqueza norte-americana (Nova York e Nova Inglaterra)

*A South Carolina industrialist such as William Gregg might rightfully lament that such thriving northern cities as Bridgeport, Connecticut, had 'been built by the capital of Charleston,' while a compatriot writing in De Bow's Review could declare slavery the 'nursing mother of the prosperity of the North.'*⁵⁷⁴

De forma preliminar e a partir do texto *The Rape of Africa*⁵⁷⁵ inferimos que tanto ibéricos (católicos) quanto saxões (protestantes) buscaram transformar “recursos naturais” (seres humanos + terras) em riqueza a seu próprio modo e seja em função de

⁵⁷³Da esquerda para a direita e de cima para baixo, do acervo pessoal do autor desta tese tiradas no National Museum of African American History & Culture, em Washington-DC, entre os meses de jan. e fev. de 2020.

⁵⁷⁴ Tradução livre do autor desta tese: “Um industrial da Carolina do Sul tal qual William Gregg deve ter lamentado e com toda razão que cidades prósperas ao norte como Bridgeport, Connecticut, ‘tivessem sido construídas com capital de Charleston,’ enquanto um compatriota escrevendo na revista *De Bow's Review* pudesse declarar a escravidão como a ‘cuidadosa mãe da prosperidade do Norte.’” (BECKERT, Sven & ROCKMAN, Seth. (2016) (Editores), *“Slavery's Capitalism: A New History of American Economic Development”*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press., p. 2)

⁵⁷⁵DUBOIS, W.E.B. (2007), “The Rape of Africa”, In *“The World and Africa: Color and Democracy”*, Cambridge, Oxford University Press., pp.28-50 do capítulo 3 do livro *“The World and Africa: Color and Democracy”*.

“...uma consequência de uma extensão de fatores históricos...”⁵⁷⁶ seja por “competência” em planejamento, ambos tiveram êxito em transformar suor, dor, sangue e morte em riquezas nunca antes vistas no planeta terra. Tudo que teria sido feito até o final do século XIX definiria tudo o que assistimos até o momento. Quem mais riqueza produziu, mais poder detém até os dias atuais.

Tanto Brasil quanto Estados Unidos, 2 nações industrializadas, se desenvolveram a partir da escravidão moderna.

*(...) Modern slavery was created by Christians, it was continued by Christians, it was in some respects more barbarous than anything the world had yet seen, and its worst features were to be witnessed in countries that most ostentations in their parade of Christianity(...)*⁵⁷⁷

Afirmções do tipo “o algodão produzido pelos escravizados foi os produtos de mais valor de exportação feito nos EUA”, ou ainda que “o capital imobilizado nos escravizados era maior do que o valor de todas as redes ferroviárias e fábricas”⁵⁷⁸ nos EUA.⁵⁷⁹ Na nossa visão, tais afirmações são o suficiente para sustentar nossa hipótese de que nos EUA, também, a instituição escravização financiou a imigração europeia (devemos lembrar o fato de que grupos verdadeiramente brancos, protestantes receberam terras gratuitas), urbanização de várias cidades, do Sul ao Norte/Nordeste, e a industrialização dessas áreas. A partir da Filadélfia, nascem siderúrgicas que transformação aço em mais ferrovias, que transportam escravizados e as produções dos commodities para o Norte/Nordeste, exatamente para as tecelagens dos referidos lugares.

À medida que o capitalismo se expandia mundo afora, a escravidão passa a ter papel central e até decisivo, primeiramente no Caribe e América Latina, e só então tal processo chega nos EUA, e quando isso acontece, a Revolução Industrial, que ainda iria

⁵⁷⁶ Do original: “...a consequence of a range of historical factors...”. (WEINSTEIN, 2015, p. 2).

⁵⁷⁷ Tradução livre deste autor: “A escravidão moderna foi criada pelos cristãos, foi mantida por cristãos, e guardadas as devidas proporções, foi mais bárbara do que qualquer outra coisa que o Mundo já tenha visto, e suas piores características foram testemunhadas em países que mais ostentavam sua cristandade em desfiles...” DUBOIS, W.E.B. (2007), “The Rape of Africa”, In “The World and Africa: Color and Democracy”, Cambridge, Oxford University Press.

⁵⁷⁸ Do original: “And only now is there enough momentum to leverage some basic facts – that slave-grown cotton was the most valuable export made in America, that the capital stored in slaves exceeded the combined value of all the nation’s railroads and factories, that foreign investment underwrote the expansion of plantation lands in Louisiana and Mississippi, that the highest concentration of steam power in the United States was to be found along the Mississippi rather than on the Merrimack – into a fundamental rethinking of American history itself.” BECKERT, Sven. (2001), “The Monied Metropolis: & ROCKMAN, Seth. (2016) (Editores), “Slavery’s Capitalism: A New History of American Economic Development”, Philadelphia, University of Pennsylvania Press., p.3.

⁵⁷⁹ *Idem, ibidem.*, p.3.

acontecer, altera o mundo inteiro. Essa fala é de Rockman & Beckert⁵⁸⁰ que associa o referido evento a algo chamado *a Grande Divergência*.⁵⁸¹

A obra “*The Monied Metropolis: New York and the Consolidation of the American Bourgeoise, 1850 – 1896*” Sven Beckert, revela ainda a direta ligação do nascimento de Nova York, enquanto uma cidade global *de factos*, com a escravidão no Sul daquela país, conforme mencionado por nós em outro capítulo/item.

⁵⁸⁰ *Idem.*

⁵⁸¹ Do original: “...As capitalism expanded from within the world market it had created, slavery came to play a central, even decisive, role – first in the Caribbean and Latin America, and then in North America – tightly connected to the world-altering Industrial Revolution and the so-called Great Divergence. By virtue of our nation’s history, American slavery is necessarily imprinted on the DNA of American capitalism...” (Idem.)

2.7 Brasil & EUA: Dois “cases” de criação de maquinário, indústrias!!!

Imagem 30

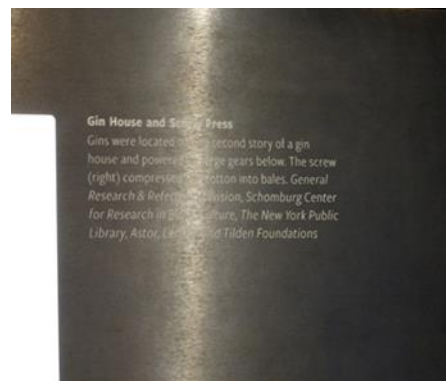
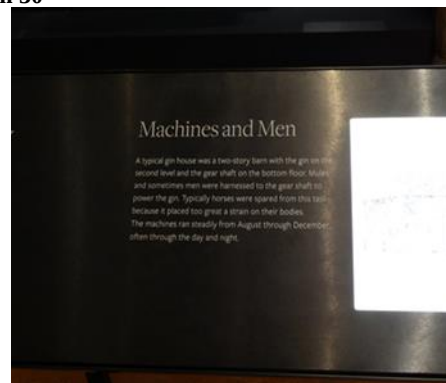
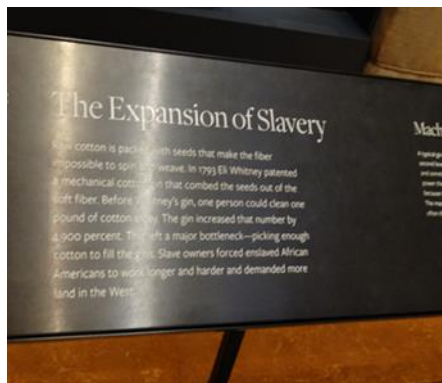
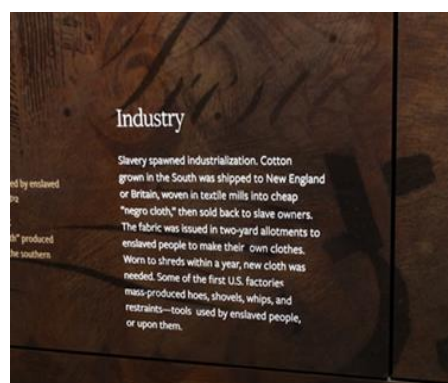
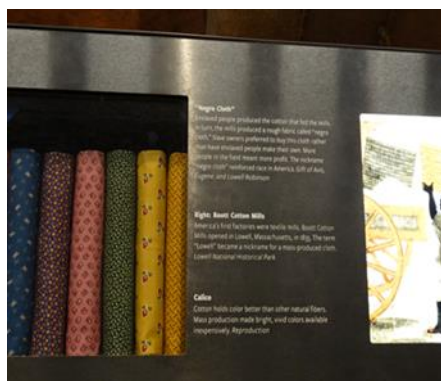


Imagem 31



2.8 Brasil & EUA: Dois “cases” de criação de manufaturados!!!

Imagem 32⁵⁸²



⁵⁸² Da esquerda para a direita e de cima para baixo, do acervo pessoal do autor desta tese tiradas no National Museum of African American History & Culture, em Washington-DC, entre os meses de jan. e fev. de 2020.

2.9 Métricas/mensuração dos métodos escravistas em São Paulo (Brasil) vis-à-vis New York/New England (EUA):

Entendemos a partir da leitura de Caldeira⁵⁸³ que a junção em um todo que dê significado a “uma série de novos conhecimentos sobre os números da riqueza” permitindo assim a compreensão do papel de instituições públicas e/ou privadas na produção e/ou acumulação de bens/riquezas é o caminho, no nosso entendimento, para medir o quanto das riquezas atuais nas nossas cidades modernas têm em sua gênese as violências da colonização e/ou escravização.⁵⁸⁴

*(...) acumulação de bens; medidas dessa acumulação; relações entre a riqueza da colônia e a da metrópole; pobreza na colônia e transferência de riqueza para o Reino; Atualmente é consenso que a economia colonial era, no final do século XVIII, muito maior que aquela da metrópole; As implicações são tremendas; Este tipo de noção perde totalmente a razão de ser quando se trata de explicar uma economia colonial que cresce mais que a metropolitana; A primeira consequência de se entender os números descobertos estabelecidos é a de abandonar por completo as interpretações baseadas no conhecimento clássico; Novos instrumentos, novas descobertas, novos problemas – novas possibilidades a serem exploradas, e também novas divergências futuras; A necessidade de se adotar outro modo de análise quando se trata de explicar um novo problema não se limita à economia; Produção da riqueza evidenciados nos novos cenários; Processos sociais da formação dessa riqueza; O foco principal da ação destinada a organizar a sociedade para produzir riqueza estava no centro; O trabalho realizado e a riqueza econômica acumulada; O principal objetivo aqui é o de juntar num todo que faça sentido uma série de novos conhecimentos sobre os números da riqueza, de tal forma que se possa entender também o papel das instituições de governo.*⁵⁸⁵

Pessoa⁵⁸⁶ cita o que chamamos de “vetores de riqueza” nos seguintes termos: (1) produção e exportação de café; (2) capital usurário (Fragoso e Rios)*; (3) Escravos**;

(4) Terras**, sendo que (*) “mola mestra na construção das grandes fortunas imperiais”, e (**) “adquiridos majoritariamente por meio de capital usurário”.

2.9.1 Tráfico transatlântico – o delta entre Europa, África e Américas:

*Estabelecer e reconhecer outras perspectivas educacionais para uma compreensão do tráfico, da escravidão e da diáspora africana como elementos formadores da configuração do mundo contemporâneo (...)*⁵⁸⁷

⁵⁸³ CALDEIRA, Jorge. (2017) *História da riqueza no Brasil: Cinco séculos de pessoas, costumes e governos*, Rio de Janeiro, Editora Estação Brasil.

⁵⁸⁴ cf.: *Idem, ibidem.*, pp.: 11-19

⁵⁸⁵ *Idem.*

⁵⁸⁶ Pessoa (2009; 2013 ; 2015; 2018) - (p.2; p.44, 2013) Artigo “o comércio negreiro na clandestinidade: as fazendas de recepção de africanos da família Souza Breves e seus cativos. *Afro-Ásia*, 47 (2013), 43-78.

⁵⁸⁷ ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. (2012) “*Geopolítica da Diáspora África-América-Brasil. Séculos XV-XVI-XVII-XVIII-XIX*”, Brasília, Mapas Editora & Consultoria Ltda., p. 3.

O referido delta⁵⁸⁸, como apresentado por Rafael dos Anjos⁵⁸⁹, é a materialização do maior plano planejamento de comércio exterior, cabendo aqui enorme teor de sarcasmo. A geopolítica imposta nas rotas marítimas que ligam os três referidos continentes permite a produção de riqueza por meio da transformação de “recursos naturais”, conforme termos de Holloway.⁵⁹⁰ Nunca antes no planeta Terra teria sido conhecido tamanha produção e acúmulo de riqueza que vários séculos depois permitiriam que as nações mais exitosas no referido empreendimento fossem as líderes em pesquisas espaciais, por exemplo.

Como mencionado em item anterior, os ibéricos, com aporte financeiro de banqueiros genoveses, foram precursores nesta empreitada e ainda teriam tentado esconder suas recém descobertas, nos termos de Dubois,⁵⁹¹ porém o segredo não ficaria escondido pra sempre e logo grupos ingleses, holandeses, franceses estariam na disputa por cabeças e braços na África e terras dos indígenas nas Américas, e o mundo jamais seria o mesmo, tendo criado/produzido terras/áreas equipadas vis-à-vis terras/áreas desequipadas, fazendo alusão a Rolnik,⁵⁹² Maricato⁵⁹³ e Santos.⁵⁹⁴

Abaixo temos algumas fotos do planejamento e processos envolvidos no tráfico transatlântico de seres humanos. A primeira foto nós tiramos em exposição no Museu da Imigração Ellis, em Nova York, entre junho e julho de 2018, e as seguintes fotos foram tiradas de exposição na *The John Brown House*⁵⁹⁵, museu criado para descrever como a cidade de Providence e a Universidade de Brown nasceram. Grosso modo, os fundadores da cidade e estado (*Rhode Island*) estiveram diretamente envolvidos no famigerado tráfico negreiro e a partir das costas marítimas da Nova Inglaterra montavam suas

⁵⁸⁸ “Chapters 25 - Africa and the Atlantic Slave Trade”: Disponível em: <<https://sites.google.com/a/north-reading.k12.ma.us/mr-pintzopoulos-website-nrhs/ap-world-history/chapters-25---africa-and-the-atlantic-slave-trade>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁵⁸⁹ UNBCIENCIA. Disponível em: <<https://www.unbciencia.unb.br/humanidades/93-geografia/168-pesquisador-da-unb-produz-mapeamento-inedito-da-diaspora-africana>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁵⁹⁰ HOLLOWAY, Thomas H. (1975) *The Brazilian coffee valorization of 1906: Regional politics and economic dependence*. Madison, Wisconsin, The Department of History, University of Wisconsin. _____. (1980) “*Immigrants on the land: Coffee and Society in São Paulo, 1886 – 1934*”, [North Carolina], The University of North Carolina Press.

⁵⁹¹ DUBOIS, W.E.B. (2007) “*The Rape of Africa*” (pp.28-50), In “*The World and Africa: Color and Democracy*”, Cambridge, Oxford University Press.

⁵⁹² ROLNIK, Raquel. (1981) *Cada um no seu lugar!* (São Paulo, início da industrialização: Geografia do poder). Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

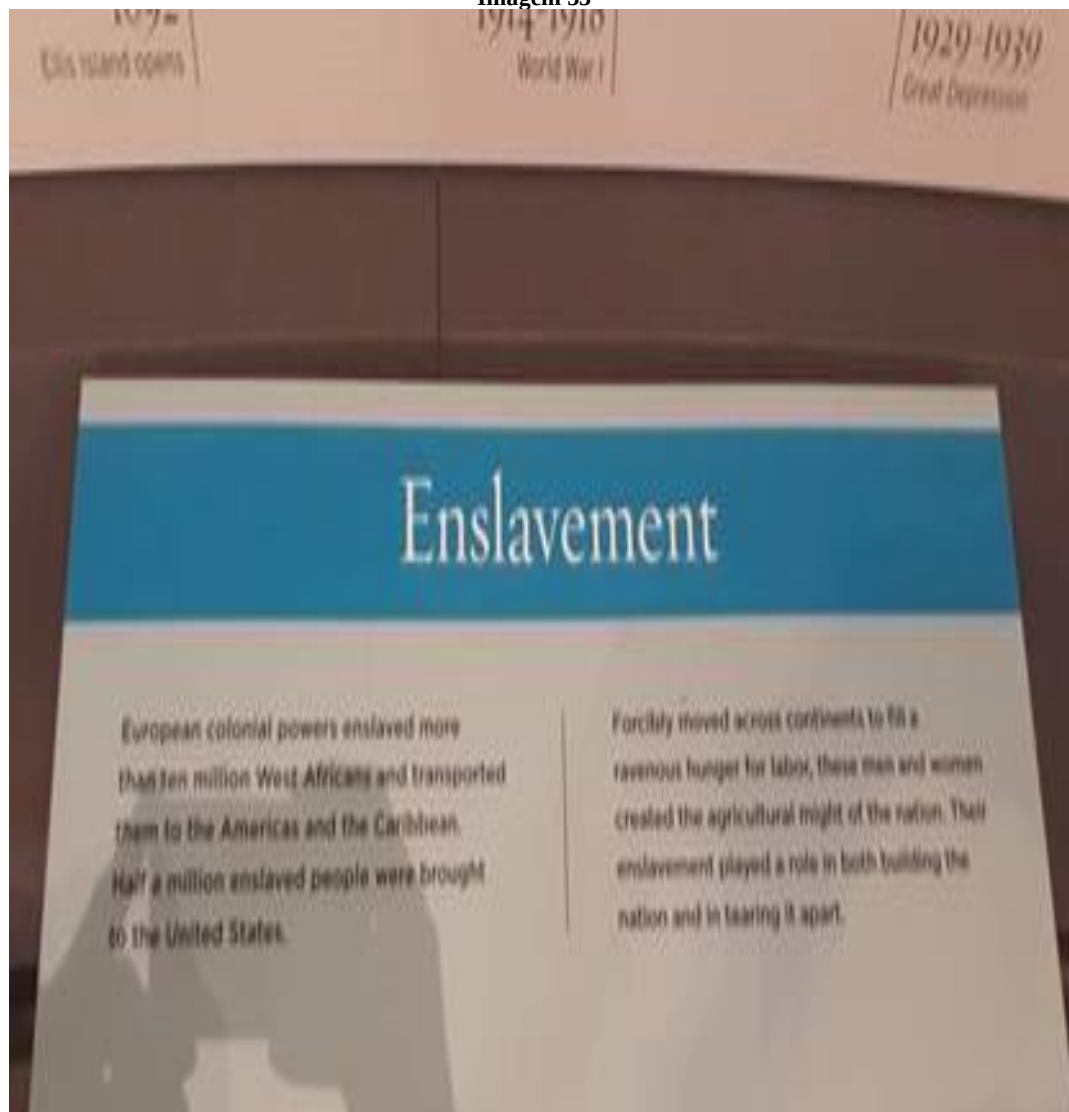
⁵⁹³ Maricato (2011)

⁵⁹⁴ Santos (1998).

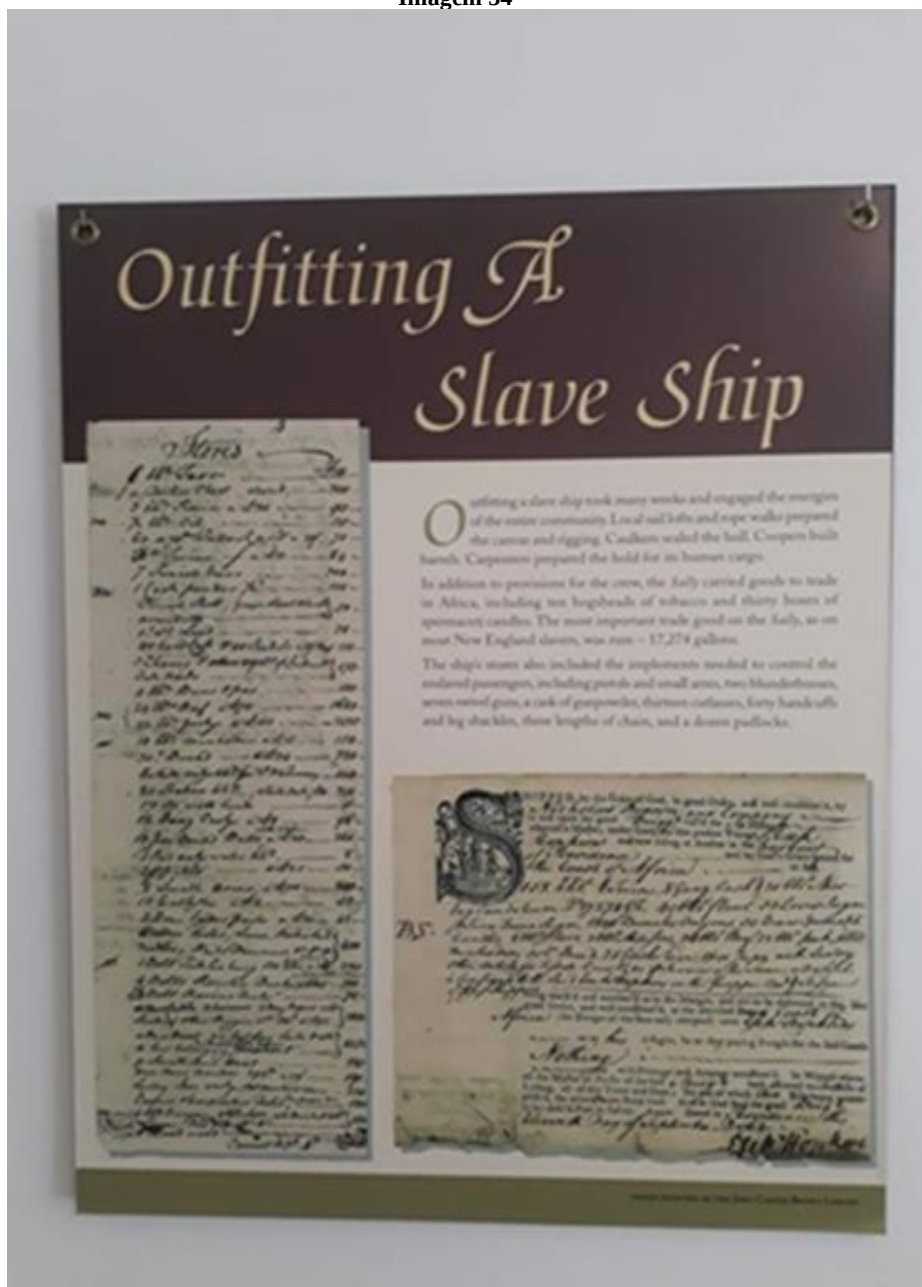
⁵⁹⁵ RIHS. Disponível em: <<https://www.rihs.org/locations/the-john-brown-house-museum/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

expedições que, após abastecerem suas embarcações com armamento pesado mais barris de rum (produzidos localmente ou no Caribe, por mãos escravizadas), rumavam em direção ao Caribe ou direto para as costas africanas. No caminho de volta, algumas dessas embarcações se dirigiam para Liverpool, Inglaterra, ou até mesmo para a Escócia, que também se envolveu com a escravização de africanos, onde eram desembarcados algumas peças de seres humanos, e a partir dali rumavam de volta para a Nova Inglaterra. O nome original completo do estado de *Rhode Island* era *Colony of Rhode Island and Providence Plantations*, e só em 2020, com esforços da então Governadora Gina Raimondo, o legislativo vota pela remoção do termo *plantations*⁵⁹⁶ de documentos oficiais daquele estado.

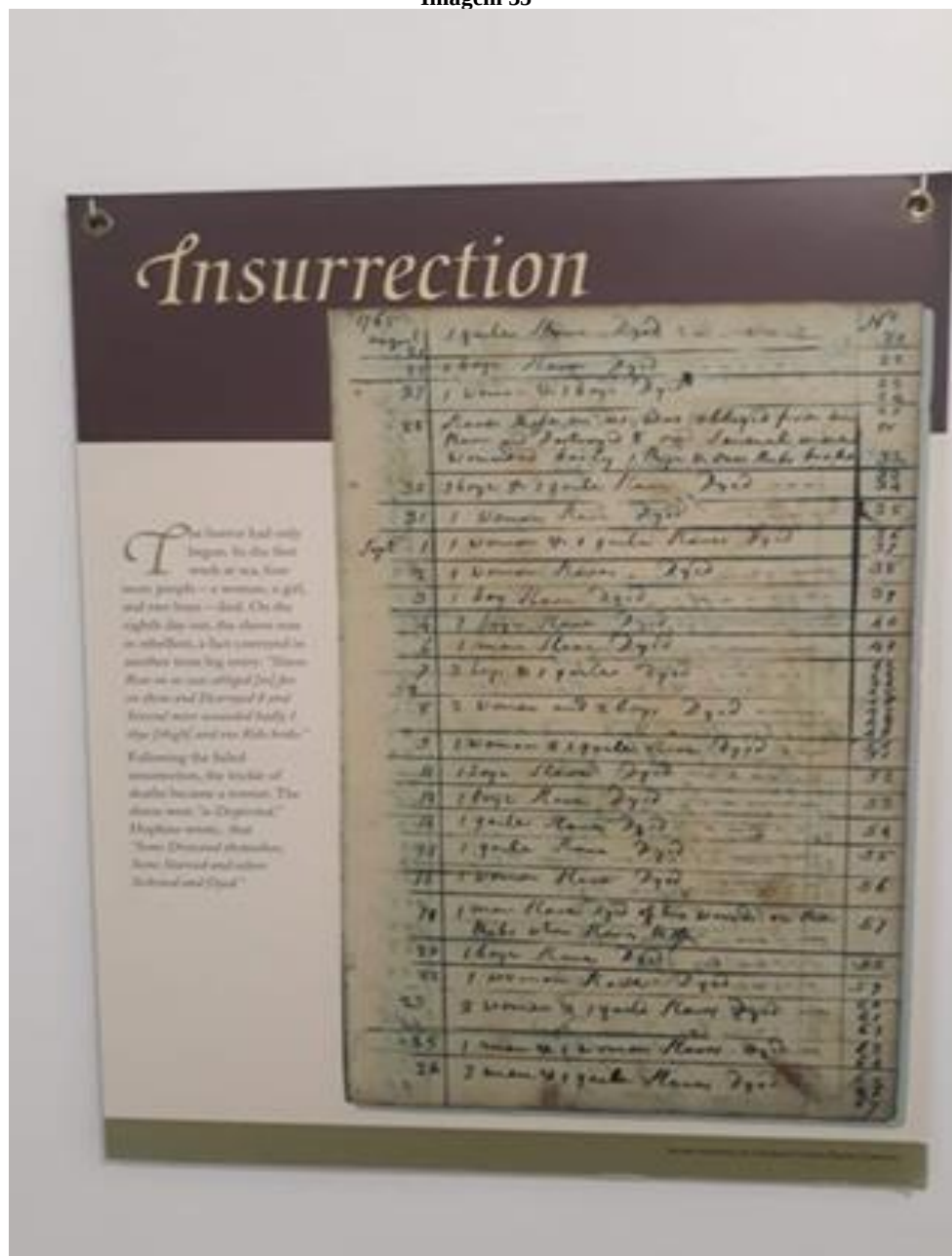
⁵⁹⁶ “*Rhode Island to Remove ‘Plantations’ Reference From Documents: Gov. Gina Raimondo issued an executive order that will remove “Providence Plantations” from state documents and websites. Lawmakers want voters to decide whether to change the state’s official name in November.*” Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/06/23/us/politics/rhode-island-plantation.html>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Imagem 33⁵⁹⁷

⁵⁹⁷ Escravidão - O poder colonial europeu escravizou mais de dez milhões de pessoas no oeste africano e transportou-os às Américas e Caribe. Meio milhão de pessoas escravizadas foram levadas para os Estados Unidos. Movidos à força através dos continentes para preencher uma necessidade voraz de trabalho, esses homens e mulheres criaram o poder de agricultura da nação. A escravidão deles tiveram tanto o papel de construir a nação e também de despedaçá-la. Fonte: Ellis Museum, NYC.

Imagem 34 ⁵⁹⁸

⁵⁹⁸ Legenda: Preparação de “expedições” para capturar seres humanos no continente africano. PS: com algum esforço é possível ler o seguinte sobre a bebida rum: “...The most important trade good on the Sally, as on most New England slavers, was rum = 17,274 gallons...”. Tradução livre deste autor: “...O bem de troca mais importante no navio Sally, como na maioria da Nova Inglaterra escravocrata, era o rum = 17.274 galões...”. (uma medida usada pelos Ingleses e Norte Americanos). Fonte: The John Brown House Museum. Disponível em: <<https://www.rihs.org/locations/the-john-brown-house-museum/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Imagem 35⁵⁹⁹

2.9.2 Plantações de café vis-à-vis plantações de algodão (comodities globais):

Café no Brasil e algodão nos EUA são fortes exemplos de acumulação de riqueza⁶⁰⁰. As referidas commodities são responsáveis por todas as demais etapas de desenvolvimento capitalista na era moderna, influenciando quase todos os demais países

⁵⁹⁹ Diário de bordo relatando rebeliões, mortes e afins. Fonte: The John Brown House Museum. Disponível em: <<https://www.rihs.org/locations/the-john-brown-house-museum/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁶⁰⁰ Do original: "Examples of Wealth Accumulation".

ocidentais, conforme termos de Sven Beckert.⁶⁰¹ Enquanto “... a atividade econômica mais importante do Brasil”⁶⁰², nos termos de Holloway.⁶⁰³

*(...) o produto era classificado, ensacado, transportado para as docas e carregado a bordo de navios a vapor com destino à Europa e aos Estados Unidos, [...] a subsistência da população do estado desde o maior proprietário de terras até o menor trabalhador imigrante ou ex-escravizado estavam ligados mais ou menos diretamente à indústria do café.*⁶⁰⁴

E do outro lado da equação estava o *king-cotton*, pai do capitalismo norte-americano, cultivado por mãos de africanos e seus descendentes escravizados.

*(...) that slave-grown cotton was the most valuable export made in America, that the capital stored in slaves exceeded the combined value of all the nation's railroads and factories, that foreign investment underwrote the expansion of plantation land in Louisiana and Mississippi, that the highest concentration of steam power in the United States was to be found along the Mississippi rather than on the Merrimack – into a fundamental rethinking of American history itself.*⁶⁰⁵

Portanto, São Paulo e Nova York com os respectivos commodities dão forma a todo um país, no caso brasileiro, enquanto no caso norte-americano, a formatação se estende para todo o mundo ocidental, o que nos permite inferir ou explicar o porquê EUA ficou tão mais rico que o Brasil, mesmo tendo usado mão-de-obra escravizada por período não tão grande como nos casos Cubano e Brasileiro.

Embora cientes de que a inferência acima ainda está frágil, como demonstrado em breve narrativa nas páginas 52-54, acreditamos que de um lado a “aversão às virtudes econômicas” e a “repulsa firma a todas as modalidades de racionalização”, conforme termos de Holanda⁶⁰⁶ e do outro lado o “espírito do capitalismo dentro da ética

⁶⁰¹BECKERT, Sven. (2001) “*The Monied Metropolis: New York and the Consolidation of the American Bourgeoisie, 1850 – 1896*”, Cambridge, Cambridge University Press.

⁶⁰² Do original: “... *Brazil's most important economic activity.*”

⁶⁰³HOLLOWAY, Thomas H. (1975) *The Brazilian coffee valorization of 1906: Regional politics and economic dependence*. Madison, Wisconsin, The Department of History, University of Wisconsin.

⁶⁰⁴ Do original: “...*the product was sorted, bagged, carted to the docks and loaded aboard steamers bound for Europe and the United States, [...] the livelihood of the population of the state from the greatest landowner to the lowest immigrant worker or ex-slave were linked more or less directly to the coffee industry.*” Op. cit., pp. 1-4.

⁶⁰⁵ Tradução livre do autor desta tese: “...que o algodão colhido por escravizados era o produto de exportação mais valioso dos Estados Unidos, que o capital estocado no escravizados excedia o valor combinado de todas as ferrovias e fábricas da nação, que o investimento estrangeiro subscreveu/garantiu/segurou a expansão de terras cultiváveis na Luisiana e no Mississippi, que a mais alta concentração de embarcações movidas a vapor se encontrava ao longo do Mississippi do que na cidade de Merrimack (**no estado de New Hampshire, grifo nosso**) – num verdadeiro repensamento da história norte americana por si.” (BECKERT, Sven & ROCKMAN, Seth. (2016) (Editores), “*Slavery's Capitalism: A New History of American Economic Development*”, Philadelphia, University of Pennsylvania Press., p. 2).

⁶⁰⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1963) *Raízes do Brasil*. Brasília, Editora Universidade de Brasília., p. 122.

protestante”, conforme termos de Max Weber,⁶⁰⁷ tiveram papel fundamental nos processos de resultados dos sistemas capitalistas das duas nações aqui comparadas, uma vez que suor, dor, sangue, vida morte existiram dos dois lados, e é provável que no lado português e brasileiro o grau de violência tenha sido muito maior.

2.9.3 Sistema financeiro e seus produtos Brasil vis-à-vis EUA:

2.9.3.1 Comparativo preliminar: 1500 a 1888 vis-à-vis 1619 a 1865

❖ Caso Brasileiro (Paulista)

Pessoa⁶⁰⁸ ao apontar potenciais “vetores de riqueza”, conforme nosso entendimento, cita o “capital usurário”, nos termos de Fragoso e Rios, e afirma que o referido vetor foi mola mestra na construção das grandes fortunas imperiais, muito provavelmente na região da capital do império, Rio de Janeiro, e que deve ter chegado a São Paulo, pois foi onde a indústria cafeeira prosperou, por razões geográficas como aponta Parron, além de “consequência[s] de uma extensão de fatores históricos” nos termos de Weinstein⁶⁰⁹ e devemos lembrar, também, do que disse Luna & Klein⁶¹⁰ sobre a descontinuidade das plantações de café na então ilha de São Domingo, por volta de 1830, pelas forças da natureza e que teria transferido para São Paulo/Brasil a oportunidade de expandir sua indústria cafeeira para o “além-mar”, como descrito por Holloway⁶¹¹ e já mencionado neste tese.

Caldeira⁶¹² ao falar do “plano do café: sociedade e legislativo estadual” entre Rio de Janeiro e São Paulo menciona nomes como Alexandre Siciliano, Olavo Egydio de Souza Aranha, Siqueira Campos, Veiga Filho e Arnaldo de Vieira de Carvalho como estudiosos, planejadores e empreendedores do café. A eles estão associadas empresas como Companhia Mecânica Importadora de São Paulo, que nasce “com o crédito dos tempos de Rui Barbosa,⁶¹³” além de Companhia Paulista de Estradas de Ferro, Banco do Comércio e Indústria, Banco de São Paulo, Companhia Mogiana, Banco de Crédito Real,

⁶⁰⁷WEBER, Max. (2004) *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo, Editora Schwarcz Ltda., p. 41.

⁶⁰⁸ Pessoa (2013)

⁶⁰⁹ Weinstein (2015, p. 2).

⁶¹⁰ LUNA, Francisco Vidal & KLEIN, Herbert S. (2003) *Slavery and the Economy of São Paulo 1750-1850*. Stanford (California), Stanford University Press., p. 55.

⁶¹¹ HOLLOWAY, Thomas H. (1975) *The Brazilian coffee valorization of 1906: Regional politics and economic dependence*. Madison, Wisconsin, The Department of History, University of Wisconsin.

⁶¹² CALDEIRA, Jorge. (2017), *História da riqueza no Brasil: Cinco séculos de pessoas, costumes e governos*, Rio de Janeiro, Editora Estação Brasil., p. 414.

⁶¹³ Rui Barbosa (p.413).

etc.⁶¹⁴ Nossa inferência é de que com empréstimos concedidos a esse ou aquele empreendedor/empreendimento, a juros, portanto capital usurário, vários outros negócios surgem, mais ou menos próximos à escravidão ou ao café, mas todos contêm em sua gênese a dor, suor, sangue e vida de seres humanos escravizados.

❖ Caso Norte-Americano:

Apólices de seguro de vida, empréstimos bancários com escravizados usados como *collateral*/garantia e afins compõem o quadro financeiro, econômico que transfere, transforma e multiplica riquezas do Sul para o Norte e Nordeste dos EUA, com especial foco para Nova York.

Rockman & Beckert⁶¹⁵ revela uma engenharia financeira expropriadora, onde riquezas astronômicas teriam sido construídas por causa e em função da escravidão africana nos EUA.

*(...) Historians of capitalism have also made slavery foundational to the history of finance. Capitalist understandings of risk and financial liability gained their clearest articulation in the maritime insurance cases resulting from disastrous slaving voyages, while slave life insurance policies transformed death into a site of speculation. Global financial crises such as the South Sea Bubble and the Panic of 1837 emerged from ruptures in the credit networks that financed slave sales, plantation purchases, and speculation in cotton and sugar.*⁶¹⁶⁶¹⁷

⁶¹⁴ Companhia Mogiana, Banco de Crédito Real, etc. (p. 414).

⁶¹⁵BECKERT, Sven & ROCKMAN, Seth. (2016) (Editores) “*Slavery’s Capitalism: A New History of American Economic Development*”, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

⁶¹⁶Tradução livre do autor desta tese: “Historiadores do capitalismo fizeram da escravidão algo fundamental para a história financeira. Os entendimentos capitalistas de risco e responsabilidades financeiras obtiveram muito conhecimento nos casos de seguro marítimo que resultavam das desastrosas viagens escravagistas, enquanto as apólices de seguros de vida dos [escravizados] transformaram mortes em um lugar de especulação. As crises financeiras globais como a Bolha Marítima do Sul e o Pânico de 1837 surgiram de rupturas nas redes de crédito que financiavam as vendas dos [escravizados], compras das plantações [os commodities globais], e especulação no algodão e açúcar.” (pp.: 9-10)

⁶¹⁷A nota de rodapé do referido trecho traz detalhes muitíssimo relevantes e sugestões de leitura para aprofundamento no tema: “Nota de rodapé #20 na página 304: [Ian Baucom, *Specters of the Atlantic: Finance Capital, Slavery, and the Philosophy of History* (Durham, N.C.: Duke University Press, 2005); Jonathan Levy, *Freaks of Fortune: The Emerging World of Capitalism and Risk in America* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2012), 21-59; Sharon Ann Murphy, ‘Securing Human Property: Slavery, Life Insurance, and Industrialization in the Upper South,’ *Journal of the Early Republic* 25 (Winter 2005): 615-52; Michael Ralph, “‘Life ... in the Midst of Death’: Notes of the Relationship between Slave Insurance, Life Insurance, and Disability,” *Disability Studies Quarterly* 32, no.3 (2012): online journal; Anita Rupprecht, “Excessive Memories: Slavery, Insurance, and Resistance,” *History Workshop Journal* 64 (Autumn 2007): 6-28; Carl Wennerlind, *Casualties of Credit: The English Financial Revolution, 1620-1720* (Cambridge Mass.: Harvard University Press, 2011), 161-234; Scott Reynolds Nelson, *A Nation of Deadbeats: An Uncommon History of America’s Financial Disasters* (New York: Alfred A. Knopf, 2012), 126-48; Jessica M. Lepler, *The Many Panics of 1837: People Politics, and The Creation of a Transatlantic Financial Crisis* (New York: Cambridge University Press, 2013); Edward E. Baptist, “Toxic Debt, Liar Loans, Collateralized Human Beings, and the Panic of 1837,” in *Capitalism Takes Command: The Social Transformation of Nineteenth-Century America*, ed. Michael Zakim and Gary J. Kronblith (Chicago: University of Chicago Press, 2012) 69-92.]” (*Idem, ibidem*, p. 304).

Os referidos autores falam das dimensões econômicas da instituição escravidão onde reconhece-se a “inovação empresarial, cálculos ‘racionais’, e mecanismos de coordenação sofisticados que transformavam a escravização humana num enorme empreendimento.⁶¹⁸ Casas bancárias e/ou de seguros teriam nascidos em função da escravidão negra, como *Aetna Insurance*, *J.P. Morgan*, *Wachovia*,⁶¹⁹ entre vários outros negócios. Ainda sobre a indústria de seguros, nós tivemos a oportunidade de trocar breves palavras com o Professor Michael Ralph⁶²⁰ da New York University, que proferiu palestra sobre este tema no *Pembroke Center for Teaching and Research on Women*⁶²¹ da Brown University. O prof. Ralph afirma que:

*(...) pessoas que possuíam escravos em abundância preferiam alugá-los a vender após o tráfico de escravos ter sido considerado ilegal nos EUA em 1808. Escravos alugados eram assegurados para que os donos de fazendas/plantações pudessem recuperar o valor do prêmio dos ativos humanos em caso de morte durante o empréstimo/aluguel. Muitos escravos foram alugados para empresas privadas e empreendedores individuais que, durante as últimas décadas da escravidão legal, surgiu um mercado próspero de seguro de escravos que privilegiava escravos em indústrias selecionadas: (...)*⁶²²

A seguir, temos algumas fotos tiradas no *National Museum of African American History & Culture*, em Washington-DC, entre os meses de jan. e fev. de 2020.

⁶¹⁸ *Idem, ibidem*, p.10.

⁶¹⁹ *Aetna Insurance*, *J.P. Morgan*, *Wachovia* (p.6),

⁶²⁰ BROWN.EDU. Disponível em: <<https://www.brown.edu/research/pembroke-center/news/2020-10/tuesday-november-10-2020-value-life-insurance-slavery-incarceration>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁶²¹ *Idem*.

⁶²² Do original: “... people who held slaves in abundance preferred to rent rather than to sell them after the slave trade to the US was outlawed in 1808. Rented slaves were usually insured so planters could recover the value of these premium human assets if they died while in someone else’s possession. So many slaves were rented by private firms and entrepreneurial individuals that, during the last few decades of legalized slavery, a thriving market in slave insurance emerged that privileged slaves in select industries:...”. Disponível em: < <https://as.nyu.edu/faculty/michael-ralph.html>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

2.10 Brasil & EUA: Dois “cases” de sofisticação contábil, financeira, bancária!!!

Imagem 36

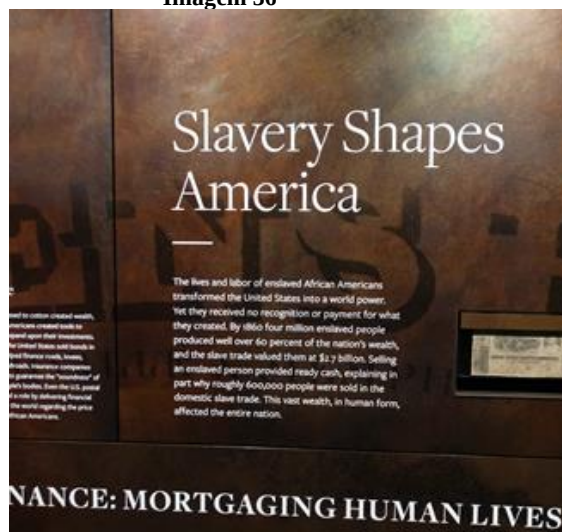
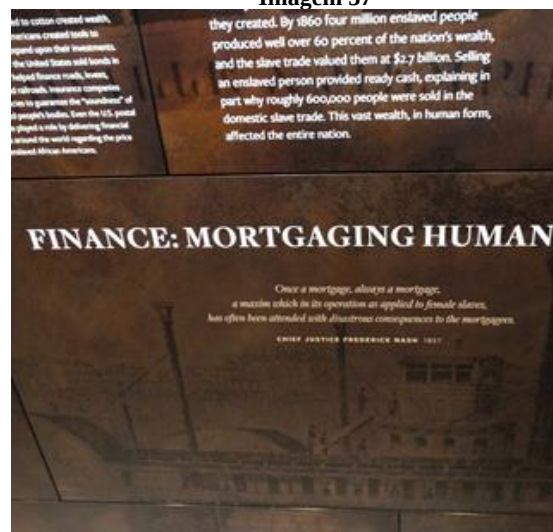


Imagem 37⁶²³



⁶²³ Do acervo pessoal do autor desta tese tiradas no National Museum of African American History & Culture, em Washington-DC, entre os meses de jan. e fev. de 2020.

Imagem 38

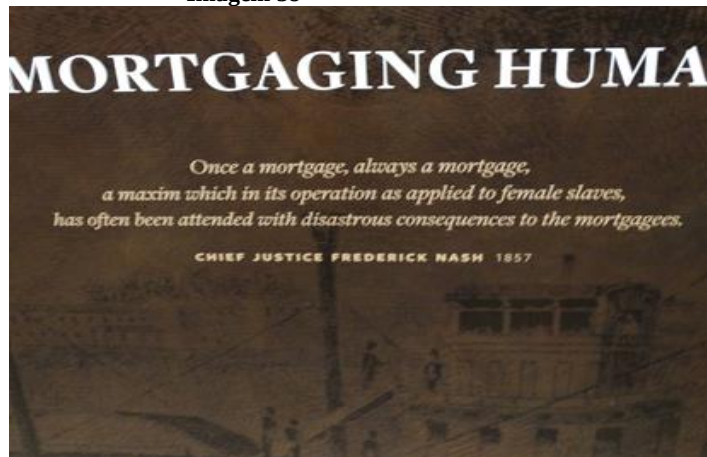


Imagem 39

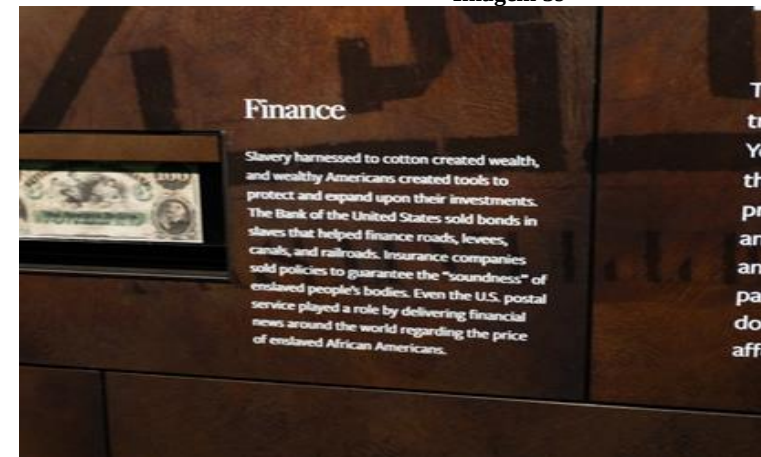
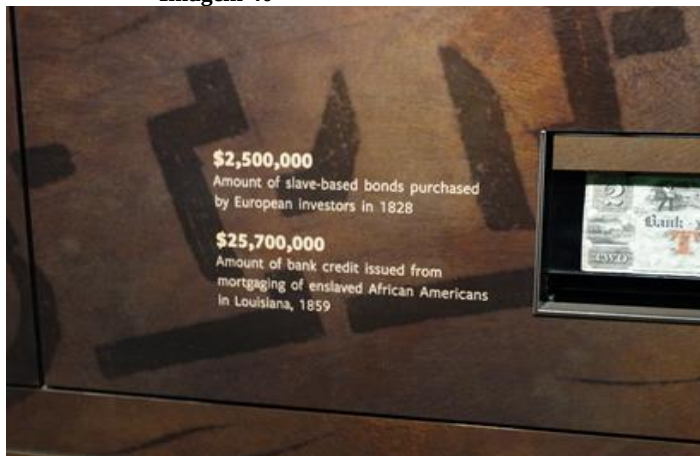
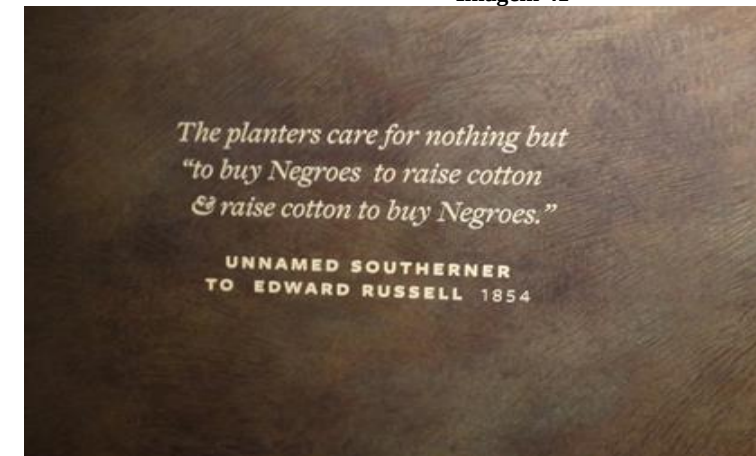
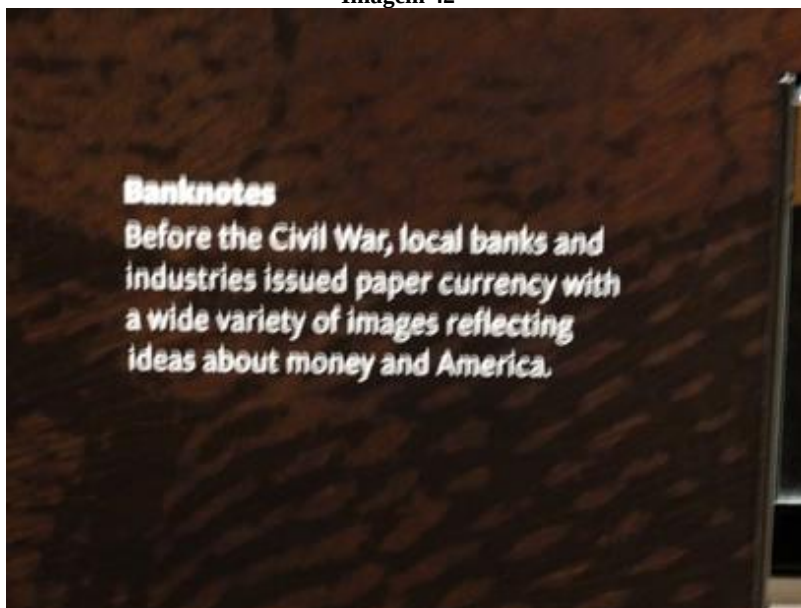


Imagem 40

Imagem 41⁶²⁴

⁶²⁴ Do acervo pessoal do autor desta tese tiradas no *National Museum of African American History & Culture*, em Washington-DC, entre os meses de jan. e fev. de 2020.

Imagem 42⁶²⁵

2.11 “Produção” de seres humanos São Paulo (Brasil) vis-à-vis New York/New England (EUA)

2.11.1 Comparativo preliminar: 1500 a 1888 vis-à-vis 1619 a 1865

Rockman & Beckert⁶²⁶ trazem dados como “reprodução coercitiva”, “economia sexual da América escravocrata” e é afirmado que tais práticas eram mecanismo de criação de riqueza para os escravagistas nos EUA⁶²⁷.

⁶²⁵ Do acervo pessoal do autor desta tese tiradas no *National Museum of African American History & Culture*, em Washington-DC, entre os meses de jan. e fev. de 2020.

⁶²⁶ BECKERT, Sven & ROCKMAN, Seth. (2016) (Editores) “*Slavery’s Capitalism: A New History of American Economic Development*”, Philadelphia, University of Pennsylvania Press., p. 4.

⁶²⁷ “...Adrienne Davis’s powerful naming of slavery’s ‘sexual political economy’ of coerced reproduction, ...” (Idem, ibidem., p. 4), as notas de rodapé a seguir trazem relevantes detalhamento sobre o tema com extensãosugestão de leitura/bibliografia: #8 na página 301: [...Adriene D. Davis, “‘Don’t Let Nobody Bother Yo’ Principle’: The Sexual Economy of American Slavery,” in *Sister Circle: Black Women and Work*, ed. Sharon Harley and the Black Women and Work Collective (New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, 2000), 103-27] ; “...Scholars of Atlantic slavery, such as Jennifer Morgan, have recognize women’s reproductive labor as the fundamental mechanism of wealth creation for American slaveholders, who appropriated generations of black children for the perpetuation of generations of white wealth. The focus on women’s reproductive labor remains strong in new scholarship on the nineteenth-century United States as well.”; nota de rodapé #24; (SVEN & ROCKMAN, 2016: 11). A referida nota de rodapé encontra-se na página 305: “Stephanie Smallwood, *Saltwater Slavery: A Middle Passage from Africa to American Diaspora* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2007); Marcus Rediker, *The Slave Ship: A Human History* (New York: Viking, 2007); Jennifer Morgan, *Laboring Women: Reproduction and Gender in New World Slavery* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004); Amy Dru Stanley, ‘*Slave Breeding and Free Love: An Antebellum Argument over Slavery, Capitalism, and Personhood*,’ in Zakim and Kornblith, *Capitalism Takes Command*, 199-44; Ned and Constance Sublette, *The American Slave Coast: A History of the Slave-Breeding Industry* (Chicago: Lawrence Hill Books, 2016.”;

Mateus H. Gouveia et al.⁶²⁸ nos permite inferir que fatores geográficos e geopolíticos⁶²⁹ influenciaram a mistura interétnica africana entre 1750 e 1850 fortemente correlacionado com uma alta de chegadas de levas de africanos escravizados⁶³⁰ especificamente para o sudeste e sul do Brasil,⁶³¹ onde coincidentemente ocorreria e ocorreu a riquíssima e poderosa cultura cafeeira, que financia “imigração europeia”, “urbanização de São Paulo” entre outras cidades, e “industrialização do estado de São Paulo”, ainda que tardiamente, como substituidora de importações europeias. A referida intensificação do tráfico de seres humanos da África, nos séculos 18 e 19, e a intensa “miscigenação”⁶³² dos cativos, ora entre si, ora por meio dos estupros sistemáticos, é indicativo de lógica, planejamento de “criação de riqueza” para os escravagistas, como apontado por Rockman & Beckert.⁶³³

Confirmando o que Gouveia et al.⁶³⁴ aponta, citamos Pessoa⁶³⁵ que usa o termo “reprodução endógena da escravidão” ou ainda “crescimento vegetativo na escravidão”, quando este descreve a demografia da referida “instituição total” permeada em todos os poros da sociedade brasileira, nos termos de Parron & Marquese.

*Paiva atestara também a ampla ocorrência de nascimento nas maiores escravarias, paralelamente à reabertura do tráfico nos anos 1830. A demografia da escravidão, naquela realidade, conjugava a vinda dos últimos africanos com o crescimento natural, em uma escravaria cada vez mais crioula.*⁶³⁶

O referido autor cita ainda uma diretriz por parte dos escravagistas que passou a obrigar que seus cativos cassassem obrigatoriamente entre si, desta forma haveria “a

⁶²⁸Em “IMPACTO DA DIÁSPORA AFRICANA NA GENÉTICA DAS POPULAÇÕES DAS AMÉRICAS”. Do original: “Origins, admixture dynamics and homogenization of the African gene pool in the Americas”. Mateus H. Gouveia et al. (2020)

⁶²⁹ Idem, ibidem., p. 8.

⁶³⁰ Idem, ibidem., p.5.

⁶³¹Idem, ibidem., p.8.

⁶³² Matéria jornalística. BBC. Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/amp/geral-51726163>>. Acesso em 22 de jul. 2021. “Escravidão ficou marcada no DNA dos povos americanos, diz estudo liderado por cientistas brasileiros” artigo científico IMPACTO DA DIÁSPORA AFRICANA NA GENÉTICA DAS POPULAÇÕES DAS AMÉRICAS “Essa comparação revelou que o período crítico entre 1750 e 1850, quando houve picos na chegada de escravos, foi acompanhado de uma intensificação da miscigenação em todo o continente americano”, explica Santos. “O biólogo conta que, quando se usa unicamente dados genéticos de populações miscigenadas do Novo Mundo, é possível verificar que a miscigenação data de entre 1750 a 1850.”

⁶³³ BECKERT, Sven & ROCKMAN, Seth. (2016) (Editores), “Slavery’s Capitalism: A New History of American Economic Development”, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

⁶³⁴ Gouveia, Mateus H., et al. (2020) “IMPACTO DA DIÁSPORA AFRICANA NA GENÉTICA DAS POPULAÇÕES DAS AMÉRICAS”. Do original: “Origins, admixture dynamics and homogenization of the African gene pool in the Americas.

⁶³⁵ Pessoa (2018)

⁶³⁶ Idem, ibidem., p.159.

captação integral dos rebentos que porventura viessem a ser concebidos.⁶³⁷ Ora, se isto não é uma espécie de “*slave-breeding industry*”⁶³⁸ ou ainda no “trabalho reprodutivo feminino como um mecanismo fundamental de criação de riqueza para os escravagistas⁶³⁹” nos EUA ou no Brasil, como classificar tais crimes dentro de uma máquina totalmente criminoso?

2.11.2 Colonização/Escravização em São Paulo (Brasil) vis-à-vis New York/New England (EUA)

*“Escravidão ... Instituição Total, que permeou todos os poros da sociedade brasileira ...”*⁶⁴⁰

2.11.2.1 Comparativo preliminar: 1500 a 1888 vis-à-vis 1619 a 1865

Fazendo coro à Parron & Marquese, Beckert & Rockman que afirmam que a escravidão foi a instituição que fundou os Estados Unidos⁶⁴¹ e que organizou as estruturas legais e políticas, além de práticas culturais com bastante poder ao ponto de determinar todas as oportunidades para quem era negro ou branco; considerando os componentes “produção social do espaço” (Milton Santos) e “biopolítica” (Michel Foucault), é possível afirmar que tais determinações seguem em voga, no Brasil e nos Estados Unidos, referente a quem habita onde e quais as condições das moradias e suas vizinhanças.

❖ Caso Brasileiro (Paulista):

Neste momento com mais foco para o caso paulista⁶⁴², citamos trechos extraídos de Nogueira⁶⁴³ que contém importantes dados sobre escravidão no interior paulista, além de tudo que já foi escrito em capítulos, itens anteriores.

2.12 Parte 1. O Tempo da Escravidão - 1. Importância e Valor do Escravo:

(...) Desde 1700, repontam os primeiros escravos pretos, na região de Sorocaba, de que Itapetininga é um prolongamento [...] portugueses e

⁶³⁷ Pessoa (2018)

⁶³⁸ BECKERT, Sven & ROCKMAN, Seth. (2016) (Editores), “*Slavery’s Capitalism: A New History of American Economic Development*”, Philadelphia, University of Pennsylvania Press., p. 305.

⁶³⁹ Idem, ibidem., p.11.

⁶⁴⁰ Tradução livre deste autor: “... *Total Institution, that permeated all pores of Brazilian Society ...*” PARRON & MARQUESE

⁶⁴¹ Do original: “...*slavery as the foundational American institution, organizing the nation’s politics, legal structures, and cultural practices with remarkable power to determine the life chances of those moving through society as black or white.*”

⁶⁴² Pois nosso plano é um aprofundamento em estudos/análises comparativas com o caso norte-americano em desdobramentos desta tese.

⁶⁴³ NOGUEIRA, Oracy. (1998), *Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga*, São Paulo, Edusp.

*descendentes na condição de dominadores; índios, negros e mestiços, seja na condição de escravos, seja na de míseros homens 'livres' (...)*⁶⁴⁴

O trecho acima reforça nossa decisão de detalhar a gênese humana do bairro Liberdade-SP como representativo da composição do estado de São Paulo, assim demonstrando que não havia uma leitura binária Branco Vs Negro, mas um gradiente de cor ou etnia.

*(...) A maior proporção de escravos, de origem africana, no município, observa-se, pois, no período compreendido entre a primeira tentativa de abolição legal do tráfico e sua extinção de fato (1831-1850), sob a influência do desenvolvimento da agricultura, especialmente da lavoura da cana..." (p.45) Nota de rodapé n.7: "Os primeiros escravos negros vieram trazidos pelos mineradores para as lavras de ouro do Paranapanema. Ainda em fins do século XVIII, alguns dos proprietários de escravos, cujos inventários foram compulsados para este estado, são indivíduos possuidores de lavras, almocafres, balanças de pesar ouro e vivem na freguesia da Paranapanema, distrito de Itapetininga. A descendência de alguns deles (os Brisola, por exemplo), porém, logo se concentra em torno da vila, no território que ainda hoje continua sendo o município de Itapetininga"*⁶⁴⁵.

O trecho acima reforça nossa narrativa sobre determinado planejamento, intenção de investir na cultura cafeeira, fosse por meio de invasão de terras, fosse por meio do aumento de tráfico de escravizados interno ou do além-mar.

*(...) Comparando os inventários anteriores e posteriores ao surto agrícola, nota-se a tendência à concentração de maior número de escravos sob o domínio dos grandes proprietários. Observando que, enquanto na primeira fase o valor dos poucos escravos arrolados geralmente representa quase todo o valor do patrimônio deixado pelos respectivos senhores, na fase posterior, essa proporção tende a diminuir. Esse fato deve-se tanto a uma relativa desvalorização do escravo paralela a uma valorização da terra e das benfeitorias como ao fato de se traduzir a prosperidade econômica por uma tendência de maior diversificação nas aplicações de dinheiro, não obstante o fato de, até a abolição da escravatura, continuar o escravo a ser a forma preferencial do investimento (doc. 5/A. 1)"*⁶⁴⁶.

O trecho acima é indicativo da criação e/ou manutenção de latifúndios, grandes porções de terras frente a diminuição de poder de pequenos proprietários de terras e/ou escravizados. Como mencionado por Parron, a escravidão no Brasil foi uma instituição total, onde quase todo mundo possuía pelo menos um escravo sob sua tutela. Com o aumento da competição, inferência nossa, que tinha mais recursos passa a ter ainda mais terras e escravos utilizados, primordialmente, nas plantações de café.

(...) Embora o escravo continue, até o fim da escravatura, a constituir a forma preferencial de aplicação de dinheiro, seu valor, em relação ao da terra, cai constantemente, tanto em vista do incremento da população como devido à consequente diminuição dos campos nacionais, reúnos ou públicos, que

⁶⁴⁴ *Idem, ibidem*, p.39.

⁶⁴⁵ *Idem, ibidem*, p.45.

⁶⁴⁶ *Idem, ibidem*, p. 46.

tornavam o domínio, no sentido jurídico, de grandes extensões de terras pelos particulares menos necessário.

O trecho acima é indicativo da transferência monetária do escravizado para a terra e posteriormente para o imigrante europeu, permitindo nossa inferência de que se queria, sim, livrar-se da presença negra em todo o estado de São Paulo, fazendo sua substituição de elementos europeus.

*O quadro 4 mostra que desde fins do século XVIII o valor do escravo já vinha manifestando tendência a diminuir, tanto em relação à terra como ao ouro e à prata; com as primeiras tentativas de abolição do tráfico, no século XIX, há uma revalorização do escravo, para de novo se manifestar a desvalorização, nos últimos anos do regime de trabalho servil. Assim, em relação ao ouro, o escravo masculino de 15 a 50 anos de idade vale, em 1773, 69 oitavas, em 1785, 76 oitavas, em 1793-1794, 56 oitavas, em 1798-1801, 59 oitavas; em 1833, sobe para 160 oitavas, em 1872, para 389; em 1886-1887, já está em 343, isto é, diminuiu. Em relação à prata, o valor de 978 oitavas em 1785, 836 oitavas em 1793-1794, 818 em 1798-1801; em 1833, sobe para 1914 oitavas, descendo em 1842-1843 a 1721 oitavas para, em 1872, valer 4182 oitavas e, em 1886-1887, 3431 oitavas. Em relação à terra, o valor cai de 240 alqueires, em 1782, para 121, em 1798-1801, vindo a ser de 126, em 1842-1843, estando, em 1886-1887 reduzido a 34 alqueires.” Nota de rodapé n.9: “No cálculo desses valores, adotou-se o critério mais simples, não se levando em conta distância entre a propriedade e a sede, as diferenças de qualidade do solo etc., o que seria impossível nas condições da atual pesquisa. Os próprios dados sobre a extensão das propriedades são dos mais precários, sendo raros os inventários que os contêm. Somente num estudo mais específico, em que se faça um levantamento exaustivo do material disponível nos cartórios locais, se poderá descer a tais minúcias, bem como obter uma amostra mais satisfatória (estatisticamente falando) da população escrava. O cuidado com que o quadro foi elaborado, a coerência que mostram entre si os dados das colunas referentes ao ouro e à prata e a coerência que apresentam esses mesmos dados como os referentes à terra com o que se sabe sobre o desenvolvimento do valor desta e dos dois metais preciosos, no mesmo período, e mais ainda a coerência dos dados referentes ao valor do escravo com informações mais esporádicas e difusas de diferentes fontes, são condições que fazem crer a validade do quadro 4 em mostrar o desenvolvimento aproximado do valor comercial do escravo, na região, durante o derradeiro século de escravidão. Sobre o valor do escravo, vejam-se as seguintes fontes: Maurício Goulart, *Escravidão Africana no Brasil (Das Origens à Extinção do Tráfico)*, 2. Ed., São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1950; J. Lucio de Azevedo, *Épocas de Portugal Econômico: Esboços de História*, 2. Ed., Lisboa, Clássica Editora, 1947; Caio Prado Junior, *História Econômica do Brasil*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1945; Roberto C. Simonsen, *História Econômica do Brasil*, 2. ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944, 2 vols; Edison Carneiro, ‘Quanto Valia um Escravo?’, em *Antologia do Negro Brasileiro*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 1950, pp. 193-195⁶⁴⁷.*

O trecho acima reforça nossos 2 comentários anteriores.

⁶⁴⁷ *Idem, ibidem*, pp. 46-47.

Os 768 escravos existentes no município, em 1887, valiam 523:000\$000, ou seja, treze a treze vezes e meia o valor das rendas gerais, provinciais e municipais de Itapetininga. (p.47) Nota de rodapé n.10⁶⁴⁸

Tabela 5 - Tabela 3 (quadro 4). Valor do escravo masculino de 15 a 50 anos de idade, em relação ao ouro, à prata e à terra – Itapetininga, último século de escravidão.

Data dos inventários	Número de escravos Mencionados nos inventários	Computados para o cálculo da média	Valor médio do escravo masculino de 15 a 50 anos	Valor médio do escravo em Oitavas de ouro	Valor médio do escravo em Oitavas de prata	Valor médio do escravo em Alqueires de terra
1773	10	8	82\$925	69	-	-
1782	12	3	86\$667	-	-	240
1785	19	5	78\$200	76	978	-
1793-1794	16	6	83\$600	56	836	-
1798-1801	50	21	81\$897	59	818	121
1833	154	87	434\$483	160	1914	-
1842-1843	30	11	339\$091	-	1721	126
1872	62	12	1:166\$667	389	4182	-
1886-1887	46	24	686\$250	343	3431	34

⁶⁴⁸ Nota de rodapé n.10: “Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo pela Comissão Central de Estatística, composta dos senhores Elias Antonio Pacheco e Chaves (presidente), Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho, Joaquim José Vieira de Carvalho, engenheiro Adolpho Augusto Pinto e Abílio Aurélio da Silva Marques, São Paulo, Typgrafia King, 1888. A coletoria de Itapetininga, para as tendas gerais, abrangia os municípios de Itapetininga, Espírito Santo da Boa Vista (Angatuba) e Sarapuí. Arrecadavam-se, ainda, em Itapetininga, as rendas provinciais dos municípios de Itapetininga, São José dos Campos Novos, Espírito Santo da Boa Vista, Capao Bonito do Paranapanema e Sarapuí. (p.47)

Os 3 trechos a seguir trazem mais luz, desvela dados para a criação de métricas que mensurem a produção de riqueza com base na escravização de africanos entre os séculos 18 e 19 em São Paulo.

*“...É inegável, pois, que, ainda nos últimos anos do regime escravocrata constituíam os escravos um dos principais, se não o principal elemento, do patrimônio dos senhores”.*⁶⁴⁹

(...) Para estes, o desaparecimento da instituição escravagista significaria o declínio, se não a completa ruína econômica. O solapamento da instituição se daria, pois, não com o seu beneplácito, não com a sua cooperação, mas, ao contrário, à sua revelia, com a sua oposição, marcada de sucessivas capitulações, ditadas pela crescente brecha entre os que têm e os que não têm escravos e pela rápida diminuição de seu próprio grupo, não apenas em números absolutos, mas principalmente em números relativos, diminuição que decorria do decréscimo no número de escravos, subsequente à abolição do tráfico e às medidas posteriores conseguidas pelos abolicionistas, bem como da tendência à concentração dos escravos remanescentes em mãos dos economicamente mais poderosos.⁶⁵⁰

(...) Embora o trabalho, como parte de um estudo mais amplo de estratificação social, já estivesse em andamento, desde dezembro de 1947, novas observações e nova coleta de material foram feitas, em 1951, especialmente para o presente trabalho, registrando-se que nenhuma alteração fundamental sofreu a situação nos anos decorridos.⁶⁵¹

O trecho abaixo evidencia a queda socioeconômica de brancos que deixam de contar com a posse de escravos, tendo perdido a renda que recebiam do trabalho dos escravizados.

(...)Já antes de 1888, a instituição escravocrata se encontra de tal modo combatida, primeiramente, pela extinção do tráfico, em 1850, em seguida, pela Lei do Ventre Livre, em 1871, e, mais recentemente, pela lei emancipadora dos sexagenários, de 1844, que aos fazendeiros não resta outra alternativa senão a de se preparar para a mudança contra a qual sempre lutaram, porém, que, agora, é inevitável, quer tenha cada qual de a enfrentar por sua vez, individualmente, com a morte e o envelhecimento dos respectivos escravos, quer todos simultaneamente, no caso de uma abolição total e imediata, como a desejam os abolicionistas mais radicais (...).⁶⁵²

⁶⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. 48.

⁶⁵⁰ Nota de rodapé n.14: “Por ocasião do levantamento de dados feito pelo marechal Daniel Pedro Muller, no tempo de Itapetininga, para uma população de 11 510 habitantes, havia 23,5% de escravos. Em 1886, no município de Itapetininga que sofreu uma série de desmembramento), para 11 362 habitantes, há 6,7% de escravos, dos quais 91,3% tem domicílio rural e, os restantes, 8,7%, domicílios urbanos. Cf. as fontes indicadas nas notas 25 e 61. (p.49)

⁶⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 52.

⁶⁵² *Idem, ibidem*, p. 128.

❖ Caso Norte-Americano:

Neste trecho com mais foco para o caso sulista que remete considerável porção dos seus resultados financeiros para o norte e/ou nordeste dos EUA, repetimos afirmação de Rockman & Beckert⁶⁵³ que afirma que a escravidão naquele país está impressa no DNA do capitalismo norte-americano: “...*American Slavery is necessarily imprinted on the DNA of American capitalism...*”⁶⁵⁴

A grande pesquisadora Leslie M. Harris, que investigou escravidão na cidade de Nova York, principal foco do nosso estudo comparativo, fala da importância de tal estudo, pois a maioria dos historiadores deram bastante foco para este evento no sul daquele país, e também porque antes da total emancipação da escravidão em Nova York no ano de 1827, esta cidade era o local com a maior população urbana escravizada, fora do sul norte americano. Esta informação anula o mito de que só teria ocorrido escravidão no sul daquele país. Nós já escrevemos nesta tese sobre o papel da Nova Inglaterra, com especial foco para *Rhode Island* no tráfico transatlântico de africanos raptados ao longo da costa do continente africano, além do desenvolvimento da indústria têxtil naquela região, onde o algodão do sul era transformado em tecido e roupas e exportado para a Inglaterra e Europa. Os escravizados atuaram em todas as pontas da produção de riqueza nos EUA, tal qual em São Paulo, Brasil.

(...) *Hearing these voices and witnessing these actions reveals the importance of slavery, emancipation, and black freedom to the history of New York City. Although historians have thoroughly studied black enslavement and emancipation in the southern United States, comparable studies for northern locales are few. Before the completion of emancipation in 1827, New York City contained the largest urban slave population outside of the South. After 1827, New York City was home to one of the largest free black communities in the North (...)*”⁶⁵⁵.

⁶⁵³ BECKERT, Sven & ROCKMAN, Seth. (2016) (Editores), “*Slavery’s Capitalism: A New History of American Economic Development*”, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

⁶⁵⁴ *Idem, ibidem.*, p. 3.

⁶⁵⁵ Tradução livre do autor desta tese: “...Ouvindo estas vozes e testemunhando estas ações revela a importância da escravidão, emancipação, e a liberdade negra para a história de cidade de Nova York. Embora os historiadores tenham estudados extensivamente a escravidão negra e a emancipação no sul dos Estados Unidos, existem poucos estudos comparativos com a região norte. Antes da conclusão da emancipação da escravatura em 1827, a cidade de Nova York possuía a maior comunidade negra de libertos na região norte/nordeste...”. (HARRIS, Leslie M. (2003), *In the Shadow of Slavery – African Americans in New York City 1626-1863*, Chicago, The University of Chicago Press., p.3).

2.13 (I)migração em São Paulo (Brasil) vis-à-vis New York/New England (EUA)

2.13.1 Comparativo preliminar: 1500 a 1888 vis-à-vis 1619 a 1865

Além de tudo que já foi mencionado em itens anteriores,⁶⁵⁶ entre outros, afirmamos que a imigração no Brasil teve caráter eugenista disfarçado de “modernizante”, e como afirmado em Weinstein⁶⁵⁷ houve a partir de então a “invenção do Nordeste”⁶⁵⁸ por meio do que essa autora se refere como “orientalismo,”⁶⁵⁹ qual seja “a construção do ‘Oriente’” a produção do outro, do diferente. Weinstein⁶⁶⁰ menciona o fato de os paulistas “rotineiramente referirem-se como ‘brancos’” vis-à-vis os Nordestinos como “não-brancos” independente das aparências físicas ou características genéticas. Tratou-se do “tornar-se o povo Bandeirante,”⁶⁶¹ gente “moderna”, civilizada, europeia, branca de verdade, em resumo, a “identidade regional e paulista.”⁶⁶² O político Júlio Prestes ao deixar o Congresso e rumar para São Paulo para assumir sua presidência, disse o seguinte:

Parto para São Paulo ... um Estado ... que é o exemplo do nosso progresso, da nossa cultura, da nossa civilização, e aquele que produz, não apenas para seu próprio consumo, mas também para fornecer riqueza que todo o Brasil exige para a satisfação das suas necessidades.”⁶⁶³

Nogueira⁶⁶⁴ traz ainda mais relatos que nos permite reafirmar o caráter eugenista, “embranquecedor”, europeizante de São Paulo durante reuniões de Câmaras Municipais no interior paulista sobre qual o tipo ideal de imigrante dever-se-ia investir.

(...) Em 1888, três meses antes da abolição da escravatura, a Câmara Municipal de Itapetininga solicitava a instalação de uma colônia de duzentas famílias, nas circunvizinhanças da cidade, em terras propícias ao cultivo de cereais, encaminhando o pedido à Assembléia Provincial, por intermédio do deputado Albuquerque Lins, representante do distrito. Ao dar a notícia, O Itapetininga classifica a projetada instalação da colônia de ‘grande melhoramento local’ e acrescenta que ‘esta lembrança muito honra a nossa patriótica camara’, recomendando-a ‘a benemerência publica’. Em maio do mesmo ano, o préstito que percorre as ruas da cidade, em regozijo pela

⁶⁵⁶ LESSER, Jeffrey. (2013), *Immigration, Ethnicity, and National Identity in Brazil: 1808 to the present* (Estado de São Paulo, Brazil: O Imigrante, New Approaches to the Americas), Cambridge, Cambridge University Press.

⁶⁵⁷ Weinstein (2015)

⁶⁵⁸ WEISTEIN sugere a leitura de “A invenção do Nordeste e outras partes”, (ALBUQUERQUE); e “Revolutionizing Identities”, (SARZYNSKI); e “The Vigorous Core of Our Nationality”, (BLAKE).

⁶⁵⁹ *Idem, ibidem*, p.10

⁶⁶⁰ Weinstein

⁶⁶¹ *Idem, ibidem*, p.32.

⁶⁶² *Idem, ibidem*, p.6.

⁶⁶³ Do original: “*I am off to São Paulo ... a State .. that is the exemplar of our progress, of our culture, of our civilization, and one that produces, not only for its own consumption, but also to furnish the wealth that all of Brazil requires for the satisfaction of its needs.*” (WEISTEIN, 2015, p.1).

⁶⁶⁴ NOGUEIRA, Oracy. (1998) *Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga*, São Paulo, Edusp.

promulgação da Lei Áurea, saúda a ‘colônia italiana’, conforme noticia o número especial de O Itapetininga, do dia 20 do referido mês. No dia 3 de julho do mesmo ano, o jornal publica um artigo de fundo, em que se declara ‘francamente’ favorável à imigração e justifica a sua preferência pelo imigrante italiano, ‘porque entre o Brasileiro e o Italiano, há o vínculo da confraternidade – afinidade de origem dos dous povos e depois porque, em regra, o Italiano adapta-se facilmente ao nosso clima, aos nossos costumes, é dócil, laborioso e empreendedor – homem para o trabalho, em fim’. Diz mais que, ‘a estas razões deve juntar-se a circunstância muito especial, de ser o Italiano amigo do paiz que adopta por Patria, agindo e actuando do mesmo modo, com o mesmo patriotismo como se estivesse na primeira patria’. Assim, o imigrante, de um modo geral, e em especial, o italiano, vinha para a sociedade local precedido por um clima de simpatia e de expectativas favoráveis, que haveria de envolvê-lo pelo menos nos primeiros tempos de convivência.(...)’⁶⁶⁵

Nogueira,⁶⁶⁶ no belíssimo referido trabalho, que contou com a participação de Donald Pierson, chama a atenção, diversas vezes para os termos Ibéricos e Latinos como não sendo os ideais para aquele momento; além de mencionar o biotipo Amarelo dos japoneses como de muita “visibilidade”, deixando claro a preferência pelo biotipo europeu alemão, suíço e italiano.

(...) Em geral, a identificação com a nacionalidade de origem não ultrapassa a segunda geração de descendentes de estrangeiros nascidos no Brasil. Os japoneses e seus descendentes ainda constituem um grupo à parte, tanto devido às diferenças culturais como à sua maior ‘visibilidade’, sob o ponto de vista físico, agravados esses dois fatores pela circunstância de ser tão recente sua penetração no país e, especialmente, na comunidade em estudo. Referindo-se aos descendentes dos alemães vindo, em 1827, para o bairro – hoje município – de Guareí, diz Aluisio de Almeida: ‘Estes habitantes são em grande parte descendentes diretos ou entrelaçados pelos casamentos, dos alemães colonos. É um caso típico de adaptação ao meio, pois às vezes se encontravam belos tipos, louros, altos, olhos azuis, sem mistura de sangue português ou indígena, e, no entanto, brasileiros que não sabem dizer o ‘lá’ em alemão e mal ouvem falar da terra de seus avós. Eles vieram em 1827, de Renania, num tempo em que a miséria perdurava – herança das guerras napoleônicas. Católicos na maioria; existe o livro de orações, com o passaporte, de Felipe Jacob. Todos sabiam ler. Faziam parte da primeira imigração oficial em São Paulo. Não puderam sujeitar-se ao regime de colônia. Espalharam-se na província, especialmente em Santo Amaro, Itapeverica, Campo Largo de Sorocaba e Ipanema, e Guareí. Foi melhor política. Não formaram ‘quistos’ e humildemente ajudaram a construir São Paulo.’⁶⁶⁷

Diferentemente do que pensávamos, porém em grau bastante menor, houve nos Estados Unidos, também, intenção de atrair e/ou aceitar, dar preferência para grupos imigrantes europeus de determinadas regiões, povos esses que mais tarde seriam chamados de “red blooded Americans”. Ainda de forma bastante preliminar

⁶⁶⁵ NOGUEIRA, Oracy. (1998) Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga, São Paulo, Edusp., p. 172.

⁶⁶⁶ *Idem*.

⁶⁶⁷ [cf. ‘Guareí e a 1ª Imigração Oficial Alemã, 1827’, Revista do Arquivo Municipal, ano V, vol. LVI, abr. 1939]. (p.186)

mencionamos Jacob Holdt⁶⁶⁸ em “*American Pictures: A personal journey through the American underclass*” que cita Jacob Riis, ambos dinamarqueses, entre outros autores/fontes, para afirmar a preferência por europeus nórdicos, alemães cristãos, por exemplo, à italianos, grupos eslavos, judeus e outros não cristãos ou não protestantes. O censo demográfico norte-americano de 2010 revelou que o grupo étnico-racial, não descendente de ingleses, mais prevalente nos Estados Unidos era o alemão. Os EUA, um país fortemente branco, deu ainda mais preferência a imigrantes bastante brancos. Este autor/pesquisador teve a oportunidade de visitar comunidades europeias no Estado da Pensilvânia (Amish e Menonita⁶⁶⁹) altamente brancas que vivem “isoladas” e não abertas a miscigenação sanguínea ou cultural. Segundo fontes consultadas, os referidos grupos receberam terras gratuitas, como vários alemães e nórdicos que foram para o meio-oeste daquele país. Segundo Holdt,⁶⁷⁰ são esses grupos os maiores apoiadores do Partido Republicano, sendo vários deles supremacistas. Segundo material rapidamente folheado por nós, leu-se que os Amish fizeram uso de mão-de-obra escrava por um determinado período, mas que depois se sentindo culpados ou em desacordo com suas crenças religiosas, libertaram todos os escravizados. O que pudemos notar na cidade de Lancaster, Estado da Pensilvânia, conforme fotos nas próximas páginas, é a total ausência de afro-americanos ou outros grupos “de cor”, conforme nomenclatura inglesa, norte-americana.

Outro item que abrimos análise comparativa, de forma bastante preliminar é a migração afro-americana (ii), nas primeiras décadas do século XX, do sul para o norte e nordeste daquele país vis-à-vis a migração (i) do Nordeste e Minas Gerais para a cidade de São Paulo a partir dos anos 1950.

No nosso entender, a (ii) Grande Migração (EUA) - *The Great Migration*: Sul para Norte + Nordeste dos EUA (Filadélfia, NYC, Boston, Chicago, etc.) guarda consideráveis semelhanças com a (i) Migração nacional (Brasil): Nordeste + Minas Gerais para São Paulo, quando grupos afrodescendentes e/ou “de cor” precisam deixar áreas pobres, onde havia enorme cultura de violência para buscar melhores condições de vida, bem-estar. Parafraseando uma personagem do ator Brad Pitt, no filme “Guerra Z Mundial”, “movimento é vida”, e grupos humanos sempre se deslocaram em busca de alimento,

⁶⁶⁸ HOLDT, Jacob. (1985) *American Pictures: A personal journey through the American underclass*. Norhaven/American Pictures Foundation, Denmark.

⁶⁶⁹TV BRASIL. Disponível em:<<https://tvbrasil.ebc.com.br/retratosdefe/post/qual-a-diferenca-entre-amishes-e-menonitas>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁶⁷⁰ Op. cit.

refúgio, como demonstrado nesta tese nos casos dos italianos, japoneses, coreanos, etc. Ficamos, portanto, estarecidos com a enorme má vontade em receber grupos não europeus e/ou não brancos, mesmo havendo total conhecimento das enormes riquezas produzidas com o tráfico transatlântico de africanos, seu uso durante quase 4 séculos na transformação de recursos naturais em riqueza. O termo “insolvente” que só apareceria nos anos 2000, que grosso modo demonstra como esse ou aquele grupo humano é visto na maioria dos países ocidentais, já existia desde o final do século XIX.

A pesquisadora e escritora Isabel Wilkerson, autora da obra “*The Warmth of Other Suns: The Epic Story of America’s Great Migration*”, fala do mencionado período, na verdade um grande êxodo, da seguinte forma:

(...) one of the great untold stories of American History. The decades-long migration of black citizens who fled the South for northern and western cities, in search of a better life. From 1915 to 1970, this exodus of almost six million people changed the face of America. She interviewed more than a thousand individuals, and gained access to new data and official records, to write this definite and vividly dramatic account of how these American journeys unfolded, altering our cities, our country, and ourselves.

O referido “capítulo” nas histórias do Brasil e da Norte Americana alteraria e muito os centros urbanos de São Paulo, Rio de Janeiro, Nova York, Boston, Chicago, Filadélfia, cenário bastante estudado pelos teóricos da Escola Sociológica de Chicago.

Imagem 43

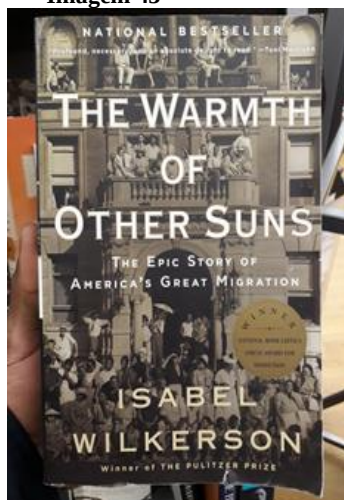
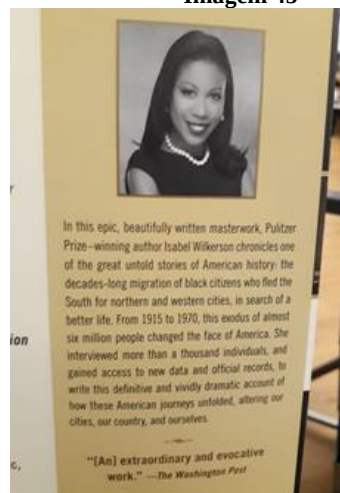


Imagem 44

Imagem 45⁶⁷¹

Um pouco + da migração Nordeste/Minas Gerais para São Paulo/Rio de Janeiro (Brasil vis-à-vis) com a *The Great Migration* (EUA):

⁶⁷¹Acervo pessoal deste pesquisador/autor tiradas na livraria da Brown University, Thayer Street, em Providence, Rhode Island, no final de 2019. Como a cidade entrou em lockdown total, a livraria não abriu antes da minha partida, praticamente exigida pelo US Department of State, órgão que fiscaliza os Fulbrighters internacionais.

Imagem 46



Imagem 47



Imagem 48

Imagem 49⁶⁷²

Morse⁶⁷³ cita uma seca no ano de 1952 no Nordeste que teria implicado a vinda de grandes números de retirantes do referido lugar para São Paulo.

*Em 1934 as restrições nas quotas de imigrantes reduziram ao mínimo o influxo estrangeiro. As necessidades de São Paulo quanto à mão-de-obra fabril e agrícola continuaram, todavia, a ser supridas pelas migrações internas. Estas se acentuaram em 1927, quando dezenas de milhares de pessoas, atraídas pela prosperidade do café em São Paulo e viajando em condições penosas, fugiram de uma forte seca no Nordeste. (A seca de 1952 trouxe do Nordeste para o Estado de São Paulo mais de 1 100 pessoas por dia). Em 1935-39, 96% dos 285 000 imigrantes do Estado eram brasileiros.*⁶⁷⁴

⁶⁷² As fotos mostram a chegada de migrantes de trem, muito provavelmente vindos de várias localidades do Nordeste e/ou Minas Gerais, nas primeira metade do século XX. Dados oficiais registram chegadas de grandes levas dos referidos migrantes a partir de 1950, fugindo da seca e escassez de alimentos de suas regiões natais. Nossa hipótese é que o referido período histórico possui grandes semelhanças com a great migration ocorrido nos EUA, nas primeiras décadas do século XX.

⁶⁷³ MORSE, Richard McGee. (1970), *Formação Histórica de São Paulo: de Comunidade à Metrópole*, São Paulo, Difusão Européia do Livro.

⁶⁷⁴ *Idem, ibidem.*, p.302

Imagem 50



Imagem 51



Imagem 52



Imagem 53



Imagem 54

Imagem 55⁶⁷⁵

⁶⁷⁵ Acervo pessoal deste pesquisador e foram tiradas na cidade de Lancaster, Estado da Pensilvânia, EUA, entre os meses de junho e setembro, período que nós passamos na Temple University, cidade de Filadélfia, em estágio de aculturação oferecido pelo programa DDRA (Doctoral Dissertation Research Award) da Comissão Fulbright.

Imagem 56



Imagem 57



Imagem 58



Imagem 59



Imagem 60

Imagem 61⁶⁷⁶

⁶⁷⁶ Acervo pessoal deste pesquisador e foram tiradas na cidade de Lancaster, Estado da Pensilvânia, EUA, entre os meses de junho e setembro, período que nós passamos na Temple University, cidade de Filadélfia, em estágio de aculturação oferecido pelo programa DDRA (Doctoral Dissertation Research Award) da Comissão Fulbright.

Imagem 62



Imagem 63



Imagem 64

Imagem 65⁶⁷⁷

⁶⁷⁷ Acervo pessoal deste pesquisador e foram tiradas na cidade de Lancaster, Estado da Pensilvânia, EUA, entre os meses de junho e setembro, período que nós passamos na Temple University, cidade de Filadélfia, em estágio de aculturação oferecido pelo programa DDRA (Doctoral Dissertation Research Award) da Comissão Fulbright.

2.14 Urbanização de São Paulo (Brasil) vis-à-vis New York/New England (EUA)

2.14.1 Comparativo preliminar: 1500 a 1888 vis-à-vis 1619 a 1865

Nosso intuito na comparação entre as cidades de São Paulo e Nova York, ou ainda outras cidades na Nova Inglaterra como Boston, etc., é que esses locais não contaram com as chamadas *plantations*, como aconteceu no *Deep South* daquele país, onde os commodities globais, majoritariamente algodão, eram produzidos por meio da escravidão negra/africana. Da mesma forma, a cidade de São Paulo não contou com a presença de *plantations*, tendo ficado as plantações de café no interior paulista, exatamente na Vale do Paraíba. A grande coincidência é que ambas as regiões recebem todos os recursos monetários provenientes das *plantations*, num primeiro momento, e logo depois passam a receber grupos humanos altamente endinheirados que fugiam das imagens da escravidão, pois já na segunda metade do século XIX, estar associado e/ou depender da escravidão passou a ser visto como algo menor, atrasado.

Beckert,⁶⁷⁸ em “*The Monied Metropolis: New York and the Consolidation of the American Bourgeoise, 1850 – 1896*”, fala em “partida do passado”, “uma partida significativa dos tempos *Antebellum*”, a formação de “classes respeitáveis” que haviam acumulado poder político, social, econômico sem precedentes, tudo acumulado até a guerra civil naquele país, o que deixa muito claro qual teria sido a fonte das fortunas: a escravidão no *deep South*, a frente das *plantations* do *king-cotton*, que abastecia a indústria têxtil na Nova Inglaterra, como *Rhode Island (Providence, etc.)* ou *Massachusetts (Boston, etc.)*, e todos juntos abasteciam o mercado financeiro localizado na cidade de Nova York. Beckert fala em “*merchants, industrialists, bankers, real estate speculators, rentiers, and professional metamorphoses into a social class.*”

Grosso modo, a referida obra e sua utilidade para nossas pesquisas a partir deste ponto deve-se a:

*O livro explora como Nova Yorkinos proprietários de capital sobrepujaram suas distintas identidades de antebellum (significando antes da ‘guerra civil’ dos EUA, grifo nosso), enraizados na propriedade de diferentes tipos de capital, para forjar no nascimento da guerra civil densas redes sociais, para criar instituições sociais poderosas, e para articular uma visão altamente coerente do mundo e seus lugares dentro deste.*⁶⁷⁹

⁶⁷⁸ BECKERT, Sven. (2001), “*The Monied Metropolis: New York and the Consolidation of the American Bourgeoise, 1850 – 1896*”, Cambridge, Cambridge University Press.

⁶⁷⁹ Do original: “*The book explores how capital-owing New Yorkers overcame their distinct antebellum identities, rooted in the ownership of different kinds of capital, to forge in the wake of the Civil War dense social networks, to create powerful social institutions, and to articulate an increasingly coherent view of the world and their place within it.*” (Idem, *ibidem.*, p. 3).

Em diálogos com o referido autor, pode-se afirmar que Nova York nasce, sim, do capital produzido no sul escravagista, majoritariamente dependente do algodão, também chamado de *slave-grown cotton* em Beckert & Rockman.⁶⁸⁰ Portanto se a referida *metropolis* tem a referida gênese, a urbanização dele provém de tal riqueza, também.

Entre conversas e leituras, tivemos certeza de como toda a riqueza gerada nos vários séculos de escravização, seja no interior paulista, seja no *Deep South* norte-americano, definiram os Estados Unidos, e no Brasil a partir de São Paulo, em especial se levarmos em consideração os conceitos utilizados em Weisntein⁶⁸¹ referente a formação de identidade paulista, pois Beckert afirma que New York:

*“deu forma a economia, ideologia e política de todas as nações ocidentais” a partir da segunda metade do século XIX. “Acumulando capital e poder como nunca antes visto, esta nova classe social ganhou o braço-de-ferro com uma elite, classe social antiga, feudal, e posteriormente dá forma às economias, ideologias e políticas de todas as nações ocidentais.”*⁶⁸²

Por hora, vamos dizer que a referida burguesia Nova Iorque nasce da morte da escravidão⁶⁸³, e seguir para importantíssimos detalhes sobre como se dá o surgimento da comunidade afro-americanas, desequipadas, segregadas desde sempre, e é lógico, para não culpabilizar a vítima, foi tudo resultado de produção social do espaço, nos termos do geógrafo Milton Santos, quando as dinâmicas sociais atuam por sobre as configurações territoriais formando e definindo espaços, localizações.

A historiadora Leslie M. Harris fala em *...racial segregation as essential to the maintenance of racial supremacy...*⁶⁸⁴ e desde nossa dissertação de mestrado temos usado tal afirmação para demonstrar possível gênese da segregação espacial na cidade Nova York. Durante o período da escravidão nos EUA, que ocupou aquele território de

⁶⁸⁰ BECKERT, Sven & ROCKMAN, Seth. (2016) (Editores), *“Slavery’s Capitalism: A New History of American Economic Development”*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press., p. 1.

⁶⁸¹ Weisntein (2015)

⁶⁸² Do original: *“Accumulating ever more capital and power, this new social class gained the upper hand over an older, feudal, social elite and eventually shaped the economy, ideology, and politics of all Western nations.”* BECKERT, Sven. (2001), *“The Monied Metropolis: New York and the Consolidation of the American Bourgeoisie, 1850 – 1896”*, Cambridge, Cambridge University Press., p. 4). A referida passagem tem a seguinte sugestão de leitura/consulta na página 336, nota #25: *“For the general point see Peter Gay, The Bourgeois Experience, 5 vols. (New York: Oxford University Press and Norton, 1984 – 1998); Eric Hobsbawn, The Age of Capital, 1848 – 1875 (New York: Scribner, 1975); Jurgen Kocka, ‘Burgertum und burgerliche Gesellschaft im 19. Jahrhundert: Europäische Entwicklungen und deutsche Eigenarten,’ in Jurgen Kocka, ed., Burgertum im Neunzehnten Jahrhundert (Munich: dtv, 1988), pp. 11-76.”*

⁶⁸³ Do original: *“Proletarianization and the overthrow of slavery drove the process of bourgeois class formation.”* (Idem, *ibidem.*, p. 5).

⁶⁸⁴ “Segregação racial como essencial para a manutenção da supremacia racial” - HARRIS, Leslie M. (2003) *“In the Shadow of Slavery – African Americans in New York City 1626-1863”*, Chicago, The University of Chicago Press.

norte a sul, de leste a oeste, como uma instituição total, nos termos de Parron & Marquese, não se percebeu a referida segregação pois:

*(...) Muitos negros ocupavam os porões de edificações, com os brancos nos pavimentos superiores. Porão foi um legado da cidade de Nova York nos tempos da escravidão (...)*⁶⁸⁵

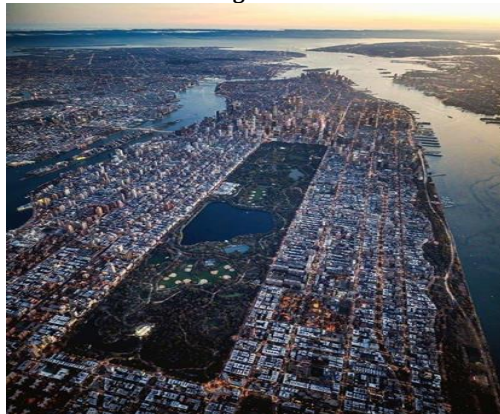
E bastou a escravidão naquele estado e cidade chegar ao fim para que os ex-escravizados começassem a ser rechaçados dos seus locais de “moradia” até aquele momento. A nossa dissertação de mestrado traz o seguinte, sobre este tema, nas páginas 39-40:

*(...) Sentia-se no ar bastante indignação dos antigos escravocratas para com os antigos escravizados, que por lei não eram mais suas propriedades. Dizia-se: “As leis os libertaram e eles me abandonaram, agora deixe que as próprias leis tomem conta deles”*⁶⁸⁶. Enquanto propriedade e por sua vez submisso, não havia grande problema em compartilhar espaços com o negro, fosse de moradia, fosse de trabalho, uma vez que esse “estava escravo”, porém à medida que os negros se reuniam buscando melhores condições de vida e, numa função inversamente proporcional, as forças escravocratas se enfraqueciam, as tensões aumentaram. O norte e nordeste em processo de industrialização e recebendo levas de imigrantes europeus, desde o século XVIII, contrapunha-se cada vez mais com o sul fortemente escravagista (...)⁶⁸⁷

Imagem 66 Avenida São João anos 1950⁶⁸⁸



Imagem 67⁶⁸⁹



⁶⁸⁵ Tradução livre deste autor: “... *Many blacks occupied the cellars of buildings, with whites above. Cellar was a legacy of New York City slavery...*”.

⁶⁸⁶ “*The laws set him free and he left me – now let the laws take care of him.*”

⁶⁸⁷ “Relações de alteridade, segregação e degradação urbanas em São Paulo: uma análise dos efeitos simbólicos da presença de segmentos populacionais étnicos estigmatizados na ‘vizinhança’”. Disponível em: <<https://sapiencia.pucsp.br/handle/handle/19141>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁶⁸⁸ FACEBOOK.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/1406055956291566/permalink/2931561933740953/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁶⁸⁹ FACEBOOK.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/welcometonewyork2/posts/1083589155445819>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

As belíssimas fotos de São Paulo, dos anos 1950/1960, e de Nova York, bastante atual, mostram a beleza e magnitude de setores, vizinhanças, quadrantes das referidas cidades, e a nossa hipótese, a este ponto mais que comprovada, é que tudo nasce do café do Vale do Paraíba, 1º caso, e do algodão do *Deep South*, no 2º caso. Como apontado pelo antropólogo Paul Connerton, a sociedade se lembra e a modernidade esquece, mas somente o que for de seu interesse, no nosso entendimento.

Para fechar este item, vejamos na foto abaixo um exemplo de ideário de urbanização, modernização paulistano, que só foi possível em São Paulo. Salientamos que a entrada de “gente branca/europeia” não é condição suficiente e necessária para o desenvolvimento de local algum, pois se assim o fosse, todas as cidades dos 3 estados do sul brasileiro seriam tão prósperas e bonitas como Paris, Frankfurt, Londres, Amsterdam, etc.

Imagem 68 - Postagem de Percy Putz em Memórias Paulistanas: “Meus pais, 1938. Rua São Bento”.⁶⁹⁰



2.15 Industrialização de São Paulo (Brasil) vis-à-vis New York/New England (EUA)

2.15.1 Comparativo preliminar: 1500 a 1888 vis-à-vis 1619 a 1865

Rockman & Beckert⁶⁹¹ afirmam que a escravidão nos Estados Unidos faz parte do *dna* daquele país⁶⁹², e como dito por Parron⁶⁹³ a escravidão no Brasil foi uma instituição total, estando presente em todos os poros da nação, de norte a sul do país, e neste sentido,

⁶⁹⁰ PS: os elogios à referida postagem beiram ao eugenismo de Adolf H., J. Goebbels, A. Eichman, para dizer o mínimo. Em termo simples, uma cidade paulistana com cidadãos germânicos, bem vestidos, sempre foi o plano de desenvolvimento da elite cafeeira paulista. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo?fbid=2831068890447559&set=gm.3549331038421449>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁶⁹¹BECKERT, Sven & ROCKMAN, Seth. (2016) (Editores), “*Slavery’s Capitalism: A New History of American Economic Development*”, Philadelphia, University of Pennsylvania Press., p. 3.

⁶⁹² Do original: “...*American Slavery is necessarily imprinted on the DNA of American capitalism...*” (Idem, *ibidem.*, p. 3).

⁶⁹³ PARRON, Tâmis Peixoto. (2015), *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba 1787-1846*. Tese de doutoramento. Departamento de História – FFLCH/USP.

tanto no Brasil como nos Estados Unidos, as ferrovias nascem e crescem muito em função da escravidão, sendo que os norte-americanos saem na frente, (afinal de contas a Revolução Industrial iniciada no século XVIII se dá no Norte Global), e no caso paulista/brasileiro só no século XIX. Weinstein⁶⁹⁴ fala da influência das ferrovias paulistas no nascimento e crescimento de cidades como Jundiaí, Sorocaba, Piracicaba, etc., ainda no século XIX.

*(...) with the railway system enlarging accordingly, that São Paulo, city and province, began to evince some of the characteristics later associated with its exceptional economic performance. Population growth – first mainly due to the forced relocation of African slaves, and then the more voluntary influx of European immigrants – expanded the labor force and the market. The maintenance demands of the railroad network fueled the growth of a half dozen major interior cities such as Jundiaí, Sorocaba, and Piracicaba, that became not only commercial entrepôts but centers of considerable industrial production as well. Santos, the main port city, drew both former slaves and immigrants searching for regular employment on the waterfront(...)*⁶⁹⁵

Da mesma forma que “a riqueza sulista” alimentou “os lucros nortistas”⁶⁹⁶, o café do interior paulista alimenta a cidade de São Paulo, trazendo elementos que a permitiram ser a cidade global do hemisfério sul, com todas suas contradições.

De forma despretensiosa, tanto lá como cá, vários foram e ainda são os nomes de clãs familiares e empresariais que têm na sua gênese de riqueza, suor, dor, sangue e morte de africanos e indígenas escravizados e/ou que perderam suas terras e liberdade para dar vida e riqueza para o lado colonialista e seus descendentes.

*A South Carolina industrialist such as William Gregg might rightfully lament that such thriving northern cities as Bridgeport, Connecticut, had ‘been built by the capital of Charleston,’ while a compatriot writing in De Bow’s Review could declare slavery the ‘nursing mother of the prosperity of the North..’*⁶⁹⁷

⁶⁹⁴ Weinstein (2015, p. 3).

⁶⁹⁵ Tradução livre do autor desta tese: “...com o sistema ferroviário se expandindo, São Paulo, cidade e província, começam a evidenciar algumas características que mais tarde seriam associadas com seu excepcional desempenho econômico. O crescimento populacional - primeiramente em função da realocação forçada de africanos escravizados, e a seguir pelo afluxo voluntário de imigrantes europeus – expandiu a força de trabalho e o mercado. As demandas por manutenção exigidas à rede ferroviária alimentaram o crescimento de meia dúzia de cidades do interior paulista, tais como Jundiaí, Sorocaba e Piracicaba, que se tornaram não apenas entrepostos comerciais, mas centros de considerável produção industrial, também. Santos, a principal cidade portuária, atraía tanto os antigos escravizados quanto os imigrantes europeus em busca de emprego regular à beira-mar...”.

⁶⁹⁶ “Those attempting to stave off disunion tabulated ‘Southern Wealth and Northern Profits’ and championed a national economy that emanated from the cotton fields of Mississippi and Louisiana and flowed into every corner of prosperity in New England.” (BECKERT, Sven & ROCKMAN, Seth. (2016) (Editores), “Slavery’s Capitalism: A New History of American Economic Development”, Philadelphia, University of Pennsylvania Press., p.3).

⁶⁹⁷ Tradução livre do autor desta tese: “Um industrial da Carolina do Sul tal qual William Gregg deve ter lamentado e com toda razão que cidades prósperas ao norte como Bridgeport, Connecticut, ‘tivessem sido construídas com capital de Charleston,’ enquanto um compatriota escrevendo na revista *De Bow’s Review* pudesse declarar a escravidão como a ‘cuidadosa mãe da prosperidade do Norte.’” (*Idem, ibidem.*, p. 2).

Algumas figuras ilustres da Indústria⁶⁹⁸Paulista: Banco do Brasil; CEF – Caixa Econômica Federal, entre outras casas bancárias; Correios e Telégrafos; Barão/Visconde de Mauá; recebedores de recursos financeiros (a fundo perdido) e terras [devolutas] em São Paulo e no sul do Brasil, etc., como imigrantes europeus; Antônio Ermírio de Moraes, ícone da indústria paulista, Grupo Votorantim, Hospital da Sociedade Beneficência Portuguesa; Família Setubal (ITAUSA); Família Ademar de Barros; Família Matarazzo (Conde Francesco Antonio Maria Matarazzo); clã Simonsen (comparado ao Barão de Mauá por Heitor Ferreira Lima, 1961, em *Formação Industrial do Brasil*); etc. Aliás, este último autor, embora tenha mencionado “escravatura” e “tráfego” rarissimamente⁶⁹⁹ da referida obra, nos permite inferir que “...a instalação de atividade recém criadas, como as indústrias de automóveis, de máquinas, de química pesada, de derivados do petróleo, de plásticos e outros mais..⁷⁰⁰” se dão majoritariamente em São Paulo em função da riqueza produzida e acumulada desde os primeiros anos da indústria cafeeira no interior paulista, que financia todos os demais estágios de desenvolvimento econômico regional, como imigração europeia, urbanização da cidade de São Paulo, e substituição de importações por meio da industrialização, ainda que tardia.

O referido autor aponta para a necessidade de se reconhecer “defeitos ou distorções de nossa formação material⁷⁰¹” e que isso fosse feito “...olhando para o passado com [...] imparcialidade...” pois assim poderia se identificar experiências proveitosas. Consideramos as hipóteses, aqui levantadas, totalmente imparciais, as quais levam em consideração apenas fatos, dados históricos. Estivessem equivocadas nossas hipóteses, as várias outras regiões do Brasil teriam recebido, desde a tenra idade, indústrias as mais variadas possíveis, mas sabemos não ser esse o caso.

Rockman & Beckert⁷⁰² falam da rota/fluxo da escravidão e seu legado de riqueza, desenvolvimento que se inicia no Caribe e América Latina⁷⁰³, pelas mãos de grupos espanhóis e portuguesas, e só depois chegam a América do Norte pelas mãos holandesas

⁶⁹⁸ +Sistema Financeiro/Bancos/Seguradoras, etc.

⁶⁹⁹ *Idem, ibidem*, p. 34.

⁷⁰⁰ *Idem, ibidem*, p. 4.

⁷⁰¹ *Idem, ibidem*, p. 5.

⁷⁰² BECKERT, Sven & ROCKMAN, Seth. (2016) (Editores), “Slavery’s Capitalism: A New History of American Economic Development”, Philadelphia, University of Pennsylvania Press., p.3.

⁷⁰³ Do original: “As capitalism expanded from within the world market it had created, slavery came to play a central, even decisive, role – first in the Caribbean and Latin America, and then in North America – tightly connected to the world-altering Industrial Revolution and the so-called Great Divergence. By virtue of our nation’s history, American slavery is necessarily imprinted on the DNA of American capitalism.” (*Idem, ibidem.*, p.3).

e inglesas. Como a revolução industrial tem como principais atores os EUA e Inglaterra, já no século XVIII, não há como dissociar o legado escravista na fundação do capitalismo ocidental, saxão e depois em nível global.

CAPÍTULO 3 BROOKLYN-NYC - HISTÓRICO CONCRETO – INTRODUÇÃO: ESTADOS UNIDOS, A CIDADE DE NOVA YORK E O BAIRRO + (PROSPECT-LEFFERTS-GARDENS, FLATBUSH).

*(...) Hearing these voices and witnessing these actions reveals the importance of slavery, emancipation, and black freedom to the history of New York City. Although historians have thoroughly studied black enslavement and emancipation in the southern United States, comparable studies for northern locales are few. Before the completion of emancipation in 1827, New York City contained the largest urban slave population outside of the South. After 1827, New York City was home to one of the largest free black communities in the North(...)*⁷⁰⁴

Manteremos neste capítulo linha analítica similar à usada no capítulo 2 Liberdade-SP, cientes de que as métricas usadas no 1º caso podem precisar de alguma adaptação, pois embora tenhamos identificados quantidade suficiente de itens para fazer estudos e/ou análise comparativa, cada local guarda sua própria gênese.

Inicialmente afirmamos que tanto aqui (NYC) quanto lá (Sampa) sempre houve escravização de africanos e de seus descendentes, mesmo não tendo existido as *plantations* que produziam *commodities* globais, principais motrizes do desenvolvimento nos dois países, o que na nossa tese é aqui apresentado na sequência: (i) colonização/escravização; (ii) industrialização; (iii) urbanização; e (iv) imigração. Já a partir desta sequência, percebemos uma alteração com a sequência brasileira, paulista, paulistana.

Conforme afirmado por Harris,⁷⁰⁵ por volta de 1827, a cidade de Nova York possuía a maior população urbana escravizada fora do *Deep South*, população essa que ingressa numa sociedade já altamente competitiva e onde adentrariam grandes contingentes de imigrantes europeus, que ao longo de pouco tempo assimilariam os códigos, valores e signos de uma sociedade de mentalidade escravagista, racista, eugenista. Segundo uma afirmação, por nós escutada, italianos, entre outros grupos étnicos, só seriam aceitos ou sofreriam menos discriminação após começar a cerrar fileiras contra os negros e/ou afro-americanos, parafraseando Elias.⁷⁰⁶

⁷⁰⁴ Tradução livre do autor desta tese: “...Ouvindo estas vozes e testemunhando estas ações revela a importância da escravidão, emancipação, e a liberdade negra para a história de cidade de Nova York. Embora os historiadores tenham estudados extensivamente a escravidão negra e a emancipação no sul dos Estados Unidos, existem poucos estudos comparativos com a região norte. Antes da conclusão da emancipação da escravatura em 1827, a cidade de Nova York possuía a maior comunidade negra de libertos na região norte/nordeste...”. HARRIS, Leslie M. (2003), *In the Shadow of Slavery – African Americans in New York City 1626-1863*, Chicago, The University of Chicago Press., p. 3.

⁷⁰⁵ Idem.

⁷⁰⁶ ELIAS, Norbert et al. (2000) *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, Rio de Janeiro, Ed.Zahar.

Convidamos os leitores a recapitular alguns episódios históricos, e logo após retomamos nossa narrativa.

3.1 Macrolocalização do nosso tempo e espaço: *Timeline de Manhattan Island (EUA)*.⁷⁰⁷

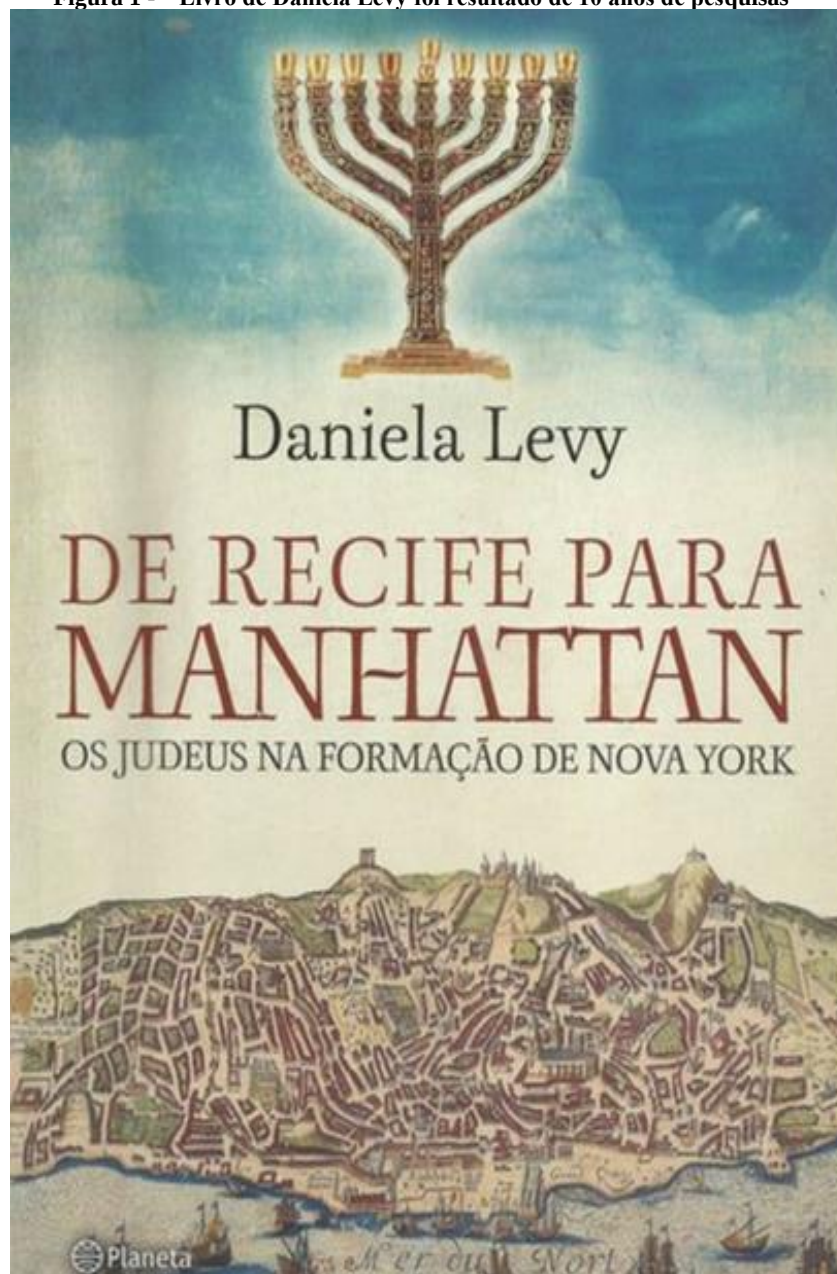
Tabela 6

DATA	FATOS HISTÓRICOS ⁷⁰⁸
1613	<i>Dumping of Jan Rodrigues from a Dutch vessel by his shipmates. (pp.12-13)</i>
1621	<i>Dutch West India Company obtained exclusive rights to settle the colony of New Netherland, including Manhattan. PS: "The first European settlers were Walloons, a Belgian minority who traveled to New Netherland...". (p.13)</i>
1625	<i>Hollander Willliam Kieft renamed the island New Amsterdam. (p.13)</i>
1626	<i>Pieter Minuit "purchased" Manhattan Island from local Native Americans; Migrants from England, France, Norway, Germany, Ireland, and Denmark joined the Walloons on the island. PS: Manhattan: "Too Great a Mixture of Nations".</i>
1626-1827	<i>"...black labor to the region..." (p.11); 1626 – the first eleven African slaves were imported; The Dutch West India Company's importation and employment of most of the colony's slave labor enabled the settlement and survival of the Europeans..." (p.14)</i>
1642	<i>Arrival of "Spanish Negroes" from a captured Spanish vessel. PS1: The Dutch enslavement of Spanish prisoners of war underscored the increasing importance of race in perpetuating slavery under Dutch rule; PS2: Despite the men's claims that they were free Spanish subjects, not Africans or slaves, the Dutch considered them slaves because of their swarthy skin. (p.18)</i>
1654	<i>After Holland lost Brazil to the Portuguese, the Dutch West India Company began to ship slaves to New Amsterdam more consistently ... and directly from Africa in an effort to develop New Amsterdam into a major North American slave port. (p.15)</i>
1654B	<i>"Como 23 judeus expulsos de Recife ajudaram a fundar Nova York" "...ano em que Portugal derrotou os holandeses e retomou o controle do Nordeste, provocando, por consequência, a expulsão dos judeus, temerosos com a Inquisição [...] Mas, graças à intervenção do governo holandês, foram libertados e, por motivos financeiros, parte deles seguiu para um destino mais próximo do que a Europa: a colônia holandesa de Nova Amsterdã, atual Nova York, então um mero entreposto comercial. [...]Ali formaram a primeira comunidade judaica da América do Norte e contribuíram para o desenvolvimento da cidade. Atualmente, Nova York é a segunda cidade com o maior número de judeus no mundo, atrás apenas de Tel Aviv, em Israel."</i>

⁷⁰⁷ HARRIS, Leslie M. (2003), *In the Shadow of Slavery – African Americans in New York City 1626-1863*, Chicago, The University of Chicago Press.

⁷⁰⁸BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portugueseComde%20de%20praticar%20s%20A3o>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Figura 1 - “ Livro de Daniela Levy foi resultado de 10 anos de pesquisas⁷⁰⁹



⁷⁰⁹ “ Livro de Daniela Levy foi resultado de 10 anos de pesquisas: Mas foi em fevereiro de 1630 com a ocupação holandesa que os judeus dos Países Baixos, alguns dos quais descendentes dos que haviam fugido da Península Ibérica rumo à Holanda, chegaram ao Brasil, diz à BBC News Brasil a historiadora Daniela Levy, autora do livro De Recife para Manhattan: Os judeus na formação de Nova York (Editora Planeta), que demandou 10 anos de pesquisa. Levy investigou inicialmente o tema para sua dissertação de mestrado, na Universidade de São Paulo (USP).” BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portugueseComde%20de%20praticar%20s%20A30>>. Acesso em 22 de jul. 2021

Tabela 7

DATA	FATOS HISTÓRICOS
1660	<i>By that year, New Amsterdam was the most important slave port in North America. African slaves constituted the predominant part of New York City's colonial working class. (p.15)</i>
1664	<i>End of Dutch rule. (p.22); The British took over the colony of New Netherland, resolving the century-long struggle between the Dutch and British over ownership of the territory. The British government awarded the colony to the Duke of York, who renamed both New Netherland and New Amsterdam New York. (p.26). PS1: With British rule, slavery in New York gained a new stringency, and free blacks, too, were affected by the new rulers' desire to control slave. British colonists concern with regulating slavery resulted from Britain's increasing involvement in the African slave trade. The Duke of York held a controlling interest in the Royal African Company, which sought to make the New York colony a major market for slaves. (pp.26-27).</i>
1680 to 1750	<i>British privateers captured free Spanish subjects during wars between Britain and Spain. They "assumed" these subjects to be slaves because of their dark skin ... and sold them into slavery in Manhattan. [...] in 1740, the Spanish government's threats to treat English prisoners of war as slaves slowed the practice, and after 1750 there were no more such enslavements. (p.30).</i>
1712	<i>Slave revolt: slaves directly from Africa came from the Gold Coast, the Bight of Benin, the Bight of Biafra, and the Congo, the most identifiable in the mentioned revolt. (p.29)</i>
1741	<i>Slave runaways: rural and urban slaves also fled deep into rural areas to sympathetic Native Americans, or to other colonies. During the Seven Years' War, New York masters feared that the French were enticing slaves to join them with promises of freedom. Slaves occasionally fled in groups or with white indentured servants. (p.52).</i>
1748	<i>Through Spirit of the Laws, Montesquieu called upon Europeans to see that slavery was detrimental to public virtue. (p.53).</i>
1775	<i>Lord Dunmore, the Royal governor of Virginia, promised freedom after the war to any slaves who fought for the British. PS: In response, tens of thousands of slaves joined the British during the course of the war. (p.54)</i>
1776	<i>Through Wealth of Nations, Adam Smith argued that slavery was an antiquated economic system that hindered the growth of individual self-interest and was an obstacle to human progress. (p.53); PS1: By 1776, all provincial and continental armies had banned the enlistment of all blacks, but when blacks began streaming to the British army, the Americans reconsidered their ban. (p.54); PS2: Both the British and the Americans used blacks as combatants in their navies. (p.54)</i>
1785	<i>The founding of the New York Manumission Society by a group of influential white New York city men gave enslaved black people new allies in the struggle against slavery. (p.49). PS1: Quakers were the first whites in New York city to organize against slavery, but [...] Pennsylvania Quakers led the domination's antislavery discussions. (p.50); PS2: Many among the Quaker leadership held slaves and participated in the slave trade, and they were unwilling to risk their economic status. (p.50); PS3: The Manumission Society was the first non-Quaker organization in New York to devote itself to emancipation. (p.56).</i>
Early 1800s	<i>From the end of the Revolutionary War to the early 1800s, New York City blacks were part of the greatest round of slave resistance and rebellion the Americas had yet seen. (p.67).</i>
1812	<i>Before the war, blacks participated in public displays of politics and culture across evolving class lines. But the rise of a new racism against blacks after the War of 1812 led to increased pressure on blacks to move out of public space and, indeed, with the formation of the American Colonization Society, out of the United States all together. (p.5). PS1: The War of 1812 was a high point in black cross-class support of the various forms of the free black urban presence. (p.72).</i>
1821	<i>Black suffrage. PS: a black person could be elected to office but could not vote to put himself into office. (p.59).</i>
1827	<i>On the fourth and fifth of July, New York City's African Americans took the streets, marching in processions with banners and music. Slavery, as institution virtually as old as European settlement on Manhattan Island, had finally ended in New York State. (p.11).</i>
1830 to 1850	<i>Seneca Village community (...razed in 1857 to make way for Central Park. P.307) the largest group of black land-holdings in Manhattan: a unique case of residential stability for black workers in New York City. (p.75).</i>

1863	<i>Civil War Draft Riots – one of the worst cases of racial violence in the nineteenth century. (p.8). O filme As Gangues de Nova York, de Martin Scorsese, mostra embates, massacres de brancos pobres, majoritariamente de origem irlandesa, no famigerado “Five Points district as the center of amalgamation, poverty, and crime in New York City”, quando Afroamericanos e Anglo Americanos ricos (banqueiros e industrialistas) são mortos, queimados vivos por mobs/gangues que reclamavam ter de lutar numa guerra de branco rico para salvar pretos escravizados</i> ⁷¹⁰ .
1865	<i>End of Civil War – Guerra de Secessão</i> ⁷¹¹

Com os acontecimentos históricos anteriores é possível perceber como e porque Nova York, estado e cidade, ficam tão ricos, mesmo nunca tendo tido as *plantations* típicas do *Deep South*. Harris,⁷¹² a autora usada para as referidas citações, não quantifica a magnitude da riqueza produzida com as mão de obra escravizada no Norte ou o que chega do Sul, mas com o aporte de Beckert⁷¹³ fica mais que evidente o quanto o suor, dor, sangue, vida e morte do africanos escravizados trouxe de capital para a bela *Apple Town*. A elite Nova Yorquina somada a abastados grupos sulistas, abertas aos ares europeus, vão se distanciando da cultura escravagista e logo após a guerra civil, terminada em 1865, consegue estabelecer rede sociais densas que criam instituições sociais poderosas e articulam uma crescente visão coerente do mundo e seu lugar dentre dele. Dava-se origem a uma das mais influentes burguesias capitalistas do mundo moderno que influenciaria, a partir de então, todo o planeta terra.

*(...) The book explores how capital-owning New Yorkers overcame their distinct antebellum identities, rooted in the ownership of different kinds of capital, to forge in the wake of the Civil War dense social networks, to create powerful social institutions, and to articulate an increasingly coherent view of the world and their place within it(...)*⁷¹⁴

⁷¹⁰FACEBOOK. Disponível em: <https://www.facebook.com/GangsOfNewYork>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁷¹¹BRASIL ESCOLA. Disponível em: <Saiba mais: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/guerra-secessao.htm>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁷¹² HARRIS, Leslie M. (2003), *In the Shadow of Slavery – African Americans in New York City 1626-1863*, Chicago, The University of Chicago Press.

⁷¹³ BECKERT, Sven. (2001), *The Monied Metropolis: New York and the Consolidation of the American Bourgeoisie, 1850 – 1896*, Cambridge, Cambridge University Press.

⁷¹⁴Tradução livre do autor desta tese: “...O livro [*The Monied Metropolis: New York City and the Consolidation of the American Bourgeoisie, 1850-1896*] explora como Nova Yorquinos proprietários de capital sobrepujaram suas distintas identidades antebellum [*significando antes da ‘guerra civil’ dos EUA, grifo nosso*], enraizados na propriedade de diferentes tipos de capital, para forjar no nascimento da guerra civil densas redes sociais, para criar instituições sociais poderosas, e para articular uma visão altamente coerente do mundo e seus lugares dentro deste.”⁷¹⁴(Idem, ibidem., p. 3).

O capítulo *The Power of Capital and the Problem of Legitimacy*⁷¹⁵ de Beckert⁷¹⁶ nos permitiu acompanhar a tecitura das referidas densas redes que criariam poderosas instituições sociais, muito provavelmente ativas até este presente.

O Norte “proguessista”, rico vence a guerra contra a Sul conservador, escravagista com a ajuda de brancos pobres e ex-escravizados, e logo depois estabelece, cristaliza, consolida uma elite burguesa influente nacional e internacionalmente e, para se manter no poder, ajuda na construção de aparato de segurança (o Regimento 7º), a partir de NYC, que logo se espalharia para outras partes dos EUA. Um dos maiores receios da referida elite era o espírito revolucionário, muito útil durante a guerra civil (de secessão), e que teria se transferido para movimentos sociais de trabalhadores, promovendo greves trabalhistas. Contudo, também, com o aval e simpatia do poder judiciário, cada vez mais forte, e sem competição de uma classe aristocrática, como no caso de alguns países europeus, a referida elite passa a se confundir com o Estado. “...*illustrious Bourgeois New Yorkers as the Astors, Browns, Dodges, Singers, and Vanderbilts*,⁷¹⁷ entre outros, fazem uma vaquinha (também conhecido por chip-in) para criar o Sétimo Regimento de Nova York (New York’s 7th Regiment),⁷¹⁸ uma espécie de milícia privada com a missão de salvaguardar os interesses da então quase consolidada elite econômica, política e cultural de Nova York, Estados Unidos, e posteriormente do mundo. Além dos nobres nomes citados, contou-se também com outros “*sons of good families in this town*”⁷¹⁹ (p.295) como “*numerous brokers, lawyers, builders, real estate speculators, dock builders, furniture manufacturers, importers*”⁷²⁰, Abram S. Hewitt, Seth Low, J.P. Morgan, Rockefeller’s Standard Oil Company.⁷²¹

A referida milícia, que assumiria o “*state’s monopoly on violence*”⁷²² possuía na sua “to do list” o uso da “força ... para preservar a ordem pública e a execução das leis...”⁷²³ dessa forma alterando ou controlando o poder social. Problemas como greves

⁷¹⁵ The Power of Capital and the Problem of Legitimacy (pp. 293-334).

⁷¹⁶ BECKERT, Sven. (2001), “*The Monied Metropolis: New York and the Consolidation of the American Bourgeoisie, 1850 – 1896*”, Cambridge, Cambridge University Press

⁷¹⁷ Tradução livre do autor desta tese: “...ilustres burgueses de Nova York como os Astors, Browns, Dodges, Singers e os Vanderbilts...”. (p. 293)

⁷¹⁸ New York’s 7th Regiment) (p. 294)

⁷¹⁹ Tradução livre do autor desta tese: “filhos das boas famílias desta cidade”.

⁷²⁰ Tradução livre do autor desta tese: “numerosos corretores, advogados, construtores, especuladores imobiliários, construtores de docas/estaleiros, fabricantes de móveis, importadores”

⁷²¹ Abram S. Hewitt, Seth Low, J.P. Morgan, Rockefeller’s Standard Oil Company (p. 295 passim).

⁷²² state’s monopoly on violence ” (p. 297).

⁷²³ *Idem, ibidem*, p.296.

trabalhistas (*labor troubles*) haviam crescido muito desde o final da guerra civil, e o “*American labor movement was among the strongest in the world.*”⁷²⁴ Ordens do tipo “*to hold in check, kill, if forced to ... the disorderly people to be found in all large cities...*”⁷²⁵ “*...keeping striking workers in check [...], 1877 railroad strike, [...] 1895 Brooklyn trolley workers strike*”⁷²⁶ (passim) estavam na pauta do dia.

Em suma, o referido livro, capítulo, autor nos ajudaram a entender, pelo menos de forma preliminar, como a partir de Nova York, com sua história de enriquecimento e empoderamento por meio da sua ativa participação na instituição escravidão naquele país, participa na construção de um Estado liberal⁷²⁷ e como e porque tudo isso foi feito. As contradições entre a “ideologia do ‘deixe-fazer’ e o aprofundamento dos conflitos sociais da época.”⁷²⁸

Laissez-faire, enquanto uma ideologia coesa,⁷²⁹ para a liberdade dos donos do capital,⁷³⁰ também como proteção dos direitos dos possuidores de propriedade,⁷³¹ ou ainda o que viria a ser, se já não era, o direito central da cidadania Norte-americana,⁷³² e ainda o uso de forças estatais militares e policiais para sufocar dissidências domésticas sobre a restrição dos direitos fundamentais como liberdade de movimento,⁷³³ e para a outra metade que mora moram do outro lado, parafraseando Jacob Riis, apenas obrigações e o direito de cumprir com as leis draconianas tecidas a pedido da referida elite.

Em resumo, as prerrogativas do capital numa sociedade civil amplamente intacta⁷³⁴ consolidaram os alicerces para a maior sociedade liberal dos tempos modernos (e nós não estamos necessariamente elogiando lado algum).

⁷²⁴ Tradução livre do autor desta tese: “...O movimento trabalhista Norte-americano era o mais forte no mundo”. (p. 297).

⁷²⁵ “to hold in check, kill, if forced to ... the disorderly people to be found in all large cities...” (p. 297),

⁷²⁶ Tradução livre do autor desta tese: “...manter em cheque, matar, se for forçado a fazê-lo ... as pessoas desordeiras a serem encontradas em todas as grandes cidades, mantendo os grevistas em cheque, greve ferroviária de 1877, greve dos trabalhadores do bonde do Brooklyn de 1895.”

⁷²⁷ (less government – p. 304),

⁷²⁸ Do original: “...contradictions between laissez-faire ideology and the sharpening social conflicts of the time...” BECKERT, Sven. (2001), “*The Monied Metropolis: New York and the Consolidation of the American Bourgeoisie, 1850 – 1896*”, Cambridge, Cambridge University Press., p. 303.

⁷²⁹ Do original: “...*Laissez-faire as a cohesive ideology...*” (p. 304).

⁷³⁰ Do original: “...*capital-owning New Yorkers...*” (p. 302).

⁷³¹ Do original: “...*the protection of the rights of property holders*” (p. 303).

⁷³² Do original: “...*the central right of American citizenship*” (p. 302).

⁷³³ Do original: “...*the use of military and policing power of the state to quell domestic dissent to the restriction of such fundamental rights as the freedom of movement, by successfully advocating the passage of antitramping legislations in New York State*” (p. 304).

⁷³⁴ Do original: “...*the prerogatives of capital in civil society largely untouched*” (p. 305).

Outro ponto muito interessante para nós foi poder constatar alguns motivos, ou melhor dizendo interesses econômicos específicos⁷³⁵ que teriam culminado na guerra total conhecida como guerra civil ou guerra de secessão, entre 1860-1865, e que de alguma forma voltariam à baila, de forma mais branda e política, no pós-guerra e durante a consolidação do poderio econômico, político e cultural do Norte (NYC) perante todo os EUA, e por sua vez o Mundo.

O uso de política monetária gerando inflação com o intuito de aumentar os preços das commodities agrícolas, ao mesmo tempo diminuindo a valor das dívidas dos fazendeiros sulistas com os credores/banqueiros nortistas esteve entre as verdadeiras principais causas dos conflitos entre os fazendeiros sulistas e os industrialistas nortistas, pois o uso de política monetária era (ainda é) uma poderosa ferramenta para regular atividades econômicas.⁷³⁶

Beckert⁷³⁷ diz ainda que apenas 2 exemplos são o suficiente para a ilustração dos referidos conflitos: (1) os debates sobre tarifas, e (2) debates sobre a regulação das redes ferroviárias⁷³⁸. Embora o referido autor mencione 1880's e 1890's, acreditamos que tais posicionamentos políticos e/ou interesses econômicos já estavam colocados desde as áureas décadas de produção do algodão no *Deep South*, financiado, garantido e retroalimentado pelo capital do Norte do EUA (banqueiros e industrialistas) e até da Inglaterra. Ainda sobre as causas dos conflitos Norte X Sul, cita-se a vontade do Norte por uma industrialização doméstica vis-à-vis a vontade de permanecer enquanto uma economia agrária exportadora por parte do fazendeiros sulistas.

*Protectionism on some items, sectors, industries, companies such as 'steelmaker like Andrew Carnegie, a clothing merchant and manufacturer like James Talcott, a shipbuilder like John Roach, and a piano manufacturer like Williams Steinway (...)'*⁷³⁹

Em novo cenário social, econômico, político e cultural, grupos de interesse do Norte industrialista, na pessoa da burguesia Nova Yorquina, a mesma que havia ajudado

⁷³⁵ Do original: "...specific economic interests..." (p. 305).

⁷³⁶ Do original: "...use of monetary politics to ignite inflation in order to increase prices for agricultural commodities, while diminishing the value of debts held b farmers [...] monetary politics was a potentially powerful tool for regulating economic activity." (p. 304).

⁷³⁷ BECKERT, Sven. (2001), "*The Monied Metropolis: New York and the Consolidation of the American Bourgeoisie, 1850 – 1896*", Cambridge, Cambridge University Press., p. 305

⁷³⁸ Do original: "...to illustrate these conflicts, two examples should suffice: the debates on tariffs and those on railroad regulation..." (p. 305).

⁷³⁹ Tradução livre do autor desta tese: "Proteccionismo sobre alguns itens, setores, indústrias, empresas tais como 'siderurgia Andrew Carnegie, um comerciante de vestuário e fabricante como James Talcott, um construtor de navio como John Roach, e um fabricante de piano como Williams Steinway...' (p. 305 passim).

a remover os então poderosos escravagistas sulistas do cenário político nacional,⁷⁴⁰ agora no pós-guerra sem oposição a um projeto continental expansionista com base no trabalho livre e industrialização doméstica,⁷⁴¹ atuaria total e unicamente visando seus interesses, tornando-se o mais forte estamento social, político, econômico e cultural dos Estados Unidos.

Nesse novo cenário, as então enormes divergências entre Norte e Sul não mais implicariam contendias beligerantes, pois nos termos da Escola Sociológica de Chicago, esses dois lados já estariam entre os estágios de acomodação e/ou assimilação, após terem passado por (1) contato, (2) competição, e (3) conflito.

*The clash between these two elites and the different political economies they embraced had come to its height during the civil war, a clash that had ended in the decisive defeat of southern slaveholders and their allies.*⁷⁴²

Beckert⁷⁴³ cita afirmação de Barrington Moore que fala de uma “*classic conservative coalition*”⁷⁴⁴ entre Norte e Sul em torno da criação e manutenção de uma agenda nacional. Os capitalistas do Norte não mais se opuseram as elites sulistas que renasciam com suas políticas regionais, leia-se *Jim Crow* e *disenfranchisement*, entre outras leis segregacionistas, racistas contra os recém libertos Afro-americanos.⁷⁴⁵

(...)when Jim Crow and disenfranchisement swept through the South, bourgeois New Yorkers cared little. Instead, they stressed the ‘nominal equality but [...] actual inferiority’ of African Americans, a notion that went well with the belief in their own social or even racial superiority. The southern elite this gained a free hand in silencing claims of citizenship rights, as well as demands for the redistribution of prosperity.”⁷⁴⁶

Em troca, as elites sulistas não se oporiam à economia política, desenhada pelo Norte, como uma moeda forte (*hard currency*), altas tarifas, e o apoio estatal para

⁷⁴⁰ Do original: “...had helped to remove the once mighty Southern slaveholders from the national political scene” (p. 298).

⁷⁴¹ Do original: “opposition to the project of continental expansion on the basis of free labor and domestic industrialization” (p. 298).

⁷⁴² Tradução livre do autor desta tese: “O choque entre essas duas elites e as diferentes políticas econômicas elas defendiam havia no seu ponto de máximo durante a Guerra civil, um choque que havia terminado com a derrota final dos escravagistas sulistas e seus aliados.” (BECKERT, Sven. (2001), “*The Monied Metropolis: New York and the Consolidation of the American Bourgeoisie, 1850 – 1896*”, Cambridge, Cambridge University Press., p. 299.

⁷⁴³ *Idem*.

⁷⁴⁴ “classic conservative coalition ” (p. 299)

⁷⁴⁵ *Idem, ibidem*, p. 300.

⁷⁴⁶ Tradução livre do autor desta tese: “...quando as leis segregacionistas Jim Crow e ‘disenfranchisement’ varreram o Sul, a burguesia de Nova York pouco se importou. Ao invés, eles enfatizaram a ‘igualdade nominal, mas [...] a verdadeira inferioridade dos Afroamericanos, uma noção que fluiu bem com a crença na sua própria superioridade social e racial. A elite sulista ganhou um passe livre para silenciar os reclamos por direitos de cidadania, como também as demandas por redistribuição de prosperidade.”(p. 300).

melhorias internas,⁷⁴⁷ que incluíam a plena industrialização da nação. Estava consolidado o maior império capitalista, industrial, cultural do mundo moderno, e a cidade objeto de nosso estudo preliminar foi a cereja, digo maçã do bolo.

Logo a seguir temos um mapa atual dos EUA com seus 50 (cinquenta) estados mais 1 (um) distrito federal, derivados das antigas 13 (trezes) colônias⁷⁴⁸, estando esses estados espalhados nas seguintes 4 (quatro) grandes áreas: (1) Northeast/Nordeste, (2) South/Sul, (3) Midwest/Meio Oeste, e (4) West/Oeste. O foco da nossa comparação é com o a região Nordeste⁷⁴⁹, onde se encontra o estado e cidade de Nova York, e também a Nova Inglaterra, região que abrigou a indústria têxtil, abastecida com o *king-cotton*, cultivado com o suor, dor, sangue, vida e morte de africanos escravizados e seus descendentes entre 1619 e 1865, conforme o #1619project⁷⁵⁰. Nova Inglaterra mais Médio Atlântico são formados pelos seguintes estados⁷⁵¹: Maine, New Hampshire, Vermont, New York, Massachusetts, Rhode Island, Connecticut, New Jersey, Pennsylvania (Pensilvânia) + Maryland, Delaware, Virginia, West Virginia (Virgínia Ocidental), North Carolina e South Carolina.

⁷⁴⁷ *Idem*

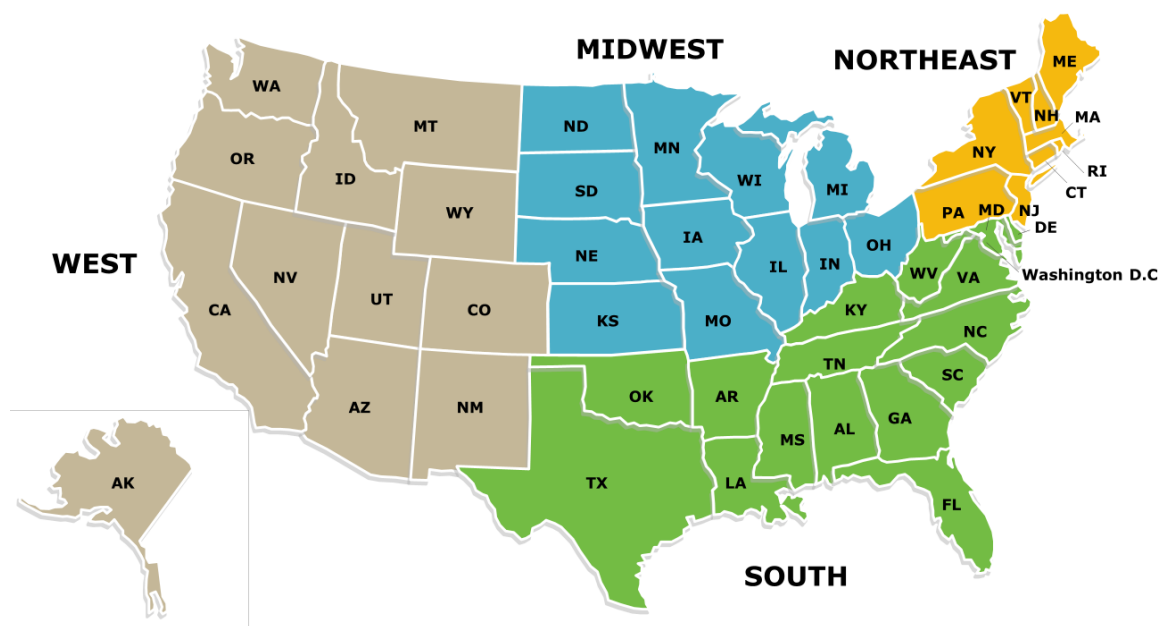
⁷⁴⁸ Província de New Hampshire, Província da Baía de Massachusetts, Colônia de Rhode Island, Colônia de Connecticut, Província de Nova York, Província de New Jersey, Província da Pensilvânia, Colônia[s] de Delaware, Província de Maryland, Colônia do domínio da Virgínia, Província da Carolina do Norte, Província da Carolina do Sul e Província da Georgia.

⁷⁴⁹ MAPA, #16, dos Estados Unidos, incluindo todas as regiões. Disponível em: <https://yourfreetemplates.com/us-region-map-template/https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Nordeste_dos_Estados_Unidos#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20defini%C3%A7%C3%A3o,Pensilv%C3%A2nia%2C%20pertencentes%20ao%20M%C3%A9dio%20Atl%C3%A2ntico>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁷⁵⁰ WASHINGTONPOST. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/education/2021/04/07/why-republican-efforts-to-ban-1619-project-classrooms-are-so-misguided/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

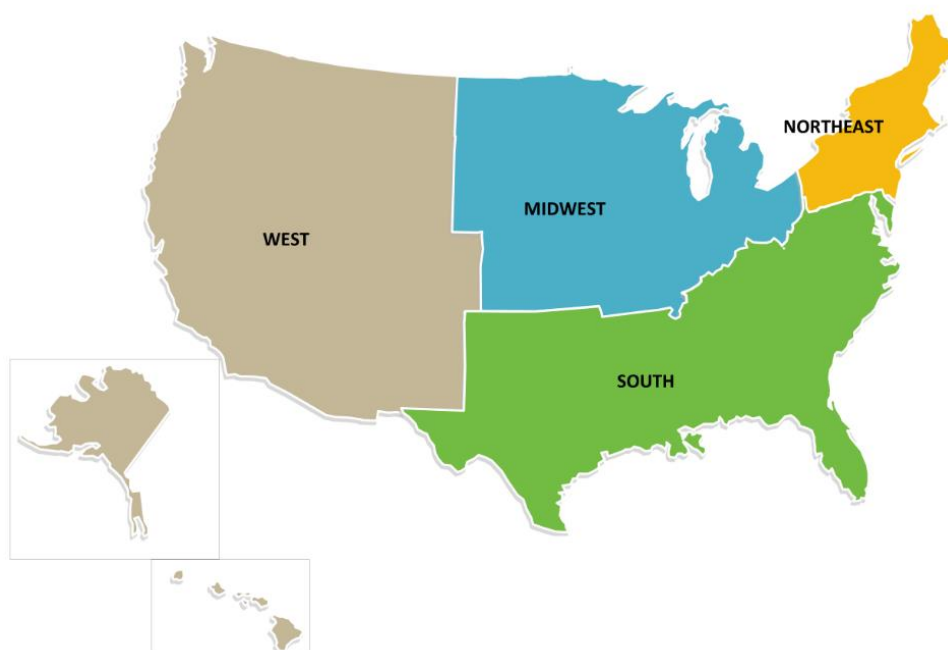
⁷⁵¹ CENSUS. Disponível em: <https://www.census.gov/library/visualizations/interactive/historical-apportionment-data-map.html?utm_campaign=20210322msc>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Mapa 16 - Área ampla sob estudo n.1⁷⁵²

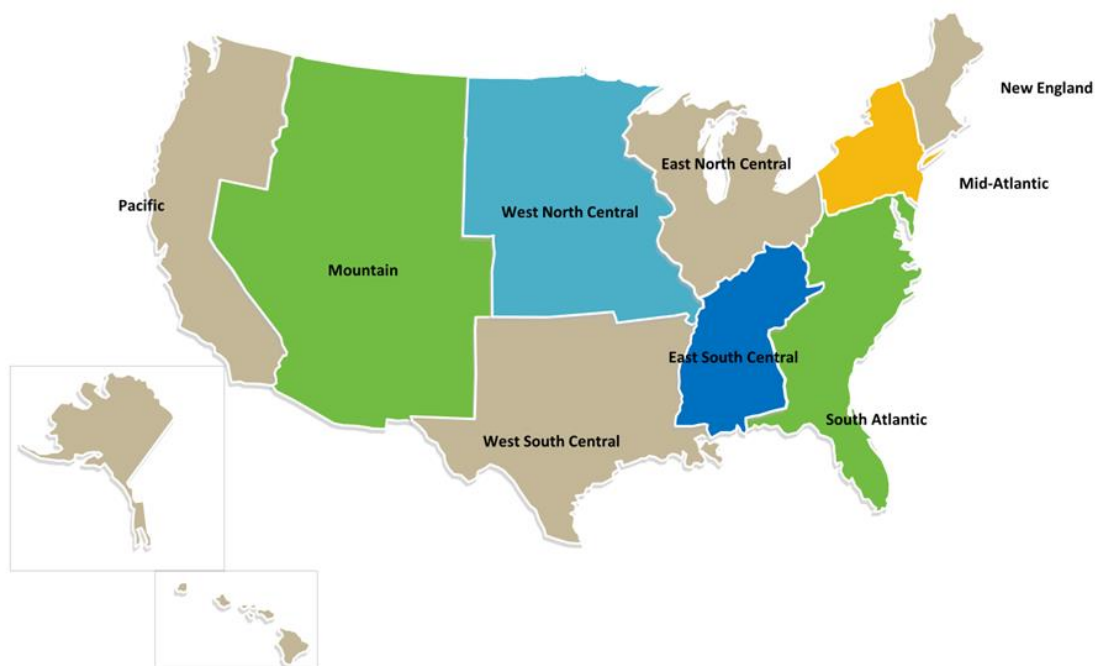


⁷⁵²CENSUS. Disponível em: <https://www.census.gov/library/visualizations/interactive/historical-apportionment-data-map.html?utm_campaign=20210322msc>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Mapa 17 - Área ampla sob estudo n.2⁷⁵³



Mapa 18 - Área ampla sob estudo n.3⁷⁵⁴



⁷⁵³MAPA, #17, dos Estados Unidos, incluindo todas as regiões. Disponível em: <https://yourfreetemplates.com/us-region-map-template/>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁷⁵⁴MAPA, #18, dos Estados Unidos, incluindo todas as regiões. Disponível em: <https://yourfreetemplates.com/us-region-map-template/>. Acesso em 22 de jul. 2021.

3.2 O bairro do Brooklyn + (Prospect Lefferts Gardens, Flatbush and environs)

Imagem 69



*The image of Brooklyn as a whole, as well as its most well-known individual neighborhoods such as Bedford-Stuyvesant, Flatbush, and Coney Island, has always been a powerful independent force in creating and maintaining its concrete reality. Forty years ago these place names were stigmatized(...)*⁷⁵⁵

Brooklyn, palco da greve dos condutores de bonde de 1895⁷⁵⁶, bairro

de Tony Manero⁷⁵⁷ (John Travolta) dos *Embalos de Sábado à Noite*⁷⁵⁸, berço de nascimento do Senador Bernie Sanders e um incontável número de celebridades e/ou pessoas públicas do Estados Unidos, acabou sendo escolhido como nossa área geográfica que mais guarda semelhanças com a história do bairro da Liberdade na cidade de São Paulo. Neste *borough* e em várias de suas vizinhanças também ocorreu o processo urbano conhecido como invasão-sucessão, *white-flight*, ou ainda a teoria de transição étnico-racial de vizinhança.⁷⁵⁹ Neste bairro e em várias de suas vizinhanças, grupos étnicos entraram e saíram em busca de moradia, exclusividade e uma série de outros atributos

⁷⁵⁵ Tradução livre do autor desta tese: “...A imagem do Brooklyn como um todo, tanto quanto suas bem conhecidas vizinhanças tais como *Bedford-Stuyvesant*, *Flatbush* e *Coney Island*, sempre foi uma poderosa força independente na criação e manutenção da sua realidade concreta. Quarenta anos atrás, estes lugares/nomes eram estigmatizados...” (KRASE, 2016, p. 1)

⁷⁵⁶ Do original: “...1895 Brooklyn trolley workers strike...” (BECKERT, Sven. (2001), “*The Monied Metropolis: New York and the Consolidation of the American Bourgeoisie, 1850 – 1896*”, Cambridge, Cambridge University Press., p. 297).

⁷⁵⁷ “...E pelas ruas do Brooklyn se move Tony Manero (Travolta), trabalhador humilde de uma loja de tintas que brilha à noite dançando ao som da disco music. De fato, não é tanto o filme que se beneficia da febre disco, pois esta se concentrava, à época de sua produção, mais no Brooklyn do que nos centros das grandes cidades. Foi o filme, aliado ao sucesso incrível de sua trilha sonora, lançada pouco antes, que fez o fenômeno acontecer em Manhattan e nos outros grandes centros do país. 1978 será o ano da disco muito por causa desse filme...”. OLHAR DIGITAL. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2020/01/08/cinema-e-streaming/os-embalos-de-sabado-a-noite/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁷⁵⁸ NETFLIX. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/60010860>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁷⁵⁹ GOTHAM, Kevin Fox. (2002), *Beyond Invasion and Succession: School Segregation, Real Blockbusting, and the Political Economy of Neighborhood Racial Transition*, In *City Community*, v.1, nº1, mar., pp.83-111, American Sociological Association, Washington, DC. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1540-6040.00009/pdf>>. Acesso em 22 de jul 2021.

que um conjunto de quarteirões pode oferecer. Aqui também, detectou-se o que Ellis et al.⁷⁶⁰ chamou de *work together, live apart*, onde pessoas de grupos étnicos específicos que mesmo trabalhando na mesma empresa, recusam-se a compartilhar seus lugares de moradia com os outros, eles. Segundo Krase,⁷⁶¹ trata-se do padrão “cultural” anglo-americano⁷⁶², herdado dos ingleses, para estabelecer sistemas de segregação espacial.

Nossa área objeto de estudo, o Brooklyn, é um dos 5 *boroughs* da cidade de Nova York, sendo as outras 4 áreas as seguintes: Manhattan, Queens, Bronx e Staten Island. *Borough* é uma divisão administrativa em nível de condado,⁷⁶³ e guardada as devidas proporções, é uma espécie de distrito, se imaginarmos a nomenclatura usada no Brasil. Os mapas a seguir nos ajudam a localizar melhor o Brooklyn dentro da cidade de Nova York.

⁷⁶⁰ ELLIS, Mark; WRIGHT, Richard; PARKS, Virginia. (2004), *Work Together, Live Apart?* Geographies of Racial and Ethnic Segregation at Home and at Work. *Annals of the Association of American Geographers*, 94(3), pp. 620-637. (2004)

⁷⁶¹ KRASE, Jerome. (1973), *The Presentation of Community in Urban Society*, New York, New York University.

⁷⁶² “...A critical discussion of the Anglo-American community model has been provided by N. Dennis, in which he attempted to explode some of the working myths of the historically utopian neighborhood community. Despite his dissection of the myth of neighborhood life, and my own work on the myth of community, ordinary people still feel the pressure to compare their local situations to what we might refer to as the ‘idealized normal’ community settings. Social scientists also continue to treat theory of Community as though it were [a] historical reality.” (KRASE, 1982: chapter 6.1 page 2nd). Nota do autor desta tese: o referido material não possui paginação.

⁷⁶³ WIKIPEDIA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Boroughs_de_Nova_Iorque>. Acesso em 22 de jul. 2021.

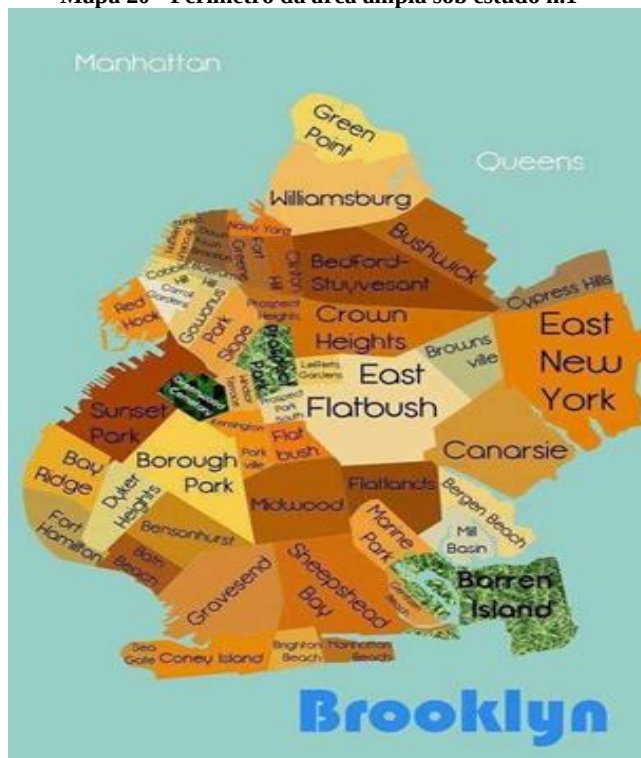
Mapa 19 - Amplo perímetro da área ampla sob estudo n.²⁷⁶⁴

Borough map



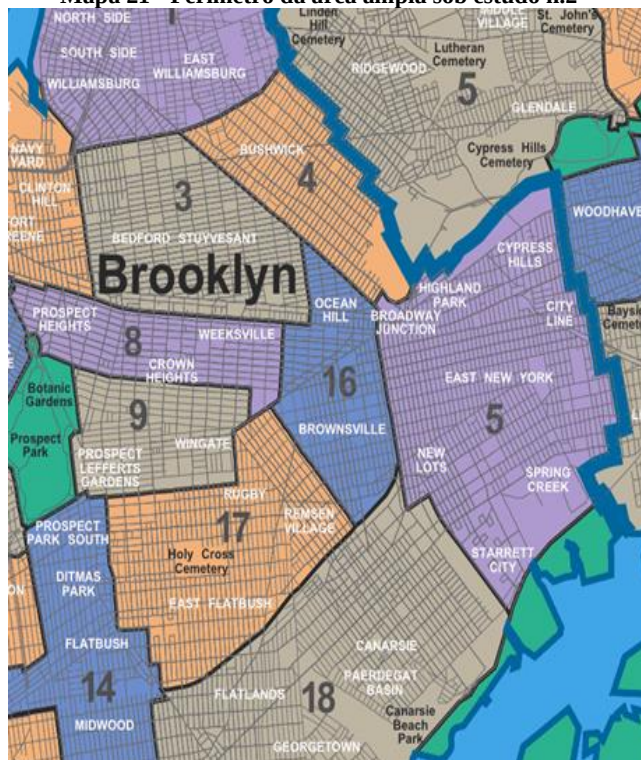
⁷⁶⁴MAPA, #19, da cidade de Nova York, incluindo todos os 5 boroughs. Disponível em:<
<https://yourfreetemplates.com/new-york-city-map-template/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Mapa 20 - Perímetro da área ampla sob estudo n.1⁷⁶⁵



⁷⁶⁵MAPA, #20, do Brooklyn em Nova York. Legenda: Nomes das principais vizinhanças (bairros?) do Brooklyn. Disponível em: < <https://yourfreetemplates.com/new-york-city-map-template/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Mapa 21 - Perímetro da área ampla sob estudo n.2⁷⁶⁶



⁷⁶⁶MAPA, #21, do Brooklyn em Nova York. Disponível em:< <https://yourfreetemplates.com/new-york-city-map-template/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Legenda: Tradução livre do autor desta tese: “Este é um mapa das vizinhanças do quadro 16 da comunidade do Brooklyn. Há também foco nas vizinhanças e distritos vizinhos os quais incluem os quadros 3, 4, 5, 8, 9, 17 e 18...”. Do original: “This is a map of the neighborhoods in Brooklyn Community Board 16. There is also a focus on the neighborhoods and its surrounding community districts which include Community Boards 3, 4, 5, 8, 9, 17 and 18...” Disponível em:< <https://yourfreetemplates.com/new-york-city-map-template/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Mapa 22 - Perímetro da área ampla sob estudo n.3⁷⁶⁷

3.2.1 Prospect Lefferts Gardens⁷⁶⁸

*The inner recesses of many older American cities are at present remorselessly tormented places. When we observe the actions of those empowered to maintain the well-being of our urban areas, we see that the methods they employ are like radical surgery, without the use of anesthesia. Over the past few decades whole sections of cities have been obliterated by 'urban renewal' without much regard for the once living human landscape (...)*⁷⁶⁹

A sociedade norte americana, de norte a sul, é fortemente marcada por códigos, signos, valores da modernidade e/ou pós-modernidade, todos sinônimos de uma sociedade capitalista, altamente competitiva e contraditória “por natureza”, e em um ambiente assim pouco se fala sobre um estado de bem-estar social, quem dirá então da

⁷⁶⁷ MAPA, #22, do Brooklyn em Nova York. Legenda: Tradução livre do autor desta tese: Vizinhanças do Brooklyn. Detalhe do Departamento de Planejamento Municipal ‘Mapa da Vizinhança’. Do original: “Brooklyn Neighborhoods. Detail from the Department of City Planning’s ‘Neighborhood Map’”. Disponível em: < <https://yourfreetemplates.com/new-york-city-map-template/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁷⁶⁸ Prospect Lefferts Gardens (KRASE, Jerome. (1982), *Self and Community in the city*, Washington, D.C., University Press of America. Available on <<http://www.brooklynsof.org/PLG/selfandcommunity/index.html>>. Acesso em 22 de jul. 2021.)

⁷⁶⁹ Tradução livre do autor desta tese: “Os retrocessos interiores das cidades americanas mais antigas são no presente lugares atormentados sem remorsos. Quando se observa as ações de gente empoderada para manter o bem-estar das nossas áreas urbanas, vê-se que os métodos empregados são cirurgias radicais sem o uso de anestesia. Ao longo das últimas décadas, grandes setores de cidades têm sido apagados por meio de ‘renovação urbana’ sem muita consideração pela paisagem humana outrora existente...”. (*Idem, ibidem.*, p. 1).

possibilidade de leituras, interpretações por meio da análise de teses, antíteses e sínteses. No referido ambiente, dando foco para o dia-a-dia nas urbes (pós)modernas, o interacionismo simbólico é a linha de pensamento dominante para se entender como os vários grupos humanos, divididos ou aglomerados em etnias e seus estamentos sociais produzidos desde os primeiros dias da colonização e escravização na América do Norte, interagem entre si.

Em Krase⁷⁷⁰ lê-se que a teoria do interacionismo simbólico é um antídoto a processos de tratamentos desumanizantes de mundos sociais urbanos, e que tal abordagem possui uma base democrática, humanística e ideológica⁷⁷¹. Contudo, esse autor afirma que a referida teoria tende a ser vista mais como literatura do que com valor científico.⁷⁷² Uma abordagem permeada por um otimismo estimulante, que num nível pessoal se autoexpressa na crença da individualidade de cada membro de determinada sociedade e na liberdade de desempenhar suas atividades ou ações diárias no que diz respeito à interações com terceiros/as, desobrigado das regras estruturantes de uma sociedade ou das reações automáticas de uma personalidade não controlável; e que se expressa perante à sociedade acreditando num processo evolutivo de mudança embutido no sistema⁷⁷³. Se levássemos em consideração todas as explicações, definições, entendimentos ora citados sobre as interações humanas nas urbes, no nosso caso o Brooklyn-NYC, cometeríamos enorme injustiça ao ponto de culpabilizar a vítima, tornando-a responsável por processos de degradação simbólica e/ou física do espaço. É obrigatório, responsável, justo trazer e manter à mesa o conceito e/ou teoria de produção social do espaço,⁷⁷⁴ explicado por meio das dinâmicas sociais (fluxos) atuando sobre ou

⁷⁷⁰KRASE, Jerome. (1982), *Self and Community in the city*, Washington, D.C., University Press of America. Available on <<http://www.brooklynsoc.org/PLG/selfandcommunity/index.html>>. Acesso em 22 de jul. 2021

⁷⁷¹ Do original: “*The potential value symbolic interactionism theory as an antidote to the dehumanizing treatments of urban social worlds comes from the fact that it has a democratic, humanistic, ideological basis. (KRASE, 1982: chapter 1.1: Symbolism, Self and Urban Development)*. PS: nota do autor desta tese: o referido material (formato digital) não possui paginação, e na nossa versão, a citação acima encontra-se na 3ª página após o item “acknowledgements”.

⁷⁷² Do original: “*...symbolic studies are often matter-of-factly dismissed as sociological novels with more literary than scientific value.*” (idem à nota anterior + 2ª página).

⁷⁷³ Do original: “*The writings of the symbolic interactionist are permeated with an exhilarating optimism – expressing itself, on the personal level, in the belief in the uniqueness of each member of society and in his freedom to perform his everyday actions in interrelationship with others unencumbered by either the impinging rules of a structural society or the automatic responses of an uncontrolled personality; and expressing itself on the societal level, in the belief in an evolutionary process of change built into the system...*” (idem à nota anterior + 3ª página).

⁷⁷⁴SANTOS, Milton. (2014), *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*, São Paulo, 6ª edição, 2ª reimpressão, Edusp.

dentro das configurações territoriais (fixos), desta forma influenciando e/ou determinando tudo o que vemos nos espaços citadinos.

É por meio do referido conceito e/ou teoria que se consegue apreender “*the biases of urban planners and policy makers*,”⁷⁷⁵ os quais quando lidos também pela ótica Foucaultiana⁷⁷⁶, especificamente a biopolítica, permite-nos explicar porque algumas vizinhanças no Brooklyn entraram, e permaneceram por muito tempo, em processo de degradação⁷⁷⁷. Os motivos que levaram irlandeses, italianos (todos católicos), judeus (alemães, ashkenazi[m]⁷⁷⁸) entre outros grupos a cerrar fileiras⁷⁷⁹ contra os afro-americanos (negros) não podem ser entendidos e/ou explicados por uma simples “definição de situação”⁷⁸⁰, nos termos de Thomas.⁷⁸¹ Havia e talvez ainda exista uma máquina ideológica abstrata, um modelo anglo-americano de comunidade⁷⁸² operando em todos os sub-espacos⁷⁸³ que resulta no famigerado *white-flight, invasion-succession*, ou ainda na teoria de transição étnico-racial de vizinhanças. Como o acesso à riqueza, vantagens e afins sempre foi seletivo, os afro-americanos nunca tiveram “permissão” de acessar os *outcomes* das riquezas produzidas ao longo de séculos de colonização e escravização naquele país.

Portanto, o referido grupo humano carregando, não por escolha própria, estigmas nunca foi bem-vindo em vizinhança alguma. “Invasores” era o termo menos pesado usado

⁷⁷⁵ Tradução livre do autor desta tese: “os preconceitos dos planejadores da cidade e produtores de políticas/tomadores de decisão.” (KRASE, 1982: idem nota anterior – p.4^a),

⁷⁷⁶ Onde quem exerce o poder deixa algumas áreas entrarem em processo de degradação ou ainda induz, conduz tal processo, conforme já explicado, detalhado ao longo desta tese.

⁷⁷⁷ “...*Bedford-Stuyvesant, a neighborhood in Brooklyn that is considered by many as one huge slum.*” (KRASE, 1982: *Idem* nota anterior – p.3^a). Tradução livre do autor desta tese: “...Bedford-Stuyvesant, uma vizinhança no Brooklyn que é considerada por muita gente como uma grande favela/cortiço.”

⁷⁷⁸ Saiba mais: <https://www.britannica.com/topic/Ashkenazi>

⁷⁷⁹ ELIAS, Norbert et al. (2000), *Os Estabelecidos e os Outsiders*: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, Rio de Janeiro, Ed.Zahar.

⁷⁸⁰ Conforme explicações na nota de rodapé nº 74 na página 37 desta tese.

⁷⁸¹ Thomas (1928).

⁷⁸² Do original: “*A critical discussion of the Anglo-American community model has been provided by N.Dennis, in which he attempted to [explore] some of the working myths of the historically utopian neighborhoods community. Despite his dissection of the myth of neighborhood life, and my own work on the myth of community, ordinary people still feel the pressure to compare their local situations to what we might refer to as the ‘idealized normal’ community settings. Social scientists also continue to treat the theory of community as though it were on historical reality.*” (idem nota anterior – p.2^a). Tradução livre do autor desta tese: “Uma discussão crítica do modelo anglo-americano de comunidade foi feita por N.Dennis, onde ele tentou [explorar] alguns dos mitos das vizinhanças/comunidades utópicas históricas. Apesar de N.Dennis ter dissecado o mito da vida comunitária, e meu próprio trabalho [KRASE, Jerome] sobre o mito da comunidade, as pessoas comuns ainda sentem pressionadas a comparar suas situações locais ao que nós podíamos nos referir como padrões comunitários ‘normais idealizados’. Cientistas sociais também seguem tratando da teoria da comunidade como se ela fosse uma realidade histórica.”

⁷⁸³ SANTOS, Milton. (2014), *Metamorfoses do Espaço Habitado*: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia, São Paulo, 6^a edição, 2^a reimpressão, Edusp.

contra os afro-americanos em várias vizinhanças do Brooklyn, como *Prospect-Lefferts-Gardens*, entre outros, o que resultou na concentração de negros em *Bedford-Stuyvesant*, *Flatbush*, por exemplo. E considerando ainda todo o referencial teórico escolhido para nossa análises, nem mesmo funcionários públicos e/ou de concessionárias⁷⁸⁴ cumpriam suas obrigações de recolher lixo, reparar danos na rede elétrica ou de esgoto⁷⁸⁵ nas vizinhanças habitadas majoritariamente por afro-americanos. Resumo da ópera, espaços altamente deteriorados que aumentavam ainda mais os estigmas, preconceitos contra os negros do/no Brooklyn. Como mencionado no caso paulistano, brasileiro, os grupos étnicos que recebem oportunidades, conseguem ascensão socioeconômica e se mudam para áreas equipadas, deixando para trás os que têm seu desenvolvimento *arrested*.

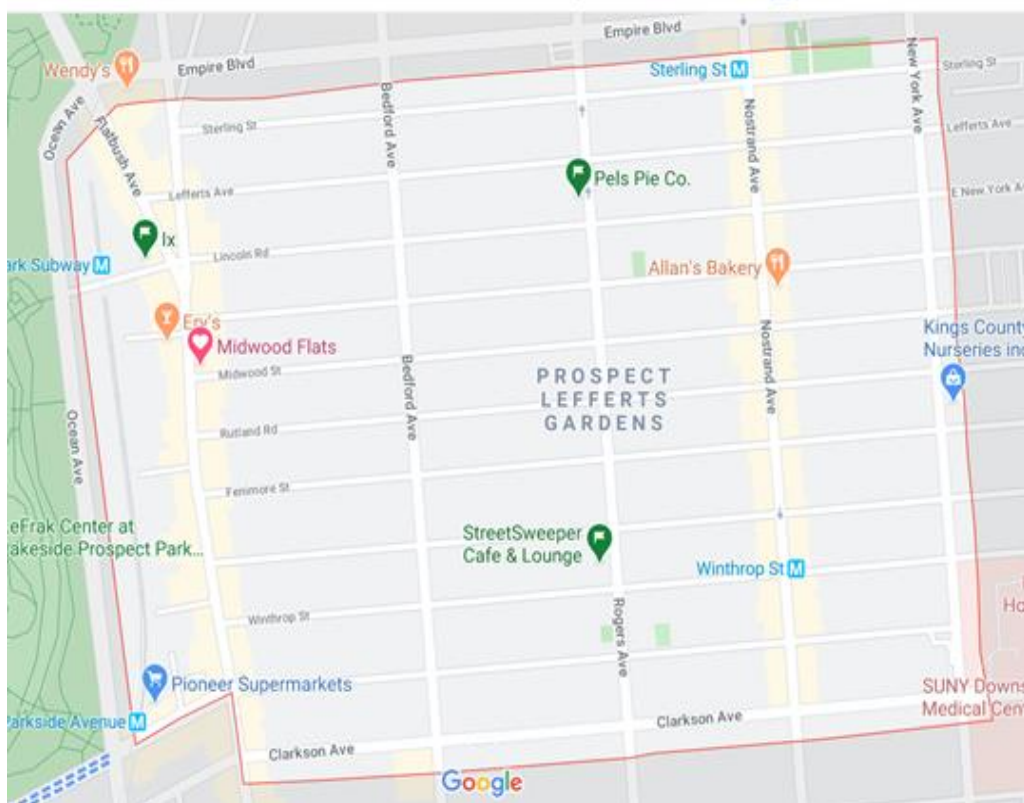
Os afro-americanos, que já habitavam o referido *borough*, especificamente 2 (duas) comunidade conhecidas como *Bedford* e *Stuyvesant*, nos anos 1800's, século XIX, entre outras áreas, depreciativamente chamadas de *black towns*, receberam com alegria imigrantes europeus, logo após a urbanização das referidas áreas. Porém lá pelos anos 1950, quando algumas dessas áreas já apresentavam alguma deterioração, os brancos mudam-se para os subúrbios, e as belas *brownstones and apartment houses*, até então moradia de brancos, são ocupadas por afro-americanos.⁷⁸⁶ Estigma vai, estigma vem, as expectativas, sempre negativas, de que os negros destruiriam tudo, não se concretizaram em várias ocasiões. O ciclo vicioso, da famigerada profecia que se cumpre em si mesma, foi quebrado vez ou outra.

⁷⁸⁴ "...the sanitation men blamed inner city deterioration completely on the personal habits of blacks and other nonwhites who occupied the areas". (KRASE, 1982: chapter 6.1: Stigma and Self-Image in the Inner City – p.4^a).

⁷⁸⁵ Do original: "Having observed city sanitation men in black neighborhoods in New York City, I can attest to the fact that they often leave the block in worse condition than they found it – spilling garbage from cans and not sweeping up after themselves as they are officially required to do. During my research I have spoken with local garbage-men, and overheard their conversations in the coffee shops they frequent on their numerous 'breaks'. These men, black and white, are in a 'status-income dilemma' as they perform their jobs. Ray Gold, in a study of janitor-tenant relations in apartment houses, noted that one of the compensations for the lower status of the janitor is the higher status of the clients he serves. The low-status worker is less humiliated by serving those he or she admires. The bias against nonwhites and inner cities residents is well documented. New York city sanitation men, most of whom are white, all of whom earn good salaries, and many of whom reside in the suburbs are especially humiliated by having to serve blacks." (Idem nota anterior – pp. 3^a e 4^a). Nota do autor desta tese: ainda na nossa dissertação de mestrado, fizemos menção a comportamento similar presenciado em condomínio estudado, cf.: "...há pouca probabilidade 'que uma pessoa ou grupo carente de autoconfiança expresse admiração (respeito?) pela realização dos outros' (SENNETT, Richard. (2004), *Respeito: A formação do caráter em um mundo desigual*, Rio de Janeiro, Record., p. 146)..." In CUNHA (2016: 103). Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/19141>

⁷⁸⁶ KRASE, 1982: *Idem* nota anterior - p.4^a.

Mapa 23 - Sub-perímetro da área ampla sob estudo n.1⁷⁸⁷



A afirmação “os invasores trarão degradação/deterioração” tanto foi negada quanto confirmada algumas vezes, porém o que ainda não mudou foi o traço exclusivista, quase supremacista da cultura anglo-americana que não vê com bons olhos o compartilhamento de suas áreas de moradia com outros grupos, conforme o texto “*work together, live apart?*”⁷⁸⁸ usado no capítulo 2. Liberdade desta tese. Nesta preferência, é menos bem-vindo quem for mais diferente dos anglo-americanos, seja física e/ou culturalmente. Há um gradiente nesta discriminação, e se lembrarmos o que nesta tese já detalhamos sobre segregação espacial, os afro-americanos tornaram-se *persona non-grata* em Nova York desde 1827, ano que a escravidão é oficialmente extinta nesta cidade e estado. Dos porões dos casarões de seus Senhores, eles e elas passam a formar as

⁷⁸⁷ MAPA, #23, de trecho do Brooklyn em Nova York. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Prospect+Lefferts+Gardens,+Brooklyn,+NY,+EUA/@40.6589854,-73.9555027,15.91z/data=!4m5!3m4!1s0x89c25b6a115ce57b:0xc1ea690586812456!8m2!3d40.6592355!4d-73.9533895>. Acesso em 22 de jul. 201.

⁷⁸⁸ ELLIS, Mark; WRIGHT, Richard; PARKS, Virginia. (2004), *Work Together, Live Apart?* Geographies of Racial and Ethnic Segregation at Home and at Work. *Annals of the Association of American Geographers*, 94(3), pp. 620-637.

blacktowns, muito bem exemplificada por Bedford-Stuyvesant (*the largest black Community in America*)⁷⁸⁹.

Kras⁷⁹⁰ chama atenção para o fato de as residências possuírem importantes significados sociais, e cita a Casa Branca⁷⁹¹, nos EUA, o número 10 da *Downing Street*, na Inglaterra, o Kremlin, na Rússia, etc.⁷⁹² Este autor ainda menciona Clare Cooper (*Symbol of Self*, 1974) e sua analogia sobre moradia (*house*) e a lei anglo saxã, onde uma pessoa e seu lar são considerados entidades invioláveis.⁷⁹³

Portanto, não é tarefa impossível fazer inferências sobre o porquê vizinhanças majoritariamente ocupadas por não brancos, não europeus, ou ainda largamente residência dos descendentes dos escravizados tendem a ser as menos equipadas e/ou valorizadas. No nosso entender, as dinâmicas sociais, explicadas pelos conjuntos de relações que definem uma sociedade (cidade, vizinhança, prédio) em um dado momento,⁷⁹⁴ atuando sobre e/ou dentro das configurações territoriais, explicadas pelos arranjos de elementos naturais e artificiais de uso social⁷⁹⁵, têm definido, tanto aqui no

⁷⁸⁹ Tradução livre do autor desta tese: “a maior comunidade negra nos EUA.” (KRASE, 1982: Capítulo 2.1: Self-Selection and urban Decay, p.5^a)

⁷⁹⁰ *Idem*.

⁷⁹¹ A Casa Branca contou com a mão de obra de africanos escravizados na sua construção. Dados oficiais apontam que o governo dos EUA na época da construção da *White House* não possuía escravos, porém profissionais envolvidos na obra os tinham e lançaram mão de tal aporte, conforme fonte oficial. Fazemos aqui uma comparação entre as habilidades dos referidos pedreiros escravizados às habilidades do construtor paulista nascido em Santos, Tebas.

Tradução livre do autor desta tese: “...O construtor/pedreiro Collen Williamson treinou escravizados na própria pedreira do governo localizada em *Aquia*, Virgínia. Os referidos escravizados extraíam as pedras e as cortavam para depois serem montadas por pedreiros escoceses os quais erguiam as paredes da Casa do Presidente. Os escravizados compuseram mão de obra juntamente com trabalhadores brancos e artesãos de Maryland e Virgínia, como também imigrantes da Irlanda, Escócia e outras nações europeias. [...] Uma folha de pagamento de maio de 1795 lista os carpinteiros que trabalharam na Casa do Presidente. O governo em si não possuía escravizados, mas os responsáveis pelas obras subcontrataram mão de obra escrava. Os carpinteiros escravizados Peter, Bem, Daniel e Harry foram listados como propriedades de James Hoban. Do original: “Stonemason Collen Williamson trained enslaved people on the spot at the government’s quarry at Aquia, Virginia. Enslaved people quarried and cut the rough stone that was later dressed and laid by Scottish masons to erect the walls of the President’s House. The slaves joined a work force that included local white laborers and artisans from Maryland and Virginia, as well as immigrants from Ireland, Scotland, and other European nations. [...] This May 1795 payroll lists the carpenters who worked on the President’s House. The government did not own slaves, but officials did hire out enslaved laborers from their owners. Slave carpenters Peter, Ben, Daniel, and Harry were noted as owned by James Hoban. **National Archives and Records Administration**”. Disponível em: <<https://www.whitehousehistory.org/questions/did-slaves-build-the-white-house>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁷⁹² KRASE, 1982: Capítulo 1.5: Symbolic History and Self, p.1º.

⁷⁹³ Do original: “In an important essay which mixes architecture with Jungman psychology, Clare Cooper has written of the house as a ‘Symbol of Self’ [...] She notes that in Anglo-Saxon law, the person and the home are considered to be inviolable entities.” (KRASE, 1982: Chapter 1.5: Symbolic History and Self, p.3rd).

⁷⁹⁴ SANTOS, Milton. (2014), *Metamorfoses do Espaço Habitado*: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia, São Paulo, 6ª edição, 2ª reimpressão, Edusp., p. 120.

⁷⁹⁵ *Idem, ibidem*.

Brooklyn-NYC, quanto lá na Liberdade-SP, as condições socioeconômicas dos seus moradores como também as condições físicas dos lugares, espaços ocupados pelos referidos moradores. Tomamos a liberdade de afirmar que a teoria ou conceito desenvolvido pelo geógrafo brasileiro Milton Santos, a produção social do espaço, é o mecanismo e/ou procedimento mais eficaz para o entendimento da degradação simbólica e/ou física de vizinhanças, e também para o estabelecimento de uma reversão de tais processos, algo do tipo uma engenharia reversa que corrija erros, injustiças ambientais.

Tanto *Prospect-Lefferts-Gardens*, localizado no centro do Brooklyn, quanto *Flatbush*⁷⁹⁶, vizinhanças que nós tivemos a oportunidade de visitar entre 2018 e 2020, foram e talvez ainda sejam palcos de competição por espaço entre afro-americanos, judeus ortodoxos (*Maccabees*, *Lubavitcher Hasidim*) nas décadas de 1950 a 1970⁷⁹⁷, e também entre poloneses, irlandeses, italianos do sul, nas primeiras décadas do século XX, e mais tarde, e ainda hoje, competição por espaço com hispânicos, incluindo afro-latinos (caribenhos, cubanos, porto riquinhos, etc.) e asiáticos (amarelos e marrons)⁷⁹⁸.

Os desejos, vontades, necessidades, interesses que influenciam e/ou determinam uma “*neighborhood succession*” podem ser simbólicos ou físicos, porém numa sociedade que nasce sob os auspícios da escravidão, quem não teve oportunidade de acumular riqueza é quem vai sofrer mais.

Competição entre desiguais não é competição e se considerarmos as fases ou “ciclo de relações raciais”⁷⁹⁹ 1º contato, 2º competição, 3º conflito, 4º acomodação, e 5º

⁷⁹⁶ Do original: “Flatbush, which appears to have been settled about 1634, is one of the most historic towns in all America. Its boundaries, indicated by the solid black lines on the map above, are described on page 5. New Lots, which includes Brownsville and East New York, was once part of the original town of Flatbush. New Lots became a separate town in its own rights in 1852.” (KRASE, 1982: Chapter 3.1 Woodland to City Neighborhood: 300 years of Change. p.3rd)

⁷⁹⁷ KRASE, 1982: Chapter 2.1: Self Selection and Urban Decay, p.5th)

⁷⁹⁸ *Idem*. Chapter 1.2: Residential Succession: How ‘Losers’ Win. p.1st passim.

⁷⁹⁹ Do original: “Three decades later, Chicago sociologists took up the issue of immigrant settlement geography, devising ecological theories to explain the initial concentration and subsequent spatial assimilation of ethnic and racial groups. These ideas were coined in the anti-immigrant ferment of the 1920s, and their optimistic accounting of immigrant incorporation and eventual dispersal swam against the tide of restrictionist opinion. Robert Park (1926), the leading light of the Chicago School, openly challenged the scientific racists (who fronted anti-immigrant movements in the 1920s) with his idea of a ‘race relations cycle’. He considered the cycle’s ‘progressive and irreversible’ phases of group contact, competition, [conflict], accommodation, and eventual assimilation to be immune to ‘immigration restrictions and racial barriers’. Chicago school sociologists saw cities as ‘mosaic(s) of segregated peoples ... each seeking to preserve its peculiar cultural forms and to maintain its individual and unique conceptions of life’, the resulting ‘guettos’ forming ‘natural areas of the city’ (Park 1998 [1928], LXV).” (ELLIS, Mark; WRIGHT, Richard; PARKS, Virginia. (2004), Work Together, Live Apart? Geographies of Racial and Ethnic Segregation at Home and at Work. *Annals of the Association of American Geographers*, 94(3), pp.621-622.

assimilação, vários centros urbanos ainda testemunham comportamentos, atitudes conflituosas entre os descendentes dos imigrantes, seja em São Paulo, Brasil, seja em Nova York, Boston, nos EUA, vide as perseguições sistemáticas contra afro-americanos e/ou latinos (os *blacks and browns*) por parte de agentes de (in)segurança pública de origem irlandesa, por exemplo.

Como mencionado no começo deste item, o modelo de comunidade anglo-americana,⁸⁰⁰ por nós chamado de máquina ideológica abstrata, permitiu ou condicionou “a preservação das formas culturais peculiares e a manutenção das concepções individuais e únicas de vida⁸⁰¹” desta forma criando guetos equipados vis-à-vis guetos desequipados, ou em termos mais palatáveis, paisagens vernaculares, parafraseando o sociólogo e urbanista Jerome Krase⁸⁰².

Em resumo, as referidas paisagens vernaculares ou ambientes construídos que refletem as mudanças das identidades culturais de vizinhanças e seus residentes quando observados pelas lentes da produção social do espaço⁸⁰³ e também da biopolítica⁸⁰⁴ permitem que pesquisadores identifiquem graus de exposição ou acesso a bem-estar, habitação precária ou decente, saúde, educação, (in)segurança, etc., destinados a cada grupo étnico, cultural e/ou socioeconômico. A conceituação do pensamento espacial (*spatial*) permite identificar e/ou mensurar a distância, proximidade, exposição e acesso⁸⁰⁵ aos itens de cesta(s) de bem-estar social, e este pesquisador, autor toma a liberdade de afirmar que um espaço social justo onde exista justiça ambiental, conforme termos da diplomata Madelina M. Young-Smith (São Paulo’s Cultural Affairs Officer), pode ser alcançado e/ou mantido por meio do ferramental desenhado pelo geógrafo

⁸⁰⁰ SANTOS, Milton. (2014), *Metamorfoses do Espaço Habitado*: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia, São Paulo, 6ª edição, 2ª reimpressão, Edusp.

⁸⁰¹ ELLIS, Mark; WRIGHT, Richard; PARKS, Virginia. (2004), *Work Together, Live Apart? Geographies of Racial and Ethnic Segregation at Home and at Work*. *Annals of the Association of American Geographers*, 94(3), pp. 620-637.)

⁸⁰² Do original: “...the study of vernacular landscapes to document and analyze how the built environment reflects the changing culture identities of neighborhood residents. [...] While discussing some of these often competing models, the text is illustrated by a selection of photographs taken in Brooklyn, New York whose neighborhoods over the past century have been a virtual Roman fountain of ethnic transitions...”. (KRASE, 2004 – Abstract – ‘Visualizing Ethnic Landscapes’). Jerome Krase (2004) .

⁸⁰³ Op. cit.

⁸⁰⁴ Foucault (1976).

⁸⁰⁵ Do original: “...to examine how key spatial tools and concepts are being used in sociology. [...] Concepts that are critical to spatial thinking – distance, proximity, exposure, and access – are all rooted in relative locations. Questions of location are equally spatial regardless of whether the unit of analysis is a person, a firm, or a city, and studies of place that do not deal with location are less so.” LOGAN, John R. (2012), *Making a Place for Space: Spatial Thinking in Social Science*. *The Annual Review of Sociology*. DOI: 10.1146/annurev-soc-071811-145531., pp.508-509).

brasileiro Milton Santos, o qual estrutura sua linha de raciocínio no materialismo histórico e que, no nosso entender, dialoga perfeitamente com Foucault o qual estuda poder e como e por quem ele é exercido.

E enquanto o respeito à alteridade não vem, enquanto os vários grupos de interesse não conseguem ou não queiram construir e assinar contratos sociais justos, o soberano do desgoverno, também conhecido por Leviatã, nos termos do filósofo Thomas Hobbes, seguirá produzindo ora decadência (*decay*), ruína/destruição (*blight*), ora gentrificação com a saída ou entrada de pessoas ou grupos de classe média, detentores de dinheiro/capital, habilidades, educação e poder político, conforme explicado pelo urbanista Jerome Krase.⁸⁰⁶

The city is 'not good enough' for them. So they leave, and with them they take their money, their skills, their education and their political power, creating a vacuum that is soon filled with the less fortunate. America became over the last two decades a suburban nation. The urban middle class in the inner city, and some fringe areas, were replaced by the poor, the disadvantaged and the disenfranchised. This mass migration accentuated the self-fulfilling prophecy which continues to echo: 'The cities are dying'.⁸⁰⁷

Guardada as devidas proporções, a figura mitológica do Leviatã conversa com a biopolítica de Michel Foucault criando e mantendo vida nos subúrbios norte americanos ou ainda no quadrante sudoeste paulistano, ao mesmo tempo que deixa morrer vizinhanças em áreas centrais, as *inner-cities*, com suas populações menos afortunadas, desprovidas de capital, habilidades, educação e poder político. Em resumo, quando os ricos decidem ir embora, as nobres áreas habitadas por eles tornam-se vítimas potenciais de uma rápida, crescente e duradoura ruína urbana⁸⁰⁸.

⁸⁰⁶ KRASE, Jerome. 1982), *Self and Community in the city*, Washington, D.C., University Press of America. Available on <<http://www.brooklynso.org/PLG/selfandcommunity/index.html>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁰⁷ Tradução livre do autor desta tese: “A cidade ‘não é boa o suficiente’ para eles. Então eles vão embora, e com eles levam seu dinheiro, habilidades, educação e poder político, criando um vácuo que é logo preenchido pelo menos afortunados. A América se tornou, ao longo das duas últimas décadas, uma nação de subúrbios. A classe média urbana das *inner cities*, e de algumas áreas nos seus arredores, foram substituídas pelos pobres, pessoas em desvantagem e desempoderadas. Esta migração em massa acentuou a profecia que se cumpre em si mesma, a qual continua a ecoar: ‘As cidades estão morrendo’.” (KRASE, 1982: Chapter 2.1: Self Selection and Urban Decay – p.2°)

⁸⁰⁸ Do original: “*The rule of urban neighborhood stigmata: [...] when the rich vacate their posh surroundings, the areas become potential victims of rapid urban blight.*” (KRASE 6.1: *Stigma and Self-Image in The Inner City*, p.2nd)

Nos termos de Krase,⁸⁰⁹ as referidas ruínas urbanas ou as *inner-cities* são comunidades estigmatizadas ou depravadas⁸¹⁰ e os subúrbios são comunidades normais, ideais⁸¹¹, e este pesquisador aponta que ambas as tipologias são produzidas socialmente, com intenção ou dolo, o que dificulta traçar o caminho reverso. A dicotomia com eles: segregação espacial ou gentrificação, e sem eles: deterioração urbana (simbólica e/ou física) dificilmente será solucionada por si, porém em exemplos demonstrados em Krase⁸¹² que retratam segregação ou paisagens vernaculares, no nosso entender, falou-se das curiosidades e seus valores sob a ótica da indústria do turismo que ajudaram a reformular as *Chinatowns* e as *Little Italies*, pois tais paisagens representam ativos econômicos na indústria do turismo⁸¹³.

Guimarães⁸¹⁴ relata que:

*o plano de orientalização do bairro da Liberdade, de autoria de Randolpho Marques Lobato, forra anunciado em 1969. Lobato era jornalista e presidente de uma comissão de chineses, coreanos e vietnamitas radicados ou estabelecido no bairro da Liberdade[...]. Pretendia esse plano transformar o bairro numa espécie de 'China Town', como a existente em Nova Iorque e São Francisco, a fim de consolidar a tendência natural do bairro de se transformar num núcleo tipicamente oriental e que teria o condão de se transformar operosa atração turística para nacionais e estrangeiros. Por esse plano e, mediante a cobertura da Secretaria de Turismo, uma vez retirados os tapumes e materiais de construção da linha metroviária, as luminárias a vapor de mercúrio existentes seriam substituídas por lanternas de estilo oriental, que os japoneses qualificavam de 'tiotin', e elaboradas por artistas dessa comunidade. [...] A Prefeitura de São Paulo e a comunidade do bairro arcarão com as despesas, mas caberá a cada lojista, dono de restaurante ou armazém, ornamentar a fachada de seu prédio, conforme a velha tradição oriental e, certamente, com a predominância do vermelho, a cor preferida por chineses e japoneses. O plano de Lobato também previu que os guardas a serem colocados em serviço no bairro da Liberdade, deverão ser bilingues ou políglotas (...)*⁸¹⁵

Portanto, no caso brasileiro por nós escolhido, o bairro da Liberdade na cidade de São Paulo pode ter sua história original recontada por meio da construção de uma

⁸⁰⁹ KRASE, Jerome. 1982), *Self and Community in the city*, Washington, D.C., University Press of America. Available on <<http://www.brooklynsoc.org/PLG/selfandcommunity/index.html>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸¹⁰ Do original: “*inner-cities: deviant or stigmatized communities*”.

⁸¹¹ Do original: “*suburbs: normal (ideal) communities*”.

⁸¹² KRASE, Jerome. 1982), *Self and Community in the city*, Washington, D.C., University Press of America. Available on <<http://www.brooklynsoc.org/PLG/selfandcommunity/index.html>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸¹³ Do original: “*Their value as 'curiosities' as highlighted in cities – with important tourist industries. In these cities, there is some effort to preserve the 'Chinatowns' and 'Little Italies', not because they are culturally desirable, but because they are economic assets to the tourist trade.*” (KRASE, 1982: Chapter 6.1: *Stigma and Self-Image in the Inner City*, p.4th- 5th).

⁸¹⁴ GUIMARÃES, Laís de Barros Monteiro. (1979), *Liberdade: História dos bairros de São Paulo*, São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico – Divisão do Arquivo Histórico – Prefeitura de São Paulo.

⁸¹⁵ *Idem, ibidem.*, pp. 91-92.

narrativa com viés mercadológico, mas dando papel de protagonista para os afro-brasileiros que passaram ou ainda estejam por lá.

No ano de 2018, este pesquisador teve a oportunidade de visitar o bairro do Harlem em Nova York, e o que se viu foi uma grande transformação, renovação urbana, com grandes e famosas marcas, grifes abrindo lojas nas ruas do então temido e estigmatizado bairro negro, além de ótimos restaurantes lotados de turistas europeus, os quais se hospedavam em várias casas e apartamentos locais do tipo *bed-and-breakfast*, segundo algumas pessoas que nós entrevistamos de maneira informal.

3.2.2 Flatbush⁸¹⁶

Como descrito por Krase⁸¹⁷ esse setor do bairro do Brooklyn é majoritariamente habitado por vários grupos não-brancos, porém algumas quadras estão em processo de gentrificação, conforme nossa observação no ano de 2018, quando passamos alguns dias ali hospedados. Afrodescendentes do Caribe, asiáticos, por exemplo, dividem ou competem por espaço com afro-americanos, e a quantidade de jovens casais brancos segue aumentando, e tal fato deixou este pesquisador contente pois desta forma alivia-se a pecha de gueto, porém os afro-americanos veem a presença de jovens brancos de classe média como uma ameaça de gentrificação, que em vários momentos levam ao aumento dos aluguéis, dos preços dos produtos no comércio local, por exemplo.

Imagem 70



Imagem 71



A foto acima traz o Professor Jerome (Jerry) Krase, sociólogo urbanista do Brooklyn College, que me recebeu super bem em Nova York para uma visita de campo,

⁸¹⁶ KRASE, Jerome. (1982), *Self and Community in the city*, Washington, D.C., University Press of America. Available on <<http://www.brooklynso.org/PLG/selfandcommunity/index.html>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸¹⁷ *Idem*.

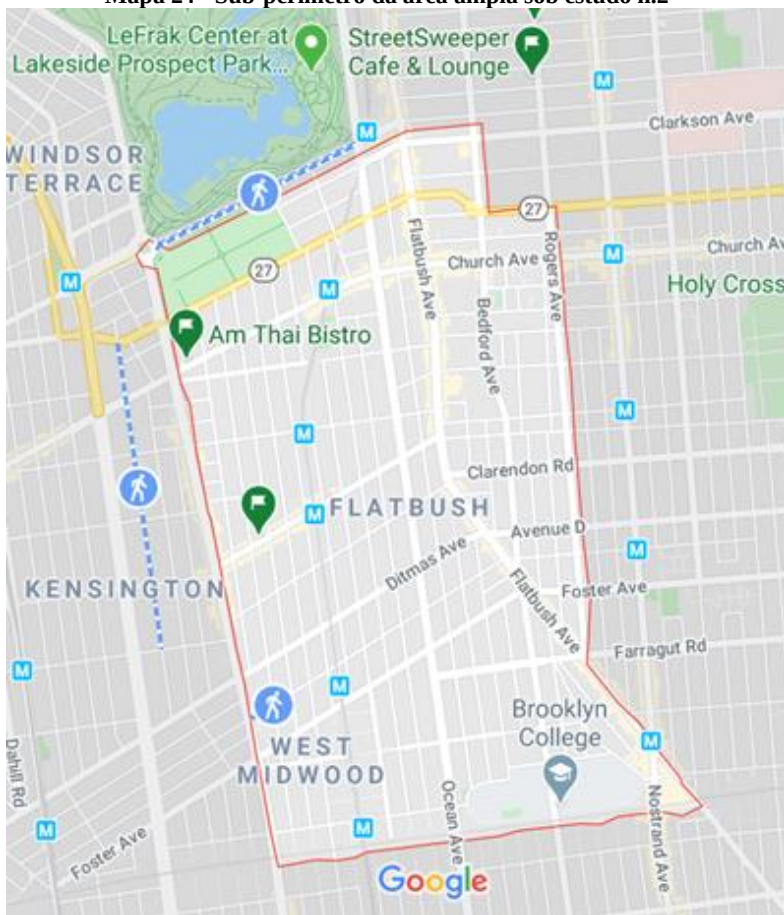
uma espécie de etnografia de algumas vizinhanças do Brooklyn-NYC. Na foto nós estávamos próximos à Flatbush Avenue, na Brownstone Communities*, em direção a residência de uma entrevistada.

Na foto acima temos o Professor Jerome (Jerry) Krase, sociólogo urbanista do Brooklyn College, com uma antiga moradora da Brownstone Communities, a Professora Brenda Edwards. Ela faz parte dos antigos moradores não-brancos que teriam causado impacto entre os moradores brancos, quase um white-flight, porém a profecia da deterioração do espaço nunca ocorreu nesta parte do Brooklyn, área habitada por pessoas de classe média e média-alta, de afro-americanos, ítalo-americanos, entre outros.

Imagem 72 -



Mapa 24 - Sub-perímetro da área ampla sob estudo n.2⁸¹⁸

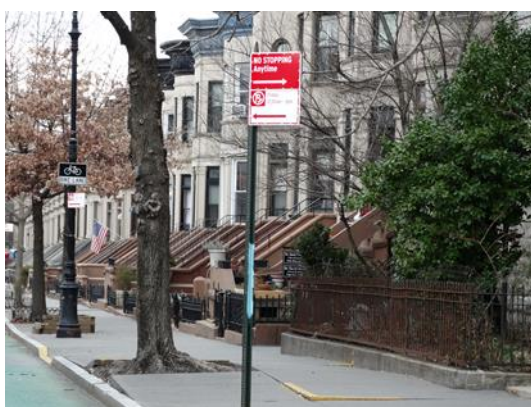


⁸¹⁸ MAPA, #24, de trecho do Brooklyn em Nova York.

Disponível em: <:

Imagem 73⁸¹⁹Imagem 74⁸²⁰

Imagem 75

Imagem 76⁸²¹

⁸¹⁹ Na foto uma das ruas da Brownstone Communities, região da residência da Professora Brenda Edwards. Ela faz parte dos antigos moradores não-brancos que teriam causado impacto entre os moradores brancos, quase um white-flight, porém a profecia da deterioração do espaço nunca ocorreu nesta parte do Brooklyn, área habitada por pessoas de classe média e média-alta, de afro-americanos, ítalo-americanos, entre outros.

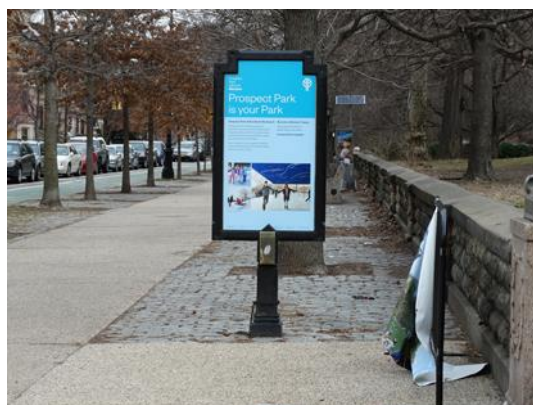
⁸²⁰ Na foto uma das ruas da Brownstone Communities, região da residência da Professora Brenda Edwards. Ela faz parte dos antigos moradores não-brancos que teriam causado impacto entre os moradores brancos, quase um white-flight, porém a profecia da deterioração do espaço nunca ocorreu nesta parte do Brooklyn, área habitada por pessoas de classe média e média-alta, de afro-americanos, ítalo-americanos, entre outros.

⁸²¹ Nas imagens, 87 e 88, acima mais uma das ruas nas proximidades da Brownstone Communities.

Imagem 77

Imagem 78⁸²²

Imagem 79

Imagem 80⁸²³

⁸²² Nestas imagens, 89 a 90, abaixo, imagens externas e internas do Prospect Park, lado West, o lado afluente do parque.

⁸²³ Nestas fotos, 91 a 92, abaixo e em sentido horário, imagens externas e internas do Prospect Park, lado West, o lado afluente do parque. uma da rua nas proximidades da Brownstone Communities.

Imagem 81**Imagem 82**

Imagem 83



Imagem 84



Imagem 85



Como em outros trechos do Brooklyn, os afro-americanos já foram chamados de invasores em Flatbush também, porém não poderia haver injustiça maior do que negar a presença negra na referida área, pois na verdade eles foram os pioneiros (*Negro Pioneers*) e, somado ao que já apresentamos aqui referente ao abandono formal e informal de áreas majoritariamente não-brancas ou negras, a deterioração, degradação simbólica e/ou física se instalou na referida região já nos anos 1980, conforme descrição de Krase:⁸²⁴

(...) Today the well-known Flatbush area of Brooklyn is experiencing the first phases of urban blight; commercial street deterioration, mortgages redlining and increasing crime rates. Most worrisome of all is the decreased confidence of residents that their community will be able to survive much longer.⁸²⁵

Ainda sobre pioneiros e invasores, ainda no século XIX existiam a Town de Flatbush e a City do Brooklyn, sendo town uma unidade menor que city. Estes dois setores teriam crescido de forma vertiginosa enquanto a área de Lefferts ficou subdesenvolvida, ainda bastante rural, porém abrigava luxuosas mansões das famílias Lefferts, Vanderbilts, entre outras. Decisões políticas, chamadas por Krase⁸²⁶ de atos imperialistas, por parte da municipalidade de Brooklyn, resultam na absorção de vilarejos vizinhos a partir de 1854 com objetivos de atender as demandas do comércio, indústria e propriedades residenciais, e só em 1894 é que a town de Flatbush é anexada a city do Brooklyn.⁸²⁷

Nós podemos atestar, conforme fotos a seguir, que a referida área sobreviveu, mas como mencionado anteriormente sobre a dicotomia “com ou sem eles...”, os *Flatbushianos* com menos acesso a recursos públicos ou privados, talvez tenham que se

⁸²⁴ KRASE, Jerome. (1982), *Self and Community in the city*, Washington, D.C., University Press of America. Available on <<http://www.brooklynso.org/PLG/selfandcommunity/index.html>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸²⁵ Tradução livre do autor desta tese: “Hoje em dia o Flatbush, a famosa área do Brooklyn, está experienciando as primeiras fases da decadência urbana; deterioração do comércio de rua, restrição para financiamento para a compra de imóveis e aumento das taxas criminais. E o mais preocupante de tudo é a diminuição da confiança dos moradores de que sua comunidade irá sobreviver por muito mais tempo.” (Chapter 2.1: Self Selection and Urban Decay – p.6^a).

⁸²⁶ Op. cit.

⁸²⁷ Do original: “The populations of the town of Flatbush and the City of Brooklyn grew rapidly during the nineteenth century, but the Lefferts area remained largely undeveloped and rural in appearance. The luxurious mansions and broad estates of the Lefferts, Vanderbilts and other notables were virtually the only structures in the Lefferts Manor neighborhood standing on either side of Flatbush Road, however, the City of Brooklyn began expanding at an exponential rate, and its spreading crept toward the semi-rural areas of Flatbush. Although the Town of Flatbush was still a separate municipality, it was included in planning maps for City of Brooklyn development. This was typical of the ‘imperialistic’ acts of the City of Brooklyn, which began in 1854 to absorb neighboring towns and villages to meet the growing demand for commercial, industrial and residential properties. Flatbush itself was not annexed into Brooklyn until 1894, but the pre-annexation growth of Brooklyn had a major impact on the eventual social and physical character of the area...” (KRASE, 1982: Chapter 3.1: Woodland to City Neighborhood: 300 Years of Change. p.8th.)

retirar da sua comunidade, pois o bairro segue em processo de melhora espacial, conforme nossa observação.

Imagem 86⁸²⁸



Imagem 87⁸²⁹



Imagem 88⁸³⁰



⁸²⁸ Embora esta foto tenha sido tirada no Queens, o jovem senhor de camisa azul de mangas curtas, morador antigo do referido borough, exatamente em Forest Hills, nos concedeu breve entrevista e afirmou a retirada (expulsão?) dos moradores afro-americanos da referida vizinhança desde os anos 1970. Foi afirmado e/ou confirmado, também, o que Richard Sennett apontou em *O Declínio do Homem Público* (2002), exatamente no capítulo 13 – A Comunidade Se Torna Incivilizada, quando ocorreu a “disputa” (massacre?) entre judeus e italianos vis-à-vis afro-americanos. Falou-se das “barricadas internas”.

⁸²⁹ Legenda da foto:

A foto ao lado e as próximas foram tiradas dentro do Prospect Park e nas ruas de Flatbush, respectivamente. O referido parque tem de um lado a vizinhança Prospect-Lefferts-Gardens, moradia do nosso guia (professor Jerome Krase), área de classe média alta, e do outro lado encontra-se Flatbush, uma área bastante simples, deteriorada ao longo de várias décadas no século XX, que nós tomamos a liberdade de afirmar como resultado negativo da produção social do espaço (SANTOS, 2014) e biopolítica (FOUCAULT, 1976).

⁸³⁰ Estas duas fotos foram tiradas dentro do Prospect Park. Apesar de qualquer receio referente a tensões étnico-raciais, nós ficamos maravilhados com a pluralidade étnico-cultural dos frequentadores: várias crianças afro-americanas, afro-latinas, latinas e judaicas brincando juntas, sem qualquer conflito aparente, sob observação de seus pais.

Imagem 89⁸³¹

Imagem 90



Imagem 91

Imagem 92⁸³²

⁸³¹ A infraestrutura física presente na referida área (Flatbush) com destaque para o transporte público (estação de metrô Church Avenue Station) nos chamou bastante atenção, primeiro por sua presença/existência, e segundo por estar encravado bem no coração do bairro, diferentemente do que vimos do lado afluente, qual seja, Prospect-Lefferts-Gardens. Tal fato nos fez lembrar da controvérsia no bairro de Higienópolis em São Paulo, quando da tentativa de instalar uma estação de metrô no coração daquele bairro, habitado majoritariamente por descendentes de imigrantes europeus de classe média-alta e/ou rica.

⁸³² imagens externas do Prospect Park, lado East, o lado empobrecido do parque, do bairro Flatbush. uma da rua nas proximidades da Brownstone Communities.

Imagem 93⁸³³

⁸³³ Sentido horário, fotos 104 a 107. +Legenda das fotos: Embora do lado não afluente do referido parque, as fotos demonstram tipologias habitacionais e infraestrutura física condizente com as de bairros paulistanos equipados e ocupados por maioria de descendentes de imigrantes europeus. Enquanto afro-brasileiro nascido e criado no bairro da Liberdade e morador do bairro do Belém/Belenzinho, zona leste de São Paulo, é praticamente impossível não fazer tais comparações, até porque nosso estudo tem forte caráter comparativo.

Imagem 94



3.2.3 Desvendando o bairro, a cidade, o estado, o país

*Although many social scientists have written about the relationship between the self and others, few have focused on the self-territorial community relation. George Herbert Mead had indirectly considered this relation of self and community in a discussion of William James and the question of consciousness. James had given an example of a person entering a house. The house has a history and the person who enters becomes part of its history. The house, simultaneously, becomes part of the person's history(...)*⁸³⁴

3.3 Gênese humana do bairro

A afirmação, na epígrafe, utilizada por Krase,⁸³⁵ construída por teóricos da Escola Sociológica de Chicago e/ou Interacionismo Simbólico nos ajudou a compreender o porquê africanos escravizados e depois libertos, italianos, asiáticos, judeus, alemães que adentraram os Estados Unidos são tão diferentes dos seus pares que adentram o Brasil, além de outros países na América do Sul, com foco para o Cone Sul. A relação

⁸³⁴ Tradução livre do autor desta tese: “Embora muitos cientistas sociais tenham escrito sobre a relação entre o eu e os outros, poucos deram foco na relação comunitária do auto-território. George Herbert Mead de maneira indireta havia considerado esta relação do eu e da comunidade em uma discussão de William James e a questão de consciência. James havia dado um exemplo de uma pessoa que adentra uma casa. A casa tem uma história e a pessoa que adentra essa casa torna-se parte dessa história. A casa, simultaneamente, torna-se parte da história dessa pessoa...”. (1982), *Self and Community in the city*, Washington, D.C., University Press of America. Available on <<http://www.brooklynsoc.org/PLG/selfandcommunity/index.html>>. Acesso em 22 de jul. 2021., Prefácio).

⁸³⁵ *Idem*.

comunitária territorial, parte física, com os habitantes, parte humana, implica alterações no espaço e nos habitantes ao longo do tempo, pois,

“uma casa tem uma história e a pessoa que a adentra torna-se parte dessa história. A casa, simultaneamente, torna-se parte da história da pessoa...”
Krase.⁸³⁶

Em termos simples, italianos que adentram a cidade de Nova York viraram **gente de cor**, ao passo que os italianos que adentram a cidade de São Paulo tornaram-se brancos ou “branquíssimos”, nos termos de Schucman.⁸³⁷ A sociedade norte-americana, de origem saxônica, protestante possui seus códigos, valores e signos que foram assimilados pelos novos moradores, porém receamos inferir que os imigrantes europeus, que em São Paulo chegam, influenciaram mais do que foram influenciados, pois a própria elite paulista, paulistana buscavam por modernizações, mudanças dos códigos, valores e signos nacionais do referido momento histórico.

“...italianos que adentram a cidade de Nova York viraram gente de cor, ao passo que os italianos que adentram a cidade de São Paulo tornaram-se brancos ou ‘branquíssimos’, nos termos de Schucman⁸³⁸...”

Sobre o conceito e/ou termo gente de cor, por nós aqui usado, justificamos seu uso em função de não existir uma binariedade étnico-racial em São Paulo, e também por estarmos nos esforçando para identificar e/ou construir métricas condizentes com as realidades de algumas localidades brasileiras e Norte Americanas. Como afirmado pela socióloga Patricia Hill Collins, professora emérita do departamento de sociologia da Universidade de Maryland, em recente matéria jornalística¹, inicialmente o termo p.o.c. (people of color) foi adotado de cima para baixo, praticamente numa ideologia de dominação da ordem do dividir pra conquistar (divide and rule), muito utilizada por grupos colonizadores e escravagistas, em sua maioria europeus, com destaque para ingleses, holandeses e franceses nas suas colônias na África, Américas e Ásia, e o referido termo englobava africanos, nativos das Américas, asiáticos (do oriente médio até o extremo oriente) e os descendentes desses grupos, miscigenados ou não.

No Brasil, o referido termo (gente de cor) foi usado durante longo tempo até ser questionado, e alterado, por grupos do chamado movimento social negro ou antirracista. Particularmente, este pesquisador acredita que a derrubada do uso do referido termo pode ter ajudado no aumento artificial da população branca brasileira, uma vez que grande quantidade de brasileiros foi condicionada a negar suas origens africanas e/ou indígenas, o que implicou autodeclarar-se branco perante as pesquisas do censo do IBGE, por exemplo. Nas ex-colônias inglesas, holandesas e até francesas não havia ou há dúvidas sobre quem é branco, não-branco e/ou preto/negro (black, neger, nigger, coloured, noir).

Tomamos a liberdade de afirmar que a linha de raciocínio acima é bastante forte e acertada dado o esforço da elite paulista e/ou paulistana em financiar a imigração europeia para São Paulo e sul do Brasil, com os recursos e/ou riqueza provenientes da cultura cafeeira ao longo do século XIX. Esta medida, decisão altera pra sempre a configuração étnico-racial no Brasil, e neste estudo pareceu-nos deveras apropriado comparar o termo p.o.c. (people of color), então usado por grupos saxões, ao termo gente de cor, usado no Brasil por bastante tempo.

⁸³⁶ *Idem.*

⁸³⁷ SCHUCMAN, Lia Vainer. (2014), *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo*: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo, São Paulo, AnnaBlume.____.(2012), *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 122 páginas. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

⁸³⁸ Schucman.

Como mencionado anteriormente, consideramos seu uso adequado em várias situações devido a não-binariedade (branco-negro ou europeu-africano e/ou indígena) no Brasil, especialmente na cidade de São Paulo⁸³⁹.

Anglo-americanos, afro-americanos, irlandeses, italianos, judeus alemães e, bem mais tarde, latinos e/ou afro-latinos e asiáticos compõem a geografia física e humana das várias vizinhanças do Brooklyn. Como detalhado no capítulo 2. Liberdade-SP, os grupos étnicos que mais e melhor conseguem oportunidades de ascensão socioeconômica evadem-se de áreas centrais e mudam-se para os subúrbios, caso norte-americano, ou para bairros bem equipados no quadrante sudoeste paulistano, no caso brasileiro.

As ações humanas identificadas por meio do conceito ou teoria produção social do espaço (SANTOS, 2000) ou ainda da biopolítica (FOUCAULT, 1976) nos ajudam a entender os vários porquês de quem tem estado onde e também dos vários modus-vivendi.

Imagem 95⁸⁴⁰



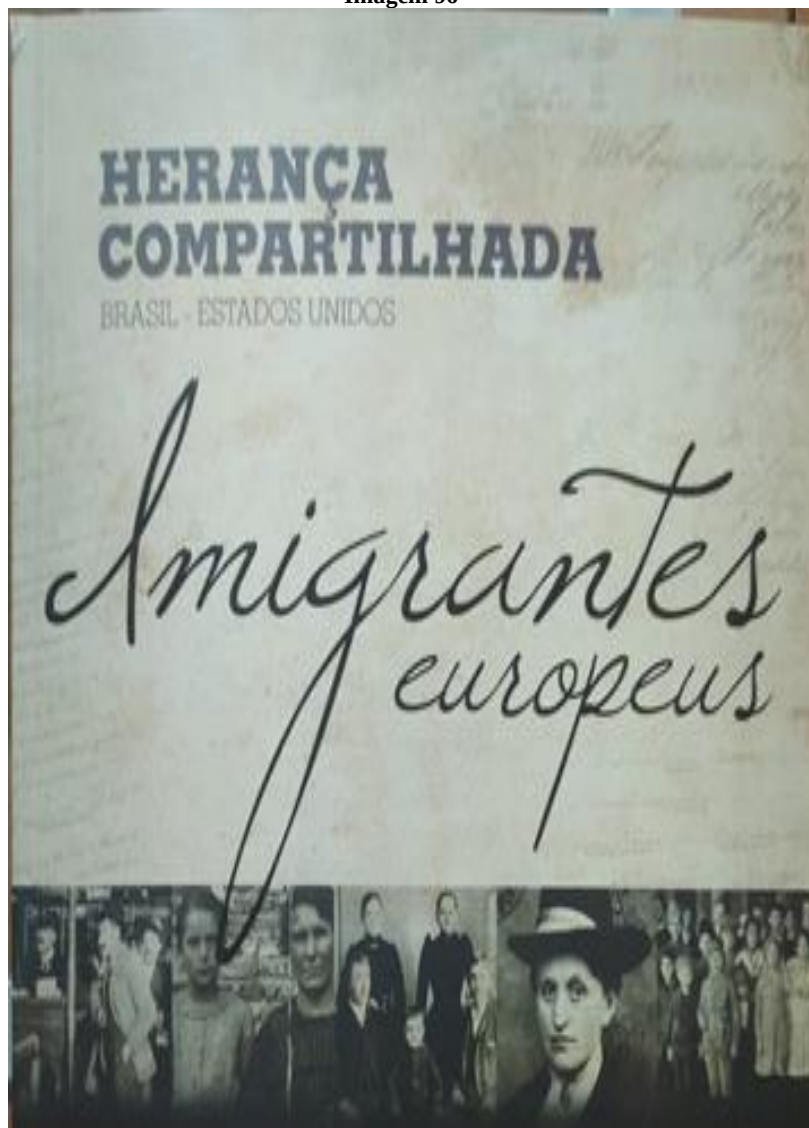
Entre os anos de 2018 e 2020, nós tivemos a oportunidade de conhecer Williamsburg, Flatbush, Forrest Hills (Queens), e observar como vários grupos étnicos de/em cada uma das referidas vizinhanças tem interagido e criado suas narrativas.

⁸³⁹FOLHA UOL. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/04/se-eu-olhasse-so-o-debate-nas-redes-sociais-sairia-correndo-afirma-patricia-hill-collins.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa&fbclid=IwAR1ZJGFfYydCGoZJdWaqibhX4gChwLTpG4e8gXDl7mKAqpSGpNf9qk26pwg>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁴⁰ Acervo pessoal do autor desta tese, tirada dentro de uma linha do metrô que serve o bairro ou vizinhança de Williamsburg, no Brooklyn.

Fazendo referência à uma exposição e/ou conferência chamada “Herança Compartilhada: Presença dos Imigrantes Europeus no Brasil e nos Estados Unidos”⁸⁴¹, promovida pelo Consulado Geral dos Estados Unidos da América em São Paulo em parceria com o Centro Universitário Senac + Centro de Estudos Brasil-Estados Unidos (CEBE), entre outros parceiros, há semelhanças entre grupos europeus ou asiáticos que emigraram para ambos países, porém as histórias, intenções, ideologias de cada lugar teve papel preponderante na definição dos valores, comportamentos de cada um dos grupos étnicos mencionados.

⁸⁴¹EDITORA SENAC SP. Disponível
em: <<https://www.editorasenacsp.com.br/portal/produto.do?appAction=vwProdutoDetalhe&idProduto=21652>> Acesso em 22 de jul. 2021.

Imagem 96⁸⁴²

⁸⁴² (108, 109 e 110+ 111e 112 + 113, 114 e 115), tiradas de material enviado aos convidados (caso do autor desta tese) para as exposições fotográficas e/ou festivais em 2010 e 2012, promovidas pelo Consulado Geral dos Estados Unidos em São Paulo.

Imagem 97



Imagem 98



Imagem 99



Imagem 100



Imagem 101



Imagem 102

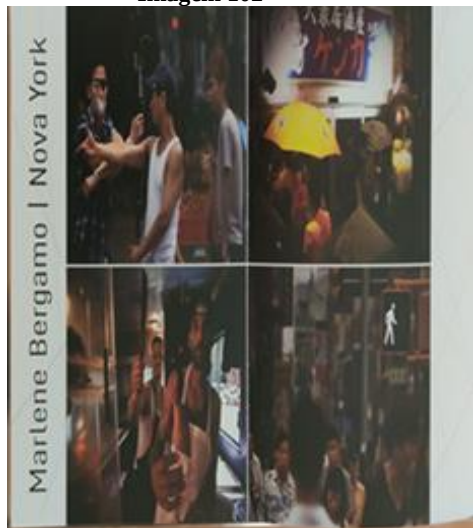


Imagem 103



O famigerado preconceito racial de marca (Brasil) ou de origem (EUA), conforme notação do sociólogo Oracy Nogueira, concedeu mais ou menos mobilidade para seus imigrantes. Enquanto um observador-participante, este pesquisador-autor não se sente confortável para escolher este ou aquele preconceito, pois acreditamos que tirania é tirania, não importando seu grau de crueldade. O referido sociólogo explica a referida abordagem da seguinte forma:

Nos Estados Unidos, a expectativa da maioria, em relação às minorias sujeitas a discriminação, é de que se mantenham endogâmicas e nucleadas, constituindo cada qual um mundo social à parte, de modo a se imiscuírem o mínimo possível com aquela, cuja 'pureza' racial e característicos se considera necessário preservar. 6. Quanto à distinção entre diferentes minorias, onde o preconceito é de marca, o dogma da cultura prevalece sobre o da raça: onde o preconceito é de origem, dá-se o oposto. Consequentemente, onde o preconceito é de marca, as minorias menos endogâmicas e menos etnocêntricas são favorecidas; onde o preconceito é de origem, há maior tolerância para com as minorias mais endogâmicas e mais etnocêntricas. Assim, no Brasil, frequentemente, se ouve alegar, como agravante, em relação aos japoneses, sírios e outros grupos de imigrantes, que os mesmos 'não se casam com brasileiros' e procuram preservar seu próprio patrimônio cultural – língua, religião, costumes. Em São Paulo, um descendente de sírios observou, gracejando: 'O problema do italiano, no Brasil, é o da desmacarronização, assim como o do sírio é o da desquibização e, do alemão, o da desbifização. O do preto é o do branqueamento'. Ainda em São Paulo, um jovem profissional liberal, filho de japoneses, que exerce sua ocupação entre brasileiros, ou seja, fora do grupo de japoneses e seus descendentes, e que em suas viagens por outros estados e por outros países sul-americanos, tem sido identificado como mestiço ou descendente de índios, declarou: 'Para mim, no Brasil, não há preconceito de raça: o preconceito que existe é estético. O japonês que mais se assemelha aos indivíduos de raça branca – japonês de olhos menos amendoados, por exemplo – tem mais aceitação'. Nos Estados Unidos, ao contrário, quando se comparam duas ou mais minorias, frequentemente se aponta como atenuante o 'estar ela satisfeita consigo mesma' e, portanto, o 'não estarem os seus membros procurando impor-se aos outros grupos'. De um modo geral, nos Estados Unidos, há maior tolerância

(que no Brasil) para com imigrantes que falam, mesmo em público, sua própria língua, que conservam sua própria música etc⁸⁴³.

Consideramos um tanto cinzenta, dúbia a linha de raciocínio do Professor Oracy Nogueira, porém com base no que já foi mencionado nesta tese sobre o modelo cultural anglo-americano, pode-se inferir que houve e talvez ainda há um grau mais elevado de eugenia ou supremacia racial nos Estados Unidos. Contudo, ao nos locomovermos pelas ruas de Nova York, Boston, Washington-DC, Filadélfia, New Jersey, Cambridge, por exemplo, nós dificilmente nos sentimos discriminados como em várias localidades de São Paulo, ora nas periferias (áreas desequipadas), ora no quadrante sudoeste (área altamente equipada).

Imagem 104 - Foto do acervo pessoal do autor desta tese, tirada dentro do Ellis Island National Museum of Immigration em Nova York⁸⁴⁴



Para referência, analisemos a seguinte foto, provavelmente tirada nos Estados Unidos no período da segunda guerra mundial, 1939-1945. Como já descrito no capítulo

⁸⁴³ NOGUEIRA, Oracy. 2006), Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem, *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v.19, n.1, pp.: 287-308.288-289.

⁸⁴⁴ Foto do acervo pessoal do autor desta tese, tirada dentro do Ellis Island National Museum of Immigration em Nova York. Disponível em:<: <https://www.statueofliberty.org/ellis-island/overview-history/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

2-Liberdade-SP, houve certo conflito com os imigrantes nipônicos em São Paulo, porém em larga medida, deveu-se mais a um desejo supremacista do referido grupo imigrante do que pela população paulista, porém no caso norte-americano, não há dúvida de que os sentimentos supremacistas foram muito mais fortes, o que gerou grande animosidade contra os nipônicos, e devemos lembrar que grande parte do ressentimento se deveu aos ataques contra a base militar dos Estados Unidos em Pearl Harbour.

3.4 Heranças compartilhadas nas relações Brasil-Estados Unidos

3.4.1 Confederados Sulistas e Cafeeiros Paulistas (passado)

Embora Weinstein⁸⁴⁵ tenha falado em “...uma consequência de uma extensão de fatores históricos...”⁸⁴⁶ nós não acreditamos em acaso para a vinda dos confederados sulistas norte-americanos ao Brasil após a guerra civil naquele país. Coincidentemente, o referido grupo veio para o interior paulista tomar parte da indústria cafeeira, último lugar nas Américas onde ainda se produzia riquezas sem iguais com base na escravização de africanos e seus descendentes.

Fica como lição de casa desvendar se o grupo norte americano achou São Paulo ou se os paulistas, na busca de construir uma identidade regional e nacional,⁸⁴⁷ encontraram os confederados em busca de um novo lar. Circulavam informações de que São Paulo, um local na distante América do Sul, estava emergindo como polo de liderança na economia de exportação cafeeira; a noção de que São Paulo era ou estava para se tornar um centro industrial; de que a rápida expansão das plantações de café em direção oeste, a partir de 1850, e a construção de novas linhas ferroviárias, serviços urbanos, e facilidades portuárias que ofereciam evidências tangíveis de uma economia em efervescência,⁸⁴⁸ portanto não é de se surpreender que grupos escravagistas, derrotados pelos industrialistas do norte daquele país, tenham se interessado por uma terra onde havia grandes chances de se obter riqueza sem ter que competir com industrialistas beligerantes.

Este é mais um dos muitos pontos de coincidências (heranças compartilhadas?) entre Brasil e Estados Unidos apontados na nossa tese, e por si só, há extensa quantidade de informação e inferências a serem feitas. Uma dessas possíveis inferências é que o(s)

⁸⁴⁵ Weinstein (2015, p. 2).

⁸⁴⁶ Do original: “...a consequence of a range of historical factors...”. (WEINSTEIN, 2015, p. 2).

⁸⁴⁷ Do original: “...the centrality of this tendency to the construction of regional and national identities ...”. (WEINSTEIN, 2015:4).

⁸⁴⁸ cf.: Weinstein (2015, p. 28 passim).

processo(s) de escravização tem questões locais, com as forças políticas locais, mas tem a lógica mais ampla e, por isso, há semelhanças mais do que coincidências entre Brasil e Estados Unidos, nos termos da cientista política Rosemary Segurado. Queremos todas essas análises como nossas próximas lições de casa, pois acreditamos que desta forma podemos agregar no item evidência na amplitude e profundidade nas relações Brasil-Estados Unidos da América.

3.4.2 Acadêmicos e Ativistas (presente e futuro)

Muito em função do que vivenciamos no ambiente acadêmico dos EUA, com especial atenção à *Brown University*⁸⁴⁹, *Harvard University*⁸⁵⁰, *Brooklyn College*⁸⁵¹, *Georgetown University*⁸⁵², *Yale University*⁸⁵³, *Northwestern University*⁸⁵⁴ e *Temple University*⁸⁵⁵, espera-se, ao longo de mais estudos aprofundados, formalizar proposta a qual nos referimos como engenharia reversa, onde a soma de esforços dos 2 (dois) países possa reverter desigualdades socioeconômicas acumuladas ao longo dos últimos 5 séculos, por meio de ações possíveis (políticas públicas e/ou privadas) de realização por parte do poder público, academia e sociedade civil. Por hora e como aperitivo, afirmamos que a referido ambiente acadêmico nos proporcionou elementos-chave para o desenho de métricas urbanísticas (Temple University, Brooklyn College, Brown University, Watson Institute) e métricas históricas (Harvard University, Northwestern University, Brown University, Georgetown University, Yale University), por meio das quais desejamos analisar ainda mais as atuais desigualdades em cidades como São Paulo, Nova York, etc., com ampla consciência que a gênese das referidas desigualdades está na produção e acúmulo de riqueza por meio das culturas de café (São Paulo, Brasil) e de algodão (Deep South + Nova Inglaterra, EUA), tudo sinônimo de colonização e escravização africana, negra.

⁸⁴⁹ BROWN.EDU. Disponível em:< <https://www.brown.edu/academics/race-ethnicity/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁵⁰“The Afro-Latin American Research Institute (ALARI), Harvard University”. Disponível em:<<https://alari.fas.harvard.edu/>; <https://aaas.fas.harvard.edu/people/henry-louis-gates-jr>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁵¹ Op. cit.

⁸⁵²“Georgetown Reflects on Slavery, Memory, and Reconciliation”. Disponível em:<<https://www.georgetown.edu/slavery/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁵³ “The Gilder Lehrman Center for the Study of Slavery, Resistance, and Abolition at the Whitney and Betty MacMillan Center for International and Area Studies at Yale University”. Disponível em:<<https://glc.yale.edu/>>. Acesso em 22 de jul. 2021./

⁸⁵⁴ BROWN.EDU. Disponível em:< <https://www.brown.edu/academics/race-ethnicity/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁵⁵ TEMPLE.EDU. Disponível em:< <https://www.temple.edu/>>. Acesso em 22 de jul. 2021

Se na 2ª metade do século XIX, brasileiros e norte-americanos se uniram para dar continuidade ao trabalho compulsório (escravidão moderna), pode haver união no presente visando a correção de injustiças históricas, e desta forma a criação de esforços para reduzir ou extinguir desigualdades nas urbes modernas que resultam em degradação física e simbólica, violência, crime, injustiça ambiental, etc. Um exemplo de união de esforços nesse sentido é o livro *The Brazil Reader: History, Culture, Politics*⁸⁵⁶ editado pelo historiador brasilianista James Naylor Green, onde no capítulo VI – *Coffee, The Empire, and Abolition, 1851-1888*, há um relevante texto de Francisco Primo de Souza Aguiar, *The U.S. Civil War and Slave Rebellions in Brazil*,⁸⁵⁷ o que reforça nossa proposta de analisar, comparar ainda mais itens de Heranças Compartilhadas entre Brasil e Estados Unidos da América, componente da nossa lição de casa.

3.5 Biopolítica e Produção Social do Espaço nos EUA

We are investigating how various kinds of people and institutions struggle to achieve their opposing goals in the creation of the metropolis. And compared to the other two approaches, we stress not only the economic imperatives of the larger system but also the striving of parochial elites to make money from development and ordinary people to make community a resource in their daily lives.”⁸⁵⁸

Na nossa visão e após considerável quantidade de leitura, conversas, entrevistas, conversas formais e informais, o “teorema” fazer viver e deixar morrer de Michel Foucault, ou ainda o poder para fazer revitalizar ou até gentrificar e deixar degradar, somado a desejos individuais e/ou coletivos de supremacia étnico-racial atuando sobre as dinâmicas sociais dentro das configurações territoriais, nos termos do renomado geógrafo brasileiro Milton Santos, segue produzindo “riqueza; inclusão; qualificação; ‘revitalização’; e vida” para uns ao mesmo tempo que se produz “pobreza; exclusão; desqualificação; degradação; e morte” para outros. Nosso espírito acadêmico, por vezes, se confunde com nosso espírito ativista, no sentido de nos cobrar a proposição de construção de ferramental que reverta degradações simbólicas e/ou físicas buscando a correção de erros e injustiças históricas que assombram os atuais dias em várias urbes pela Américas. Poder reverter tal “lógica” é missão nossa, por meio do que nos referimos

⁸⁵⁶ (second edition, revised and updated – 2019)

⁸⁵⁷ *Idem, ibidem*, pp. 205-255.

⁸⁵⁸ Tradução livre do autor desta tese: “Nós estamos investigando como vários tipos de pessoas e instituições lutam para alcançar seus objetivos opostos na criação da metrópole. E comparado a outras duas abordagens, nós enfatizamos não só os imperativos econômicos de um Sistema mais amplo, mas também o esforço das elites locais em fazer dinheiro do desenvolvimento e das pessoas comuns em fazer da sua comunidade um recurso nas suas vidas diárias.” LOGAN, John R. et al. (1987), *Urban Fortunes: The Political Economy of Place*, Berkeley, University of California Press.

como “engenharia reversa”, elemento chave da nossa lição de casa para os próximos capítulos acadêmicos, profissionais, da vida.

3.5.1 Engenharia Reversa⁸⁵⁹

3.5.1.1 Características, estágios, possíveis resultados

De maneira bastante resumida e sucinta, o conceito de engenharia reversa (*reverse engineering*) é o caminho oposto da *forward engineering* (desenvolvimento normal⁸⁶⁰), e sua função principal é “desmontar e examinar ou analisar em detalhe (um produto ou dispositivo) para descobrir os conceitos envolvidos na produção, geralmente com o intuito de produzir algo similar”⁸⁶¹, ou ainda “...o processo de descobrir os princípios tecnológicos e o funcionamento de um dispositivo, objeto ou sistema, através da análise de sua estrutura, função e operação. Objetivamente [,] a engenharia reversa consiste em, por exemplo, desmontar uma máquina para descobrir como ela funciona. É objeto de estudo em universidades e faculdades [,] principalmente ligada à área de tecnologia.”⁸⁶²

No texto “*reverse engineering for product assessment*” In “*Manager’s Guide to Database Technology, A: Building and Purchasing Better Applications*”, o autor Michael R. Blaha⁸⁶³ além de definir o referido conceito, descreve também suas características e seus estágios. Blaha⁸⁶⁴ afirma que o conceito de engenharia reversa requer uma mentalidade (*mindset*) diferenciada, e fornece algumas características tanto para a *forward engineering* quanto para a *reverse engineering*, e embora ele tenha escolhido a

⁸⁵⁹ INFORMIT. Disponível em: < <http://www.informit.com/articles/article.aspx?p=23692&seqNum=3> >. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁶⁰ Para um melhor entendimento do conceito, em função de não termos encontrado uma tradução apropriada. Tradução livre do autor desta tese: “...Engenharia reversa é o inverso do desenvolvimento normal...”. Do original: “**What Is Reverse Engineering?** *Reverse engineering is the inverse to normal development (see Table 1); you start with the actual application and work backward to deduce the requirements that spawned the software. Reverse engineering lets you salvage ideas and data from past systems for use by new systems. You can evaluate candidate products in depth to more reliably determine the best ones. Reverse engineering applies to a variety of platforms (such as programming code, hardware, and databases), but this article concerns only databases. In practice, this is not much of a limitation because many of the applications that organizations purchase involve databases.*” *Idem*.

⁸⁶¹ Do original: “*Definition of reverse engineer: to disassemble and examine or analyze in detail (a product or device) to discover the concepts involved in manufacture usually in order to produce something similar.*” MERRIAM. Disponível em: < <https://www.merriam-webster.com/dictionary/reverse%20engineer> >. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁶² WIKIPEDIA. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Engenharia_reversa >. Acesso em 22 de jul. 2021

⁸⁶³ INFORMIT. Disponível em: < <https://www.informit.com/articles/article.aspx?p=23692> >. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁶⁴ BLAHA, Michael R. (2001). *Reverse engineering for product assessment*. Indianapolis: Pearson Education In A Manager’s Guide to Database Technology: Building and Purchasing Better Applications. Disponível em <<http://www.informit.com/articles/article.aspx?p=23692>>. Acesso em 22 de jul. 2021

área de software (programa de computadores), acreditamos valer a pena analisar os exemplos para nossa reflexão.

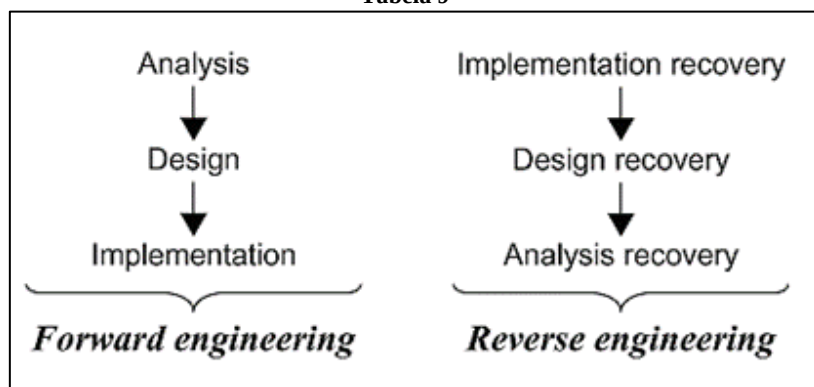
Características da *Forward Engineering*⁸⁶⁵ e da Engenharia Reversa⁸⁶⁶

“DESENVOLVIMENTO NORMAL” <i>FORWARD ENGINEERING</i>	Tabela 8 ENGENHARIA REVERSA <i>REVERSE ENGINEERING</i>
Dados as exigências, desenvolver uma aplicação/aplicativo. <i>Given requirements, develop an application.</i>	Dada uma aplicação/aplicativo, deduzir tentativas das exigências. <i>Given an application, deduce tentative requirements.</i>
Mais Seguro. O desenvolvedor possui as exigências e deve entregar uma aplicação/aplicativo que faça a implementação. <i>More certain. The developer has requirements and must deliver an application that implements them.</i>	Menos Seguro. Uma implementação pode resultar em diferentes exigências, dependendo da interpretação da engenharia reversa. <i>Less certain. An implementation can yield different requirements depending on the reverse engineer's interpretation.</i>
Prescritivo. Os desenvolvedores recebem instruções sobre como trabalhar. <i>Prescriptive. Developers are told how to work.</i>	Adaptativo. O engenheiro em questão deve descobrir o que o desenvolvedor realmente fez. <i>Adaptive. The reverse engineer must find out what the developer actually did.</i>
Mais maduro. Equipe habilidosa prontamente disponível. <i>More mature. Skilled staff readily available.</i> Consome bastante tempo. <i>Time-consuming (months to years of work).</i>	Menos maduro. Equipe habilidosa é/está esparsa/escassa. <i>Less mature. Skilled staff sparse.</i> Pode ser executado de 10 a 100 vezes mais rápido do que o “desenvolvimento normal” (dias ou semanas de trabalho). <i>Can be performed 10 to 100 times faster than forward engineering (days to weeks of work).</i>
O modelo deve estar correto e completo ou a aplicação/aplicativo falhará. <i>The model must be correct and complete or the application will fail.</i>	O modelo pode ser/estar imperfeito. Recuperar informações de forma parcial ainda é útil. <i>The model can be imperfect. Salvaging partial information is still useful.</i>

Já sobre os estágios da engenharia reversa, são 3 (três) níveis, dispostas da seguinte forma:

⁸⁶⁵ Do original: “Reverse engineering is the inverse to normal development.” Tradução livre do autor desta tese: “Engenharia reversa é o inverso do desenvolvimento normal”. Portanto, podemos traduzir ou entender *forward engineering* como “o desenvolvimento normal”.

⁸⁶⁶ Do original: “Table 1-Characteristics of Forward Engineering and Reverse Engineering. Reverse Engineering Requires a Different Mindset.” Disponível em: <<https://www.informit.com/articles/article.aspx?p=23692&seqNum=3>>. Acesso em 22 de jul. 201.

Tabela 9⁸⁶⁷

Blaha⁸⁶⁸ afirma que seguir os referidos estágios ajuda a aumentar as chances de sucesso na aplicação do referido conceito, portanto ao organizarmos um trabalho que vise o caminho oposto da degradação simbólica e/ou física, por exemplo, por meio da (1) Recuperação da Implementação (*Implementation recovery*), (2) Recuperação do Desenho (*Design recovery*), e (3) Recuperação da Análise (*Analysis recovery*), acreditamos ser possível (a) aprender rapidamente sobre a aplicação/aplicativo e preparar um modelo inicial (*quickly learn about the application and prepare an initial model*), (b) desfazer os mecanismos da estrutura do banco de dados e resolver as referências chaves externas (*undo the mechanics of the database structure and resolve foreign key references*), e (c) remover artefatos do desenho e eliminar qualquer erros do modelo, respectivamente (*remove design artifacts and eliminate any errors in the model, respectively*).

É nossa lição de casa preparar exemplos práticos a partir desta conceituação, como se estivéssemos falando de um modelo tese-antítese-síntese para analisarmos questões urbanas em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, New York, Filadélfia, Washington-DC, New Jersey, Boston, etc.

E por último, mas não menos, é importante mencionar que nós tivemos o 1º contato com o conceito de engenharia reversa nas aulas do Professor Rafael Araújo da PUCSP, quem nos sugeriu assistir um episódio da série *Black Mirror*, disponível no serviço de streaming Netflix. Em material, ainda no prelo, onde nós participamos, o seguinte foi detalhado:

⁸⁶⁷ Diagrama aproveitado de um trabalho que eu precisei entregar num curso de redação realizado junto a Temple University, também parte do programa da DDRA (Doctoral Dissertation Research Award – 2019-2020) da Fulbright Commission, cf.: Moisés Cunha, Ms. Ann Draemel, Advanced 3 Writing, August 12th, 2019, From threats to opportunities: Overcoming additions by turning them into inclusion mechanisms”.

⁸⁶⁸BLAHA, Michael R. (2001). *Reverse engineering for product assessment*. Indianapolis: Pearson Education In A Manager’s Guide to Database Technology: Building and Purchasing Better Applications. Disponível em <<http://www.informit.com/articles/article.aspx?p=23692>>. Acesso em 22 de jul. 2021

A série 'Black Mirror' disponível pela NETFLIX traz o episódio 'Engenharia Reversa' (Men Against Fire), 5º episódio da 3ª temporada que, grosso modo, explora exemplos de biopolítica. No referido episódio um segmento da sociedade é chamado de barata (roach) e por meio de tecnologia (implantes cerebrais) os agentes de segurança estatal os veem de tal forma, literalmente. Falas como: '(...) temos que acabar com elas para que a humanidade continue existindo (we gotta take them out if mankind is gonna carry on in this world) (...)’ ou ainda '(...) não temos vontade de matar uns aos outros, o que é bom. A menos que seu futuro dependa da extinção do inimigo (we don't actually want to kill each other. Which is a good thing. Until your future depends on wiping up the enemy (...))’

Conforme texto acima, uma nota de rodapé de material no prelo, pode-se perceber que o conceito de engenharia reversa, muito usada por empresas de tecnologia, tem função altamente sociológica nesta tese, uma espécie de tecnologia social que busca reverter processos de exclusão e/ou injustiças ambiental, racial, histórica, etc. Trata-se de tentar reverter ideologias que tomaram conta de agentes de Estado, de forma a trazê-los de volta a um estado humanístico, responsável, sustentável para a elaboração de um novo contrato social entre os habitantes das urbes modernas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora nosso estudo tenha sido amplo e com intenções de analisar toda cidade de São Paulo, com foco para o bairro da Liberdade vis-à-vis a cidade de Nova York, com foco para o distrito/*borough* Brooklyn e por sua vez analisar os grupos étnicos que por lá entraram, saíram ou ficaram, conforme a teoria de transição étnico-racial de vizinhanças, houve e há especial atenção para a situação dos afrodescendentes que na nossa visão, com base em enorme quantidade de estudos e dados oficiais, são os mais injustiçados, pois teria sido extraído do suor, dor, sangue, vida e morte dessas pessoas toda a riqueza que constrói a global cidade de São Paulo, Nova York, entre várias outras cidades pelas Américas.

Os negros constituem caso um tanto especial. Da escravidão herdaram o estigma de baixo status sócio-econômico, o que, pode-se geralmente dizer, deixa de atingir um negro quando ele consegue sucesso econômico ou profissional. Entretanto, como pequeno grupo minoritário (mais ou menos 10%), facilmente identificável, as pessoas de cor são logicamente os bodes expiatórios numa sociedade fluida e competitiva e que não fornece, como o regime patriarcal precedente fornecia, válvulas de escape para a tensão, sob a forma de cerimoniais.⁸⁶⁹

Ter entendido e pode fazer entender o conceito de produção social do espaço, sob as lentes do geógrafo Milton Santos, é praticamente uma missão para nós, somado ao conceito de biopolítica do filósofo francês Michel Foucault, pois acreditamos que este referencial teórico permite ao leitor, pesquisador, mesmo em fase inicial, compreender como se deu a produção e acúmulo de riqueza, capital que resulta na construção de duas das maiores metrópoles das Américas: São Paulo e Nova York. Ainda, estes dois itens do nosso referencial teórico nos ajudou a melhor compreender e explicar como e porque o conceito e/ou teoria de transição étnico-racial de vizinhanças foi e é adequado para analisar os bairros Liberdade, SP e Brooklyn, NYC. Como escutado por este pesquisador, ainda durante nosso programa de mestrado: “...após identificar algum fenômeno por meio de uma fotografia, é necessário explicar o que não aparece de imediato...”. Esta fala deveu-se à uma possível competição ou controvérsia entre as abordagens tese-antítese-síntese vis-à-vis o interacionismo simbólico. Após vários anos de estudo, posso afirmar que a junção das 2 referidas abordagens são mais que necessárias e acertadas porque assim permite-se identificar e explicar situações-problema em sociedades, cidades. E com base no mencionado acima, posso afirmar que, sim, vários grupos étnicos que adentraram

⁸⁶⁹ MORSE, Richard McGee. (1970), *Formação Histórica de São Paulo: de Comunidade à Metrópole*, São Paulo, Difusão Européia do Livro., p. 335.

o bairro da Liberdade, saíram de lá tanto por terem tido acesso às oportunidades que afrodescendentes e mamelucos não tiveram, mas também pelo fato destes grupos sociais e/ou humanos, coincidentemente imigrantes europeus e asiáticos, não desejarem compartilhar seus ambientes residenciais com grupos *outsiders*, estigmatizados, difamados, nos termos de Elias, Goffman e Wyllys⁸⁷⁰, respectivamente. Outro fator que fica evidente é que a mencionada adjetivação negativa se dá como parte do teorema “fazer viver e deixar morrer”, ficando evidente que as ações ou relações definidoras de uma sociedade em determinado momento histórico (dinâmicas sociais - fluxos) associadas a dados, fatos alterados por meio de ações conscientes de quem exerce o poder, através de sucessivos “sistemas de engenharia” (configurações territoriais – fixos), conforme explicação do geógrafo Milton Santos, definem e/ou explicam os porquês os não-europeus e não-asiáticos (japoneses e coreanos) ficaram para trás em espaços deteriorados, tanto no bairro da Liberdade quanto em vizinhanças do bairro do Brooklyn. O referido geógrafo usa aspas para falar de sistemas de engenharia,⁸⁷¹ e é este ponto que nos autoriza a falar em “engenharia reversa”, também entre aspas, como uma possibilidade de reverter ideologias, processos que estigmatizam, mantêm na pobreza enormes contingentes humanos no Brasil ou nos Estados Unidos, por exemplo. Nós fizemos uma pausa para iniciar a explicação deste conceito em um subitem da nossa tese, onde justificamos o uso do referido conceito, também, mediante aulas no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUCSP. Fica evidente para este pesquisador que tanto num país altamente industrializado como os EUA quanto no Brasil, subdesenvolvido como vários analistas o classificam, certas formas de segregação, supremacias causam resultados semelhantes. Poder-se-ia ainda afirmar que as dinâmicas dos interesses dos capitais (econômico, cultural) seguem produzindo desigualdades tanto no norte global quanto no sul global.

Com toda humildade, que me é comum, eu concluo este capítulo da minha jornada acadêmica com conhecimento até há pouco totalmente desconhecido por mim, e por outro lado sigo meu caminho com considerável orgulho por agora conseguir explicar, demonstrar academicamente e/ou cientificamente o quanto os povos africanos

⁸⁷⁰MIMEO. Termo escutado por nós da fala do ex-deputado federal, pelo PSOL do Rio de Janeiro, Jean Wyllys de Matos Santos, durante nosso estágio na Nova Inglaterra.

⁸⁷¹ (2014, p. 119).

contribuíram, mesmo que de forma compulsória, para o enriquecimento do Brasil e Estados Unidos da América, entre várias outras nações.

De forma a diminuir nossa dor, resolvemos olhar mais para o lado positivo da equação, e como mencionado no item introdução, tiramos nossa inspiração em obra de Veras,⁸⁷² e assim falou-se mais de áreas equipadas, riqueza, etc., sempre tendo em mente a gênese de tais bens.

O doutorado-sanduíche, com a bolsa *DDRA – Doctoral Dissertation Research Award*⁸⁷³ da Comissão Fulbright⁸⁷⁴, trouxe a real possibilidade de fazer estudo(s), análise(s) comparativas entre Brasil e Estados Unidos⁸⁷⁵, um desejo nosso que havia sido despertado durante estágio, em junho de 2018, no *Watson Institute*, um departamento da *Brown University*, onde nós passamos o ano acadêmico 2019-2020 fazendo aulas como aluno ouvinte (*audit class*), realizando entrevistas com membros do corpo docente da referida IES e também de outras instituições de ensino e/ou pesquisa dos E.U.A. A proximidade institucional e física de *Brown* e *Harvard* nos propiciou relevantes contatos com esta IES, onde também ocorriam as reuniões dos *Fulbrighters* da Nova Inglaterra. Todo esse conjunto de eventos nos ajudou a enxergar e analisar a utilidade de lançar mãos de métricas desenhadas por pesquisadores das Ciências Sociais e da História Social, as quais visam melhor mensurar e entender as desigualdades socioeconômicas em espaços urbanos como legados dos vários séculos de colonização e/ou escravização, onde e quando suor, dor, sangue, vida e morte de povos originários, africanos e seus descendentes foram transformados em riqueza, (transformação de recursos naturais em riqueza, nos termos de Holloway⁸⁷⁶), ou ainda, resultaram no atual modelo de produção, econômico, também conhecido como sistema capitalista. Pois como atribuído a Antônio Vieira, um padre português, “sem comparação não há pobreza”⁸⁷⁷.

Todo o conjunto de *scholars* e suas IES me ajudou a conhecer Brasil e São Paulo ainda mais e melhor, pois é grande, por lá, a quantidade e qualidade de publicações sobre

⁸⁷²VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. (2004), *Hexapolis: desigualdades e rupturas sociais em metrópoles contemporâneas*: São Paulo, Paris, Nova Iorque, Varsóvia, Abidjan, Antananarivo, São Paulo, EDUC.

⁸⁷³ IIE.ORG. Disponível em:<<https://www.iie.org/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁷⁴ FULBRIGHT. Disponível em:<<https://fulbright.org.br/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁷⁵ECA.STATE. Disponível em:<<https://eca.state.gov/fulbright/about-fulbright/j-william-fulbright-foreign-scholarship-board-ffsb>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁷⁶ HOLLOWAY, Thomas H. (1975), *The Brazilian coffee valorization of 1906: Regional politics and economic dependence*. Madison, Wisconsin, The Department of History, University of Wisconsin.

⁸⁷⁷ Historiador social Jorge Caldeira, citando um dito do Padre Antônio Vieira¹. Vídeo “Flipos 2018! Mesa Literatura e História”, 01:27:13 de 01:36:14. YOUTUBE. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=zqR6t_EDRMg&t=3315s>. Acesso em 22 de jul. 2021.

os períodos de colonização portuguesa e escravização no Brasil. Por meio das aulas do Professor Patrick Heller, eu acessei textos do sociólogo W.E.B. DuBois sobre o triângulo/delta Portugal/África/Brasil ou América Portuguesa, que eu até então desconhecia, e por meio das aulas do Professor John Logan, eu acessei textos riquíssimos sobre espaços urbanos e seus ordenamentos, onde também pude comparar suas métricas com as métricas e modelos analíticos do renomado geógrafo e professor brasileiro Milton Santos. A produção social do espaço (dinâmicas sociais + configurações territoriais), entendido por alguns pesquisadores brasileiros como um modelo marxista, somado ao conceito de biopolítica de Michel Foucault, autoridade nos estudos do poder, formatou nosso modelo analítico mais amplo, que contou também com considerável porção do interacionismo simbólico, onde as ideias, sugestões do Professor Jerry Krase, um achado durante meu estágio doutoral, fizeram grande diferença. Ele ao falar sobre *social construction* e *self-territorial community relation*, parafraseando George Herbert Mead e Williams James, escreveu:

James had given an example of a person entering a house. The house has a history and the person who enters becomes part of its history. The house, simultaneously, becomes part of the person's history⁸⁷⁸. What I have done in this work is to attempt to synthesize the many ideas of self and community from several disciplines and perspectives to form what I hope is a contribution to understanding this important dimension of human social life.⁸⁷⁹

A citação acima nos ajudou a sanar antigas dúvidas sobre como e porque alemães, italianos, árabes, asiáticos e os africanos que chegaram ou foram trazidos para o Brasil e Estados Unidos tornaram-se grupos distintos, por mais que existam semelhanças entre eles. Por exemplo, a referida abordagem usada por Krase nos permitiu testar hipóteses e chegar às considerações de que italianos que migraram para Nova York tinham sua história até então provavelmente bem próxima à história dos italianos que imigraram para São Paulo, e considerando que as referidas cidades também já tinham suas próprias histórias, cada qual adentra a história do outro e ao mesmo tempo, num movimento

⁸⁷⁸ Há a seguinte nota de rodapé: “I George Herbert Mead on Social Psychology: Selected Papers, ed. with intro. By Anselm Strauss (Chicago: University of Chicago Press, 1964) pp. 65-82.

⁸⁷⁹ “Embora muitos cientistas sociais tenham escrito sobre a relação entre o eu e os outros, poucos deram foco na relação comunitária do auto-território. George Herbert Mead de maneira indireta havia considerado esta relação do eu e da comunidade em uma discussão de William James e a questão de consciência. James havia dado um exemplo de uma pessoa que adentra uma casa. A casa tem uma história e a pessoa que adentra essa casa torna-se parte dessa história. A casa, simultaneamente, torna-se parte da história dessa pessoa...”. (KRASE, 1982: Prefácio). Publicação de Jerome Krase, “Self and Community in the City. Washington, D.C., University Press of America. Disponível em: <<http://www.brooklynso.org/PLG/selfandcommunity/preface.html>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

circular, tem sua(s) histórias alteradas a partir daquele momento. Utilizamos o modelo de análise para o caso italiano para analisar os casos dos outros grupos étnicos mencionados.

Quase concluindo, há conceitos e ideias o suficiente para proposições acadêmicas e científicas que caminhem na direção de construção de trabalhos que evidenciem a amplitude e a profundidade das relações Brasil-Estados Unidos, visando sempre uma boa relação entre seus povos, além do intercâmbio de ideias para solução de situações-problema que afetem seus grupos minoritários e/ou em desvantagem ao longo da história, e nesse sentido quero destacar falas do antropólogo Matthew Guttman e do sociólogo Patrick Heller, os quais afirmam que “problemas que são globais devem ser resolvidos globalmente” e “problemas sociais não desaparecem como atestam algumas teorias (pós)modernas. Os guetos étnico-raciais nos Estados Unidos são exemplo”, respectivamente. Eu entendo ser necessário uma intervenção profunda e ampla de forma dialética, entre o Sul-global e o Norte-global, operando em uma rede do bem, que se retroalimente.

Acreditamos, ainda, que as afirmações, proposições anteriores são reflexos das seguintes afirmações: “...o uso de novas tecnologias é ou pode ser um grande diferencial no papel da contrainformação hegemônica...”; a importância da “...busca por uma política um pouco mais horizontalizada...”; e ainda a “...participação de seminários internacionais para discutir pesquisas e metodologias em nossa área de pesquisa [...] é muito rica e contribui para o desenvolvimento de nossos estudos...”, todas elas retiradas de entrevista da cientista política Rosemary Segurado concedida ao “V Seminário Mídia, Política e Eleições – 12 e 13 de novembro 2018 - Seminário de Ciências Sociais da PUC/SP”⁸⁸⁰, e evidenciam a convergência de ideias de pesquisadores da ciência política e da sociologia, o que na nossa visão pode resultar em melhores atuações na proposição e entrega de políticas públicas as quais podem, em tese, prevenir, evitar ou corrigir degradações físicas e/ou simbólicas nas cidades mencionadas, entre outras injustiças históricas, ambientais.

Acreditamos que as linhas de raciocínio apresentadas nesta tese seguiram métodos com desenvolvimento de atividades específicas encadeados de maneira a excluir deste pesquisador a responsabilidade de arcar com fatores de confusão, parafraseando a médica

⁸⁸⁰MIDIA POLITICA ELEICOES Disponível em: <<https://midiapoliticaeleicoes.wordpress.com/2014/08/14/entrevista-com-a-profa-dra-rose-segurado/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

infectologista Luana Araújo⁸⁸¹ durante sua sabatina diante do Senado Federal brasileiro no mês de junho de 2021, em função da CPI que busca explicações sobre o alto morticínio decorrente da pandemia covid19/coronavírus no Brasil. Com base nesta linha de raciocínio, salientamos, também, que as culturas cafeeira, em São Paulo/Brasil e algodoeira, no *deep-south* em consonância com a indústria têxtil na Nova Inglaterra e o sistema financeiro em Nova York/Estados Unidos, foram os vetores principais do desenvolvimento das cidades de São Paulo e Nova York, na sequência (i) imigração europeia, (ii) urbanização, e (iii) industrialização (ainda que tardia, no caso brasileiro). Como consequência, dão-se os processos desiguais de urbanização onde setores das referidas cidades são equipados enquanto outros setores não recebem equipamento algum ou mesmo que tenham recebido algum equipamento, não houve a necessária e suficiente manutenção. Em termos objetivos, não ocorreu a proposição e entrega contínua de políticas públicas, o que na nossa tese é apontado como resultado de preferências individuais, com certo teor de ironia, ou ainda racismo de estado, conforme termos de Michel Foucault.

E fechando este item, com uma porção lírica e/ou literária, acrescento/cito trechos de 2 versos citadinos, urbanos, sendo 1 (um) para São Paulo e outro para Nova York.

O compositor e cantor brasileiro Crioulo afirma que “não existe amor em SP, um labirinto místico, onde os grafites gritam, não dá pra descrever...”, enquanto o cantor norte americano Christopher Cross disse que “...*when you get caught between the moon and New York City [...] the best that you can do is fall in love...*”⁸⁸², o que nos estimula a seguir trabalhando com intuito de auxiliar na produção social do espaço de forma justa, responsável, solidária, com amor no coração, para que todos os grupos que compõem as urbes modernas possam viver e fazer viver.

⁸⁸¹ LINKEDIN. Disponível em: < <https://www.linkedin.com/in/luana-araujo-id-mph/>>. Acesso em 22 de jul. 2021. “Ciência não é opinião. Posso juntar a opinião de 1 milhão de pessoas e ainda assim seriam opiniões. Ciência é método, feita com desenvolvimento de atividades específicas que se encadeiam para tirar de nós a responsabilidade de arcar com fatores de confusão”.

⁸⁸² Tradução livre do autor desta tese: “...quando você for pego entre a lua e a cidade de Nova York [...] o melhor que se pode fazer é apaixonar-se...”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, João Capistrano de. (1963), *Capítulos de História Colonial (1500-1800) & Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil*. Brasília, Editora Universidade de Brasília.

AGUIAR, Francisco Primo de Souza. (2019), The U.S. Civil War and Slave Rebellions in Brazil In Chapter VI – Coffee, The Empire, and Abolition, 1851-1888 pp.: 205-255 In *The Brazil Reader: History, Culture, Politics* (second edition, revised and updated), Durham and London, Duke University Press.

ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. (2019), “Hipsterização” no centro de São Paulo: consumo, trabalho e produção da cidade. 172 páginas. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. Área de concentração: Antropologia Social.

_____. (2018), Gentrificação e “hipsterização: um estudo sobre a Vila Buarque (São Paulo, Brasil). *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, v2, n6, pp.31-48, novembro de 2018. ISSN 2526-4702. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/sociabilidadesurbanas/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

ALVIN, Zuleika Forcioni. (1983), *Emigração, Família e Luta: Os italianos em São Paulo*. Dissertação de Mestrado: FFLCH/História – USP.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. (2012), p.3 de “Geopolítica da Diáspora África-América-Brasil. Séculos XV-XVI-XVII-XVIII-XIX”, Brasília, Mapas Editora & Consultoria Ltda.

ANTONUCCI, Denise et al. (2007), *Verticalização, Habitação Social e Multifuncionalidade: Edifícios dos IAPS em São Paulo*. III Fórum de Pesquisa FAU MacKenzie. (mimeo).

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori et al. (2000), *A Cidade do Pensamento Único: Desmanchando Consensos*. Rio de Janeiro, Ed.Vozes.

AZEVEDO, Militão Augusto de. (1887). *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo: 1862-1887*. São Paulo / Acervo IMS. Disponível em: <<http://www.ims.com.br/ims/explore/artista/militao-augusto-de-azevedo>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

BARBEIRO, Heródoto. (2007), *Meu Velho Centro: histórias do coração de São Paulo*. São Paulo, Boitempo Editorial.

BECKERT, Sven. (2001), “The Monied Metropolis: New York and the Consolidation of the American Bourgeoisie, 1850 – 1896”, Cambridge, Cambridge University Press.

_____.& ROCKMAN, Seth. (2016) (Editores), “Slavery’s Capitalism: A New History of American Economic Development”, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

BERNARDO, Teresinha. ([1998]; 2007), *Memória em branco e negro: Olhares sobre São Paulo*, São Paulo, EDUC.

_____. (org). (2008), *Diásporas, redes e guetos: conceitos e configurações no contexto transnacional*, São Paulo, EDUC.

BLAHA, Michael R. (2001). *Reverse engineering for product assessment*. Indianapolis: Pearson Education In *A Manager's Guide to Database Technology: Building and Purchasing Better Applications*. Disponível em <<http://www.informit.com/articles/article.aspx?p=23692>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

BONDUKI, Nabil e KOURY, Ana Paula. (2014), *Os pioneiros da habitação social: inventário da produção pública no Brasil entre 1930 e 1964 – Volume 2*, São Paulo, Editora Unesp.

BORGES, Vavy Pacheco. (2012), *O que é História*, São Paulo, Brasiliense (Coleção Primeiro Passos; 17).

BRASIL. Lei No 601 de 18 de setembro de 1850. Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l0601-1850.htm>. Acesso em 22 de jul. 2021., p.18.

BRESSER-Pereira, Luiz Carlos. *O Surgimento do Estado Republicano*. Porto Alegre: Lua Nova, 2004, (pp.131-150).

CALDEIRA, Jorge. (2017), *História da riqueza no Brasil: Cinco séculos de pessoas, costumes e governos*, Rio de Janeiro, Editora Estação Brasil.

CANTON, André Luiz. (2007), *Preservação Contraditória no Centro de São Paulo: degradação das Vilas Preservadas na Baixada do Glicério no contexto da renovação urbana (Operação Urbana Centro)*. 2007. 89 páginas. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Depto de Geografia da FFLCH/USP.

CARLOS, Ana Fani A. et al. (2011), *A Produção do Espaço Urbano*, São Paulo, Ed.Contexto.

CARVALHO, José Murilo de. (2012), *História do Brasil Nação: 1808-2010 - Volume 2 – A Construção Nacional 1830-1889*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva Ltda.

CHALHOUB, Sidney. (2012), *População e Sociedade*, pp.: 36-81 In CARVALHO, José Murilo de. (2012), *História do Brasil Nação: 1808-2010 - Volume 2 – A Construção Nacional 1830-1889*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva Ltda.

CHI, Jung Yun. (2016) *O Bom Retiro dos Coreanos: descrição de um enclave étnico*, Dissertação de Mestrado, FAU-USP, p.124.

CHIOVATTO, Mila Milene. (2000), *Desejos imigrados: Análise de igrejas católicas na Mooca e Glicério como objetos culturais e identitários*. 203 páginas. Dissertação de

mestrado em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

CHOI, Keum Joa. (1991), *Além do Arco-Iris: A imigração coreana no Brasil*, Dissertação de Mestrado, História Social pela FFLCH-USP, 252 páginas. Orientadora Raquel Glezer; CHOI, Keum Joa. (1996), *Imigração Coreana na Cidade de São Paulo*, Revista Inst. Est. Bras., 40: 233-238.

CHOMSKY, Noam. (1999), *O que o Tio Sam realmente quer*. Brasília, Editora Universidade de Brasília.

CONNERTON, Paul (1989), *How Societies Remember*, Cambridge, Cambridge University Press.

_____. (2009), *How Modernity Forgets*, Cambridge, Cambridge University Press.

CORDEIRO, Simone Lucena. (org.) (2010), *Os cortiços de Santa Ifigênia: sanitismo e urbanização (1893)*, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo / Arquivo Público do Estado de São Paulo.

CUNHA, Moisés de Freitas. (2016), *Relações de Alteridade, Segregação e Degradação Urbanas em São Paulo: Uma análise dos efeitos simbólicos da presença de segmentos populacionais étnicos estigmatizados na “vizinhança”*. 130 páginas. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Sociologia) – Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/19141>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

_____. (2018), *Teoria de transição étnico-racial em vizinhanças: um estudo de caso sobre degradação urbana*, (pp.211-228), In VERAS, Maura Pardini Bicudo (org.) *Desigualdades Urbanas: Segregação, alteridade e tensões em cidades brasileiras*, Paco Editorial, Jundiaí, 340 p. ISBN: 978-85-462-1238-5.

DUBOIS, W.E.B. (2007), “The Rape of Africa” (pp.28-50), In “The World and Africa: Color and Democracy”, Cambridge, Oxford University Press.

_____. (1999), *As almas da gente negra*, Rio de Janeiro, Lacerda Editores.

ELIAS, Norbert et al. (2000), *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, Rio de Janeiro, Ed.Zahar.

ELLIS, Mark; WRIGHT, Richard; PARKS, Virginia. (2004), *Work Together, Live Apart? Geographies of Racial and Ethnic Segregation at Home and at Work*. Annals of the Association of American Geographers, 94(3), pp. 620-637.

FANTIN, Jader Tadeu. (2013), *Os japoneses no bairro da Liberdade-SP na primeira metade do século XX*. Instituto de Arquitetura e Urbanismo-USP.

FERNANDES, Florestan. (1969), *The Negro in Brazilian Society*, New York, Atheneum.

FOUCAULT, Michel. (2018), *Em defesa da sociedade*, São Paulo, Martins Fontes.

GADEA, Carlos A. (2013), *O Interacionismo Simbólico e os estudos sobre cultura e poder*, Revista Sociedade e Estado - Volume 28 Número 2 Maio/Agosto, pp.241-255.

GLADWELL, Malcolm. (2009), *The Tipping Point: How Little Things Can Make a Big Difference*, New York, Back Bay Books/Little, Brown & Company.

GOFFMAN, Erving (1988), *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, Rio de Janeiro, 4ª edição, LTC.

GOTHAM, Kevin Fox. (2002), *Beyond Invasion and Succession: School Segregation, Real Blockbusting, and the Political Economy of Neighborhood Racial Transition*, In City Community, v.1, nº1, mar., pp.83-111, American Sociological Association, Washington, DC. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1540-6040.00009/pdf>>. Acesso em 22 de jul 2021.

GOTTDIENER, Mark. (2010), *A produção social do espaço urbano*, São Paulo, Edusp.

GREEN, James Naylor et al. (editor) (2019), *The Brazil Reader: History, Culture, Politics* (second edition, revised and updated), Durham and London, Duke University Press.

GUIMARÃES, Laís de Barros Monteiro. (1979), *Liberdade: História dos bairros de São Paulo*, São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico – Divisão do Arquivo Histórico – Prefeitura de São Paulo.

GURGEL, Cristina Brandt Friedrich Martin. (2015), *A febre amarela em Campinas no Século XIX*, Boletim da FCM – Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – Ano 2015 – Vol.10, nº6, Campinas, Assessoria de Relações Públicas e Imprensa da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

HARRIS, Leslie M. (2003), *In the Shadow of Slavery – African Americans in New York City 1626-1863*, Chicago, The University of Chicago Press.

HARVEY, David. (2015), *Paris, capital da modernidade*, São Paulo, Boitempo Editorial.

HOBBS, Thomas. (2003), *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de uma República Eclesiástica e Civil*. São Paulo, Martins Fontes.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1963), *Raízes do Brasil*. Brasília, Editora Universidade de Brasília.

HOLDT, Jacob. (1985) *American Pictures: A personal journey through the American underclass*. Norhaven/American Pictures Foundation, Denmark.

HOLLOWAY, Thomas H. (1975), *The Brazilian coffee valorization of 1906: Regional politics and economic dependence*. Madison, Wisconsin, The Department of History, University of Wisconsin.

_____. (1980), *“Immigrants on the land: Coffee and Society in São Paulo, 1886 – 1934”*, [North Carolina], The University of North Carolina Press.

KOURY, Ana Paula. (2013), *Os pioneiros da habitação social: Inventário da produção no Brasil entre 1930 e 1964 (Vol.2)*, São Paulo, Editora UNESP/Edições SESC.

KRASE, Jerome. (1973), *The Presentation of Community in Urban Society*, New York, New York University.

_____. (1982), *Self and Community in the city*, Washington, D.C., University Press of America. Available on <<http://www.brooklyn soc.org/PLG/selfandcommunity/index.html>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

_____. (2012), *Seeing Cities Change: Local Culture and Class*, New York, Routledge Taylor & Francis Group.

_____.& DESENA, Judith N. (2016), *Race, Class, and Gentrification in Brooklyn: A View from the Street*, New York, Lexington Books.

LEFEBVRE, Henri. (2010), *O direito à cidade*. São Paulo, Centauro.

LESSER, Jeffrey. (2013), *Immigration, Ethnicity, and National Identity in Brazil: 1808 to the present (Estado de São Paulo, Brazil: O Imigrante, New Approaches to the Americas)*, Cambridge, Cambridge University Press.

_____. (2007), *A Discontented Diaspora: Japanese Brazilians and the Meanings of Ethnic Militancy, 1960 – 1980*, Durham, Duke University Press.

LEWIS, Oscar. (2011), *The Children of Sanchez: Autobiography of a Mexican Family*. New York, Vintage Books – Random House LLC.

_____. (1975), *Five families: Mexican case studies in the culture of poverty*. New York, Basic Books, Inc., The Perseus Books Group.

LIMA, Angela Bernadete. (2017), A IMIGRAÇÃO PARA O IMPÉRIO DO BRASIL: um olhar sobre os discursos acerca dos imigrantes estrangeiros no século XIX In *Revista Acadêmica Licençoa & acturas*, Ivoti, v.5, nº2, pp.: 26-36, julho/dezembro, 2017.

LIMA, Heitor Ferreira. (1961), *Formação Industrial do Brasil: período colonial*, Rio de Janeiro, Editôra Fundo de Cultura.

LOGAN, John R. (2012), *Making a Place for Space: Spatial Thinking in Social Science*. The Annual Review of Sociology. DOI: 10.1146/annurev-soc-071811-145531. Pp.: 507-524.

_____.et al. (1987), *Urban Fortunes: The Political Economy of Place*, Berkeley, University of California Press.

LUNA, Francisco Vidal & KLEIN, Herbert S. (2003), *Slavery and the Economy of São Paulo 1750-1850*. Stanford (California), Stanford University Press.

MARICATO, Ermínia et al. (2010), *O Brasil em Transformação: Urbanização, Segregação e Sustentabilidade Ambiental*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo.

MARQUESE, Rafael de Bivar. (2012), *Capitalismo & escravidão e a historiografia sobre a escravidão nas Américas*. Estud. av., Ago 2012, vol.26, no.75, p.341-354. ISSN 0103-4014.

MARZ, Marília. (2009), INDIVISÍVEL, São Paulo, Juizforana Gráfica e Editora. Disponível em: <www.mariliamarz.com>. Acesso em 22 de jul. 2021.

MENEGHELLO, Isabela Belém. (2009), *Conjunto Habitacional da Várzea do Carmo: do projeto ideal ao conjunto real*. Publicado no 8º SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, Rio de Janeiro, de 01 a 04 de setembro de 2009. Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminario%20%20pdfs/082.pdf>. (mimeo).

MERTON, Robert King. (1968), *Social Theory and Social Structure*, New York, The Free Press, (Enlarged Edition).

_____. (1995), *The Thomas Theorem and The Matthew Effect In Social Forces Journal* (Oxford University Press), V.74, nº 2, pp.379-424.

_____. 1948), *The Self-Fulfilling Prophecy In The Antioch Review*. V.8,n.2,pp.193-210.

McKENZIE, Roderick D. (1923), “A Estrutura da Cidade”, “A Mobilidade” e “A Vizinhança” – Caps. I, II e III de: “*The Neighborhood: A Study of local life in the city of Columbus, Ohio*”, Chicago, The University of Chicago Press.

MORAIS, Fernando (2000) *Corações sujos*, São Paulo, Companhia das Letras.

MORSE, Richard McGee. (1970), *Formação Histórica de São Paulo: de Comunidade à Metrópole*, São Paulo, Difusão Européia do Livro.

MUÑOZ, Pablo Gómez. (2018), *Dystopias Go Global: “The Transnational Reorganization of Territories and Societies in Elysium” In ELOPE – English Language Overseas Perspectives and Enquiries*, Vol.15, nº1 (2018), pp.: 111-125. DOI: 10.4312/elope.15.1.111, Ljubljana (Slovenia), University of Ljubljana. Disponível em <https://revije.ff.uni-lj.si/elope/article/view/7908>. Acesso em 22 de jul. 2021.

NOGUEIRA, Oracy. (1998), *Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga*, São Paulo, Edusp.

_____. (2006), *Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem*, Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.19, n.1, pp.: 287-308.

OLIVEIRA, Lorena Silva. (2019), *O conceito de governamentalidade em Michel Foucault*, Revista Ítaca, nº 34 (2019). pp.: 48-72, Rio de Janeiro, PPGF/IFCS –

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/26395>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

OLIVEIRA, Patrícia C.R. (2018), *Liberdade concentrava espaços de tortura e morte contra os negros na escravidão*. Entrevista. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/entrevistas/liberdade-concentrava-forca-o-pelourinho-cadeia-e-o-cemiterio-dos-negros-na-escravidao/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

PARRON, Tâmis Peixoto. (2015), *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba 1787-1846*. Tese de doutoramento. Departamento de História – FFLCH/USP.

_____. (2009), *A política da escravidão no Império do Brasil, 1826-1865*. Dissertação de mestrado. Departamento de História – FFLCH/USP.

PAUGAM, Serge. (2003), *A desqualificação social: Ensaio sobre a nova pobreza*, São Paulo, Educ.

_____. (ed.) (2015), *A Pesquisa Sociológica*, Petrópolis, Editora Vozes.

PESSOA, Thiago Campos. (2013), O comércio negreiro na clandestinidade: As fazendas de recepção de africanos da família Souza Breves e seus cativos, *Afro-Ásia*, 47 (2013), 43-78.

_____. (2015), O complexo Breves: A força da escravidão no Vale do café (Rio de Janeiro, c.1850 – c.1888). Monografia premiada em 1º lugar pelo Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa de 2015. PPGH-UFF.

PESSOA, Thiago Campos. (2009), O universo escravista no Império dos Souza Breves: A Família Breves e o tráfico ilegal de africanos. Paper apresentado ao ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

_____. (2018), *O Império da escravidão: o complexo Breves no vale do Café (Rio de Janeiro, c.1850 – c.1888)* /Thiago Campos Pessoa. – Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

PINTO, L.A. Costa. (1998), *O negro no Rio de Janeiro: Relações de raças numa sociedade em mudança*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

_____. (1989), *A cidade de São Paulo: geografia e história*, [São Paulo], Editora Brasiliense.

PRZEWORSKI, Adam. *O Estado e o Cidadão In Sociedade e Estado em Transformação*, Pereira, Luiz Carlos Bresser et al (Org). Brasília, Editora Unesp, 1999, (pp.325-359).

REIS, João José. (2012), *Escravidão e suas sombras*, Salvador, Edufba.

_____. (2017), *Poder público e setor privado tem dívida com a escravidão*. Artigo publicado em O Globo de 20/07/17. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/joao-jose-reis-poder-publico-setor-privado-tem-divida-com-escravidao-21609440>>. Acesso em 22 de jul 2021.

ROLNIK, Raquel. (1981), *Cada um no seu lugar! (São Paulo, início da industrialização: Geografia do poder)*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. (2013), *Do contrato social*, São Paulo, Editora Martins Claret Ltda.

RYAN, William. (1976), *Blaming the Victim (Revised)*, New York, Vintage Books Edition.

SANTANA, Flávia Santos. ([2013]; [2014]), casa de acolhida do carmo: adaptação de quartel histórico em abrigo para pessoas em situação de rua. TCC. FAU-USP. Disponível em: <https://www.fau.usp.br/disciplinas/tfg/tfg_online/tr/132/a038.html>. Acesso em 22 de jul. 2021.

SANTOS, Helio. (2001), *A Busca de um Caminho para o Brasil: A Trilha do Círculo Vicioso*, São Paulo, Editora SENAC.

SANTOS, Milton. (2014), *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*, São Paulo, 6ª edição, 2ª reimpressão, Edusp.

SCHUCMAN, Lia Vainer. (2014), *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*, São Paulo, AnnaBlume.

_____. (2012), *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. 122 páginas. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

SENNETT, Richard. (2004), *Respeito: A formação do caráter em um mundo desigual*, Rio de Janeiro, Record.

_____. (2014), *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*, Rio de Janeiro, Editora Record.

SEO, He Nem Kim e NOBRE, Eduardo Alberto Cusce. (2013), *A Requalificação no Glicério*. TFG – Trabalho Final de Graduação, FAU-USP. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/disciplinas/tfg/tfg_online/tr/091/a021.html> (mimeo).

SEVCENKO, Nicolau. (2004), *A cidade metástases e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista*, São Paulo, Revista USP, n.63, pp.16-35, set./nov. 2004.

SIQUEIRA, Jaqueline Barbosa. (2018), *Habitação de Interesse Social – Glicério*, TFG – Trabalho Final de Graduação, FIAM FAAM CENTRO UNIVERSITÁRIO, São Paulo, 99 páginas.

SOUZA, Celina. *Políticas Públicas: Uma revisão de literatura*. In: Sociologias. Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez, 2006, pp.20-45.

SOUZA, Paula Carlos de. ([2016]), *Glicério: Lugar de todos, terras de ninguém*. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/jornada/paper/download/280/242>> . Acesso em 22 de jul 2021.

_____.([2015]), *Baixada do Glicério: um patrimônio encortiçado*. Iniciação científica. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/jornada/paper/download/280/242>> . Acesso em 22 de jul 2021.

TELLES, Edward Eric. (2003), *Racismo à Brasileira: Uma Nova Perspectiva Sociológica*, Rio de Janeiro, Relume Dumara.

THOMAS, William I. & Thomas, Dorothy Swaine. (1928), *The Child in America: Behavior Problems and Programs*, New York, Alfred A. Knopf, MCMXXVIII.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. (1994), *Cortiços no Brás: velhas e novas formas da habitação popular da São Paulo industrial* In *Análise Social*, vol.xxix (3º), pp.599-629.

_____.(1991), *O Bairro do Brás em São Paulo: um século de transformações no espaço urbano ou diferentes versões da segregação social*. 765 páginas. Tese de doutorado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica.

_____.(1999), *Enigmas da Gestão da Cidade Mundial de São Paulo: Políticas Urbanas entre o Local e o Global* In *Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo*, São Paulo, CEDESP, pp.197-217.

_____.(2000), *Trocando Olhares: Uma introdução à construção sociológica da cidade*, São Paulo, EDUC/NOBEL.

_____.(2003), *DiverCidade: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo*, São Paulo, EDUC.

_____.(2004), *Hexapolis: desigualdades e rupturas sociais em metrópoles contemporâneas: São Paulo, Paris, Nova Iorque, Varsóvia, Abidjan, Antananarivo*, São Paulo, EDUC.

_____.(2012), *A produção da alteridade na metrópole: Desigualdade, segregação e diferença em São Paulo*, pp.: 59-84 In DANTAS, Sylvia D. (org): *Diálogos Interculturais reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais*, Instituto de Estudos Avançados-USP, São Paulo.

_____.(2014), *Introdução à Sociologia: Marx, Durkheim e Weber, referências fundamentais*, São Paulo, Paulus.

_____.(org.) (2018) *Desigualdades Urbanas: Segregação, alteridade e tensões em cidades brasileiras*, Paco Editorial, Jundiaí, 340 p. ISBN: 978-85-462-1238-5.

VILLAÇA, Flávio. (2012), *Espaço intra-urbano no Brasil*, São Paulo, NOBEL/FAPESP.

_____.(2011), *São Paulo: segregação urbana e desigualdade*. In *Revista Estudos Avançados*: v.25, n.71, p.37-58, fev. 2011.

_____. (1999), *Efeitos do espaço sobre o social na metrópole brasileira* In *Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo*, São Paulo, CEDESP, pp.221-236.

VITCHEK, Norris e BALK, Alfred. (1962), *Confessions of a Block-Buster*, The Saturday Evening Post, July 14, 1962 issue, pp.15-19, Indianapolis, Saturday Evening Post Society.

WACQUANT, Loïc. (2007), *Punir os pobres. A nova gestão da miséria nos Estados Unidos*, Rio de Janeiro, Revan.

_____. (2011), *Os condenados da cidade. Estudo sobre marginalidade avançada*, Rio de Janeiro, Revan.

WEBER, Max. (2004), *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, São Paulo, Editora Schwarcz Ltda.

YOSHIMOTO, Milton Mitsuki. (1980), *Baixada do Glicério: Um estudo de bairro*. Professor Orientador: Silvio Soares Macedo. Tese de Graduação Inter-Disciplinar, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

ZIMMERMANN, Cintia Alen. (2006), *Memória e identidade da praça Pádua Salles em Amparo-SP*. 170 páginas. Dissertação de mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP).

ZUKIN, Sharon. (1995), *The Cultures of Cities*, Cambridge, Blackwell Publishing.

PORTAIS ACESSADOS

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. Disponível em:<<http://arquisp.org.br/regiao/se/paroquias/parouquia-pessoal-nipo-brasileira-sao-goncalo/matriz-paroquial-pessoal-nipo-brasileira-sao-goncalo>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

BIBLIOTECA DIGITAL – PUC-SP. Disponível em:<<https://tede.pucsp.br/handle/handle/19141>>. Acesso em 22 de jul. 2021.
BROWN.EDU. Disponível em:<<https://www.brown.edu/research/pembroke-center/news/2020-10/tuesday-november-10-2020-value-life-insurance-slavery-incarceration>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

CNPq – LATTES. Disponível em:<<http://lattes.cnpq.br/2378577743839256>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

DICIONÁRIO.COM. Disponível em:<<https://www.dictionary.com/browse/theorem>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

ESTADÃO. Disponível em:<<https://economia.estadao.com.br/blogs/radar-imobiliario/torre-de-25-andares-renova-a-baixada-do-glicerio/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

FAMIGLIA FRANCIULLI. Disponível em:<<https://famigliafranciulli.com.br/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

GLOBO EDUCAÇÃO. Disponível em:<<http://educacao.globo.com/literatura/assunto/autores/padre-antonio-vieira.html>
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2201200016.htm>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

GOOGLE MAPS. Disponível em:<https://www.google.com/maps/d/edit?mid=zHwUBSOo_3hA.kN0IpG-PeeRU>. Acesso em 22 de jul. 2021.

IMS. Disponível em:<<https://ims.com.br/acervos/fotografia/>>. Acesso em 22 de jul. 2021
INFOCIDADE. Disponível em em:<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/3_correspondencia_zonas_od_e_distritos_mun_2007_10789.html>. Acesso em 22 de jul. 2021.

LEMBRANÇAS DE SÃO PAULO. Disponível em:<<https://lembra.sp.blogspot.com/2016/12/maharishi-sao-paulo-tower-saopaulo.html?fbclid=IwAR1ave3kJNCMMWlQ1JgkMzvKyqcvTwKhiTKNYgLtZRcTtF6pLNYAX5oY>
https://olharpaulistano.wordpress.com/2010/01/12/era-um-vez-o-predio-mais-alto-do-mundo/?fbclid=IwAR1t4Dn38r0qLiLAkc6Zxyxs_CuoqMUvkt-R2PXbQTdIX82U2b30c8rmETY>. Acesso em 22 de jul. 2021.

MEMORIAL. Luiz Gama"Luiz Gonzaga Pinto da Gama. Disponível em:<<http://memoriall.com.br/0036A#.YONG--hKg2w>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

MEMÓRIAS PAULISTANAS - HISTÓRIAS PAULISTANAS. Disponível em:<<https://www.facebook.com/groups/memoriaspaulistanas/permalink/3722909174396967/>>. Acesso em 20 de jul. 2021.

NIPPO. Disponível em:<<http://www.nippobrasil.com.br/especial/n027.php>>. Acesso em 23 de jul. 2021.

NMAAHC. Disponível em:<<https://nmaahc.si.edu/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

NORONHAADVOGADOS. Disponível em:<<http://www.noronhaadvogados.com.br/publicacoes/as-vitimas-empresariais-da-ditadura-o-caso-sudan/>>. Acesso em 22 de juç. 2021.

NPS. Disponível em:<<https://www.nps.gov/afbg/index.htm>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

NYU. Disponível em:<<https://as.nyu.edu/content/nyu-as/as/faculty/ada-ferrer.html>>. Acesso em 22 de jul 2021.

OMARMAKSoud. Disponível em:<<https://www.omarmaksoud.com.br/>>. Acesso em 23 de jul 2021.

O NOVO PLANO DIRETOR., pp.: 20-26, Revista Buildings, Ano 8 – Edição 30 – 3º Trimestre – 2015. Disponível em:<<https://www.buildings.com.br/public/assets/img/buildings/revista/ed-30/pdf/files/assets/basic-html/page14.html>>. Acesso em 22 de jul 2021.

PORTAL DAS NAÇÕES. Disponível em :<<http://www.portaldasnacoes.pt/category/parque-das-nacoes-6/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Disponível em:<<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento/turismo/eventos/index.php?p=274556>>. Acesso em 23 de jul 2021.

REVISTA CAFEICULTURA. Disponível em:<<https://www.jnippak.com.br/2019/largo-da-polvora-em-sao-paulo-ganha-bustos-do-pai-da-imigracao-ryu-mizuno-e-de-umpeihirano/>>; <<https://revistacafeicultura.com.br/?mat=6982>>; <<http://www.imigrantesjaponeses.com.br/NIKKEY-SHIMBUM.pdf>>;. Acesso em 22 de jul. 2021.

REVISTA EPOCA online. Disponível em:<<https://epoca.globo.com/david-harvey-o-dinheiro-quem-controla-processo-democratico-nao-as-pessoas-23076538>>. Acesso em 08 de mai. 2019.

REVISTA GALILEU. Disponível em:<<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2020/08/matematica-entenda-diferenca-entre-axioma-teorema-e-teoria.html>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Revista SUPERINTERESSANTE – Online. Disponível em:<<https://super.abril.com.br/ciencia/livro-da-semana-os-elmentos-de-euclides-de-david-berlinski/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

SÃO PAULO ANTIGA. Disponível em:<<https://saopauloantiga.com.br/casa-antiga-rua-sabbado-dangelo/>>. Acesso em 22 de jul 2021.

RIHS. Disponível em:<<https://www.rihs.org/locations/the-john-brown-house-museum/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

STATUEOFLIBERTY. Disponível em:<<https://www.statueofliberty.org/ellis-island/overview-history/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

TV BRASIL. Disponível em:<<https://tvbrasil.ebc.com.br/retratosdefe/post/qual-a-diferenca-entre-amishes-e-menonitas>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

YOUTUBE. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=mrAT_xG-opk>. Acesso em 22 de jul. 2021.

BIOGRAFIA

Moisés de Freitas Cunha, brasileiro, nascido em 08/07/1967 em São Paulo, é filho de Irene de Freitas Cunha e Antônio Paula da Cunha que emigraram de Minas Gerais entre o final dos anos 1950 e início de 1960. Moisés iniciou sua vida acadêmica em 1988 na Escola Superior de Propaganda e Marketing⁸⁸³ almejando ser um executivo afro-brasileiro de sucesso. Somado aos estudos, era também ativista de movimentos sociais (Convergência Socialista e Movimento Social Antirracista). Concluiu a graduação em 1993, e somado aos enfrentamentos de racismo no mercado de trabalho, decidiu iniciar Mestrado em Ciências Econômicas em 1994, na FEA/USP⁸⁸⁴, buscando alternativas de superação ao racismo por parte dos negros brasileiros. Após quase 20 anos reiniciando estudos pós-graduados em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Faculdade de Ciências Sociais no Programa de Estudos Pós-Graduados de Ciências Sociais PUC-SP na Linha de Pesquisa: Dinâmica Urbano-Regional, Planejamento e Políticas Públicas, sob orientação de Maura Pardini Bicudo Veras⁸⁸⁵ para dar continuidade a sua carreira acadêmica em Estudos Urbanos (Sociologia das Cidades), iniciada anos antes sob a orientação do Cientista Social Mário Antônio Eufrásio da FFLCH-USP⁸⁸⁶. Durante o doutorado ocorre alteração de orientação e Rosemary Segurado⁸⁸⁷ (PUC-SP) e James Naylor Green⁸⁸⁸ (Brown University) assumem a orientação desta tese. A bolsa de doutorado sanduíche (DDRA) concedida pela Comissão Fulbright Brasil é resultado do esforço de todos os envolvidos: Maura Veras, Rose Segurado e James Green.

⁸⁸³ ESPEM. Disponível em: <<https://www.espm.br/>>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁸⁴ FEA. Disponível em: <<https://www.fea.usp.br/>> Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁸⁵ BUSCA TEXTUAL. Disponível

em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4787161J6>> Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁸⁶ SOCIOLOGIA. Disponível em: <<http://sociologia.fflch.usp.br/node/152>> Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁸⁷ PUCSP Disponível em: <<https://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/ciencias-sociais#corpo-docente>> Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁸⁸ VIVO.BROWN. Disponível em: <<https://vivo.brown.edu/display/jngreen>> Acesso em 22 de jul. 2021.

APÊNDICES 1

Mapa 25

Mapa de Regiões, Subprefeituras e Distritos – Município de São Paulo.

O mapa abaixo mostra todo o município de São Paulo. Nossa área de estudo está situada ao lado da Mooca (lilás), precisamente do lado esquerdo, em cor amarela, a Sé. A referida AR (administração regional) é composta por 8 bairros ou distritos: (1) Bela Vista;

(2) Bom Retiro; (3) Cambuci; (4) Consolação; (5) Liberdade; (6) República; (7) Santa Cecília; e (8) Sé.⁸⁸⁹



⁸⁸⁹Disponível

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/mapa/index.php?p=14894>. Acesso em 22 de jul. 2021.

Mapa 26**Mapa de Regiões, Subprefeituras e Distritos – Município de São Paulo.⁸⁹⁰**

O mapa, na página seguinte, também mostra todo o município de São Paulo. Porém agora, cada AR tem seus distritos ou bairros em destaque. Nossa área é a “09 Sé”, em rosa, precisamente do lado esquerdo da área “Mooca”, em tom esverdeado.

⁸⁹⁰ Disponível

em: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/mapas/3_regioes_subprefeituras_e_distritos_2014_10338.pdf>. Acesso em 22 de jul. 2021

Regiões, Subprefeituras e Distritos Município de São Paulo

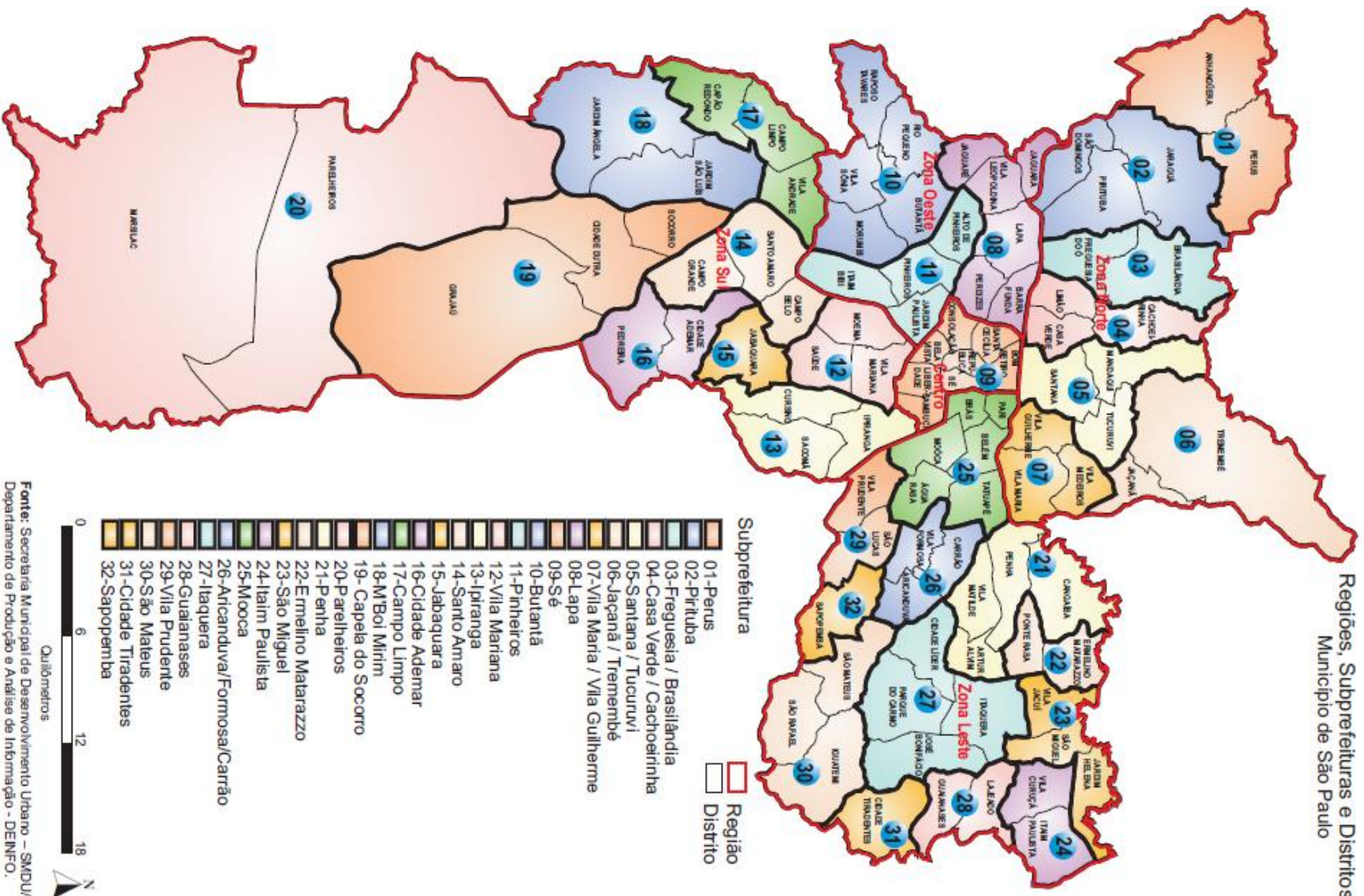


TABELA 7 - Dados Demográficos dos Distritos pertencentes às Subprefeituras⁸⁹¹**Total por subprefeitura**

Subprefeituras	Distritos	Área (km²)	População (2010)	Densidade (Hab/km²)	Demográfica
Sé	Bela Vista	2,60	69.460	26.715	
	Bom Retiro	4,00	33.892	8,473	
	Cambuci	3,90	36.948	9.474	
	Consolação	3,70	57.365	15.504	
	Liberdade	3,70	69.092	18.674	
	República	2,30	56.981	24.774	
	Santa Cecília	3,90	83.717	21,466	
	Sé	2,10	23.651	11,262	
	TOTAL	26,20	431.106	16,454	

Fonte: http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/3_correspondencia_zonas_od_e_distritos_mun_2007_10789.html

⁸⁹¹(Dados de 2010). Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758>. Acesso em 22 de jul. 2021.

TABELA 8 - Domicílios segundo Condição de Propriedade⁸⁹²**Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais – 2010**

Unidades Territoriais	Total de domicílios (*)	Próprio de algum morador - já pago	Próprio de algum morador - ainda pagando	Alugado	Cedido por empregador	Cedido de outra forma	Outra condição
MSP	3.573.509	2.221.257	294.920	831.181	25.096	155.707	45.348
Sé	178.113	85.764	13.433	69.697	3.542	4.060	1.617
Bela Vista	29.945	13.939	2.435	12.205	419	827	118
Bom Retiro	10.608	4.088	941	4.656	217	165	541
Cambuci	12.636	6.680	1.014	4.004	375	418	145
Consolação	26.315	15.102	959	8.948	524	707	74
Liberdade	27.307	14.141	1.513	10.453	498	441	260
República	26.289	10.035	2.804	11.896	615	672	267
Santa Cecília	35.915	17.998	2.858	13.504	750	749	56
Sé	9.098	3.781	909	4.031	142	80	155

Fonte: http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/9_domicilios_segundo_condicao_de_proprieda_2010_462.html⁸⁹² (*)Total de Domicílios : Base Universo do Censo 2010. Dado levantado apenas para os domicílios particulares permanentes

Elaboração: SMDU/Dipro.

Fonte: IBGE

- Censo 2010.

Disponível

em:<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/9_domicilios_segundo_condicao_de_proprieda_2010_462.html>. Acessado em 07/11/2016.

Dados sobre tipo de ocupação

A pesquisa “domicílios segundo tipo de ocupação”⁸⁹³ pode ajudar na identificação do que é chamado “cortiço”. Seguem nas próximas páginas dados sobre a AR (administração regional) Mooca.

Ambas as nomenclaturas “domicílio particular improvisado ocupado” e “domicílio coletivo com morador” da **tabela 9**, abaixo, podem denotar a quantidade (talvez qualidade?) de verticalizações ou de precarização de moradia, ou seja, um processo de encortiçamento de casas/edificações deterioradas, abandonadas.

A possibilidade de encortiçamento poderia ser um indicativo de degradação física, ao passo que a possibilidade de verticalização poderia ser um indicativo de revitalização ou ainda de gentrificação do bairro. Cada qual possui seus devidos reflexos, sejam eles positivos ou negativos.

TABELA 9 - Domicílios segundo Tipo de Ocupação⁸⁹⁴

Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais – 2010

Unidades Territoriais	Total de Domicílios (*)	Domicílio particular permanente ocupado	Domicílio particular improvisado ocupado	Domicílio coletivo com morador
MSP	3.608.581	3.573.509	2.849	32.223
Sé	183.507	178.113	773	4.621
Bela Vista	31.481	29.945	60	1.476
Bom Retiro	11.242	10.608	208	426
Cambuci	13.363	12.636	241	486
Consolação	26.535	26.315	25	195
Liberdade	28.301	27.307	27	967
República	26.625	26.289	134	202
Santa Cecília	36.806	35.915	78	813
Sé	9.154	9.098	0	56

⁸⁹³ Fonte: http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/9_domicilios_segundo_tipo_de_ocupacao_2010_454.html
(*)Total de Domicílios : Base Universo do Censo 2010. Fonte: IBGE - Censo 2010.

⁸⁹⁴ (*)Total de Domicílios : Base Universo do Censo 2010. Fonte: IBGE - Censo 2010.

Disponível em:

http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/9_domicilios_segundo_tipo_de_ocupacao_2010_454.html. Acessado em 07/11/16.

Dados sobre tipologia residencial:

Os dados da pesquisa “domicílios segundo tipologias residenciais”⁸⁹⁵, vide **tabela 10**, realizada pela prefeitura de São Paulo com dados de 2010 do IBGE, nos darão um panorama sobre possíveis alterações no bairro estudado, a partir do ano 2000, no que tange as formas e qualidades das residências.

A tabela 10 “domicílios segundo tipologias residências” apresenta a seguinte nomenclatura: (1) “casa”, (2) “casa de vila ou em condomínio”, (3) “apartamento”, (4) habitação em: casa de cômodos, cortiço ou cabeça de porco”, e (5) “oca ou maloca”. Por ela, o Belém apresenta 274 domicílios encortiçados.

Os números para todas as categorias/tipologia de residência não destoam muito entre os distritos da AR Sé. O distrito da Liberdade, juntamente ao distrito de Santa Cecília são os que mais apresentam moradia/habitação sob a modalidade “casa de cômodos, cortiço ou cabeça de porco”. Todos os demais possuem de 874 unidades, da referida modalidade, para baixo.

⁸⁹⁵Disponível

em: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/9_domicilios_segundo_tipologias_residencia_2010_455.html>. Acesso em 22 de jul. 2021.

TABELA 10 - Domicílios segundo Tipologias Residenciais⁸⁹⁶
Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais – 2010

Unidades Territoriais	Total de Domicílios (*)	Casa	Casa de vila ou em condomínio	Apartamento	habitação em: casa de cômodos, cortiço ou cabeça de porco	ou maloca
MSP	3.573.509	2.460.091	52.673	1.017.720	42.924	101
Sé	178.113	14.923	1.479	156.168	5.543	0
Bela Vista	29.945	1.023	103	28.072	747	0
Bom Retiro	10.608	2.693	81	6.960	874	0
Cambuci	12.636	4.333	537	7.330	437	0
Consolação	26.315	795	61	25.336	123	0
Liberdade	27.307	3.673	454	22.074	1.105	0
República	26.289	542	94	25.183	470	0
Santa Cecília	35.915	1.522	115	32.768	1.508	0
Sé	9.098	343	32	8.445	278	0

(*)Total de Domicílios : Base Universo do Censo 2010. Dado levantado apenas para os domicílios particulares permanentes

⁸⁹⁶(*)Total de Domicílios : Base Universo do Censo 2010. Dado levantado apenas para os domicílios particulares permanentes

Elaboração: SMDU/Dipro. Fonte: IBGE - Censo 2010.

Disponível em:<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/9_domicilios_segundo_tipologias_residencia_2010_455.html >. Acesso em 07/11/16.

Os dados da **tabela 11** “domicílios segundo números de moradores”⁸⁹⁷ realizada pela prefeitura de São Paulo com dados de 2010 do IBGE nos dão um panorama sobre possíveis alterações no bairro estudado, a partir do ano 2000, no que tange a número e condições sociais de moradores. A tabela abaixo mostra que há uma maior incidência, na AR considerada, de 3 a 5 moradores por domicílio. É este número/quantidade apontada para residências de classe média. Nós ainda não levantamos o número, em questão, nas áreas específicas de estudo, a saber: “Conjunto Residencial do Instituto de Previdência dos Comerciantes” na Várzea do Carmo, e conjunto de prédios circunscritos entre as ruas Glicério, Conde Sarzedas, Helena Zerrenner e Oscar Cintra Gordinho, como também de outras vizinhas destinadas a moradia.

TABELA 11 - Domicílios segundo Número de Moradores⁸⁹⁸

Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais – 2010

Unidades Territoriais	Total de Domicílios (*)	Número de Moradores				
		1	2	3 a 5	6 a 8	9 e +
MSP	3.608.581	527.803	864.384	1.976.504	217.169	22.721
Sé	183.507	60.027	55.979	62.724	4.333	443
Bela Vista	31.481	11.356	9.959	9.614	452	100
Bom Retiro	11.242	2.076	2.977	5.366	754	69
Cambuci	13.363	2.691	3.923	6.170	541	38
Consolação	26.535	9.716	8.666	7.760	374	19
Liberdade	28.301	8.900	8.035	10.562	714	89
República	26.625	10.165	8.598	7.342	481	39
Santa Cecília	36.806	12.766	11.321	11.880	768	70
Sé	9.154	2.357	2.499	4.030	248	20

⁸⁹⁷Disponível

em: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/9_domicilios_segundo_numero_de_moradores_2010_459.html>. Acesso em 22 de jul. 2021.

⁸⁹⁸ (*) *Total de Domicílios : Base Amostra do Censo 2010. Elaboração: SMDU/Dipro. Fonte: IBGE - Censo 2010.*

Disponível

em: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/9_domicilios_segundo_numero_de_moradores_2010_459.html>. Acesso em 07/11/16.

Domicílios segundo Moradores por Dormitório:

Os dados da pesquisa “domicílios segundo moradores por dormitório”⁸⁹⁹, conforme **tabela 12**, realizada pela prefeitura de São Paulo com dados de 2010 do IBGE nos dão um panorama sobre possíveis alterações no bairro estudado, a partir do ano 2000, no que tange a número de moradores por dormitório.

Os distritos da Santa Cecília, Bela Vista e Liberdade, respectivamente, possuem muito mais unidades habitacionais com 1 a 2 morador por dormitório que os demais distritos da AR Sé. Esse dado indica um contingente de classe média, porém acreditamos que quando conseguirmos pesquisar a área específica, (“Conjunto Residencial do Instituto de Previdência dos Comerciantes” na Várzea do Glicério) o número de pessoas por dormitório deve aumentar em grande proporção, revelando uma característica de pobreza e/ou pauperização.

⁸⁹⁹Disponível

em:<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/9_domicilios_segundo_moradores_por_dormito_2010_463.html>. Acesso em 22 de jul. 2021.

TABELA 12 - Domicílios segundo Moradores por Dormitório⁹⁰⁰

Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais – 2010

Unidades Territoriais	Total de domicílios (*)	V6204 - densidade de moradores por dormitório					
		Até 1	1 a 2	2 a 3	3 a 4	4 a 5	Acima de 5
MSP	3.573.509	1.205.408	1.588.719	497.555	180.734	64.353	36.739
Sé	178.113	94.140	62.550	14.140	4.864	1.927	491
Bela Vista	29.945	16.555	10.106	2.224	698	291	72
Bom Retiro	10.608	4.308	4.191	1.269	557	227	55
Cambuci	12.636	5.742	5.473	1.022	344	38	18
Consolação	26.315	17.310	8.106	589	184	97	29
Liberdade	27.307	14.504	10.022	1.729	698	313	40
República	26.289	12.151	9.096	3.392	1.097	402	150
Santa Cecília	35.915	20.457	12.210	2.115	737	328	69
Sé	9.098	3.114	3.114	1.800	549	231	58

⁹⁰⁰ (*) Total de Domicílios : Base Amostra do Censo 2010. Elaboração: SMDU/Dipro .Fonte: IBGE - Censo 2010.

Disponível em: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/9_domicilios_segundo_moradores_por_dormito_2010_463.html>. Acesso em 07 de nov. 2016.

Domicílios Particulares Permanentes segundo Número de Dormitórios:

Os dados da pesquisa “domicílios particulares permanentes segundo número de dormitórios”, conforme **tabela 13**, realizada pela prefeitura de São Paulo com dados de 2010 do IBGE nos dão um panorama sobre a atual realidade socioeconômica do bairro estudado, a partir do ano 2000. A maioria esmagadora dos domicílios apresenta 1 (um) dormitório ou 2 (dois) dormitórios em quase todos os distritos da AR Sé.

TABELA 13 - Domicílios Particulares Permanentes segundo Número de Dormitórios⁹⁰¹

Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais – 2010

Unidades Territoriais	Total de domicílios (*)	1	2	3	4 e +
MSP	3.573.509	1.351.488	1.572.407	554.649	94.965
Sé	178.113	101.057	55.187	17.243	4.626
Bela Vista	29.945	18.467	8.099	2.801	579
Bom Retiro	10.608	3.987	4.897	1.543	181
Cambuci	12.636	4.307	6.011	2.028	290
Consolação	26.315	13.762	7.830	3.323	1.400
Liberdade	27.307	13.928	9.098	3.330	950
República	26.289	20.950	4.621	551	167
Santa Cecília	35.915	19.441	11.910	3.542	1.022
Sé	9.098	6.215	2.722	123	38

⁹⁰¹(*)Total de Domicílios : Base Amostra do Censo 2010. Elaboração: SMDU/Dipro. Fonte: IBGE - Censo 2010

Disponível

em:<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/9_domicilios_particulares_permanentes_segu_2010_458.html>. Acesso em 07 de nov. 2016.

Domicílios por faixas de rendimento:

Os dados da pesquisa “domicílios por faixas de rendimento, em salários mínimos”⁹⁰², conforme **tabela 14**, realizada pela prefeitura de São Paulo com dados de 2010 do IBGE nos dão um panorama sobre situação econômica no bairro estudado, a partir do ano 2000. A renda mensal nominal entre 5 e 10 salários mínimos é bem maior nos distritos (1) Santa Cecília, (2) Bela Vista, (3) República, e (4) Liberdade, respectivamente.

Mais uma vez, acreditamos que quando analisarmos a Várzea do Glicério e/ou “Conjunto Residencial do Instituto de Previdência dos Comerciantes”, o referido índice deve reduzir. Fazemos esta previsão em função do histórico já conhecido da referida região por este pesquisador, um observador-participante.

⁹⁰²Disponível

em: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/13_domicilios_por_faixa_de_rendimento_em_sa_2010_233.html>. Acesso em 22 de jul. 2021.

TABELA 14 - Domicílios por Faixa de Rendimento, em salários mínimos⁹⁰³**Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais – 2010**

Distritos	Domicílios particulares permanentes								
	Total ⁽¹⁾	Classes de rendimento nominal mensal domiciliar (salário mínimo) ⁽²⁾							
		Até 1/2	Mais de 1/2 a 1	Mais de 1 a 2	Mais de 2 a 5	Mais de 5 a 10	Mais de 10 a 20	Mais de 20	Sem rendimento ⁽³⁾
São Paulo	3.574.286	20.129	225.166	588.778	1.212.485	714.900	380.801	224.798	202.016
Sé	178.278	824	4.693	15.249	48.595	47.558	31.885	19.658	9.553
Bela Vista	29.967	58	590	1.985	7.299	8.443	6.265	4.008	1.113
Bom Retiro	10.620	178	551	1.290	3.195	2.667	1.273	280	1.184
Cambuci	12.645	30	393	1.032	3.350	3.432	2.607	1.296	503
Consolação	26.339	238	327	1.195	4.665	6.523	5.937	5.728	1.697
Liberdade	27.314	34	657	2.155	6.923	7.116	5.612	3.283	1.530
República	26.344	149	823	2.938	9.696	7.393	3.013	994	1.336
Santa Cecília	35.951	105	951	3.108	9.627	9.666	6.658	3.985	1.833
Sé	9.098	32	401	1.546	3.840	2.318	520	84	357

⁹⁰³ (1) Inclusive os domicílios sem declaração de rendimento nominal mensal domiciliar. (2) Salário mínimo utilizado: R\$ 510,00. (3) Inclusive os domicílios com rendimento mensal domiciliar somente em benefícios. Elaboração: SMDU/Dipro. Nota: Os dados de rendimento são preliminares. Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

População de 10 anos ou mais de idade, por nível de instrução:

Os dados da pesquisa “população de 10 anos ou mais de idade, por nível de instrução”⁹⁰⁴, conforme **tabela 15**, realizada pela prefeitura de São Paulo com dados de 2010 do IBGE, nos revelam que o bairro da Liberdade possui o 4º maior índice de pessoas com nível “Superior Completo”, tendo a sua frente (1) Bela Vista, (2) Consolação, e (3) Santa Cecília, respectivamente. Contudo, possui também, um alto índice de pessoas “sem instrução e/ou fundamental incompleto”, da seguinte forma: (1) Santa Cecília, (2) Liberdade, (3) República, e (4) Bela Vista. Por ora, acreditamos que tais índices sejam altos, em ambas as pontas, devido ao grande número de habitantes no referido bairro. É bastante provável que o índice “sem instrução e/ou fundamental incompleto” cresça quando analisarmos a Várzea do Glicério e/ou “Conjunto Residencial do Instituto de Previdência dos Comerciantes”, por sua vez, diminuindo o índice “Superior Completo”. Fazemos esta previsão em função do histórico já conhecido da referida região por este pesquisador, um observador-participante.

⁹⁰⁴Disponível

e:<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/8_populacao_de_10_anos_ou_mais_de_idade_po_2010_10521.html>. Acesso em 22 de jul. 2021.

TABELA 15

População de 10 Anos ou Mais de Idade, por Nível de Instrução⁹⁰⁵

Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais – 2010

Unidades Territoriais	Total	Sem instrução e fundamental incompleto	Fundamental completo e médio incompleto	Médio completo e superior incompleto	Superior completo	Não determinado
Município de São Paulo	9.783.868	3.683.120	1.798.580	2.610.334	1.572.070	119.765
Sé	394.404	86.736	55.973	120.211	128.070	3.414
Bela Vista	64.413	11.185	7.772	18.333	26.862	261
Bom Retiro	29.584	10.172	6.082	8.303	4.697	330
Cambuci	32.818	8.239	5.923	10.208	8.222	226
Consolação	54.307	6.272	4.738	15.939	26.802	556
Liberdade	63.020	15.814	7.640	16.420	22.395	752
República	52.485	12.938	8.220	19.615	11.350	361
Santa Cecília	76.813	16.074	9.882	24.404	25.874	578
Sé	20.964	6.043	5.717	6.987	1.867	350

⁹⁰⁵ Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2010. Elaboração: SMDU/Dipro.

APÊNDICES 2

Perguntas/temas associados aos objetivos geral e específicos mais o referencial teórico⁹⁰⁶: produção social do espaço urbano; teoria de transição étnico-racial de vizinhanças; biopolítica; racismo; segregação; degradação física; desqualificação social; (in)solvência; gentrificação; genealogia da riqueza paulista.

LISTA A: Confirmar/Testar a Tese e/ou Teoria de Transição Étnico-racial de Vizinhanças (supremacia racial e/ou cultura de pobreza), outrora conhecida por “Invasão/Sucessão” e/ou “*White-flight*”, conforme Escola Sociológica de Chicago / Interacionismo Simbólico.

- 1) VC PESQUISOU O BAIRRO DA LIBERDADE E/OU SEU ENTORNO⁹⁰⁷?
 - A. SE SIM, QUANDO?
 - B. QUAL O NÍVEL ACADÊMICO DA SUA PESQUISA?
 - C. POR QUE VC DECIDIU PESQUISAR A REFERIDA ÁREA?
- 2) QUAIS OS PRINCIPAIS ACHADOS DA SUA PESQUISA?
 - A. ...
 - B. ...
- 3) QUAIS GRUPOS ÉTNICO-RACIAIS A SUA PESQUISA CONSEGUIU IDENTIFICAR NA REFERIDA ÁREA?
- 4) ALGUM OU ALGUNS DESSES GRUPOS ÉTNICOS AINDA MORAM NA REFERIDA ÁREA?
 - A. SE NÃO, POR QUE MUDARAM DE LÁ?
 - B. O QUE VC ACHA QUE ACONTECEU?
- 5) VC IDENTIFICOU ALGUÉM, ALGUM GRUPO ÉTNICO QUE SE INCOMODAVA COM A PRESENÇA DE ALGUM OUTRO GRUPO ÉTNICO-RACIAL NA REFERIDA ÁREA?
 - A. SEM SIM, QUAL/QUAIS GRUPOS?
 - B. QUAIS AS RAZÕES DO INCOMODO?
- 6) O QUE VC ENTENDE POR RACISMO?

⁹⁰⁶ “Degradação urbana e social: uma pesquisa longitudinal sobre vizinhança desequipada, habitação precária e alteridade no bairro da Liberdade em São Paulo”

⁹⁰⁷ SÉ, VÁRZEA DO CARMO, VÁRZEA DO GLICÉRIO, PARQUE DOM PEDRO II.

A. EXISTE ALGUMA JUSTIFICAÇÃO PLAUSÍVEL PARA RACISMO?

7) O QUE VC ENTENDE POR SEGREGAÇÃO?

A. EXISTE ALGUMA JUSTIFICAÇÃO PLAUSÍVEL PARA SEGREGAÇÃO?

8) O QUE VC ENTENDE POR DEGRADAÇÃO FÍSICA?

9) O QUE VC ENTENDE POR DEGRADAÇÃO SIMBÓLICA?

10) O QUE VC ENTENDE POR REVITALIZAÇÃO?

A. VC CONHECE OU CONCORDA COM ALGUMA TESE CONTRÁRIA À REVITALIZAÇÃO?

11) O QUE VC ENTENDE POR GENTRIFICAÇÃO?

A. VC CONHECE OU CONCORDA COM ALGUMA TESE CONTRÁRIA À GENTRIFICAÇÃO?

12) O QUE VC ENTENDE POR INTERVENÇÃO DE VALORIZAÇÃO IMOBILIÁRIA?

A. VC CONHECE OU CONCORDA COM ALGUMA TESE CONTRÁRIA À IVM?

LISTA B: Confirmar/Testar a Tese e/ou Teoria da Genealogia da Riqueza Paulista, que teria propiciado/financiado o processo imigração europeia (com concessão de terras devolutas, públicas⁹⁰⁸), urbanização e industrialização (tardia) de São Paulo/Brasil, por meio da Cultura Cafeeira/Escravização.

1) VC PESQUISOU O BRASIL OITOCENTISTA?

A. SE SIM, POR QUE?

B. QUAL O NÍVEL ACADÊMICO DA SUA PESQUISA?

C. POR QUE VC DECIDIU PESQUISAR O REFERIDA ÁREA?

2) QUAIS OS PRINCIPAIS ACHADOS DA SUA PESQUISA?

A. ...

B. ...

3) A FORMAÇÃO HISTÓRICA DE SÃO PAULO⁹⁰⁹ DIFERE DA FORMAÇÃO HISTÓRICA DAS OUTRAS REGIÕES DO BRASIL?

⁹⁰⁸ 1850 Lei Eusébio de Queirós proíbe o tráfico de escravos. Fonte: 1822, (GOMES, Laurentino); Lei de Terras: [...que buscou regularizar a questão fundiária em geral, mas cujo objetivo, na ótica do governo, era permitir a utilização e venda de terras públicas para obter os recursos necessários à implantação de políticas para atrair colonos europeus...p.38 FONTE: A construção Nacional: 1830-1889 (CARVALHO, José Murilo de et al)]. PS: Ano divisor de águas na vida política e social do Império.

⁹⁰⁹ Cf.: Richard McGee Morse: Formação Histórica de São Paulo: de comunidade à Metrópole (1970)

A. SE SIM, POR QUE?

- 4) QUAL O IMPACTO DA CAPITANIA HEREDITÁRIA DE SÃO VICENTE (1532) NO SURGIMENTO DE SÃO PAULO, ESTADO E/OU CIDADE?
- 5) O CICLO ECONÔMICO DA CAFÉ FOI RESULTADO DIRETO DOS CICLOS ECONOMICOS DO OURO (MINÉRIOS EM MINAS GERAIS) E DO AÇÚCAR (CANA NO NORDESTE)?

A. SE NÃO, O QUE PROPICIOU O SURGIMENTO DA CULTURA CAFEIRA NO VALE DO PARAÍBA (SÃO PAULO)?

B. QUAL O PRINCIPAL MOTOR DA CULTURA CAFEIRA NO VALE DO PARAÍBA?

- 6) OS HISTORIADORES/PESQUISADORES RAFAEL DE BIVAR MARQUESE E TÂMIS PEIXOTO PARRON (FFLCH-USP) AFIRMAM, POR MEIO DE SUAS PESQUISAS, QUE A ESCRAVIDÃO AFRICANA/NEGRA NO BRASIL FOI “UMA INSTITUIÇÃO TOTAL, QUE PERMEAVA TODOS OS POROS DA SOCIEDADE BRASILEIRA”. DADA AS DIFERENÇAS CULTURAIS, TEMPORAIS, ECONOMICAS EM SÃO PAULO, VC ACREDITAA QUE A REFERIDA AFIRMAÇÃO SE APLICARIA A SÃO PAULO, ESTADO OU CIDADE?
- 7) O HISTORIADOR TÂMIS PEIXOTO PARRON (FFLCH-USP), AUTOR DA PREMIADA TESE “A POLÍTICA DA ESCRAVIDÃO NA ERA DA LIBERDADE: ESTADOS UNIDOS, BRASIL E CUBA, 1787-1846” (2015), AFIRMA QUE “UMA CHAVE DE LEITURA NACIONAL PRODUZ PONTOS CEGOS PARA O ENTENDIMENTO DO QUE REALMENTE ACONTECEU”.

A. NESSE SENTIDO, PERGUNTO: NA SUA OPINIÃO, O PROCESSO DE ESCRAVIDÃO EM SÃO PAULO DEVE SER INTERPRETADO DE FORMA DIFERENTE DA ESCRAVIDÃO EM OUTROS ESTADOS? QUAIS AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS NESSES PROCESSOS?

- 8) O ESCRITOR LAURENTINO GOMES FALA EM “ENORMES PASSIVOS NACIONAIS AINDA NÃO RESOLVIDOS”, COMO: A) SEM REFORMA AGRÁRIA NO MOMENTO ADEQUADO (MEADOS DO SÉC.XIX); B) GRANDE CONCENTRAÇÃO DA

PROPRIEDADE DE TERRAS⁹¹⁰; C) NÃO ALFABETIZAÇÃO DOS NACIONAIS NO MOMENTO ADEQUADO (MEADOS DO SÉC.XIX); D) ABANDONO DOS ESCRAVIZADOS À SUA PRÓPRIA SORTE, APÓS A ABOLIÇÃO.

A. NESSE SENTIDO, PERGUNTO: HOUVE DOLO POR PARTE DOS GRUPOS DOMINANTES PAULISTA PARA MANTER OS EX-CATIVOS NA MISÉRIA?⁹¹¹

B. O QUE VC ENTENDE POR “PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO”?

C. O QUE VC ENTENDE POR “BIOPOLÍTICA”?

9) O HISTORIADOR SIDNEY CHALHOUB (UNCAMP/HARVARD) CITA A TESE DA “GENEALOGIA DA RIQUEZA FAMILIAR PAULISTA”.

A. NESSE SENTIDO, PERGUNTO: A CULTURA CAFEEIRA, MAJORITARIAMENTE DEPENDENTE DA ESCRAVIZAÇÃO AFRICANA (E REVIGORAMENTO DO TRÁFICO NEGREIRO) PRODUZIU A RIQUEZA MATERIAL NECESSÁRIA E SUFICIENTE PARA FINANCIAR A IMIGRAÇÃO EUROPEIA, A URBANIZAÇÃO DE SÃO PAULO, E A INDUSTRIALIZAÇÃO (TARDIA) DE SÃO PAULO/BRASIL?⁹¹²

ENGLISH VERSION (SHORT_2) BAIRRO LIBERDADE-SP AND/OR BOROUGH BRROKLYN (B): THE SOCIAL PRODUCTION OF SPACE AND THE BIOPOLITICS OF MICHEL FOUCAULT (LIST B)

QUESTIONS/ISSUES ASSOCIATED TO THE GENERAL AND SPECIFIC OBJECTIVES PLUS THE THEORETICAL FRAMEWORK : SOCIAL PRODUCTION OF THE URBAN SPACE; THEORY OF RACIAL TRANSITION OF NEIGHBORHOODS; BIOPOLITICS; RACISM; SEGREGATION; PHYSICAL DEGRADATION; SOCIAL DISQUALIFICATION; (IN)SOLVENCY;

⁹¹⁰ 1850 Lei Eusébio de Queirós proíbe o tráfico de escravos. Fonte: 1822, (GOMES, Laurentino);

Lei de Terras: [...que buscou regularizar a questão fundiária em geral, mas cujo objetivo, na ótica do governo, era permitir a utilização e venda de terras públicas para obter os recursos necessários à implantação de políticas para atrair colonos europeus...p.38 FONTE: A construção Nacional: 1830-1889 (CARVALHO, José Murilo de et al)]. PS: Ano divisor de águas na vida política e social do Império.

⁹¹¹ QUER-SE OUVIR A “OPINIÃO” DOS ENTREVISTADOS PARA PODER TESTAR O BIOPODER E/OU BIOPLÍTICA DE MICHEL FOUCAULT. VEJA POR EXEMPLO ESTA MATÉRIA PUBLICADA EM 30/04/19 NO <https://www.telegraph.co.uk/education/2019/04/29/cambridge-university-launches-inquiry-slave-trade-links-historic/> COM O TÍTULO “CAMBRIDGE UNIVERSITY LAUNCHES INQUIRY INTO SLAVE TRADE LINKS AND HISTORIC RACISM”. ALGUNS TRECHOS ME CHAMAM BASTANTE ATENÇÃO: “VICE-CHANCELLOR OF CAMBRIDGE UNIVERSITY LAUNCHED NA INQUIRY INTO HOW THE 800-YEAR-OLD INSTITUTION BENEFITED FROM THE SLAVE TRADE”; “...ADVISORY GROUP OF EIGHT ACADEMICS, WHO HAVE BEEN APPOINTED TO LEAD THE INQUIRY, WILL RECOMMEND ‘APPROPRIATE WAYS TO PUBLICLY ACKNOWLEDGE’ HISTORIC LINKS TO SLAVERY WHICH COULD INCLUDEA MAKING SOME FORM OF STATEMENT OR APOLOGY...”; “RESEARCHERS HAVE BEEN COMMISSIONED TO POUR OVER THE UNIVERSITY’S ARCHIVES TO HOW MUCH IT GAINED FROM THE ‘TRANSATLANTIC SLAVE TRADE AND OTHER FORMS OF COERCED LABOUR DURING THE COLONIAL ERA’”; “THE TWO-YEAR- INQUIRY WILL EXAMINE WHETHER FINANCIAL BEQUESTS MADE TO DEPARTMENTS, LIBRARIES AND MUSEUMS WERE MADE POSSIBLE FROM THE PROFITS OF SLAVERY”.

⁹¹² QUER-SE OUVIR A “OPINIÃO” DO ENTREVISTADO PARA CONFIRMAR A TESE DE QUE A URBANIZAÇÃO, ETC, DE SÃO PAULO SE DEU EM FUNÇÃO DA ESCRAVIZAÇÃO NEGRA/CULTURA CAFEEIRA.

GENTRIFICATION; (*)GENEALOGY (FAMILY TREE) OF THE WEALTH OF SOME US AND BRAZIL CITIES.

LIST B: CONFIRM/TEST THE THESIS AND/OR THEORY OF THE GENEALOGY OF THE WEALTH(*) THAT WOULD HAVE ENABLED/FINANCED THE PROCESS OF EUROPEAN IMMIGRATION (WITH OR WITHOUT CONCESSION OF LAND), URBANIZATION AND INDUSTRIALIZATION OF SÃO PAULO/BRAZIL AND CHICAGO, NEW YORK (NORTH, NORTHEAST, EAST COAST OF THE USA) BY MEANS OF COFFEE AND/OR COTTON PLANTATIONS - SLAVERY. WEALTH GENEALOGY OF US CITIES

- 1) DID YOU RESEARCH THE 18TH AND OR 19TH US CENTURY?
- 2) IF SO, WHY?
- 3) WHAT IS/WAS THE ACADEMIC LEVEL OF YOUR RESEARCH?
- 4) WHY DID YOU DECIDE TO RESEARCH THE MENTIONED AREA*?
- 5) WHAT WERE THE MAIN FINDINGS OF YOUR RESEARCH?
- 6) DOES THE HISTORICAL FORMATION OF NEW YORK CITY, CHICAGO (NORTH, NORTHEAST, EAST COST) DIFFER FROM OTHER REGIONS IN THE USA?
- 7) IF SO, HOW?
- 8) WHAT WAS THE IMPACT OF THE SLAVE TRADE IN THE FORMATION OF NEW YORK CITY, CHICAGO (NORTH, NORTHEAST, EAST COAST)?
- 9) WAS THE ECONOMIC CYCLE OF COTTON RESULT OF ANY PREVIOUS ECONOMIC CYCLE? (BRAZIL CASE: COFFEE FROM MINING AND SUGAR CANE).
- 10) IF NOT, WHAT DID ENGINEER THE FLOURISHING OF THE COTTON CYCLE?
- 11) WHAT WAS THE MAIN ECONOMIC ENGINEER OF THE NORTH, NORTHEAST, EAST COAST?
- 12) BRAZILIAN HISTORIANS/RESEARCHERS (RAFAEL DE BIVAR MARQUESE, TÂMIS PEIXOTO PARRON - FFLCH-USP) STATE, THROUGH THEIR RESEARCH, THAT SLAVERY IN BRAZIL WAS “A TOTAL INSTITUTION, THAT PERMEATED ALL PORES OF BRAZILIAN SOCIETY”. GIVEN CULTURAL, TIME, AND ECONOMIC DIFFERENCES FROM SAO PAULO/BRAZIL, DO YOU BELIEVE THAT SUCH A STATEMENT APPLY TO THE NORTH, NORTHEAST, EAST COAST OF THE USA?
- 13) BRAZILIAN HISTORIAN TÂMIS PEIXOTO PARRON (FFLCH-USP), AUTHOR OF THE AWARDED DOCTORAL DISSERTATION “THE POLITICS OF SLAVERY IN THE AGE OF FREEDOM: UNITED STATES, BRAZIL AND CUBA, 1787 - 1846 [A POLÍTICA DA ESCRAVIDÃO

NA ERA DA LIBERDADE: ESTADOS UNIDOS, BRASIL E CUBA, 1787-1846” (2015)], STATES THAT “ONE READING KEY THAT DISSOCIATE 1) PROGRESS AND SLAVERY, AND 2) STATE AND ENSLAVEMENT, PRODUCES BLIND SPOTS FOR THE UNDERSTANDING OF WHAT REALLY HAPPENED”. THUS, I ASK YOU: IN YOUR VIEWPOINT, SHOULD THE SLAVERY PROCESS IN THE USA (NORTH, NORTHEAST, EAST COAST) BE INTERPRETED DIFFERENTLY FROM OTHER PARTS OF THE USA AND OR BRAZIL? WHATS ARE THE MAIN DIFFERENCES AND RESEMBLANCES IN THESE PROCESSES?

14) LAURENTINO GOMES, A FAMOUS BRAZILIAN WRITER, SPEAKS OF “ENORMOUS NATIONAL LIABILITIES, YET UNSOLVED”, SUCH AS: A) NO LAND REFORM AT THE APPROPRIATE TIME (MID 19TH CENTURY); B) HIGH CONCENTRATION OF PROPERTY AND LANDS; C) THE NON LITERACY OF "NATIONALS" AT THE APPROPRIATE TIME (MID 19TH CENTURY); D) ABANDONMENT OF THE FORMER ENSLAVED ONES AT THEIR OWN LUCK, AFTER SLAVERY ABOLITION. THUS, I ASK YOU: WAS THERE ANY INTENTION, PLAN BY THE DOMINANT GROUPS TO KEEP FORMER ENSLAVED ONES IN MISERY?

15) WHAT IS YOUR UNDERSTANDING ON “SOCIAL PRODUCTION OF SPACE”?

16) WHAT IS YOUR UNDERSTANDING ON “BIOPOLITICS”?

17) SIDNEY CHALHOUB (UNCAMP/HARVARD), A RENOWNED BRAZILIAN HISTORIAN, QUOTES THE THESIS OF “THE GENEALOGY OF THE PAULISTA FAMILY WEALTH”. THUS, I ASK YOU: DID THE COTTON PLANTATIONS IN THE SOUTHERN USA, MOSTLY DEPENDENT ON SLAVERY, PRODUCE THE NECESSARY AND SUFFICIENT WEALTH TO FINANCE AND/OR PROMOTE THE EUROPEAN IMMIGRATION, THE URBANIZATION, AND INDUSTRIALIZATION OF CHICAGO, NEW YORK CITY (NORTH, NORTHEAST, EAST COST OF THE USA)?

APÊNDICE 3

TERMO DE AUTORIZAÇÃO E DE COMPROMISSO E CÓPIA DA PUBLICAÇÃO NO DOM (DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO), POR PARTE DO ARQUIVO HISTÓRICO DE SÃO PAULO – ACERVO PERMANENTE, PERMITINDO O USO, NESTA TESE, DE CONJUNTO DE FOTOS, PLANTAS E MAPAS DA CIDADE DE SÃO PAULO.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

DEPARTAMENTO DO ARQUIVO HISTÓRICO DE MUNICIPAL

Termo de Autorização

Expediente AHM/2017-013

Mediante publicação no Diário Oficial da Cidade de São Paulo, no dia 24 de agosto de 2017, página 08 (cópia anexa), autorizamos o uso de 75 (setenta e cinco) imagens conforme descrito às folhas 03, 04, 05, 06, 07, 08 e 09, deste expediente, pertencentes ao Acervo Permanente do Arquivo Histórico Municipal, tendo como finalidade exclusiva pesquisa acadêmica intitulada: “Degradação Urbana e Desqualificação Social: Uma Pesquisa Longitudinal sobre Vizinhaça Desequipada, Habitação Precária e Alteridade em São Paulo”, sob a orientação da Professora Dr^a Maura Pardini Bicudo Vêras da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Respeitando as normas estabelecidas no Termo de Compromisso assinado, o Sr^o MOISÉS DE FREITAS CUNHA, portador do CPF 105.731.698-96 e RG 11.673.697-5, se compromete a fazer uso das imagens, somente para o uso supra citado.

São Paulo, 29 de agosto de 2017.

Karla Aparecida Maestrini
Supervisora da
Supervisão do Acervo Permanente
RF 805.556.1



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
DEPARTAMENTO DO ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL

Termo de Compromisso

2.1- A(s) imagem(ns) será(ão) utilizada(s) para:

Assinalar apenas uma categoria(*).

☒ Fins acadêmicos, para uso específico na pesquisa intitulada: “Degradação Urbana e Desqualificação Social: Uma Pesquisa Longitudinal sobre Vizinhança Desequipada, Habitação Precária e Alteridade em São Paulo”, sob a orientação da Professora Dr^a Maura Pardini Bicudo Vêras da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

☐ Exposição sem itinerância.

☐ Exposição com itinerância (Especificar locais e datas) .

☐ Fins comerciais

(Especificar qual o uso ou finalidade).

(Especificar o tempo de uso).

☐ Publicação do livro:

☐ Miolo

☐ Marcador de página

☐ Capa

☐ Contracapa

☐ Outros: .

No caso da utilização em veículos de comunicação (DVD, CDROM, TV, Cinema, Jornal e Revista impressos). Indicar o número de exibições: ou tiragem: .

(*) Para cada categoria um novo formulário deverá ser preenchido.

Termo de compromisso

Declaro sob as penas da Lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998, que consolida a legislação sobre direitos autorais, a qual inclui **fotografia**, que as imagens AUTORIZADAS através

do Expediente AHM/2017-013, publicadas no Diário Oficial da Cidade de São Paulo em 24 de agosto de 2017, pág. 08, serão utilizadas somente para os fins **descritos acima** pelo solicitante, neste Formulário. A autorização concedida é de caráter exclusivo e intransferível. Caso haja necessidade da utilização em outros meios ou outras quantidades além dos especificados, comprometo-me a comunicar imediatamente ao Arquivo Histórico Municipal. Comprometo-me ainda a utilizar a(s) imagem(s) na íntegra e não realizar qualquer tipo de **recorte** que venha modificar sua aparência. Farei constar os créditos de direitos autorais devidos à Instituição, de acordo com as seguintes especificações: **nome do fotógrafo; título da obra; ano de produção da imagem, e, Acervo Permanente do Arquivo Histórico Municipal**. No caso de publicações impressas ou DVD, comprometo-me a enviar dois exemplares para a Biblioteca do Arquivo Municipal. Declaro ainda, ter pleno conhecimento de que o valor pago, quando houver, é apenas para utilização da imagem, o que não me confere qualquer tipo de direito autoral ou patrimonial sobre ela durante e após o tempo determinado para o uso (5 anos). Para finalizar, estou ciente de que fica **excluído** desta Cessão, **qualquer tipo de constituição de acervo** com as imagens cedidas.

São Paulo, 29 de Agosto de 2017.

Assinatura:



RG: 11.673.697-5

